

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Departamento de Geografia – Instituto de Geociências
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Kelly Aparecida de Souza Carneiro

PERCEPÇÃO INTERGERACIONAL DE PAISAGENS URBANAS:
ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

Belo Horizonte
2017

Kelly Aparecida de Souza Carneiro

**PERCEPÇÃO INTERGERACIONAL DE PAISAGENS URBANAS:
ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço.

Orientador: Prof. Dr. Ralfo Edmundo da Silva Matos

Belo Horizonte
Departamento de Geografia da UFMG
2017

C289p
2017 Carneiro, Kelly Aparecida de Souza.
Percepção intergeracional de paisagens urbanas [manuscrito] : estudo
de caso da comunidade dos Arturos / Kelly Aparecida de Souza Carneiro.
– 2017.

233 f., enc.: il. (principalmente color.)

Orientador: Ralfo Edmundo da Silva Matos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Departamento de Geografia, 2017.

Área de concentração: Organização do Espaço.

Bibliografia: f. 215-227.

Inclui apêndices.

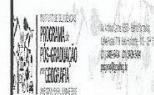
1. Paisagens – Teses. 2. Espaço urbano – Teses. 3. Geografia
humana – Contagem (MG) – Teses. 4. Quilombos – Contagem (MG)
– Teses. I. Matos, Ralfo Edmundo da Silva. II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Departamento de Geografia. III. Título.

CDU: 911.3(815.1)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



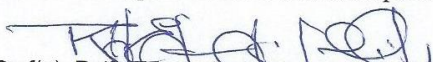
FOLHA DE APROVAÇÃO

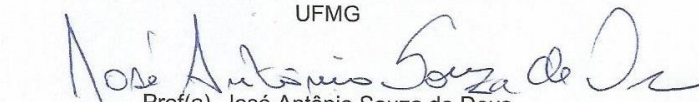
Percepção Intergeracional de Paisagens Urbanas: Estudo de Caso da Comunidade dos Arturos

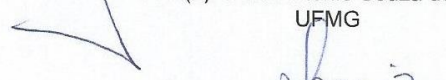
KELLY APARECIDA DE SOUZA CARNEIRO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em GEOGRAFIA, área de concentração ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.

Aprovada em 14 de agosto de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Ralf Edmundo da Silva Matos - Orientador
UFMG


Prof(a). José Antônio Souza de Deus
UFMG


Prof(a). Sandra Célia Muniz Magalhães
UNIMONTES

Belo Horizonte, 14 de agosto de 2017.

Dedico esta dissertação as pessoas mais importantes da minha vida:

Ao meu pai (*in memoriam*), que não pode ver os frutos desse caminho, mas alegrou-se com o início da caminhada;

À minha mãe, pelas bençãos e carinhos diários, mesmo tendo que conviver com minhas ausências e angústias;

Aos meus irmãos (Karla e Fernando) que me acompanham em todas as trajetórias que trilho, sempre me incentivado;

Aos meus amigos, amores e companheiros!

AGRADECIMENTOS

A construção desta dissertação não se deu sem o amparo de muitas mãos e corações especiais; por isso, tenho-lhes muito a agradecer. Mas, sobretudo, inicio pelo agradecimento a Deus e a Nossa Senhora Aparecida pela proteção e pelas pessoas iluminadas que têm colocado em minha vida. Muito obrigada! Pelo alimento da alma, que dá forças ao corpo para seguir adiante.

Aos meus pais, dedico agradecimento especial, pois o que sou hoje é fruto de seus ensinamentos e exemplos. À minha mãe, Vanda Maria, agradeço pelo tempo dedicado a mim, por acreditar em meus sonhos e me encorajar a seguir em frente. Ao meu pai, Domingos Gomes, agradeço pelo exemplo de dedicação à família, honestidade, paciência e amor.

À minha irmã, Karla Carneiro, agradeço pelo companheirismo de infância, estudos, angústias, alegrias, enfim, pelo companheirismo por toda a vida; afinal, não vim ao mundo sozinha. Agradeço-lhe, também, por ter praticamente construído esta dissertação junto a mim, devido às suas leituras atentas, opiniões, críticas e auxílio durante o período de campo e organização das informações.

Ao meu irmão, Fernando Carneiro, agradeço pelos diversos momentos de companheirismo e por ser essa pessoa a quem posso procurar sempre que preciso. Muito obrigada por enviar energias positivas e de sabedoria. Assim, também, agradeço aos meus familiares, tios e tias, primos e primas, e agregados, pelo amparo nas horas de alegria e angústia.

Agradeço a meu orientador, professor Ralfo Matos, pela disponibilidade com que expõe suas experiências e saberes, pelo apoio e dedicação. Agradeço, ainda, pelas horas em que se dispôs a ouvir minhas indagações, por corrigir minhas falhas e dar suporte às decisões tomadas. Sua colaboração foi importantíssima para abrir meus olhos por novos caminhos que esta dissertação pode ter.

Meus agradecimentos aos professores José Antônio e Maria Luiza por comporem minha banca de seminário de dissertação e defesa, contribuindo com reflexões, leituras e correções, que foram valorosas. Destaco, ainda, meus agradecimentos a todo o programa de pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, pelas oportunidades e diálogos enriquecedores. Além do agradecimento à

professora Sandra Célia por ter instigado a abordagem sobre paisagens durante a graduação, com seus aconselhamentos carinhosos e reflexões.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudo, agradeço, pois possibilitou a construção desta dissertação, de modo que permitiu tempo para dedicação à pesquisa. E agradeço à secretaria e ao Colegiado de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências pela compreensão e suporte em diversos sentidos.

Às minhas companheiras de mestrado (Nayhara e Tatiane), agradeço pela cumplicidade, conversas, almoços e saberes compartilhados. Encontrar pessoas que trilham caminhos semelhantes ao seu é muito importante por tornarem mais leve a caminhada. Agradeço, também, aos demais mestrandos e doutorandos com quem tive a oportunidade de conviver; cada qual em seu mundo inspirou nas tomadas de decisões durante a dissertação.

À Anna Cristina, agradeço, pois, além de compartilhar as angústias e loucuras do mestrado, tornou-se uma amiga. Muito obrigada por ter disponibilizado tempo e ouvido para as minhas indagações, angústias e ideias. Esses momentos se traduziram para além de encontros, em doces presenças, mesmo que moremos em lugares distantes.

Sou grata à Comunidade dos Arturos, pela possibilidade de realizar esta pesquisa. A eles, deixo o meu respeito e agradecimento pela atenção e acolhimento durante a pesquisa de campo. Por terem disponibilizado parte de seu tempo para conversas e, gentilmente, terem aberto as portas de suas casas, com tamanha afabilidade e sabedoria, minha gratidão. Através de suas histórias, lembranças, informações e conversas, foi possível pensar em olhares distintos da relação do lugar e da cidade.

Por fim, agradeço a todos que, direta e indiretamente, torceram por mim ao longo desta caminhada!

Muito obrigada! Pelos seus saberes, mãos e corações.

A paisagem se torna um mistério que retém os significados que nós tentamos capturar, mas não alcançamos, e o artista é um gnóstico sondando estes mistérios com seus próprios meios, mas tentando levar-nos com ele e mostrar o que encontrou. Nesta visão, a paisagem estende-se plenamente além da ciência, retendo significados que ligam, na condição de espíritos, psiques individuais a um mundo indescritível e infinito (MEINIG, 2003, p.46).

RESUMO

Na compreensão da paisagem torna-se importante relaciona-la aos fatores históricos, culturais, políticos, sociais e econômicos, principalmente, no caso das cidades, onde há sobreposição de necessidades e interesses. À vista disto, tornam-se importantes a experiência e a percepção do homem sobre o meio no qual está inserido. Desta forma este estudo teve como objetivo compreender a percepção dos moradores da Comunidade dos Arturos sobre a paisagem urbana e o seu lugar, bem como os fatores de topofilia e topofobia que repercutem atualmente em seus cotidianos na vida urbana. O estudo com a Comunidade dos Arturos parte do princípio, que estes representam um laço marcante com o lugar, indicando topofilia, além de se constituir como uma resistência e reflexo da cultura negra no país. Em termos metodológicos utilizou-se de: pesquisa bibliográfica e documental; coleta e análise de dados sobre o município, a RMBH e a Comunidade dos Arturos; aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, bem como a realização de entrevistas valendo-se da técnica de História Temática (direcionada aos moradores da Comunidade dos Arturos); observações de campo e registros iconográficos; organização e sistematização dos dados para a elaboração de mapas, gráficos, quadros e outros. Quanto à relação da comunidade com a cidade, baseou-se em algumas experiências que os acometem, que são: tempo de deslocamento nos espaços urbanos, violência e o contato com as paisagens das áreas centrais. Na história dos Arturos é possível perceber que eles são um exemplo do quão importante é estabelecer laços: com o lugar, com seus antepassados, com sua terra, com suas tradições, com suas lutas e resistências, enfim, eles são família e ao mesmo tempo são cidadãos em busca de condições adequadas de vida. Para tanto, os resultados da pesquisa mostraram que: *i)* a todo o momento que se retrata a organização e características dos Arturos o caráter intergeracional é invocado; *ii)* a história de crescimento da cidade se entrecruza com a de constituição da comunidade; *iii)* o sítio, a vizinhança, a cidade e o solo da própria casa são parte da sua identidade; *iv)* os moradores da Comunidade dos Arturos são indivíduos em um “habitar demorado”, de modo que, frisa a condição deles como “estabelecidos”; *v)* a religiosidade é um elemento muito importante na relação com o lugar e *vi)* embora, da vivência em comunidade eleve o sentimento de proteção, ainda há situações e áreas que colocam o indivíduo como vulnerável, dando indicativos de topofobias. Contudo, as experiências dos Arturos são entre o entroncamento do modo de vida “*insider*” e “*outsider*”, que os colocam entre o estilo de vida interiorano e as novas temporalidades e espacialidades que a cidade lhes colocam, tais como: as novas formas de relações interpessoais; as (i) mobilidades dos meios de transporte urbanos; a constante transformação dos espaços e das paisagens; a sensação de estranhamento do outro e da cidade; o medo da violência e, sobretudo, a resistência em preservar as suas tradições, fé e valores.

Palavras-chave: Paisagem. Lugar. Topofilia. Topofobia. Intergeracional.

ABSTRACT

When understanding a landscape, it is important to connect it to the historical, cultural, political, social and economic factors, specially regarding cities, where there is an overlapping of needs and interests. Considering this, the experience of a man and his perception about the environment in which he is inserted become two important factors. This way, the following study aimed at understanding what is the perception of the residents of the Arturos Community about the urban landscape and its place, as well as the factors of “topofilia” and “topofobia” that currently reverberate in everyday life. The study done with the Arturos Community assume that these factors represent a strong connection with the place, indicating “topofilia”, besides representing resistance as a reflex of the culture of the black people in the country. The methodology consisted of bibliographical and documental research, data collection and analysis about the town, the RMBH and the Arturos Community; question surveys with open questions and multiple choice questions, as well as the use of interviews based on the technique of Thematic History (directed to the Arturos Community); field observation and iconographical records, data organization and systematization for map creation, graphs, chants and other things. Regarding the relationship between the community and the town, the study was based on some experiences that affect the people, which are: traveling time in the urban territory, violence and the contact with the landscapes of the central areas. In the history of the Arturos it is possible to notice that they show how important it is to establish bonds with the place, with their ancestors, with their land, with their traditions, with their fights and resistance, revealing that they are family and at the same time they are citizens in search of adequate conditions of life. The results of the surveys revealed that: *i*) when the organization and the characteristics of the Arturos is portrayed, its intergenerating character is summoned; *ii*) the story of the city expansion and the story of the community integration intertwine; *iii*) the site, the neighborhood, the city and the foundation of the houses are part of the community’s identity; *iv*) the residents of the Arturos Community are individuals in a “delayed living”, highlighting, their condition as “established”; *v*) religion is a very important element in the relationship with the place, *vi*) although community life raises the feeling of protection, there are situations and areas that place the individual as vulnerable, indicating “topofobias”. However, the experiences of the Arturos are between the “insider” and “outsider” way of life, which place then between a countryside lifestyle and the new temporalities and espacialidades placed on them by the city, such as: the new interpersonal relationships; the (i)mobility of the urban means of transportation; the constant transformation of the spaces and landscapes; the feeling of strangeness towards the neighbor and the city; the fear of violence and, specially, the resistance towards preserving traditions, faith and values.

Keywords: Landscape. Place. Topofilia. Topofobia. Intergenerational

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| FIGURA 1: Adaptação da figura “Fenômenos que interferem na tensão risco/proteção e segurança/insegurança ontológica” de Marandola Jr. (2014, p. 88) com as considerações de lugar e não-lugar para Tuan (1983), Augé (1994) e Sá (2014) | 65 |
| FIGURA 2: Espaço de vida da metrópole industrial, retirado de Marandola JR. | 67 |
| FIGURA 3: Traçado da Cidade Industrial em Contagem – MG, meados da década de 40 | 76 |
| FIGURA 4: Vista parcial da Cidade Industrial Juventino Dias em 1970..... | 77 |
| FIGURA 5: Vista aérea da Cidade Industrial Juventino Dias em 1970 | 77 |
| FIGURA 6: Vista parcial da Sede de Contagem em 1970 | 78 |
| FIGURA 7: Proporção de pessoas com tempo médio de deslocamento de casa ao trabalho de até 30 minutos por estado | 92 |
| FIGURA 8: Proporção de pessoas com tempo médio de deslocamento de casa ao trabalho de até 30 minutos por RM | 92 |
| FIGURA 9: Perspectiva experiencial | 102 |
| FIGURA 10: As conchas do homem de Moles e Rohmer (1978), adaptado segundo Frémont (1980) | 104 |
| FIGURA 11: Carmelinda Maria da Silva e Arthur Camilo Silvério | 117 |
| FIGURA 12: Filhos de Arthura Camilo e Carmelinda Maria | 118 |
| FIGURA 13: Tambores | 133 |
| FIGURA 14: Imagem de Nossa Senhora do Rosário | 135 |
| FIGURA 15: Bastão do Capitão Regente do Congado | 136 |
| FIGURA 16: Criança da Guarda de Congo..... | 137 |
| FIGURA 17: Capitão da Guarda de Moçambique | 138 |
| FIGURA 18: Altar da Capela da Comunidade | 140 |
| FIGURA 19: Criança depositando coroa no altar | 146 |
| FIGURA 20: Mosaico - Imagens da religiosidade e fé | 183 |
| FIGURA 21: Mosaico - Imagens de religiosidade e fé | 186 |
| FIGURA 22: Mosaico - Espaços de vida no interior da Comunidade dos Arturos..... | 188 |
| FIGURA 23: Mosaico - Espaços de festividade e sabores no interior da Comunidade dos Arturos | 189 |
| FIGURA 24: Igreja de São Gonçalo..... | 194 |

| | |
|---|-----|
| FIGURA 25: Igreja de Nossa Senhora do Rosário..... | 194 |
| FLUXOGRAMA 1: Encaminhamentos metodológicos dos capítulos I e II..... | 37 |
| FLUXOGRAMA 2: Encaminhamentos metodológicos dos capítulos III e IV..... | 39 |
| FLUXOGRAMA 3: Encaminhamentos metodológicos do capítulo V..... | 40 |
| MAPA 1: Localização do município de Contagem em Minas Gerais | 27 |
| MAPA 2: Localização da Comunidade dos Arturos no município de Contagem-MG e na RMBH | 30 |
| MAPA 3: Área da Sede da Comunidade dos Arturos e alguns dos pontos com maior representatividade do lugar..... | 31 |
| MAPA 4: Área do “habitar demorado” da Comunidade dos Arturos, considerando os pontos por eles referenciados durante a visita..... | 159 |
| MAPA 5: Área da Sede da Comunidade dos Arturos, localização da Porteira..... | 162 |
| MAPA 6: Área da Sede da Comunidade dos Arturos, localização da Capelinha | 165 |
| MAPA 7: Área da Sede da Comunidade dos Arturos, localização da Casa Paternal | 166 |
| MAPA 8: Pontos históricos na cidade de Contagem-MG com grande relevância para os Arturos..... | 195 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| GRÁFICO 1: Lembranças das paisagens da cidade..... | 191 |
| GRÁFICO 2: Lembranças das paisagens da cidade..... | 192 |
| GRÁFICO 3: Sentimento de afetivamente acolhido na cidade..... | 198 |
| GRÁFICO 4: Medo e aversão na comunidade..... | 202 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| QUADRO 1: Ordem cronológica de fatos marcantes em Contagem – Minas Gerais | 80 |
| QUADRO 2: Percepção dos Arturos sobre as paisagens e lugares da comunidade (A Capelinha)..... | 169 |
| QUADRO 3: Percepção dos Arturos sobre as paisagens e lugares da comunidade (Casa Paternal)..... | 171 |
| QUADRO 4: Percepção dos Arturos sobre as paisagens e lugares da comunidade (A Porta de Entrada – Porteira)..... | 173 |
| QUADRO 5: Percepção dos Arturos sobre as paisagens e lugares da comunidade (Entre os elementos rurais e urbanos) | 176 |
| QUADRO 6: Percepção dos Arturos sobre as paisagens e lugares da comunidade (Visão geral – Por entre as ruas e casas) | 178 |
| QUADRO 7: Sentimentos nas idas à cidade de Contagem e Belo Horizonte..... | 201 |
| QUADRO 8: Situações de aversão ou medo na cidade | 207 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| TABELA 1: População residente, por sexo, segundo a condição no domicílio - Ano 2010 ... | 83 |
| TABELA 2: População residente por grupos de idade - Ano 2010 | 85 |
| TABELA 3: População residente por sexo, cor ou raça - Ano 2010..... | 86 |
| TABELA 4: Pessoas de 10 anos ou mais de idade por condição de atividade na semana de referência e sexo - Ano 2010..... | 88 |
| TABELA 5: Faixa etária dos respondentes da Comunidade dos Arturos - Ano 2017..... | 122 |
| TABELA 6: Sexo dos respondentes da Comunidade dos Arturos - Ano 2017..... | 122 |
| TABELA 7: Escolaridade dos respondentes da Comunidade dos Arturos - Ano 2017 | 123 |
| TABELA 8: Características econômico-sociais dos respondentes da Comunidade dos Arturos - Ano 2017..... | 124 |
| TABELA 9: Mobilidade pelos espaços da cidade, pelos respondentes da Comunidade dos Arturos - Ano 2017..... | 126 |
| TABELA 10: Mobilidade pelos espaços da cidade, pelos respondentes da Comunidade dos Arturos - Ano 2017..... | 128 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BH – Belo Horizonte

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CRISP – Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública

COMPAC – Conselho Municipal de Patrimônio Cultural de Contagem

CONEP – Conselho Estadual de Patrimônio

FUNDAC – Fundação de Cultura de Contagem

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas

IGC – Instituto de Geociências

Km – Quilômetro

MG – Minas Gerais

OMS – Organização Mundial da Saúde

RM – Região Metropolitana

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

SIG – Sistema de Informações Geográficas

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPITULO 1 – Introduzindo ideias..... | 18 |
| 1.1 – Tema e justificativa | 20 |
| 1.2 – Problemática | 24 |
| 1.3 – Objetivos..... | 26 |
| 1.4 – Metodologia..... | 26 |
| 1.4.1 – Caracterização da área de estudo: “A cidade” | 26 |
| 1.4.2 – Caracterização da área de estudo: “A comunidade” | 28 |
| 1.4.3 – Encaminhamentos metodológicos | 33 |
| 1.4.4 – Estruturação da pesquisa..... | 36 |
| | |
| CAPITULO 2 - O uso da paisagem nos estudos geográficos: Pensando a cidade e sua espacialidade na contemporaneidade | 42 |
| 2.1 - Diferentes abordagens a cerca da paisagem..... | 44 |
| 2.2 - A paisagem e a cidade: Produção do espaço-tempo cotidiano..... | 50 |
| 2.3 – Paisagem urbana: Entre contrastes e necessidades..... | 56 |
| 2.4 – Paisagem na metrópole: lugar ou não-lugar | 59 |
| | |
| CAPITULO 3 – Estrutura e paisagem da cidade: A realidade “fora dos muros” da comunidade | 69 |
| 3.1 – OUTSIDER – Condições estruturais em que a comunidade está inserida “A cidade e a vida metropolitana” | 71 |
| 3.1.1 – A cidade: Sua história, sua gente e sua estrutura..... | 73 |
| a) Morfologia e história de Contagem: Paisagem de uma cidade industrial..... | 73 |
| b) Perfil da população e indicadores sociais | 82 |
| c) Mobilidade e experiência de vida na cidade | 88 |
| 3.2 – Valorização da paisagem cultural como questão de qualidade de vida..... | 96 |
| | |
| CAPITULO 4 – Realidade e experiência de vida dentro da comunidade: “O habitar demorado” | 98 |
| 4.1 – A importância do caráter intergeracional e da estrutura social para a compreensão da paisagem vivida: Entre ser “Outsider” e “Insider” | 100 |
| 4.2 – INSIDER – História e geografia da Comunidade dos Arturos “O lugar” | 106 |
| 4.2.1 – Patrimônio Cultural Imaterial | 110 |
| a) Morfologia e história da Comunidade dos Arturos | 111 |
| b) Perfil da população que reside na Comunidade dos Arturos..... | 120 |
| c) Aspectos culturais: festividades e religiosidade – um par importante no laço com o lugar e a paisagem | 130 |
| d) A importância do caráter intergeracional | 142 |
| 4.3 – A importância da Comunidade dos Arturos como história da paisagem citadina..... | 146 |

| | |
|--|------------|
| CAPITULO 5 – Indicativos: Entre a Topofilia do “habitar demorado” e a Topofobia dos contrastes urbano | 150 |
| 5.1 – A topofilia pelo lugar: Percepção da vida dentro dos “muros” da comunidade..... | 158 |
| 5.1.1 – A paisagem do lugar dentro da comunidade: Iconografia e Oralidades | 180 |
| a) Religiosidade e fé..... | 182 |
| b) Espaços de vida e festividades..... | 185 |
| c) Lembranças na cidade..... | 190 |
| 5.2 – Indicativos de topofobia: Percepção sobre a vida na cidade (dentro e fora dos “muros” da comunidade)..... | 196 |
| 5.2.1 – Aversões e medos | 203 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 210 |
| REFERÊNCIAS | 215 |
| APÊNDICES | 228 |
| APÊNDICE A – Apresentação aos entrevistados | 229 |
| APÊNDICE B – Roteiro base das entrevistas orais | 230 |
| APÊNDICE C – Questionário | 231 |

CAPÍTULO 1

Introduzindo ideias

O interesse por um tema de pesquisa perpassa muito além das paredes das salas de aula, incorpora-se aos anseios do pesquisador e às suas indagações sobre o mundo. Assim como a paisagem tem sua história e olhares, um texto de dissertação tem sua história de construção enveredada na trajetória do próprio sujeito, em seu olhar sobre o mundo que o rodeia e uma vontade de “receber” os olhares dos outros para compreender seu objeto de pesquisa.

À vista disso, pensar na paisagem como resultante de uma ação geográfico-histórica do sujeito e da sociedade, tendo como base suas necessidades, utopias e perspectivas, é uma maneira de buscar compreender a configuração espacial que se deu a partir do discurso e conformou em diferentes imagens. A cidade, como tal, é envolta de finalidades e busca adequar suas funcionalidades e forma de maneira a corroborar com as fases econômicas e políticas. O sujeito envolto nessa constante mudança de pormenores é parte dessa paisagem e a percebe com base em seus anseios (LYNCH, 1982). Assim sendo, mudanças na configuração do espaço influem na transformação da paisagem, bem como no modo de o sujeito perceber o seu meio (SANTOS, 2007). Bem mais que simplesmente ver, olhar a paisagem envolve diversos sentidos, experiências, permanências e expectativas. Daí o interesse em partir do olhar da comunidade, “os já estabelecidos” no local há bastante tempo, para buscar respostas sobre a importância do elo com o lugar para a estabilidade do corpo e da alma, e os contrastes e desgostos que uma experiência de vida com a cidade e a metrópole pode conter.

Esta é uma pesquisa que parte do estudo de caso da Comunidade dos Arturos em Contagem-MG como forma de entender que pertencer a um lugar e nele criar laços é o primeiro passo para se sentir em casa, ter-se uma paisagem topofílica. Enquanto o outro lado, que é se sentir fora de casa, está em se desconhecer pela paisagem em que trafega, como se aquele espaço fosse criado para vários trafegarem e poucos de fato se interligarem, conformando em topofobia. Desse modo, a topofilia e a topofobia orientam-se sobre determinados enfoques para a cidade: familiar e estrutural; a casa cercada pelos limites familiares da comunidade e as transformações dos espaços de vida; lugar e espaço; o acolhimento e o medo; o risco e a necessidade de inserir-se cotidianamente em uma experiência metropolitana, entre outros. Debater a produção da paisagem da cidade, sobretudo na perspectiva do olhar e da experiência, é importante para delinear lugaridades e contradições do movimento da vida urbana.

1.1 - Tema e justificativa:

Olhar a cidade se constitui em uma utilização de diversos sentidos, em uma experiência corporal, um contato com o outro e o mundo (ARRAIS, 2001; SOLINÍS, 2009). Como as cidades vão sendo construídas e transformadas no decurso de longos tempos, em uma sucessão de acontecimentos, as pessoas e suas atividades são tão importantes, assim como a parte imóvel do espaço citadino. E é justamente a partir da dimensão da relação entre o indivíduo e os elementos estruturais da paisagem urbana que se propõe pesquisar. Há uma relação mútua entre o perfil da população e o que o seu espaço de vivência tem a oferecer (LYNCH, 1982).

Cada indivíduo possui sua experiência com o “mundo”. Entretanto, todos estão fadados a uma relação com o exterior e os elementos da conjuntura estrutural. Dessa forma, as transformações sociais, a conexão em rede entre os espaços e as pessoas, bem como a mobilidade e a morfologia no dia a dia implicam sobre a maneira de percepção das pessoas sobre a paisagem e o lugar. Em vista disso, com o advento da modernidade, requer do indivíduo um equilíbrio entre as suas sensações ligadas ao lugar, ao espaço imediato e à cidade mais densa como um todo. Estar em meio aos espaços urbanos lhe causa sensações diversas, tais como: sensação de lar (ligada à comunidade) ou sensação de medo (referindo-se ao desconhecido).

Viver na cidade, em meio à paisagem urbana, acontece entre o dualismo da razão e do simbolismo (MOREIRA, 1994), em que a escolha do lugar de vivência pode não depender somente da localização, mas da simbologia e de diversos elementos de diferentes naturezas. Além da espiritualidade que se desenvolve com o lugar, é preciso, em alguns momentos, principalmente considerando as diferenças geracionais, pesar também a acessibilidade e a necessidade de trabalho, serviços e distâncias. É preciso também pesar os riscos contemporâneos (MARANDOLA JR., 2014). À vista disso, como fica a decisão de viver em um espaço como tal? Entre a paisagem enquanto simbólica (do lugar) e o habitar em risco e vulnerável, de uma paisagem racionalizada e político-economicamente enquadrada ao cenário metropolitano contemporâneo? Talvez esteja aí a necessidade de permanência e manutenção da Comunidade dos Arturos no mesmo local de origem. Ou seja, ali garante aos membros da comunidade um lugar para repor as energias e conectar às suas espiritualidades, sendo que, por mais que alguns tenham saído para residir em outros locais, o retorno sazonal ao terreno da comunidade lhes garante reconectar o elo com a família e o lar.

Nesse contexto, tendo em vista a decisão do “onde” habitar, viver em meio à paisagem metropolitana, da diversidade, não significa tão somente um fator isolado de cunho econômico mas também da relação do homem com os próprios homens e com o meio. Esse habitar é mais que residir em um local, implica também ter, nesse ambiente, sua forma de sobrevivência, sua psique, e sofrer influência da conjuntura estrutural da cidade (MARANDOLA JR., 2014). De modo que, como resultante, há um espaço marcado pelo movimento, pela dimensão material e também marcado pela sensação do medo e da proteção do lugar (CARLOS, 2008; 2015).

A escolha de onde morar torna-se um processo mais complexo do que os modelos da ecologia humana, exigindo por parte da pessoa-família a avaliação de vários elementos de diferentes naturezas, desde o tempo e o custo envolvidos nos deslocamentos, a capacidade de adquirir ou pagar a moradia, a segurança, a qualidade de vida, o acesso a bens e serviços, o apego/conhecimento do lugar, o conhecimento de vizinhos, etc. (MARANDOLA JR. 2014, p. 15).

Dessa maneira, a percepção da paisagem circundante corresponde também à maneira como se usufrui do espaço. Emanam dessa colocação dois contrastes de experiências que há na cidade: um indica que a paisagem familiar garante a segurança do lugar e, por isso, dá sentido simbólico ao “habitar”; enquanto o segundo contrasta a vulnerabilidade que se tem na cidade, mas também assegura a continuidade do ritmo frenético da vida no espaço urbano. O ritmo urbano faz com que o indivíduo passe tempo em demasia no espaço mais amplo, em trânsito, e menos tempo nos lugares que simbolizam suas experiências e a sensação acolhedora do pertencimento. E o lugar tem uma ligação importante entre o sujeito e o lar (TUAN, 1983; MARANDOLA JR. 2014). Nesse caso, constroem-se muito as paisagens da incerteza, decorrentes do individualismo; tornando determinadas partes da cidade como representativas de um ambiente de aversão e de ansiedade (ALVES e DEUS, 2014), reforçando a necessidade de momentos em que se retorne a casa, ao lugar e à paisagem familiar para assegurar a qualidade de vida do espírito, como as festividades e as reuniões entre os membros da Comunidade dos Arturos.

Expor-se à correria da vida urbana pode alimentar a sensação de vulnerabilidade, insegurança e estranhamento, como outrora colocado, sentimentos os quais implicam sobre a leitura do espaço e conduz a topofobias, bem como a nuances de um não-lugar. Tal situação converge a algumas circunstâncias: se, por um lado, o homem caracteriza o lugar à afeição e à proteção, nos centros urbanos, ele deve fazê-lo em meio à vida conturbada, e isso não é uma tarefa fácil, devido ao estranhamento de uma paisagem padronizada, acelerada e, ao mesmo

tempo, congestionada e insegura. Desse modo, para Bauman (2009, p. 39), o equívoco na solução da sensação de insegurança nas cidades está no fato de que “A alternativa à insegurança não é a beatitude da tranquilidade, mas a maldição do tédio”, e isso não é uma solução convincente. Todavia, um dos pontos de qualidade de vida está em ter bem-estar mental e social, assim como físico. E a forma de se ter corpo e mente são se sentir em casa, em família; é ter um local onde a tranquilidade do aconchego permita repor as energias de uma vida corrida como nas cidades.

A noção de fluidez contida na mobilidade urbana também conduz a vários anseios e, no ambiente urbano, conforma-se como um fator que implica angústia. Gasta-se tanto tempo no trajeto percorrido diariamente que “ser urbano” implica também ser parte da paisagem congestionada dos horários de pico de uma grande cidade. Como discorre Pero e Mihessen (2012), os deslocamentos nas cidades não são mais só uma questão técnica e estrutural, passam a comportar uma abordagem social. De modo que, viver na cidade compreende diversos fatores estruturais como: o tempo gasto para os procedimentos diários; a busca por segurança e a aceitação da diversidade; a luta por bem-estar; enfim, anseia-se por um lugar que seja acolhedor e um espaço que permita a liberdade (TUAN, 1983).

Referindo-se à experiência de vida na cidade, há um empobrecimento no elo com o lugar, considerando a gama de fatores que incidem numa vida complexa e iminente ligada ao modo de produção da cidade. É interessante abordar que não se trata de uma ausência de experiências do indivíduo com a cidade, mas da incapacidade da mesma de se tornar, sobretudo, resultante dessa troca de experiências, um intercâmbio, tornando-se como um modelo falho de imposições, ou uma experiência de angústias (JACQUES, 2012). Fato que, de acordo com Jacques (2012, p. 18), aproxima-se da abordagem que Benjamim coloca sobre o empobrecimento da experiência e o que Michel de Certeau aborda sobre o espaço-tempo. Ter uma ligação com as raízes é uma forma de enriquecer esse laço com o lugar, e a questão que se coloca é ter também tempo para vivenciar esse elo.

À vista disto, tornam-se importantes a experiência e a percepção do homem sobre o meio no qual está inserido. Ruy Moreira (1994) chama atenção para os seguintes fatos relacionados à paisagem: “Por ela passou todo o filtro do tempo e por isso através dela se pode (re) ler o mundo” (p. 50) e “Por trás das fachadas simples e monumentais da paisagem urbana nos espreita a ideologia que os construtores da ordem nos querem inculcar” (p. 51). Desse modo, os elementos estruturais podem incidir sobre a percepção do indivíduo da paisagem e do lugar, de modo que, como abordou Sauer (2004), o homem é parte da paisagem. Assim como a sua bagagem adquirida por meio da relação intergeracional incide

sobre a maneira de interpretar a paisagem. Os conhecimentos e as experiências vividas pelos ancestrais, em comunidades como os Arturos, são passados de geração a geração; logo, as suas percepções do lugar, da paisagem e do espaço estão expressas também nas formas dos seus locais de moradias, nas maneiras de se relacionarem e nos diálogos que estabelecem entre si, com os demais habitantes da cidade e da região metropolitana.

Desse modo, a carga cultural e a relação familiar influem no sentido de estabelecer experiências com o lugar e o espaço circundante. Quanto mais coeso o elo entre o núcleo familiar ou os laços com a vizinhança, mais apego tende-se a construir com o lugar de moradia, considerando também as origens e os símbolos que se constroem ao longo da vida no lar, sinalizando o motivo de permanência em um determinado local. Em uma pesquisa realizada em cidades de tamanho intermediário¹, foi possível aferir que há um grande apego por parte dos habitantes para as questões ligadas à afetividade e relações familiares (MATOS, 2013). Mas será que, no ambiente urbano metropolitano, com tantos fatores econômicos e sociais acentuados, ainda assim é perceptível a importância dos fatores relacionados ao apego à família e ao lugar? Justamente a junção desses elementos econômico-sociais, culturais e relacionados à mobilidade que faz a paisagem urbana se tornar movimentada e intensa, é que se buscam respostas para a percepção da paisagem.

Em princípio, o que se deve salientar é o porquê da escolha da Comunidade dos Arturos como foco da pesquisa. E aqui estão as justificativas que serão delineadas ao longo de toda a pesquisa: *i)* O fator topofílico deles em relação ao lugar é de longas épocas, constituindo-os como parte da história da cidade; *ii)* É uma comunidade de organização familiar de raízes negras em meio à vida metropolitana, estando submersos em suas dificuldades, complexidades e riscos; *iii)* Para entender a questão da topofobia, buscou-se partir daqueles que tinham laços topofílicos – os “estabelecidos”, para pontuar, então, os contrastes existentes; *iv)* Representam a relação intergeracional; *v)* A Comunidade dos Arturos é, no aspecto cultural, importantíssima, tanto para a cidade de Contagem quanto para a RMBH, Minas Gerais e o país. Tamanho o seu caráter valorativo, foram considerados Patrimônio Cultural Imaterial.

Parte-se, então, do olhar da Comunidade dos Arturos, para buscar respostas sobre o papel do lugar na constituição do sentimento de topofilia, e como as adversidades e contrastes

¹ Pesquisa realizada no artigo “Percepção sociocultural de residentes de cidades brasileiras de tamanho intermediário” de autoria de Ralfo Matos (2013): “Uma meta básica da pesquisa era consultar a população moradora sobre suas preferências na cidade, tendo em vista a seguinte orientação inicial: se as cidades eram dinâmicas, vinham experimentando mudanças econômicas e demográficas, que impactos essas mudanças poderiam imprimir na vida das pessoas? Que fatores de tipo econômico, cultural e geocultural poderiam ser considerados elementos de fixação dos residentes na cidade?” (p. 123).

da paisagem urbana podem gerar a sensação de topofobia. A importância de se buscarem respostas no interior da comunidade está também em alguns pontos a serem ressaltados: eles possuem uma formação com um núcleo familiar bastante coeso, interagindo as diferentes gerações; a relação com a terra é de suma importância para seus membros, pois ela representa mais que o solo de moradia mas também o contato com os antepassados e suas raízes; eles vivenciam e vivenciaram diferentes fases do contexto histórico de constituição da cidade de Contagem, sua integração à RMBH², a expansão da sua mancha urbana e diferenças políticas; possuem um apelo cultural intenso nos seus modos de vivência, seja quando cantam, dançam, expressam-se oralmente e fazem da religiosidade seu campo de repor as energias. Posto isso, eles serão base para os indicativos de experiência com a paisagem citadina.

1.2 - Problemática:

Embasando na pesquisa realizada no artigo “Percepção sociocultural de residentes de cidades brasileiras de tamanho intermediário” de autoria de Ralfo Matos (2013), a perspectiva dos residentes se torna importante para análise da paisagem e para perceber o que conduz à fixação das pessoas em determinadas cidades ou áreas. Nesse contexto, os fatores de fixação dos moradores nas cidades intermediárias foram considerados de acordo com as características econômica, cultural e geocultural. Foi seguindo essa ótica que se decidiu investigar a percepção sociocultural que se tem da paisagem urbana e instigou os questionamentos desta pesquisa.

Abordagem que também se incorpora aos questionamentos refere-se ao fato de que as práticas e as representações da Comunidade dos Arturos conduzem a entendê-los como amplamente ligados aos fatores culturais e religiosos, com o lugar. Entretanto, também vivem a realidade “fora dos muros”³ que os colocam em contato com a paisagem da cidade e a região metropolitana. Assim, ao saírem para trabalhar, estudar e usufruírem de serviços diversos, constroem sensações, experiências e percebem esses espaços. Considerando no contexto geracional, cada qual com suas bagagens, vão construindo percepções sobre o espaço em que vivem. Todavia, mesmo os mais reclusos dentro dos muros da comunidade, todos são moradores da cidade e, com maior ou menor frequência, já estiveram em contato

² Região Metropolitana de Belo Horizonte.

³ Não há de fato “muros” cerceando a comunidade; o termo é usado para se referir aos limites, à fronteira entre a comunidade e a cidade em seu entorno. O que distingue a entrada da comunidade é a existência de uma porteira.

com a paisagem citadina. Por isso, seus olhares e anseios são importantes para entender as nuances da paisagem da cidade e geram perguntas.

Por estarem os habitantes citadinos em um ambiente tão dinâmico, tanto os elementos estruturais, socioeconômicos, políticos como também culturais influem na forma de percepção da paisagem. Desse modo, os questionamentos abaixo versam sobre como os membros da Comunidade dos Arturos percebem o elo com o próprio lugar e a paisagem urbana de Contagem e a RMBH. A Comunidade dos Arturos, certamente, tem um laço forte com o lugar, de modo que permanece, há longa data, no mesmo local de formação. Então, pode-se intuir que a permanência deles na mesma localidade, frente ao processo de urbanização e metropolização, deu-se por fatores de topofilia em relação ao lugar? E, na atualidade, em decorrência da modernidade e da expansão das áreas urbanizadas, bem como da conjuração com os elementos estruturais da paisagem citadina, isso faz com que tenham, “fora dos muros”, sensações topofóbicas? Desse questionamento central, cabe uma colocação de Leila Araujo (2014) que, ao se referir a Benjamin (1994), discorre que “a percepção do mundo está ligada à maneira pela qual se aprecia a realidade. Sobretudo, porque as imagens representam as formas visíveis do mundo”.

Assim, na atualidade, para as diferentes gerações que são moradoras da Comunidade dos Arturos, as paisagens do próprio lugar e da cidade são mais repletas de elementos que conduzem a uma sensação topofóbica ou, mesmo diante da complexidade citadina, a topofilia é o fator chave para a descrição da paisagem? Dentro da comunidade, há uma maior valorização dos fatores culturais ou econômicos? E fora de seus muros?

Nessa abordagem, a paisagem configura-se como a representação estrutural das nostalgias do passado (afetividade com o lugar) e as inovações contemporâneas (a influência dos elementos de uma vida conectada). No que se refere à discussão durante o decorrer deste trabalho e às indagações sobre a paisagem, não caberia apenas restringir-se ao perfil do montante de transformações impostas pela integração metropolitana e regional; caberia, então, um diálogo com os indivíduos daquele espaço e como os elementos estruturais influem nas suas percepções da paisagem urbana e do próprio lugar de habitação. Para Carlos (2008, p. 48), “A sociedade produz seu próprio mundo de relações a partir de uma base material, um mundo que se vai desenvolvendo e criando à medida que se aprofundam as relações da sociedade em espaço”. O aspecto estrutural é valioso quando se propõe refletir sobre as transformações da paisagem, mas respeitável tanto quanto, segundo Oliveira (2004, p. 190), são “[...] as percepções ligadas aos aparelhos sensoriais: tonalidades de cores, de sons, acuidades olfativas, gustativas ou táteis. No nosso caso geográfico, trabalhamos quase que

inteiramente com a percepção visual [...] a paisagem”, e é nessa proposta de estudos da identidade humana, dos elementos estruturais e da paisagem que se propõem os objetivos.

1.3 - Objetivos:

Compreender a percepção dos moradores da Comunidade dos Arturos sobre a paisagem urbana e o seu lugar, bem como os fatores de topofilia e topofobia que repercutem atualmente em seus cotidianos na vida urbana. De modo que, como objetivos específicos, tem-se:

- Retratar as características do modo de vida urbano e a relação com o espaço-tempo na paisagem;
- Analisar a paisagem urbana como uma categoria que indica contrastes culturais e econômico-sociais, capazes de delinear topofilias e topofobias;
- Conhecer a percepção do indivíduo Arturo sobre a paisagem urbana, no espaço de vivência, frente às transformações contemporâneas.

1.4 - Metodologia:

1.4.1 - Caracterização da área de estudo: “A Cidade”

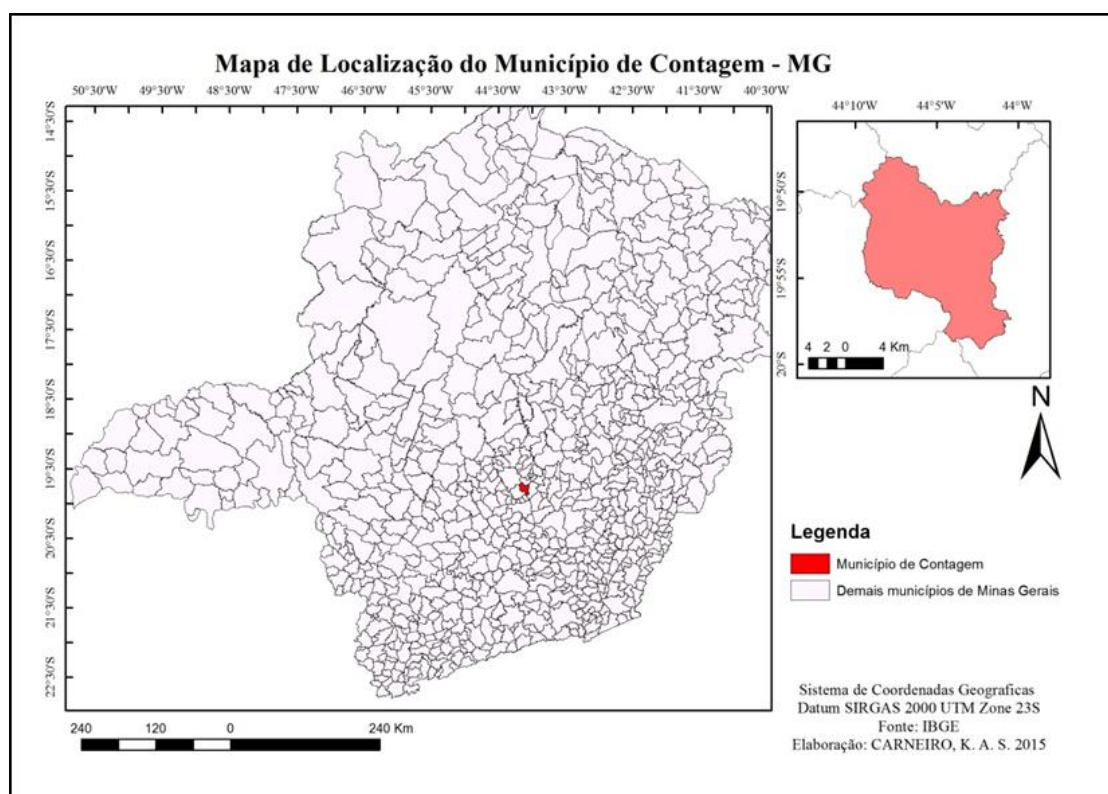
Contagem-MG compreende o arranjo de crescimento integrado à perspectiva de efetivação e de conectividade à RMBH. Dessa forma, as paisagens foram sendo moldadas e transformadas, de modo que tais modificações, em alguns contextos, foram impostas, e outras, gradativamente, reformuladas. Por conseguinte, vias, ruas e bairros foram-se formando e reconstruídos de modo a facilitar a mobilidade dos fluxos e fixos territoriais. O espraiamento dos bairros e as configurações do município ocorreram em torno dessa lógica de crescimento regional e de incorporação à Região Metropolitana de Minas Gerais, muito voltada, em sua historicidade, para a industrialização. A história do município de Contagem é composta de três grandes momentos: 1º no século XVIII, com a instalação do posto de fiscalização; 2º no século XIX, com a transferência da capital mineira para Belo Horizonte; e 3º no século XX, com a instalação da Cidade Industrial Juventino Dias.⁴

⁴ Informação a ser detalhada com mais afinco no capítulo 3.

O município de Contagem (Vide mapa 1) está localizado na mesorregião da Região Metropolitana de Belo Horizonte, apresentando uma população de 603.442 habitantes, densidade demográfica de 3.090,33(hab./Km²), e ocupando uma área territorial de 195.268 Km² (IBGE, 2010). De acordo com Soares (2011, p.16), “Em suas “origens”, a formação do espaço urbano de Contagem e a sua conseqüente inserção na RMBH se deram via concepção e construção de um espaço instrumentalizado para a produção industrial”. Atualmente, o comércio, com sua ampla influência, vem caracterizando um espraiamento do setor terciário em geral, tornando determinadas áreas em espaços com um maior dinamismo.

Questões que envolvem o modo de vivência dos moradores das cidades metropolitanas inserem-se nas experiências de vida da Comunidade dos Arturos, tais como: o significado metropolitano que a cidade carrega para comunidade e que se colocam para o indivíduo hoje; as experiências com as mudanças das paisagens, lugares e espaços; o espaço marcado pelo movimento; as modernidades e permanências e a proteção das características do lugar.

Mapa 1: Localização do município de Contagem em Minas Gerais.



Fonte: Org.: CARNEIRO, K. A. S., 2015.

1.4.2 – Caracterização da área de estudo: “A Comunidade”⁵

Os filhos de Arthur Camilo são as pessoas que sofreram para que hoje esse patrimônio esteja aqui. Então por isso a gente tem que ter o respeito, a consideração, a valorização porque além deles sofrerem pra manter tudo que a Comunidade tem hoje, eles são as pessoas que detém o maior conhecimento de tudo que a Comunidade preserva. (Jorge Antônio dos Santos – Capitão da Guarda de Moçambique, coordenador de eventos da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem e genro de S. Antônio Maria, Arturo de 1ª linha).⁶

A Comunidade dos Arturos é uma comunidade afrodescendente que mantém não só a união da família, os costumes antigos familiares, mas uma comunidade que mantém também as suas tradições culturais, sagradas, religiosas, afro, herdadas de seus ancestrais e que durante o tempo de existência tem todo um patrimônio imaterial, um patrimônio histórico de vida. (Jorge Antônio dos Santos – Capitão da Guarda de Moçambique, coordenador de eventos da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem e genro de S. Antônio Maria, Arturo de 1ª linha).⁷

A Comunidade dos Arturos busca manter viva sua característica de afrodescendentes, mesmo localizados na Região Metropolitana de Belo Horizonte, mais propriamente no município de Contagem – MG, onde, por se tratar de uma cidade com características urbanas, vive-se o incremento do moderno em um ambiente cosmopolita (Vide mapa 2).

É possível verificar que os fatores e elementos topofílicos são valiosos para essa comunidade, tendo em vista que há um laço com o lugar, valores, símbolos e religiosidade, os quais refletem o desejo de se manterem no mesmo local por anos, retratando uma ancestralidade.⁸ Alguns lugares foram descritos durante a pesquisa de campo, como marcos da comunidade, de modo que representam o apego pelos detalhes da paisagem, e são elementos que remontam cotidianamente em suas memórias (Vide mapa 3). Mesmo que a relação com a cidade, na atualidade, tenha se acirrado mais, pois, “Os integrantes da comunidade sobrevivem hoje do trabalho na cidade, seja no setor industrial, construção civil ou serviços domésticos, mas ainda cultivam a agricultura e pecuária de subsistência” (JESUS e ALMEIDA, 2008, p. 4).

⁵ Não é comum a utilização de depoimentos na introdução, entretanto, optou-se por trazê-los a conhecimento logo de início, uma vez que são olhares da comunidade sobre a cidade.

⁶ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 77).

⁷ Idem.

⁸ Informação a ser detalhada com mais afinco nos capítulos 4 e 5.

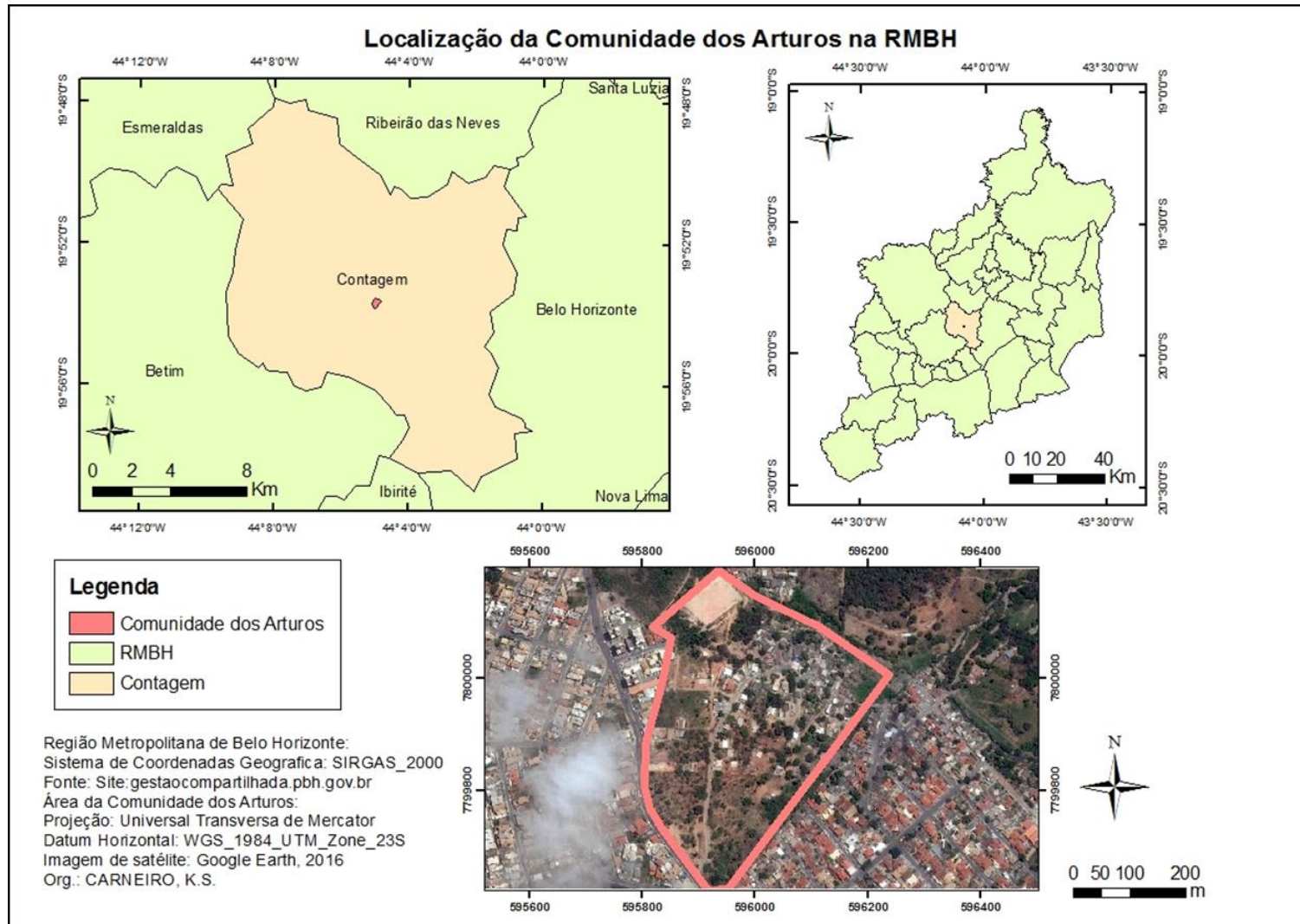
Os Arturos têm sim, essa ligação (com a cidade) porque muito antes dos Arturos residirem aqui a Festa já existia. E eles saíam lá da Mata do Macuco a cavalo. Ficavam arranchados na casa de Seu José Aristides, que é ali, próximo à Casa da Cultura pra poder fazer a Festa. Por isso a gente tem esse grande respeito pela Casa da Cultura, porque a concentração do Congado se dava ali, naquele Cruzeiro. Os Congados se reuniam na casa de Seu José Aristides e aí tinha toda a manifestação naquele Cruzeiro para, a partir daí, ir pra missa, pra Igreja... (Jorge Antônio dos Santos – Capitão da Guarda de Moçambique, coordenador de eventos da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem e genro de S. Antônio Maria, Arturo de 1ª linha).⁹

Na época mesmo que a Contagem era bem pequenininha, o Congado não vinha aqui na Comunidade não. Nós fazia lá dentro de Contagem mesmo, no centro de Contagem, que era pequenininho. Então ali, pela Rua da Formiga, por exemplo, é uma rua que tem lá perto do Cruzeiro, lá perto da Casa da Cultura, ali sempre tinha uns casarão que ficava fechado. Meu avô arrumava lá, ou alugava ou tomava emprestado [...]. (José Bonifácio - Bengala – Arturo de 2ª linha, capitão-mestre da Guarda de Congo e um dos coordenadores da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).¹⁰

⁹ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 101 - 102).

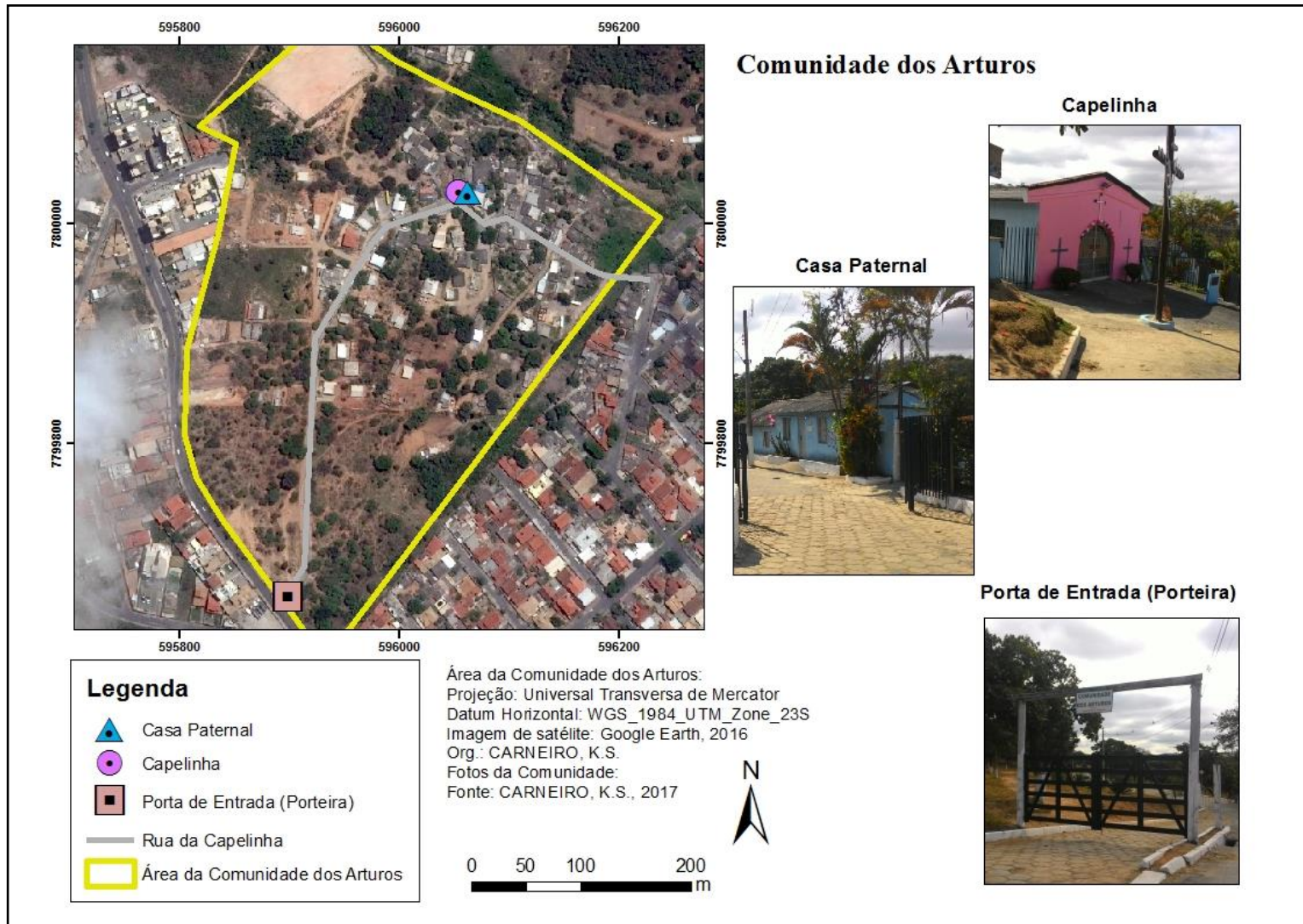
¹⁰ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 102).

Mapa 2: Localização da Comunidade dos Arturos no município de Contagem e na RMBH.



Fonte: Org.: CARNEIRO, K.S., 2017.

Mapa 3: Área da Sede da Comunidade dos Arturos e alguns dos pontos com maior representatividade do lugar.



Fonte: Org.: CARNEIRO, K. S., 2017.

A história dos Arturos começou com Camilo Silvério, o qual teria chegado à província de Minas Gerais como escravo, em meados do século XIX. Casou-se com Felisbina Rita Cândida. Apesar de praticamente não haver informações específicas sobre Felisbina Rita Cândida, ela participa da mesma memória afetiva cultivada pelos Arturos, incluindo-se entre os antepassados que deram origem à Comunidade. Dessa união nasceu Arthur Camilo Silvério. Mesmo beneficiado pela Lei do Ventre Livre, Arthur viveu sua infância ao lado do padrinho, prestando serviços em troca de casa e comida. Os maus tratos eram práticas cotidianas e, ainda muito jovem, constituiu família com Carmelinda Maria da Silva [...] formam hoje a Comunidade dos Arturos com aproximadamente 50 famílias e cerca de 400 descendentes. Instalados em seis hectares de terra na localidade Domingos Pereira, em Contagem, os Arturos foram radicados em 1880 (JESUS e ALMEIDA, 2008, p. 3).

Como fator preponderante, há a questão da terra, de modo que esta simboliza o apego pelo lugar e a paisagem da qual se faz parte. As suas tradições são passadas de geração a geração, até aos mais jovens, valorizando a importância da religiosidade e da cultura negra. A comunidade é representada juridicamente pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem. “A importância desse grupo étnico, no contexto cultural, extrapolou nossas fronteiras ganhando reconhecimento internacional” (Jornal Regional Contagem, 11 a 18 de maio de 2012, p. 1).

Os Arturos existem institucionalmente pela Irmandade. O estatuto é de Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem, o CNPJ é Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem. O regimento do estatuto é totalmente entorno das tradições da Comunidade. Houve uma junção. A diretoria da Irmandade hoje, é totalmente composta por descendentes arturos. Então houve uma junção da Comunidade à Irmandade. E os dois andam juntos. [...] A Irmandade lida com a parte jurídica, com a parte burocrática, é mais administrativa. (Jorge Antônio dos Santos – Capitão da Guarda de Moçambique, coordenador de eventos da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem e genro de S. Antônio Maria, Arturo de 1ª linha).¹¹

Tendo em vista o descrito de que a comunidade dos Arturos possui grandes laços de afetividade com o lugar, sinalizando uma relação topofílica, como ficam os laços com a vida urbana metropolitana, diante de tantos elementos estruturais e sociais das cidades, tais como: mobilidade, integração às redes, emprego e questões econômicas, segurança e diversidade?

Então Contagem era totalmente diferente. Nossa mãe! Dá saudade, sabe? Era uma vida tranqüila. Nós saímos a cavalo pra cidade e andávamos a cidade toda sem preocupação nenhuma. Atravessava a

¹¹ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 79).

rua, atravessava pra lá, pra cá. Então era uma cidade tranqüila. A gente sabia onde é que era a doceira da cidade. Eram Vitalina, Rita ... Você sabia a costureira. Era fulana de tal. Então você já sabia, já tinha aqueles pontos, sabe? Contagem era assim, você já tinha aqueles pontos principais. [...] Foi há uns cinquenta anos atrás. (José Bonifácio - Bengala – Arturo de 2ª linha, capitão-mestre da Guarda de Congo e um dos coordenadores da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).¹²

À vista disso, cabe, então, saber se os laços com as lembranças da cidade ainda se mantêm e são a força dos sentimentos topofílicos na comunidade. Bem como a importância do lugar para a continuidade das tradições e crenças dos Arturos. E como as mudanças que ocorreram na contemporaneidade incidiram sobre seus espaços de vida e lugar, moldando novas formas de relacionamento espaço-temporal, geracional e interpessoal.

1.4.3 - Encaminhamentos metodológicos

Para atender aos objetivos, a metodologia ocorrerá, inicialmente, através de leitura e revisão bibliográfica sobre o conceito paisagem e como ela pode ser apreendida em espaços amplamente modificados, como áreas urbanas. Os aportes teóricos da Geografia Humana (urbana, econômica e cultural) deram o tom e o norteamento para o estudo, buscando reflexões por entre seus caminhos para compreensão sobre a presença do homem no espaço. Não se pretende, nesta empreitada da pesquisa, somente compilar situações, mas, sobretudo, entrar em contato com aqueles que estão envolvidos nesse cenário de mudanças. Essa questão está relacionada às experiências que se constroem nos diferentes espaços e tempos, as quais não escapam de afetar o indivíduo.

Desse modo, a preocupação que se encaminha nesta pesquisa versa sobre a capacidade de interação das partes materializadas, sobre o olhar dos sujeitos. Essa perspectiva propõe entender que o homem não simplesmente constrói moradia em um determinado local mas também passa a habitá-lo no seu sentido mais amplo, de modo que passa a refletir criticamente sobre a sua vivência no lugar e no espaço. Demonstrando preocupações com questões que se referem à relação do homem com o espaço, em alguns momentos, tornou-se válida uma abordagem que se valia de uma Geografia Crítica. Embora esta apresente algumas dissidências com a Geografia Humanística, suas análises permitiram aliar o papel das mudanças e condicionantes estruturais na paisagem, principalmente urbanizada, e que afetam

¹² Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 103).

a maneira de experiência do homem no nível individual e relacional. Nessa abordagem de dar ênfase aos olhares locais, mas não deixar de inseri-los na perspectiva de avanços urbanos e globais, dá-se destaque para alguns autores que contribuíram para essas questões teóricas, críticas e epistemológicas: Carlos (2001, 2008, 2015), ao propor um olhar mais crítico sobre as mudanças na configuração da paisagem citadina decorrentes do ordenamento do espaço urbano e seu ritmo frenético; Santos (1988, 2004, 2007), que sempre retoma, em seus trabalhos, um olhar multidisciplinar quanto ao mosaico de relações da sociedade e do espaço; Cosgrove (2004), ao abordar uma Geografia Cultural Crítica; bem como Luchiani (2001), ao discutir a morte da paisagem na contemporaneidade.

Todavia, o rumo que esta pesquisa adquire alinha-se à Geografia Humanística, mais propriamente na reflexão do significado da relação homem/meio que a Fenomenologia aborda, de modo que o sentido da experiência do indivíduo ou grupo compreende a natureza do objeto, o espírito e a cultura. Assim, nesse caminho da abordagem fenomenológica, alguns autores ganham destaque no transcorrer da pesquisa, a saber: Sauer (2004), ao abordar o estudo das paisagens vividas; Tuan (1980, 1983), ao ressaltar o significado do lugar, paisagem e espaço; e Marandola Jr. (2014), ao trilhar, em seu livro “Habitar em risco”, o caminho fenomenológico, o qual foi importante base teórica e metodológica para esta pesquisa, em razão de olhar para o lugar em diferentes escalas e relacionar às experiências metropolitanas. Outros textos que também contribuíram para o debate metodológico decorrente de suas experiências de pesquisa foram os de Araujo (2014), Matos (2013), Silva (1997), entre outros.

Para fins da pesquisa, utilizou-se também de uma base referencial e documental de pesquisadores que retratam os costumes, as crenças, as práticas, as religiosidades, as festividades e a organização de comunidades negras, quilombolas e tradicionais. Para tais, destacam-se os autores: Gomes e Pereira (1988), que apresentam, no livro “Negras Raízes Mineiras: os Arturos”, um estudo bem aprofundado da Comunidade dos Arturos; Costa (2013) e Simões (2009), que trazem, em suas dissertações, elementos sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, celebração que marca a religiosidade dos Arturos, além de retratarem também o modo de vida deles; Viegas (2014), com a tese “Enigma do rosário: Os mistérios das (re) existências nas *correntezas* da urbanização”; o Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG (2014), que se constituiu em uma importante fonte de imagens e relatos dos Arturos; e outros textos e apoio documental que exprimem as características do lugar, história, religiosidade e características dos moradores da comunidade.

Apoiado no aporte documental e teórico, também se fez uso de tais conhecimentos para retratar a realidade em que a comunidade está inserida, ou seja, a história de constituição

da cidade de Contagem. Por se tratar de uma comunidade localizada em meio à Região Metropolitana de Belo Horizonte, na cidade de Contagem-MG, entender quem é a população dessa cidade, bem como suas características, é importante para correlacionar com a visão que os Arturos têm da paisagem do seu próprio lugar de moradia “dentro dos muros” e a realidade “fora dos muros”, tendo como base que eles não estão reclusos em suas terras, mas, sobretudo, estão buscando perpetuar suas crenças e características culturais mesmo diante da conectividade à cidade. Para tal, informações coletadas no site da Prefeitura de Contagem, em revistas sobre o município, na FUNDAC, no IBGE, entre outros, foram importantes para caracterizar quem são os outros com quem os Arturos se relacionam, e alguns pontos que implicam sensações pela cidade.

Contudo, metodologicamente, a proposta desta pesquisa não é somente pontuar as transformações na paisagem, mas também abordar a relação dos elementos estruturais e sua influência sobre a percepção do sujeito da paisagem a qual vivencia. Desse modo, tornou-se um importante instrumento a observação de campo e a coleta de material iconográfico, entrevistas e aplicação de questionários. Para o desenvolvimento da etapa do procedimento metodológico de entrevistas e questionários, julgou-se interessante coletar, a princípio, essas entrevistas de moradores que possuem um laço com o lugar, a comunidade e o espaço urbano, valendo-se da técnica de História Temática.¹³ Assim, a proposta é de que os entrevistados sejam membros consolidados da Comunidade dos Arturos e apontem para uma maior percepção da paisagem do seu lugar e da cidade. Nesse contexto, com o intuito de complementar os relatos obtidos por meio das entrevistas orais, far-se-á parte também dos procedimentos metodológicos a aplicação de questionários¹⁴ sobre as abordagens topofílicas e topofóbicas em relação ao lugar e à paisagem. As informações obtidas se constituíram como base para entender o olhar do sujeito sobre o seu meio.

Destarte, com a finalidade de compreender a percepção da população sobre a paisagem urbana, fez-se necessário, também, entender as configurações do perfil da população que ali reside e as condições que lhe são colocadas enquanto habitantes da realidade citadina

¹³ Considerando que, para Silva (1997, p. 32), “A História Temática é ancorada na História de Vida, biográfica, mas se atém a períodos, definidos cronológica ou tematicamente. As Histórias de Vida podem durar dias e as entrevistas temáticas duram poucas horas [...] o objeto de interesse é um tema, e não a biografia do sujeito entrevistado”. Sobre o entrevistado: “Sua visão é que norteia o depoimento e imprime significado aos fatos narrados” (p. 33).

¹⁴ Entrevistas e questionário aplicado aos moradores da Comunidade dos Arturos, constando questões que versam sobre os laços com o lugar; o perfil dos moradores da comunidade; aversões e medos; e as relações e experiências com a cidade de Contagem e a RMBH. São questões semiestruturadas que compõem também o questionário (Vide apêndice C), as quais deixam abertura para os respondentes extrapolar os questionamentos feitos. Além do mais, optou-se por não citar os nomes dos entrevistados e respondentes.

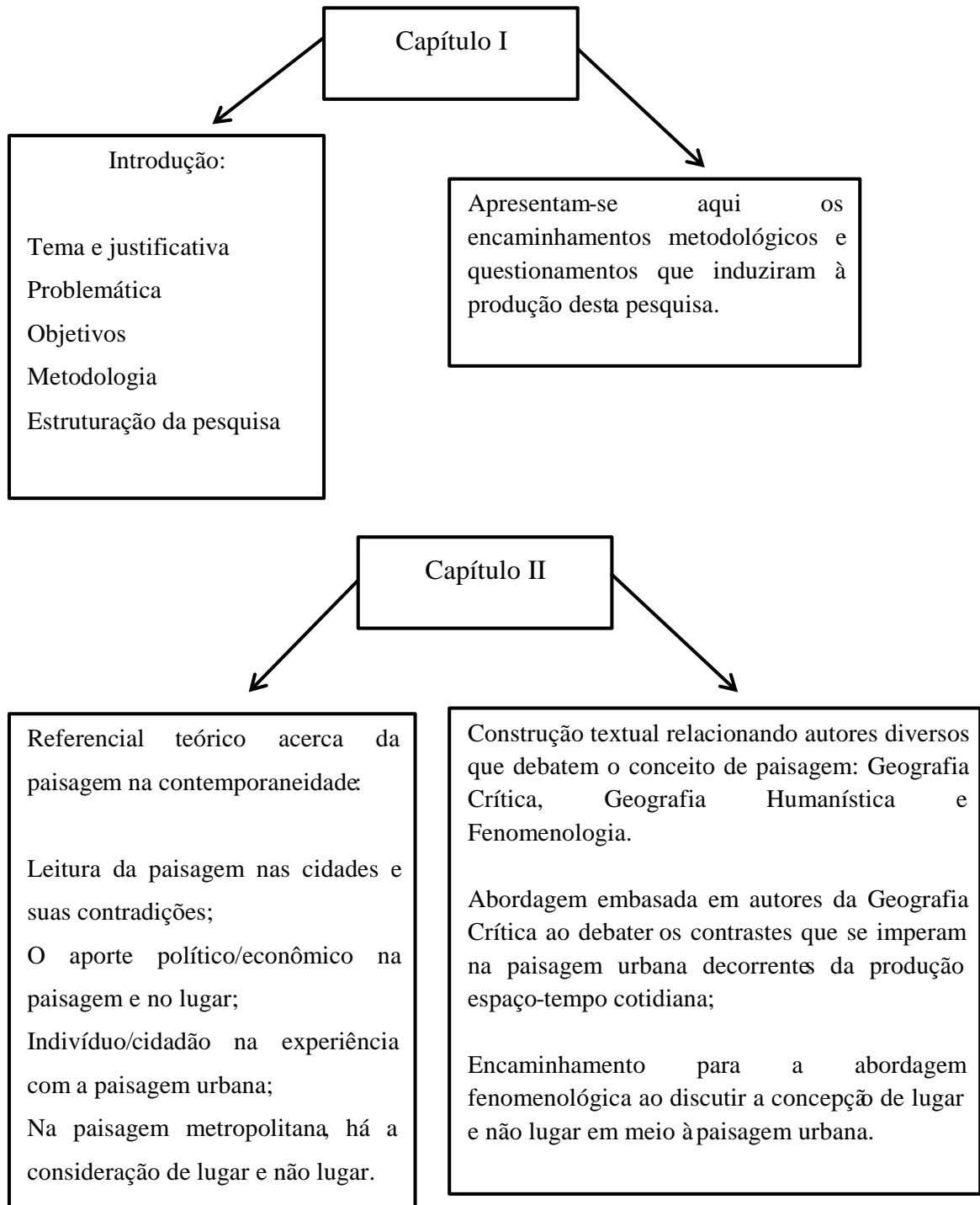
metropolitana. Assim sendo, foi trabalhado com o banco de dados dos censos demográficos do IBGE (2010) e outras fontes estatísticas, assim como com textos de autores que versam sobre: a) “o tempo de descolamento para o trabalho”, o que se constitui como um fator que influencia no tempo destinado para apreensão do espaço e caracteriza-se como fator de mobilidade; b) o perfil da população residente em Contagem-MG e suas estruturas domiciliares, tendo em vista que isso se constitui como fator econômico-social que implica na estruturação da paisagem; c) “violência”, fato que, juntamente aos demais, está relacionado com a questão de segurança e um dos fatores de maior apreensão nos espaços urbanos, o que sinalizaria como um forte elemento da estrutura social que indica topofobias em relação a determinadas paisagens urbanas. Questões relacionadas a essa abordagem de como os elementos estruturais podem incidir sobre a maneira de o indivíduo perceber sua paisagem, também compuseram os questionários aplicados aos Arturos. Com o intuito de identificar a localização da Comunidade dos Arturos, do município de Contagem e a sua relação com a RMBH, serão utilizados também mapas.

1.4.4 - Estruturação da pesquisa

Este trabalho se desenvolveu em capítulos. O **primeiro capítulo** é a própria introdução, contendo: uma primeira aproximação com o tema; justificativa; problemática; objetivos da pesquisa; e os procedimentos metodológicos.

O **capítulo 2** compreende o texto com o referencial teórico acerca do debate sobre a percepção e o olhar da paisagem nos espaços urbanos, abordando a paisagem na contemporaneidade. Para tal, fez-se valoroso realizar um apanhado das diversas abordagens a respeito do conceito. Assim como a sociedade foi passando por vários momentos e modos de apropriação dos espaços, as paisagens foram sendo transformadas, e não somente a cena que mudou mas também a maneira dos pesquisadores de interpretá-la. Nesse capítulo, abordar-se-á sobre a produção do espaço-tempo cotidiano e a apreensão da paisagem.

Complementando a abordagem no tocante à paisagem urbana, fez-se uma discussão acerca do lugar e não-lugar, fato que influi na percepção do sujeito com seu meio. Dessa forma, o aporte teórico desse capítulo se constituíra como embasamento para o corpo do texto e para responder aos questionamentos no decorrer da pesquisa. Assim como os fenômenos de estudo na geografia possuem inter-relação, os objetos de estudo da paisagem estão conectados, o material e o imaterial.

Fluxograma 1: Encaminhamentos metodológicos dos capítulos I e II

Fonte: Org.: CARNEIRO, K. A. S.

O **capítulo 3** compreende a realidade em que a Comunidade dos Arturos está inserida, ou seja, a vida cidadina e a relação com a região metropolitana. Nesse momento, a proposta é trazer a empiria dos dados obtidos do censo do IBGE para buscar uma correlação com a imagem que se tem da paisagem urbana. Bem como retratar o contexto histórico ao qual a

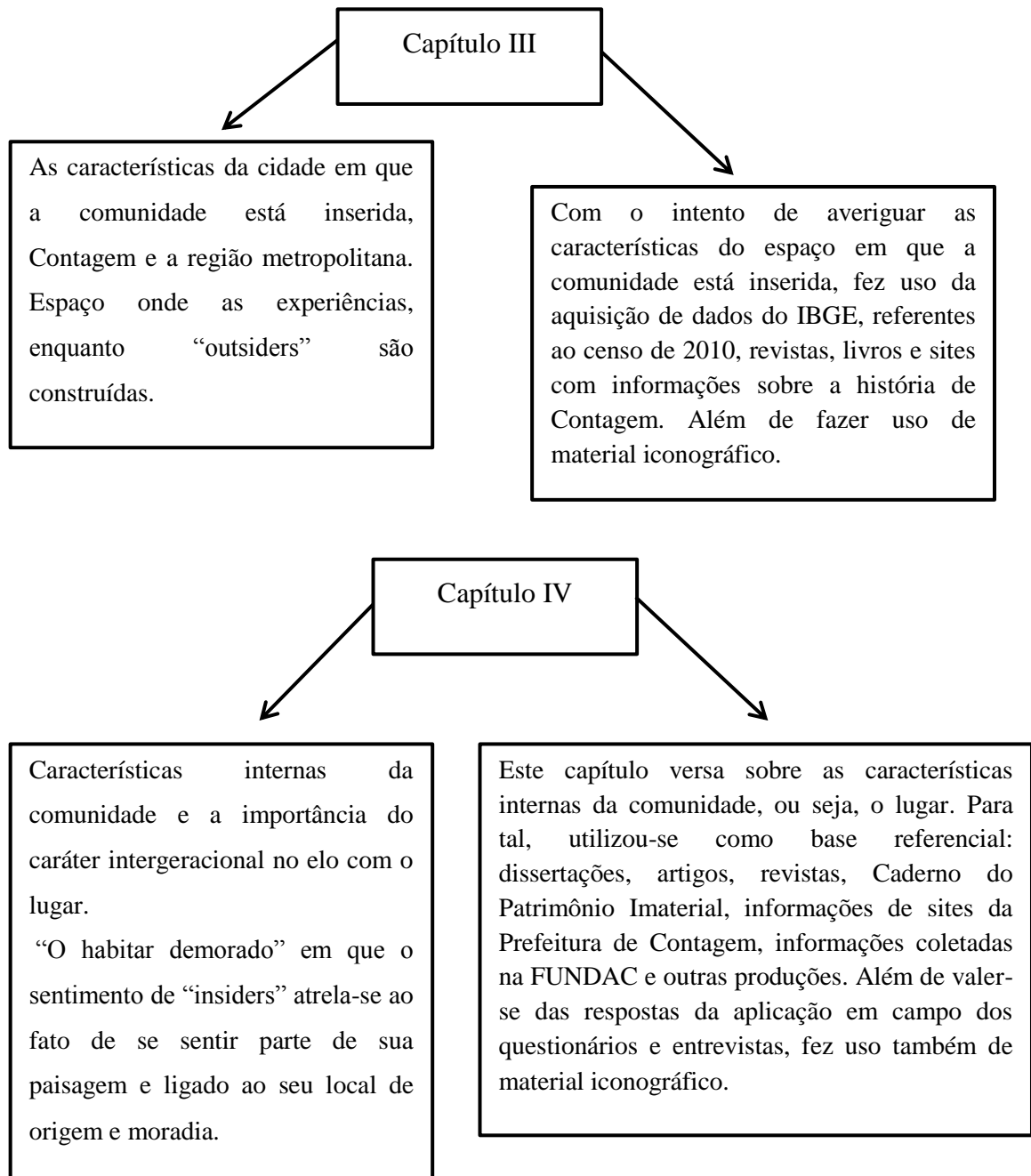
comunidade teve sua formação atrelada, no caso, a história da constituição da cidade de Contagem e sua conexão à RMBH. Nos dias atuais, frente ao aumento das conexões entre os lugares, principalmente no meio metropolitano, o indivíduo não tem sua visão do meio neutra, sem levar em consideração os elementos que o rodeiam. Nesse contexto, fez-se interessante expor características da população e da paisagem de Contagem; o quão a experiência com o espaço urbano-metropolitano se coloca na posição dos Arturos e a população enquanto “*outsiders/insiders*”.

Desse modo, esse capítulo trará: brevemente, um condensado de fatos marcantes da história de Contagem-MG; algumas características do perfil da população e indicadores sociais; assim como aspectos da infraestrutura urbana que podem conduzir à topofobia. Com o tempo médio de deslocamento para o trabalho e a violência nas regiões metropolitanas, a proposta é verificar se o tempo em trânsito nas cidades e o medo da violência se tornam fatores topofóbicos para os Arturos. Assim sendo, ao elencar essas variáveis para análise e correlacioná-las, posteriormente, no capítulo 5, com a visão dos Arturos sobre a paisagem citadina, visa-se analisar a dimensão dos contrastes econômico-sociais como capazes de conduzir a indicativos da sensação de topofobia à paisagem urbana.

O **capítulo 4** versa sobre as características internas da comunidade, suas crenças, religiosidade, festividades, perfil dos moradores e os aspectos intergeracionais. “Dentro dos muros”, os Arturos são os “*insiders*”; ali, o lugar adquire o sentimentalismo de representar suas raízes, seus antepassados e a união familiar. Esse momento da pesquisa traz à tona um pouco do que é ser Arturo; como a condição de organização familiar lhes é importante para dar continuidade em seus conhecimentos e valores culturais.

A proposta desse capítulo é expor um pouco da história da comunidade que é cantada, dançada e celebrada pelos seus membros e retratar alguns dos aspectos culturais que levaram à definição da Comunidade dos Arturos como Patrimônio Cultural Imaterial. Desse modo, esse capítulo interpela sobre as características históricas e culturais que ligam os Arturos ao lugar e à paisagem de Contagem há longas datas.

Fluxograma 2: Encaminhamentos metodológicos dos capítulos III e IV



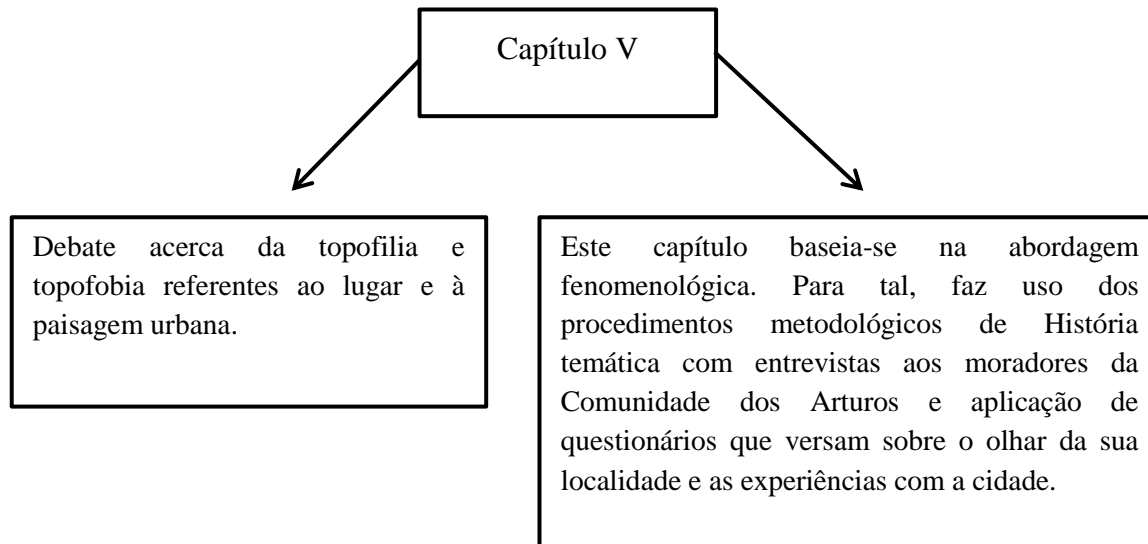
Fonte: Org.: CARNEIRO, K. A. S.

No **capítulo 5**, propõe-se debater as abordagens acerca de topofilia e topofobia no urbano, percebidas através do olhar dos moradores da Comunidade dos Arturos, enquanto “estabelecidos” em um “habitar demorado” e enraizado na cidade. Ao relacionar topofilia ao lugar, a intenção é abordar como os laços com o lugar são fundamentais para o desenvolvimento da relação topofílica com a paisagem, e que isso pode ocorrer mesmo em locais com elementos urbanos, desde que ocorra valorização da cultura.

Nesse contexto, retorna-se, nesse capítulo, a dialogar com a paisagem e também com os elementos estruturais que indicam topofobias, sinalizando-os como decorrentes de contrastes político-econômicos e como fator de qualidade de vida. A ausência ou dificuldade de acesso a algum dos elementos essenciais para uma qualidade de vida urbana adequada (segurança e mobilidade) conduz o indivíduo a se considerar vulnerável na experiência cidadina e a definir a paisagem como estranha, desigual e temerosa. Alguns questionamentos derivados da problemática geral da pesquisa cabem a esse momento. Será que, no solo urbano, para se ter uma paisagem que se relacione com a noção de lugar e segurança, torna-se fundamental um maior investimento nos fatores culturais?

Assim, no **capítulo 5**, constam mais detalhes da pesquisa com o universo da população definido como campo de análise, de modo que se constituirá como o olhar do sujeito sobre o seu próprio lugar e a paisagem urbana. Visa-se, com isso, responder aos questionamentos da problemática, através da análise das entrevistas e dos questionários aplicados.

Fluxograma 3: Encaminhamentos metodológicos do capítulo V



Fonte: Org.: CARNEIRO, K. A. S.

Por fim, outro ponto importante é retratar as características do lugar e da paisagem através da organização de arquivos iconográficos, os quais vêm sendo inseridos ao longo dos capítulos III, IV e V. Assim sendo, a relevância em utilizar esse material consiste no fato de que as imagens são portadoras da memória eternizada, contêm o olhar do passado e ainda

podem abrir campo para uma releitura por novos olhares, e a sua utilização esbarra justamente no contexto de aproximar do universo do imaginário e da sensibilidade (POSSAMAI, 2008).

CAPÍTULO 2

O uso da paisagem nos estudos geográficos:
pensando a cidade e sua espacialidade na
contemporaneidade

Aludindo sobre a paisagem e a presença do indivíduo, é interessante abordar que o “olhar” não significa apenas ver algo, ele pode comportar o “olhar” através da escrita, dos relatos e experiências. No contexto do “olhar geográfico”, ele variou na sua abordagem e caráter interpretativo. No início, esteve relacionado à arte e à dispersão das coisas no mundo; com o passar do tempo, tornaram-se preciosos os princípios descritivos e, por conseguinte, o olhar sobre a forma (aparência) poderia estar sendo enganado ou visualizando uma máscara do mundo desigual e conturbado das cidades. A desconfiança em relação às imagens fez com que muitos autores rejeitassem utilizá-las, por acreditarem que forjavam simulacros e eram estabelecidas por poderes sociais, políticos e econômicos. Entretanto, essa desconfiança na pesquisa com imagens foi sendo suplantada pelo comprometimento de usá-las para reflexão e remetendo a pensar as contradições do espaço (GOMES, 2012), também as relacionando ao contexto do lugar e às experiências de vida do indivíduo ou grupo. Desse modo, “Acredita-se que o valor da imagem é resultante da relação existente entre o comportamento e a maneira pela qual os atores/agentes sociais percebem e estimam determinados aspectos territoriais” (CARVALHO, 2012, p. 37).

Aqui, a cidade e o lugar se tornam o foco do olhar, a paisagem a se apreender e construir experiências. Desse modo, a rua se torna a narrativa pela qual se pode pensar sobre o lugar, o local do encontro/desencontro, caminho da fluidez da rotina e revela a dimensão estratégica do urbano (CARLOS, 2001). À vista disso, a paisagem urbana envolve a esfera da imagem em comunhão à percepção da vida, das relações entre os próprios homens em consonância com a estrutura social. O que importa é que ela se constitui como resultante de uma experiência espaço-temporal, em constante transformação.

Decorrente das mudanças na forma de produção do espaço, a interpretação da paisagem também foi alterando. A noção de paisagem sempre existiu, desde a antiguidade até o século atual, o que foi mudando é justamente essa forma de “olhar”. Se, antes, a paisagem representava a visão embelezada e bucólica dos artistas, na contemporaneidade, ela também se torna testemunho das várias necessidades sociais/econômico-políticas/culturais no espaço (GOMES, 2012; LUCHIARI, 2001; MAXIMIANO, 2004). Outrossim, a análise da paisagem converge a pensar também nas transformações ocorridas no espaço citadino e a sua relação com o contexto metropolitano. O “olhar”, certamente, não irá abarcar todas as nuances da relação entre a cidade e o seu contorno, em totalidade, mas pode se constituir em um ponto chave para entender as transformações e contradições do espaço urbano que afetam a maneira do indivíduo perceber o próprio lugar e a imagem resultante na paisagem.

2.1 - Diferentes abordagens acerca da paisagem:

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse:

“Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomençar a viagem. Sempre. (JOSÉ SARAMAGO, *Viagem a Portugal*, 1996).

Enveredando, a início, em uma análise crítica sobre o papel da paisagem no contexto urbano e, por entremeios do texto, correlacionando com abordagens de outras linhas de pesquisa, há de se convir que a paisagem urbana atual gerasse questionamentos, sensações e experiências diversas. Ora induzindo a um olhar sobre as contradições da produção do espaço na paisagem e no lugar, ora em um contexto com as inferências culturais, e ora confrontando a existência de ambos em espaços em transformação como as cidades. A confluência de diversos autores, neste primeiro momento, é uma forma de trazer um pouco de cada para o entendimento da paisagem.

Referindo-se às paisagens na contemporaneidade, estas se transformam como expressão do mundo, assim como afirmou Cosgrove (2004, p. 96): “A geografia, afinal das contas, está em toda parte” no dia a dia e em qualquer local. De acordo com Melo (2001, p. 37), Denis Cosgrove “[...] propõe a integração entre o materialismo dialético e a apreensão da paisagem por meio de seu significado” e faz uma crítica quanto à abordagem do tempo, que não deve ser considerado de maneira linear e, sim, levando em conta os processos, a relação entre a mente e o mundo. Para Melo (2001, p. 39), “Teórica e historicamente, seria insatisfatório considerar a paisagem fora do contexto histórico do mundo real das relações humanas de produção e entre pessoas e o mundo que habitam”. Logo, não somente o mundo íntimo relacionado à psique influencia na maneira de perceber a paisagem vivida, mas também as transformações que se configuram no espaço por meio das mudanças no modo de produção, daí a necessidade de abordar ambos¹⁵ ao se referir à experiência de vida com a cidade e a região metropolitana.

Então, tem-se um questionamento sobre a imagem do urbano. É possível dizer “morte da paisagem?” Claramente que não; entretanto, a abordagem em torno desse termo refere-se

¹⁵ Ou seja, o contexto crítico cultural.

ao fato do tamanho estranhamento causado devido à introdução de muitas características globais no espaço social. O modelo visual de belas paisagens, vilarejos calmos e arquiteturas clássicas foi paulatinamente sendo suplantado pelos problemas ambientais, o trânsito caótico, a deterioração material e a artificialidade das paisagens. Nesse contexto, as belas paisagens acabaram dando lugar às paisagens símbolos do descaso socioeconômico, político e ambiental.

Desse modo, a expressão “morte da paisagem” está muito ligada ao debate ambientalista, frente aos grandes problemas de degradação da natureza e da própria organização social. A paisagem não se esgota, não morre (LUCIARI, 2001). O que muda é a forma de olhá-la através dos contrastes que emergem da vida em sociedade urbana, não visualizando somente os aspectos culturais paisagísticos e que atraem turistas, mas considerando que “O padrão arquitetônico da cidade também segrega, separa, expulsa” (CARLOS, 2015, p. 21). Todavia, há também uma preocupação em torno da estetização da paisagem, trazendo uma externalidade pelo consumo e vida contemporânea.

A espetacularização urbana é um fator a ser considerado quando se aborda a imagem da cidade, a qual embute várias necessidades, sendo a principal a de ação político-econômica. Visa-se, com isso, criar ou reformular áreas mais adequadas aos padrões globais e tecnológicos, disciplinando o uso do solo urbano, em um “embelezamento estratégico” em que tudo aquilo ou aqueles que são considerados inadequados são empurrados para novos locais (LEME, 2009).¹⁶ É também dessa espetacularização da paisagem urbana na contemporaneidade que se sugere a sensação de morte da paisagem ou o sentimento de não-pertencimento e de estranhamento (CARLOS, 2001; 2008, LUCIARI, 2001). De modo geral, no contexto contemporâneo, converge fortemente à máxima mercantilização dos espaços, denotando às paisagens um não sentimento de pertencimento.

O desenvolvimento e a ampliação dos meios de transporte, comunicação e informação, técnicas de uso e aproveitamento dos recursos naturais, o comércio e a circulação de mercadorias influem na interpretação das paisagens. Isso remete às diversas nuances que a paisagem pode abarcar, desde a simbologia e o poder, como num jogo de mosaicos (COSGROVE, 2004; GOMES, 2001). Desse modo, diante de uma imagem do mundo moderno e globalizado, impera-se muito do artificializado e/ou sob a gerência dos interesses políticos e econômicos. Para tanto, Milton Santos (1988) chama atenção para o fato de outrora Carl Sauer propor a distinção entre o natural e o artificial, apoiado na construção do sujeito

¹⁶ Fato que se percebe quando os Arturos criticam a remoção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário para outra localidade.

como agente transformador no contato com o ambiente; logo, a produção do homem se fazia também na produção do espaço.

O mundo não é o mesmo! Assim, a distinção entre paisagem natural (pouco tocada pelo homem) e paisagem artificial (envolvida pelos meios de produção do homem e do espaço) é de difícil aplicabilidade. O que hoje não está sendo diretamente tocado pelo homem, está em sua dimensão de interesse. Há uma figura do homem, mesmo que não fisicamente (SANTOS, 1988). Todavia, as contribuições de Carl Ortwin Sauer para os estudos geográficos foram muitas e, de fato, uma das mais valorosas delas e que pode ser considerada como expansiva a todos os campos de estudo, é a de desconfiar dos rótulos preestabelecidos, como discorre: “Os rótulos geografia, bem como o rótulo história, não é uma indicação confiável em relação ao conteúdo” (SAUER, 2004, p. 12). Pode-se correlacionar isso ao urbano, onde o modo, o ritmo, o pensar e o agir da vida não podem ser rotulados somente pela imagem nua e crua e, sim, relacionando às redes e à estrutura social. O movimento na paisagem acontece no dia a dia, e, para compreender os espaços da cidade, é fundamental considerar as formas de relações entre os homens, como o conhecimento da língua e literatura (MATOS, 2007). Para alguns autores, os sistemas lógicos e a noção de integração ecossistêmica compreendem grande potencial influenciador na paisagem como objeto de investigação geográfica (BOBEK e SCHMITBÜSEN, 2004; KELTING e LOPES, 2011).

Percebe-se, nessa abordagem do tema, que a paisagem é enxertada de vieses de análise; ora pode ser estudada pela aproximação de sua formação natural, ora embrenhando-se na sua composição como resultante da ação do indivíduo no seu meio, ora como percepção e memória. O que em comum pode-se inferir é que a paisagem está rotineiramente se metamorfoseando. Para Bobek e Schmitbüsen (2004, p. 81), “A humanidade pertence ao mundo biótico e participa de seus caracteres e leis até o ponto em que pode ser modificada pela liberdade”. Essa liberdade refere-se à capacidade do homem de autonomia para agir em seu meio, ou a capacidade de mudança. Fato que conversa com a abordagem de Carl Ortwin Sauer (1889-1975), o qual, segundo Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (2004, p. 7), “[...] em 1925, definiu a paisagem geográfica como o resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural”, sendo um dos precursores a discutir a temática e buscar amparo na fenomenologia.

A paisagem contém, então, um caráter integrante a um sistema mais amplo, é uma visão como unidade orgânica; para tanto, no texto “A morfologia da paisagem”,¹⁷ Carl O. Sauer advoga para a aplicação do método morfológico.¹⁸ À vista disso, a paisagem não é somente uma cena a ser vista e descrita pelo observador, ela compreende as mútuas relações com seu entorno mas também contém suas peculiaridades e individualidades. Nenhum lugar é genuinamente idêntico a outro, são relacionados.

Interessa atentar na ideia de que a natureza e a sociedade são indissociáveis (SAUER, 2004). Na atualidade, podemos acrescentar mais elementos, tais como o próprio processo de globalização e a urbanização. Então, mesmo diante das críticas a C. Sauer, é importante salientar que, como discorre o autor (2004, p. 68): “Nós nos preocupamos com a importância do sítio em relação ao homem e também com as transformações desse sítio”. Dito isso, evidencia-se a importância de se entender o olhar com base nas experiências adquiridas na vivência com o meio. “Para C. Sauer, [...] não se trata apenas de adição de elementos, mas de uma interdependência, sujeita também à ação do tempo” (MAXIMIANO, 2004, p. 86). As maneiras de interpretar a paisagem foram mudando, assim como as produções nos espaços e lugares.

A história acerca das definições de como conceber a paisagem está relacionada à própria história de vida da sociedade, ou, de maneira mais contundente, está relacionada ao modo de o homem perceber o seu meio, visualizá-lo. Desse modo, a visão não ocorre desconexa do próprio sujeito, então, ela não é desprovida dos anseios sociais, da interpretação do mundo, do convívio social, princípios, símbolos e também não é livre dos parâmetros políticos e econômicos. Nesse contexto, se a paisagem é o estudo da observação do meio, ela não é livre da carga que o modo de ver carrega.

A paisagem sempre existiu, o que vai mudando, com o passar dos tempos, é o modo de interpretá-la e as variáveis que lhe vão sendo colocadas. Se, no passado, a paisagem era obra dos artistas (até o século XVIII), outrora, ela foi associada à natureza e seus aspectos

¹⁷ Publicado originalmente como “The morphology of landscape”, University of California, *Publications in Geography*, vol. 2, nº 2, 1925, pp. 19-54. Traduzido por Grabielle Corrêa Braga. Revisão de Roberto Lobato Corrêa, Departamento de Geografia, UFRJ.

¹⁸ Claramente, o próprio autor pontua suas críticas e limitações da aplicabilidade desse método, entretanto, para tal, o método morfológico pode contribuir para estudos da forma da paisagem e dar embasamento para avanços conseguintes, principalmente exploratórios além da descrição puramente. “[...] o método morfológico de síntese, um específico método empírico”. Segundo Sauer (2004, p. 31), “A morfologia se apoia nos seguintes postulados: 1) que existe uma unidade de qualidade orgânica; ou seja, uma estrutura para a qual certos componentes são necessários, esses elementos componentes sendo chamados “formas” nesse estudo; 2) que a semelhança de forma em estruturas diferentes é reconhecida em função da equivalência funcional, as formas sendo então “homólogas”; e 3) que os elementos estruturais podem ser dispostos em série, especialmente em sequências de desenvolvimento, indo de um estágio incipiente a um estágio final ou completo”.

físicos; depois, a paisagem se torna a forma de visualização dos símbolos e cultural, alcançando também na atualidade como reflexo dos contrastes contemporâneos (GOMES, 2004; LUCHIARI, 2001; MAXIMIANO, 2004; MOREIRA, 2007). “Genericamente podemos dizer que, a partir da década de 1950, a paisagem geográfica deixa de ser local, regional, e passa a conter uma série de signos que remetem a fluxos em conexão no mundo” (LUCHIARI, 2001, p. 16). Dessa imensa dimensão que é a geografia da paisagem, Bobek e Schmitbüsen (2004, p. 78) discorrem que: “[...] as ideias sociais ou religiosas, as inovações etc. estão presentes no objeto geográfico”.

Na geografia cultural, Augustin Berque (2004, p. 84-85) chama atenção para as paisagens-marca e as paisagens-matriz. A marca se assemelha a fazer um inventário, descrevem-se todas as suas características. Já a matriz não se contenta em explicar a paisagem enquanto objeto, precisa-se valorizar o olhar do sujeito, a sua consciência, de certa forma, a sua maneira de ver. De acordo com Berque (2004, p. 87), todos os estudos geográficos tendem a fazer um inventário a fim de responder a seus questionamentos sobre o objeto de pesquisa, e, no contexto cultural, é possível fazer isso, porém, com perguntas diferentes e mais aprofundadas.¹⁹

No caminho de uma geografia cultural mais crítica, para Cosgrove (2004, p. 98), “A paisagem sempre esteve intimamente ligada, na geografia humana, à cultura, à ideia de formas visíveis sobre a superfície da terra e à sua composição”, um conceito complexo que está ligado à maneira de ver o mundo e harmonizar as relações da vida em uma “cena” ou unidade visual. É possível perceber também como as classes dominantes utilizam as paisagens como suporte para ideologias, principalmente, as relacionadas ao poder e controle através da supremacia social e política (CLAVAL, 2002a). Assim sendo, “Uma geografia cultural renovada [...] consideraria a paisagem como um texto cultural, mas reconhece que os textos têm muitas dimensões, oferecendo a possibilidade de leituras diferentes, simultâneas e igualmente válidas” (COSGROVE, 2004, p. 101). Pode-se dizer que, em uma nova

¹⁹ Augustin Berque (2004, p. 88 – 89) elabora um exemplo de possível inventário no estudo da paisagem em geografia cultural. “Esquemáticamente, o procedimento poderia ser [...] o seguinte: **1) O inventário eco-geográfico:** como e em que grau tal sociedade transformou a natureza do seu ecúmeno através da agricultura, habitar etc.?; **2) O inventário das representações:** como tal paisagem é percebida? Como tal sociedade evoca e idealiza sua relação com a natureza (pintura da paisagem, literatura, jardins, etc.)?; **3) O inventário dos conceitos e dos valores:** como tal sociedade concebe e julga o natural, o artificial, o sobrenatural, a natureza humana, a própria natureza etc.? Como esse quadro mental se traduz nas projeções de ecúmeno (nos planos de arquitetura, de urbanismo, na organização territorial, nas utopias)?; **4) O inventário das políticas:** como tal sociedade gera, efetivamente, seu patrimônio eco-geográfico? Que instituições cria para organizar seu ecúmeno e qual a eficácia destas instituições?; **5) O exame sintético** dessas diversas rubricas, fazendo com que se iluminem reciprocamente [...]”

abordagem da geografia cultural, tem-se uma perspectiva mais crítica da relação homem/meio ambiente e da relação com o sistema de poder (CLAVAL, 2002a).

As principais influências, de acordo com Denis Cosgrove (2004), para os estudos da paisagem estão nas novas abordagens da geografia cultural moderna, que leva em consideração: a *consciência, a natureza e o poder*. Nesse contexto, para Schama (1996, p. 28), “[...] a paisagem nem sempre é mero “local de prazer” – o cenário com função de sedativo, a topografia arranjada de tal modo que regala os olhos”. Muitas das dimensões, na atualidade, remetem a imagens de um cenário condicionado a interesses dos setores dominantes da sociedade.

Ademais, as ações de apropriação do espaço promovidas pelos indivíduos são capazes de transformar as paisagens, formando novas paisagens ou coexistindo em comunhão com as antigas. Para Saquet (2009, p. 79), “A natureza exterior ao homem também está presente na formação de certo território, como espaço geográfico, que está intimamente ligado à construção histórica da paisagem e do território”. São também as necessidades político-econômicas e sociais que se conformam material e imaterialmente nas paisagens (PESAVENTO, 2004; SANTOS, 1988). Para explicar a dimensão da realidade social, é preciso não somente partir do encantamento e do ordenamento de belas imagens da cidade mas também da oportunidade do diálogo com os elementos que compreendem as manifestações sociais (CLAVAL, 2002b; LUCHIARI, 2001, MAXIMIANO, 2004).

Assim como Milton Santos (1988), para Olivier Dolffus, em comentário contido no texto de Augustin Berque (2004, p. 89) sobre o conceito de paisagens: “Elas assumem, igualmente, na expressão de Pinchemel, funções de ‘palimpsesto’. É ainda, por meio de uma história de longa duração que se constitui um sistema ‘população/cultura/espaço’, [...]”. Por isso, a paisagem remete a múltiplas interpretações e abordagens. Na contemporaneidade, deixa vários questionamentos derivados da intensidade de como o mundo está sendo transformado com tamanha rapidez. Desse modo, também, para Luchiari (2001), assim como Milton Santos, a paisagem na contemporaneidade é palimpsesto. Logo, a transformação da forma da paisagem, bem como do espaço, visa atender às novas necessidades da estrutura social, assim como associada à categoria estética da territorialização urbana (SANTOS, 2007; SOLINÍS, 2009). Fato que leva a pensar se será essa a imagem que se tem de “fora dos muros” do lugar que, neste caso, é a Comunidade dos Arturos, onde a paisagem é de uma cidade que teve e tem o seu espaço paulatinamente transformado para uma realidade urbana. E ainda se isso induz à sensação de topofobia.

Por ser a paisagem incorporada do passado e do presente, não é possível conhecer sua história apenas pelas formas e considerá-las pelos instrumentos que possuía e possui. É preciso relacionar também aos fatores históricos, culturais, políticos, sociais, econômicos, enfim, às condições de vida que ali existiram e se fazem, principalmente, no caso das cidades, onde há sobreposição de necessidades e interesses. Para Melo (2001, p. 33), “[...] todo ambiente que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, influencia sua conduta”. A partir dessa perspectiva, assim como o contato com os elementos cotidianos influem na construção da imagem da paisagem, também afeta física e espiritualmente aqueles que vivem nela (ARRAIS, 2001; KELTING e LOPES, 2011). Além da delimitação e determinação do conteúdo da paisagem, nas cidades vive-se a “falta de tempo” para visualizar o seu espaço e poder se permitir ao aconchego e segurança do lugar.

Se quem produz e reproduz o espaço urbano é a sociedade, esse é corriqueiramente reorganizado, devido à pressão dos condicionantes sociais, políticos, econômicos e o inter-relacionamento do local e o externo. Fatos esses que, relacionados, moldam o espaço e, concomitantemente, a paisagem das cidades. “Se a paisagem é representação, não se esgota: reproduz-se, renova-se, regenera-se, tal qual as sociedades” [*sic*] (LUCHIARI, 2001, p. 22). A paisagem, assim sendo, é resultante de um mosaico de processos agindo no espaço de acordo com tempos e necessidades diversas. Dito isso, talvez esteja na grande mudança da paisagem urbana o sentimento de estranhamento e não pertencimento, pois tem muitos elementos voláteis; em contrapartida do lugar, que tem uma paisagem mais ligada ao pertencimento e com um tempo maior de ligação, em que as mudanças vão sendo paulatinamente feitas, não desrespeitando o tempo dos sujeitos em detrimento do tempo da obra, motivação do estudo de caso na Comunidade dos Arturos.

2.2 - A paisagem e a cidade: Produção do espaço-tempo cotidiano

“Eu estava dormindo e me acordaram.
E me encontrei, assim, num mundo estranho e louco...
E quando eu começava a compreendê-lo.
Um pouco,
Já eram horas de dormir de novo!”
(MARIO QUINTANA, 2007).

“O tempo é fundamental para as nossas vivências no mundo” (PÁDUA, 2013, p. 59). Mediado ao tempo e ao espaço, há o “corpo”, e é nessa relação que se percebe o “mundo” em que está inserido. É através do “corpo” que se tem consciência espacial, que se interage com o

mundo, e é por seu intermédio que se cria a percepção do que é valoroso e o que se destaca como contraste de desagrado (HOLZER, 1997; PÁDUA, 2013; TUAN, 1983).²⁰ Esse “corpo” é o próprio indivíduo, que, outrora, foi corresponsável por construir a cidade e, hoje, vê-se estranho naquele meio, onde o aspecto exterior ganha grande destaque, e o seu sentimento de apego pela cidade vem sendo suplantado pela necessidade de se integrar ao sistema acelerado e desigual citadino (CARLOS, 2014).

O tempo, ora, como se passa na cidade? Em constante movimento! É como se a vida na cidade tivesse um ritmo cronometrado, intenso, diariamente, de acordo com as relações espaço-temporais. Para Françoise Baon e Hervé Raynaud, em discurso no livro “Redécouvrir le temps” de Ilya Prigogine (1988, p. 235), o ritmo das metamorfoses urbanas ocorre de maneira cronometrada, tanto microscópica quanto macroscópica. “C'est que la ville est une structure spatio-temporelle et que l'espace urbain entretient avec le temps chronométrique des rapports rythmés”. Assim, pensar sobre o tempo na cidade requer aporte nas relações espaço-temporais e como a sociedade se porta em seu meio. Para Carlos (2015, p. 18), “O tempo passa a mediar a vida das pessoas, do seu relacionamento com o outro, uma relação coisificada, mediada pelo dinheiro e pela necessidade de ganhá-lo. “TIME IS MONEY””. Fato que se contrasta com a vivência no interior da Comunidade dos Arturos, a qual não é unicamente mediada pelo dinheiro, mas, sobretudo, pelo elo familiar e com o lugar. Enquanto que a cidade é muito vista como uma fonte de obter recursos e mercadorias, em contraste com o lugar.

Em contrapartida, há o tempo no lugar que é mais “lento” ou mais “demorado”, não que haja mais horas no dia, mas, sobretudo, porque há uma relação entre o local e as pessoas que ali habitam, o que faz com que se tenha mais tempo dedicado a apreciar o pertencimento que dali surge; e distanciando do materialismo que gera o desconhecimento do indivíduo no espaço citadino, motivação da ponderação da geografia crítica à produção da paisagem urbana. Para tanto, o lugar para a fenomenologia permitiria a quietude ao olhar e ter experiência com o local.

Seguindo a análise crítica, abordar-se-á sobre o debate a respeito da vida na cidade, pois isso muito interfere no modo de ver e absorver a paisagem por qual trafega, mesmo que corriqueiramente. A cidade reproduz o apressamento da linha de produção para a fluidez do

²⁰ Esses autores são da abordagem fenomenológica, entretanto, neste momento, apesar de imbuir bastante em textos de autores com fundamentação crítica e filosófica, tornam-se importantes por trazerem um debate acerca da relevância da relação do corpo e do tempo para percepção do espaço. E, deixando as dissidências de lado, ao pensar a percepção da cidade, tanto as experiências construídas no lugar e as perceptíveis dos contrastes do urbano se conectam ao olhar para a paisagem.

próprio homem; não é lucrativa a perda de tempo, assim, o tempo e o espaço são tão frenéticos que transitar nas ruas não implica que se visualize a paisagem em seus detalhes. Aos olhares apressados da correria cotidiana, as cores da cidade podem não ser as mesmas e se é que se pode ver cor, os sons aglutinam-se em ruídos, e as cenas percebidas são ora caóticas, movimentadas, vistas de relance e/ou externas ao sujeito. Sobre a abordagem do tempo na cidade, Georg Simmel (2005, p. 580) discorre que, “Se repentinamente todos os relógios de Berlim andassem em direções variadas, mesmo que apenas no intervalo de uma hora, toda a sua vida e tráfego econômicos, e não só, seriam perturbados por longo tempo”. É como se cada tempo que se parasse ou fugisse do esquema programado confrontasse na perda de tempo. “Assim, a técnica da vida na cidade grande não é concebível sem que todas as atividades e relações mútuas tenham sido ordenadas em um esquema temporal fixo e supra-subjetivo”.

Ao entrar na discussão sobre o tempo e o indivíduo na cidade, faz-se pensar no seu papel nesse espaço, enquanto habitante. Se a cidade é nicho da diversidade, e o tempo nesse ambiente é intenso e em constante movimento, pode-se aferir, como afirma Park (1967), que a cidade é constituída de pequenos mundos, em um contexto mais geral, é uma luta para assegurar o direito a todos, sem que alguns se sobreponham aos demais, e outros sejam negligenciados. Se os moradores citadinos não tiverem o direito à cidadania adequada e coesa, certamente, não se sentirão pertencentes àquele espaço, e o estranhamento irá imbuir-se na visão daquela paisagem. Em contraponto, pode surgir também desse estranhamento da paisagem, uma luta por sua aceitação como parte da cidade. Em uma entrevista concedida a Gandin e Hypolito (2003, p. 11) sobre globalização, multiculturalismo e conhecimento, Boaventura de Souza Santos discorre sobre a cidadania:

Portanto, a cidadania como um encargo, a cidadania como uma missão pública, a cidadania como uma prioridade do serviço à comunidade e à solidariedade e não apenas a cidadania passiva, reduzida a um conjunto de direitos pelos quais se luta, outras vezes nem isso e que no fundo fazem com que a vida privada e nomeadamente a vida econômica absorva totalmente o cidadão e o transforme no fundo num espectador, relativamente passivo do jogo político e do círculo político que à volta dela se desenrola.

Certamente, nessa abordagem, Boaventura de Souza Santos (2003) não se referia à paisagem, nem mesmo às cidades em seu contexto unitário, ele se referia à abordagem global que vem se inserindo no modo de vida dos indivíduos e dos grupos. Entretanto, pode-se inferir dessa sua colocação sobre a cidadania a necessidade de que se deva partir de dentro das cidades e suas governanças a valorização do local, de suas características culturais e

históricas, não somente privilegiando o aspecto político. O próprio Souza Santos (2003, p. 9) comenta que “O global é o local sem paredes [...]”. É dar voz e poder ao local, para que ele não morra em detrimento de uma paisagem com características cada vez mais modernas e impessoais.

Decorrente de processo de transformação dos espaços das regiões metropolitanas, ocorre um “desencontro” e até mesmo contradições entre o indivíduo e a cidade. As transformações nas cidades, principalmente metropolitanas, levam em conta, primordialmente, o interesse de conexão comercial e dos diversos espaços da cidade, de modo que se faz mais destacado o tempo necessário para a obra, desconsiderando o tempo dos cidadãos; isso conduz à sensação de vulnerabilidade e até mesmo de que a cidade seja feita para atender a fins superiores aos dos seus moradores. Assim sendo, o habitante se desconhece como transformador da paisagem na qual está inserido, inferindo que ela seja apenas um retrospecto das necessidades de mercado/econômicas e políticas.

A abordagem do tempo e do espaço pode ser parte do processo de estranhamento em relação à cidade. Para Santos (2007, p. 60), “A noção de tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado”. É justamente por ser a paisagem composta de fragmentos do passado e do presente que se torna um importante aspecto para compreender a cidade. Desse modo, “[...] para se explicar a organização atual do espaço, externada em grande parte na paisagem, é necessário que se encare, de forma dinâmica, duas grandes categorias – espaço e tempo, [...]” (ANDRADE, 2004, p. 29). O espaço representa a maneira de elaborar um mundo, ele é vivo, pulsa, ou seja, está em movimento; assim, o tempo se imbrica a ele como experiência e à própria ideia de movimento, liberdade, ou não.

É possível abstrair do tempo o sentimento de distância, passado, e é um modo também de compartilhar experiências entre os povos, as cotidianidades. Na cidade moderna, a noção de tempo e espaço é fundamental para se situar sobre a historicidade, e, principalmente, para se situar à sua própria vida diária, ao cotidiano atarefado. Enquanto, no lugar, as relações permitem uma maior possibilidade de encontros, já que indica estar em casa.

A vida diária na sociedade moderna requer que estejamos conscientes do espaço e do tempo como dimensões separadas e como medidas transponíveis da mesma experiência. Preocupamo-nos se há espaço para estacionar o carro, se chegaremos atrasados para um encontro e, até mesmo quando calculamos a distância do estacionamento ao escritório em termos de tempo, gostaríamos de ter reservado um espaço de tempo bem maior para o encontro. (TUAN, 1983, p. 133).

Para Michel de Certeau, em “A invenção do cotidiano” (1998), sobre o tempo acidentado e abordando sobre a cidade: é o tempo acidentado que narra a cidade, representando a noção de indeterminada, com necessidades distintas e respostas funcionais. “Seria deixar aos seus habitantes apenas os pedaços de uma programação feita pelo poder do outro e alterada pelo acontecimento” (1998, p. 311-312). Assim sendo, a cidade é uma massa gigantesca de muitas relações, um simulacro de intensas mobilidades, em que, ao trafegar pela rua, há um sentimento de ser pequeno perante o contexto que o rodeia, o tráfego e o tempo contado e corrido. Então, nas ruas da cidade, estão os habitantes “caminhantes” que vivenciam o “texto” urbano que escreveram, mas se sentem impelidos a apenas seguirem o fluxo.

Os interstícios usados por Certeau (1998) para abordar o cotidiano e a cidade perpassam pelo indivíduo e suas práticas cotidianas; entretanto, é por meio das relações sociais que se vai determinando o próprio indivíduo, e, por isso, faz-se necessário estudar as práticas cotidianas como ações no e do espaço. O indivíduo não é paralisado frente às transformações do mundo, ele está lá exprimindo suas criatividadees, mesmo em uma sociedade do consumo.

Como pondera Luce Giard, numa avaliação retrospectiva vinte anos depois, uma pesquisa análoga nos dias atuais teria que levar em conta uma outra realidade, que inclui fenômenos como a desestruturação do tecido social e o desmoronamento das antigas redes de pertencimento, em que a transmissão entre gerações tornou-se cheia de lacunas. As transformações da vida ordinária atingiram a apropriação do espaço privado e público; os ritos de trocas adquiriram novas configurações em virtude dos novos recursos tecnológicos disponibilizados para os consumidores. (BITTENCOURT, 2012, p. 7).

Atualmente, então, partindo da análise do cotidiano e imbricando na abordagem da paisagem, cabem vários questionamentos sobre a vida cotidiana e a produção da paisagem a partir das suas múltiplas relações. À vista disso, pensando sobre a paisagem urbana, pode-se concebê-la assim como é para Milton Santos (1988; 2007), como um acumulado de tempos diferentes. Quando se busca o significado da paisagem, na verdade, vem muito da cultura e dos meios de apropriação do espaço. “[...] é difícil recuperar o significado de tais formas para os que as produziram e, na verdade, a interpretação que fazemos deles nos diz tanto sobre nós mesmos e nossas suposições culturais quanto sobre seu significado original” (COSGROVE, 2004, p. 117).

Considerando o tempo e a noção de escala, se o espaço representa uma amplidão, a paisagem, não. “Não se pode falar de paisagem total, pois o processo de produção é

espacialmente seletivo” (SANTOS, 2007, p. 60), fato que também direciona a pensar na relação entre a sociedade, as cidades e as paisagens. Se, no passado, as mudanças eram lentas e aconteciam de dentro para fora, bem como a divisão do trabalho era mais simples, na atualidade, as influências tomam a dimensão mais externa e complexa. “É por isso que a sociedade não se distribui uniformemente no espaço: essa distribuição não é obra do acaso. Ela é resultado de uma seletividade histórica e geográfica, que é sinônimo de necessidade” (SANTOS, 2007, p. 61). Assim sendo, as necessidades vão sendo incorporadas no espaço, resultando em transformações na paisagem. Chama-se atenção, então, para a cidade moderna, onde as suas relações envolvem para além do interno mas também o efeito das conectividades externas, em diversas escalas. Para Clark (1991, p. 17), “A cidade moderna é o produto de um processo de desenvolvimento extremamente longo, [...] a cidade tornou-se foco central da atividade econômica e social e de influência na moderna sociedade urbana”. E, segundo Silva (1997, p. 13), “[...] há convicção de que o mundo é bem mais complexo do que seus postulados teóricos dão conta. Há uma perplexidade compartilhada diante da insuficiência das explicações e da consciência da dimensão do que permanece desconhecido”. Logo, as paisagens das cidades são um misto de possibilidades, na realidade, resultantes de diferentes usos dos espaços e conexões com os lugares.

Os elementos novos e velhos das paisagens urbanas representam mudanças das necessidades e ritmos da vida, em que a aparência da paisagem pode ser “caótica” e nada estática, como para Carlos (2008, p. 48): “Sob esta aparência estática se esconde e se revela todo o dinamismo inerente ao próprio processo de existência da paisagem, uma relação fundamentada em contradições; em que o ritmo das mudanças é dado pelo ritmo de desenvolvimento das relações sociais”. Dentro dessas condições, quando a sociedade cria a vida material, ela também está denotando as suas representações, ideias, necessidades e maneiras de ver o mundo no qual está inserido. A paisagem, desse modo, não é somente o concreto mas também as abstrações que fazem dela contexto da reprodução do modo de vida do homem nos diferentes momentos.

Para tanto, na geografia, no bojo das mudanças que ocorrem em virtude das novas espacialidades na atualidade, duas perspectivas abraçam o debate acerca das paisagens. Uma no contexto do “materialismo histórico”, debatido no seio da geografia crítica, refletindo sobre a questão política, social e econômica que acomete os espaços urbanos e, concomitantemente, a geográfica humanística, de base fenomenológica, considerando questões subjetivas e valores, por sua ênfase nos lugares e paisagens (SILVA, 1997). Apesar de ser difícil, na intensa circularidade da mobilidade urbana, perceber identidade entre as

pessoas, há momentos, encontros e lugaridades que permitem esse elo, em que a paisagem represente uma sensação agradável, tranquila ou acolhedora. Assim como o estranhamento e os não-lugares existem na cidade, em contrapartida, os lugares e a sensação de “lar” também são possíveis, como no interior da Comunidade dos Arturos. Abrindo campo para o debate em ambas as abordagens e linhas, entre contrastes e afetividades e espaços e lugares.

Contudo, outra abordagem que também chama atenção ao se referir à paisagem urbana, é se ela seria na verdade um condensado de muitos discursos, sendo, principalmente, um quadro das necessidades político-econômicas. “Muitas vezes entendemos, especialmente nas cidades, as constantes alterações na paisagem como algo normal, como uma necessidade imperativa do ‘progresso’, sem nos preocuparmos com as ambiguidades e interesses dessas alterações” (ARRAIS, 2001, p. 221). As constantes mutações na paisagem estão atribuídas aos fluxos e fixos da cidade e feitas de acordo com discursos. Dessa forma, o próximo tópico aborda sobre as paisagens nas cidades e imbuí-se na discussão da geografia crítica, relatando as preocupações com as transformações das paisagens urbanas e os condicionantes estruturais da experiência humana, em que o urbano molda seus ritmos de vida.

2.3 – Paisagem urbana: Entre contrastes e necessidades

O urbano marca não só o ritmo da vida, mas o modo de vida e o pensar a vida. (CARLOS, 2008, p. 58).

A cidade é como um misto de apropriações e operações para se adequar ao perfil cada vez mais moderno e móvel. Pensar na morfologia urbana, em constante transformação para se adaptar às necessidades que lhe são incorporadas, revela os novos sentidos dados ao uso do solo urbano; a modernidade se impondo sobre as ruínas históricas. Nesse processo de transformação da cidade, o que se vê na paisagem urbana é o “[...] movimento dado pelo ‘vaivém’ da vida urbana” (CARLOS, 2008, p. 58), revelando as estratégias de ocupação e as técnicas e usos dos espaços. Nessa direção, para Carlos (2001), a rua é um elemento revelador dos ritmos da cidade e os diferentes usos espaço-temporais da dimensão urbana, “No panorama das ruas se pode ler a vida cotidiana: seu ritmo, seus conflitos, [...] as vitrines onde o ritual da mercadoria inebria pelo contraste das construções, de suas fachadas, comandando os passos, os usos e as cores” (p. 56).

Se, por um lado, chama atenção o fato de a vida cidadina ser tão conturbada e complexa em suas relações sociais, há, também, o dinamismo das estruturas econômicas e políticas que se impõem sobre o espaço, e os lugares que tentam resistir com suas

características próprias. Assim, as transformações que se estabelecem no espaço urbano estão relacionadas à economia metropolitana, resultante de uma homogeneização e hierarquização dos lugares. O espaço urbano pode ser visto como condição/produto da acumulação, resultante no sentido de reprodução do espaço da metrópole, revelando as necessidades das gestões públicas e dos setores da economia, e necessidades da preservação ou renovação da paisagem para se adequar ao contexto da reprodução do capitalismo moderno.

Desse modo, da observação da paisagem urbana, podem-se distinguir dois elementos, segundo Carlos (2008): um relacionado ao espaço construído, e outro, referente ao movimento da própria vida, ou seja, um material e outro mais abstrato incorporado da cotidianidade. Embora a própria autora, em outra abordagem, chame atenção para o fato do processo de reprodução geral da sociedade, “[...] a mundialização também produz modelos éticos, estéticos, gostos, valores, moda, constituindo-se como elemento orientador, fundamental à reprodução das relações sociais” (CARLOS, 2001, p. 20). Nesse contexto, as mudanças ocorrem da articulação entre esses vieses de transformação da paisagem, pondo em vista que as implicações das interferências externas (fora das governanças locais) afetam tanto a configuração do espaço construído, como a própria maneira de a sociedade conceber seu meio, ou vivenciá-lo.

Em poucas palavras: as cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização. Os cidadãos e aqueles que foram eleitos como seus representantes estão diante de uma tarefa que não podem nem sonhar em resolver: a tarefa de encontrar soluções locais para contradições globais (BAUMAN, 2009, p. 11).

É nesse sentido que, ao abordar o espaço citadino, convém, igualmente, pensar no papel do homem na composição do espaço e do lugar. Se a paisagem citadina se torna um quadro das necessidades econômicas e das gestões das governanças locais e externas, há uma sobreposição dos interesses de base econômica na imagem da cidade (ARRAIS, 2001; MOREIRA, 1994; CARLOS, 2008 e 2015) em detrimento dos aspectos culturais e simbólicos. Outro contraste são as disparidades sociais que impõe à paisagem urbana a característica de desigual, onde ora o espaço é bem equipado, com uma ótima infraestrutura e acessibilidade, ora ele é deplorável e simboliza o descaso político-social. Desse modo, é exatamente resultante do contraste da imagem da cidade que se percebe a discordância do discurso político-econômico. “Não resta dúvida de que a paisagem não é fruto de uma mera soma de elementos homogêneos, mas de uma interdependência de fatores heterogêneos e contraditórios que se integram no processo espacial” (CARLOS, 2008, p. 57). Logo, Leonardo Benevolo (1994, p. 44) discorre que “De nada serve replicar que as coisas sempre

estão melhor que outrora. As pessoas vivem no presente, não no passado. O descontentamento nasce do contraste entre aquilo que se sabe ser possível e o que efetivamente existe”.

Na crítica ao contexto capitalista da forma da cidade, segundo Camargo (1976, p.23), “A distribuição espacial da população na cidade acompanha assim à condição social dos habitantes, reforçando as desigualdades existentes”. O agravamento das dificuldades derivadas da distribuição espacial da população afeta a todos, contudo, prioritária e mais agravadamente aos de baixos rendimentos financeiros ou desempregados, ou seja, a população de baixa renda. Devido ao crescimento desordenado da cidade, os problemas são corriqueiros e vividos cotidianamente por uma grande parcela da população. O trânsito e os meios de transporte são a face do crescimento desordenado, pessoas abarrotadas em um sistema comum de transporte precário; as segregações de classes inseriram os mais pobres nas áreas mais precárias e mais afastadas, denotando a criação de favelas e áreas periféricas amplamente precárias; as doenças se proliferam nas áreas menos assistidas pelo poder público e privado, onde mais se precisa; o mínimo da infraestrutura existente é defasado e mal distribuído. Assim, é o caráter da ausência de um Estado coeso, onde a assistência não ocorre de maneira democrática, e o planejamento que, a longos saltos, deixa espaços sem o mínimo de assistência, forjam pessoas abarrotadas nas mazelas do mínimo que se amontoam na lógica desordenada das cidades. “Pois é o capital – e não a força de trabalho – que deteriora a vida metropolitana. Para o capital a cidade é fonte de lucro. Para o trabalhador é uma forma de existência” (CAMARGO, 1976, p. 61).

Todos sabem que viver numa cidade é uma experiência ambivalente. Ela atrai e afasta; mas a situação do cidadão torna-se mais complexa porque são exatamente os mesmos aspectos da vida na cidade que atraem e, ao mesmo tempo ou alternadamente, repelem. A desorientadora variedade do ambiente urbano é fonte de medo, em especial entre aqueles de nós que perderam seus modos de vida habituais e foram jogados num estado de grave incerteza pelos processos desestabilizadores da globalização. Mas esse mesmo brilho caleidoscópico da cena urbana, nunca desprovido de novidades e surpresas, torna difícil resistir a seu poder de sedução (BAUMAN, 2009, p. 19).

A cidade, então, é o choque de contrastes e das diferenças, sendo, principalmente as grandes cidades, regidas pelos interesses das atividades financeiras, transporte, serviços gerais e, claro, as redes de circulação. Para Carlos (2008, p. 51), sobre a cidade, “[...] o modo de utilização será determinado pelo valor que, em seu movimento, redefine constantemente a dinâmica de utilização do solo [...]”; é a partir de tal dinâmica que o solo urbano é redistribuído de acordo com a necessidade de uso da área. Com base em tal redistribuição, há

um distanciamento entre quem constrói a forma “concreta” da cidade e quem, de fato, irá usufruí-la. Para as gerações mais velhas, a cidade muda tanto que se torna, a cada dia, diferente e menos acessível; Além do que, para os seus moradores, a cidade se impõe como um amontoado de signos, ideologias de crescimento, indispensáveis operações, concomitantes aos equipamentos dos espaços e modernização (SANTOS, 2013).

Destarte, na cidade, a típica paisagem urbana representa a disputa de usos do solo, os meios de consumo coletivo, as redes de circulação e os contrastes das diferenças e classes. Desse modo, a vida cotidiana das cidades (em especial as metropolitanas) se redefine constantemente e, com isso, perdem-se as características que outrora tiveram e ainda se mantêm nas cidades interioranas e nos lugares tradicionais,²¹ como a “prosa” no portão ao entardecer, a solidariedade, as brincadeiras das crianças após chegarem da escola e os encontros ao ar livre, hoje, substituídos por idas aos *Shoppings centers*.

De acordo com o abordado, marca muito o desaparecimento das formas características da história da sociedade no espaço da vida urbana e seus modos de relacionamento. Não que tudo deva sempre permanecer como está, e que as formas nunca devam ser transformadas, mas que tais sejam correlatas com o “mundo social” que ali habita e não somente reflexo das necessidades político-econômicas. Dessa forma, as paisagens sempre estiveram em constante transformação, assim como os ideais sociais e econômicos (LUCHIARI, 2001). Para Olivier Dolfus (2004, p. 90),²² “No mundo, porcentagens cada vez maiores da população vivem em ambientes sobre os quais os habitantes não têm poder. São, de alguma forma, habitantes em trânsito, numa paisagem dada, construída e organizada por outros”. Nesse sentido, pode haver distrofia da “imagem” que a sociedade tem do seu próprio espaço, principalmente, nas cidades onde a fluidez é intensa.

2.4 - Paisagem na metrópole: lugar ou não lugar

Dentre os caminhos trilhados até o presente momento, um deles foi o de contrastar as contradições materiais existentes na paisagem urbana, baseando-se na geografia humana e crítica, “Esse é um grande desafio, pois significa aliar aos condicionantes estruturais a experiência humana ou combinar a análise estrutural à fenomenologia” (SILVA, 1997, p. 19). Neste momento, embebe-se dos conhecimentos que a fenomenologia nos fornece sobre o

²¹ Fato que contrasta com a realidade vivida na Comunidade dos Arturos.

²² Comentário escrito por Olivier Dolfus da Université de Paris VII no texto de Augustin Berque “Paisagem – Marca, Paisagem Matriz: Elementos da problemática para uma Geografia Cultural” contido no livro “Paisagem, Tempo e Cultura” de Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (orgs.), 2ª ed. 2004, p. 84-91.

entendimento do lugar e as relações intersubjetivas, além de permitir uma leitura holística baseada no entendimento do fenômeno. De modo que nem só das críticas às formas da paisagem urbana se constitui a percepção do indivíduo mas também de seus anseios, modos de vida, simbologias, bagagem cultural e relações. Para tal, a consideração de lugar é um elemento importante no entendimento e a imagem que se constrói sobre o “mundo vivido”.

A priori, o debate centrou na paisagem e seus contrastes; neste momento, o viés imbrica-se em torno da concepção de lugar ou não-lugar na cidade, visto que a dificuldade de afeição por algumas paisagens da cidade pode estar relacionada a (ou até mesmo ser) uma rejeição por determinados lugares, pelo fato de os habitantes não os considerarem acolhedores, e, sim, artificializados em demasia, denotando o caráter de sensação de não-lugar, associando à tofofobia. No meio urbano, diante da complexidade de elementos e contrastes, intensifica-se a ausência de um sentido maior com o local, denotando a sensação de não-lugar. Sá (2014) advoga que, de acordo com Marc Augé, o que preocupa não é a existência de não-lugares, mas, sim, o excesso, ou a rápida substituição da sensação de lugar em sociedade, pela de não-lugar.

Associado a essa abordagem, há a relação dicotômica entre o homem e o seu meio, principalmente o urbano e a vida na metrópole. “A experiência na metrópole, portanto, está em sua própria constituição ligada à reserva [...]. A descontinuidade e a transitoriedade que lhe são características mantêm a base de relacionamento enfraquecida, pastosa” (MARANDOLA JR., 2014, p. 98). Desse modo, o que se opera nesse “mundo urbano” está muito associado à velocidade como as experiências com o lugar vão sendo imbuídas rapidamente pelas adversidades do espaço metropolitano. Não que a experiência com lugar se desfaça em relação à cidade, mas há uma dificuldade de transmissão dessa experiência (JACQUES, 2012). O foco tão centrado no movimento acaba se desconectando dos encontros e dificultando que se crie afeição pela cidade, encaminhando para sensação de um não-lugar. “Há tantos se movendo e se encontrando com tanta velocidade, intensidade e diversidade que a única forma psíquica de lidar com isso é não prestar atenção em tudo. Essa é uma das condições para o advento da multidão: outro traço essencial da metrópole” (MARANDOLA JR., 2014, p. 98).

Nesse contexto, as transformações do espaço citadino não estão somente relacionadas à infraestrutura e circulação mas também afeta o ritmo de vida do habitante que trafega todos os dias pelas ruas, tornando a cidade seu lugar (ou não). “Essa situação permite cada vez menos vermo-nos simultaneamente enquanto ator e espectador, pois o ritmo das mudanças ultrapassa o ritmo da vida – nada está parado à nossa espera, tudo muda constantemente” (SÁ,

2014, p. 2011). E é essa ausência de tempo no espaço citadino que implica sobre a sensação de lugar e repercute na forma de perceber a paisagem.

Todavia, nesse “mundo” de necessidades e histórias que são as cidades, onde fica o indivíduo e seu cotidiano? Cabe então abordar a discussão acerca do lugar. De acordo com Tuan (1983), para se sentir parte de um lugar, é preciso também se sentir pertencente a ele, integrado ao seu meio, ter afeição e conceber sentido como em um lar.²³ Essa abordagem remete à topofilia, um sentimento de simpatia, afeição ou mesmo de admiração por lugares ou paisagens. “Os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar” (TUAN, 1983, p. 158); assim sendo, brincadeiras nos fins de semana podem levar as crianças a criarem uma relação com o local, denotando o sentimento de lugar, bem como as idas, aos domingos, à igreja ou ao clube. Nas cidades, também pode haver o sentimento de pertencimento, não significa que seja um meio ambiente planejado, que ele é necessariamente um não-lugar. Para Tuan (1983, p. 125), “Em algumas sociedades, o prédio é o primeiro texto para transmitir uma tradição, para explicar uma visão da realidade”. Contudo, deve haver um sentimento por esse lugar.

Entretanto, nas cidades modernas, cada vez mais, o tempo é percorrido no trânsito, nas salas de escritórios, em frente às programações da televisão, e até mesmo o ato de “jogar conversa fora” nos portões foi trocado pelas salas de bate-papo e os novos aplicativos, sendo que, “Com a velocidade dos contatos e a eficiência das comunicações, a tecnologia cria, incessantemente, a sensação da comunicação, encobrendo a supremacia da não comunicação que ocorre na realidade” (CARLOS, 2014, p. 478).

Então, ao invés do sentimento de afeição, cria-se também a sensação de estranhamento. Esse estranhamento é resultante também do contraste e sentimento de não pertencimento ao lugar. Mesmo que o indivíduo tenha sido parte construtora da cidade, ele se sente distante, ao passo que ela representa suas angústias sociais, políticas e econômicas. É como se o indivíduo estivesse em uma cidade dos outros (CARLOS, 2008; SÁ, 2014). Além do estranhamento, há também a sensação de desagrado, medo, insegurança, insatisfação, desprezo por um lugar, e, para isso, Tuan (1983) propõe o conceito de topofobia.

Portanto, é importante reiterar que a identidade com o lugar está relacionada com a trajetória do sujeito, sua rede de conexões e relações. Qualquer lugar não está limitado ao seu próprio meio, ele pressupõe uma identidade e é histórico mas também é relacional (AUGÉ, 1994; MASSEY, 2004; SÁ, 2014). Principalmente, frente ao fenômeno da urbanização e da

²³ Tal qual a Comunidade dos Arturos.

globalização, as relações influem no entendimento do lugar. Desse modo, em meio ao concreto da paisagem urbana, há os lugares onde o pertencimento àquele solo é permissivo, onde a vizinhança não é formada por estranhos, e a solidariedade é possível. E são esses locais que devem ser valorizados, para que não se percam, na complexidade socioeconômica do urbano, as simbologias, o espírito e o contato entre os indivíduos, que os colocam como pertencentes à cidade, em um “habitar demorado”²⁴ e somente não “desenraizado”.

Lugar - de forma ampla, difere do espaço em decorrência das experiências vividas. Enquanto o espaço é abstrato e tem a conotação de liberdade, desprovido da segurança do lar e afeição, o lugar é acolhedor e tem significância para a pessoa ou grupo. Nesses locais, satisfazem-se as necessidades primordiais de alimentação, descanso, diversão, procriação e pertencimento (TUAN, 1983; SILVA, 1997). A personalidade do indivíduo se apoia na base adquirida no lugar. Para Frémont (1980), a mãe representa para a criança a primeira aproximação de lugar, e Tuan (1983, p. 32 e 33), em acordo, discorre:

Se definirmos lugar de maneira ampla como um centro de valor, de alimento e apoio, então a mãe é o primeiro lugar da criança [...] seu abrigo essencial e fonte segura de bem-estar físico e psicológico. [...] A mãe se move, mas para a criança, não obstante, ela representa estabilidade e permanência. [...] A criança fica desorientada – sem lugar – na falta da proteção dos pais.

À medida que a criança cresce, vai-se perdendo a única ligação da mãe com o lugar, e os objetos ao seu redor tornam-se parte da afeição e segurança com o local tido como lar. A vida adulta pressupõe o contato com o outro e o mundo ao redor; dessa forma, fatos e elementos diários envolvem a ideia de enraizamento e familiaridade (TUAN, 1983); “[...] o lugar é reconhecido como uma sede - fonte e refúgio, santuário e cadinho - de identidade” (BOSSÉ, 2004, p.170). Desse modo, o espaço concebido como lugar é dotado de valores simbólicos e faz referência à cultura. Por isso, a importância da Geografia Humanística e da Fenomenologia para seu entendimento de “[...] captar o homem e o meio ambiente por ele construído, de modo que os lugares são analisados como repositórios de significado humano” (SILVA, 1997, p. 18) em que o objeto é tido como percebido, vivido e parte da memória, através da experiência vivida.

²⁴ Definição usada por Marandola Jr. (2014) ao se referir aos habitantes mais antigos da cidade e que possuem um apego pelo local de origem, permanecendo nele.

O lugar pressupõe uma ligação com o mundo interior, com a certeza de pertencer a algum local ou comunidade. “A casa é o lugar por excelência, assim como a terra natal sempre continua em nós, servindo de fundamento da existência e da autoidentidade” (MARANDOLA JR., 2014, p. 88). A familiaridade é um elemento chave no entendimento do lugar. A vizinhança, as formas construídas e as memórias compartilhadas fazem parte da noção de segurança e bem-estar no local de moradia.

Além da roupa, uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar; em seu bairro. Ser despejado, pela força, da própria casa e do bairro é ser despido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. [...] A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar (TUAN, 180, p. 114).

Nesse sentido, é importante não considerar somente a forma do local mas também as relações que nele se estabelecem e a história de vida dos habitantes. “Se ninguém conhece seu lugar nesse mutante mundo-colagem, como é possível elaborar e sustentar uma ordem social segura?” (HARVEY, 1993 apud SILVA, 1997, p. 19). Importar-se-á, então, maior responsabilidade aos planejadores ao trabalharem com a cidade, entendendo que, em seu interior, há os lugares, e estes não devem ser desfigurados. Não deve haver o esfacelamento das simbologias da paisagem em detrimento da modernidade. Entretanto, fazer-se isso, na atualidade, tem-se tornado cada vez mais complexo.

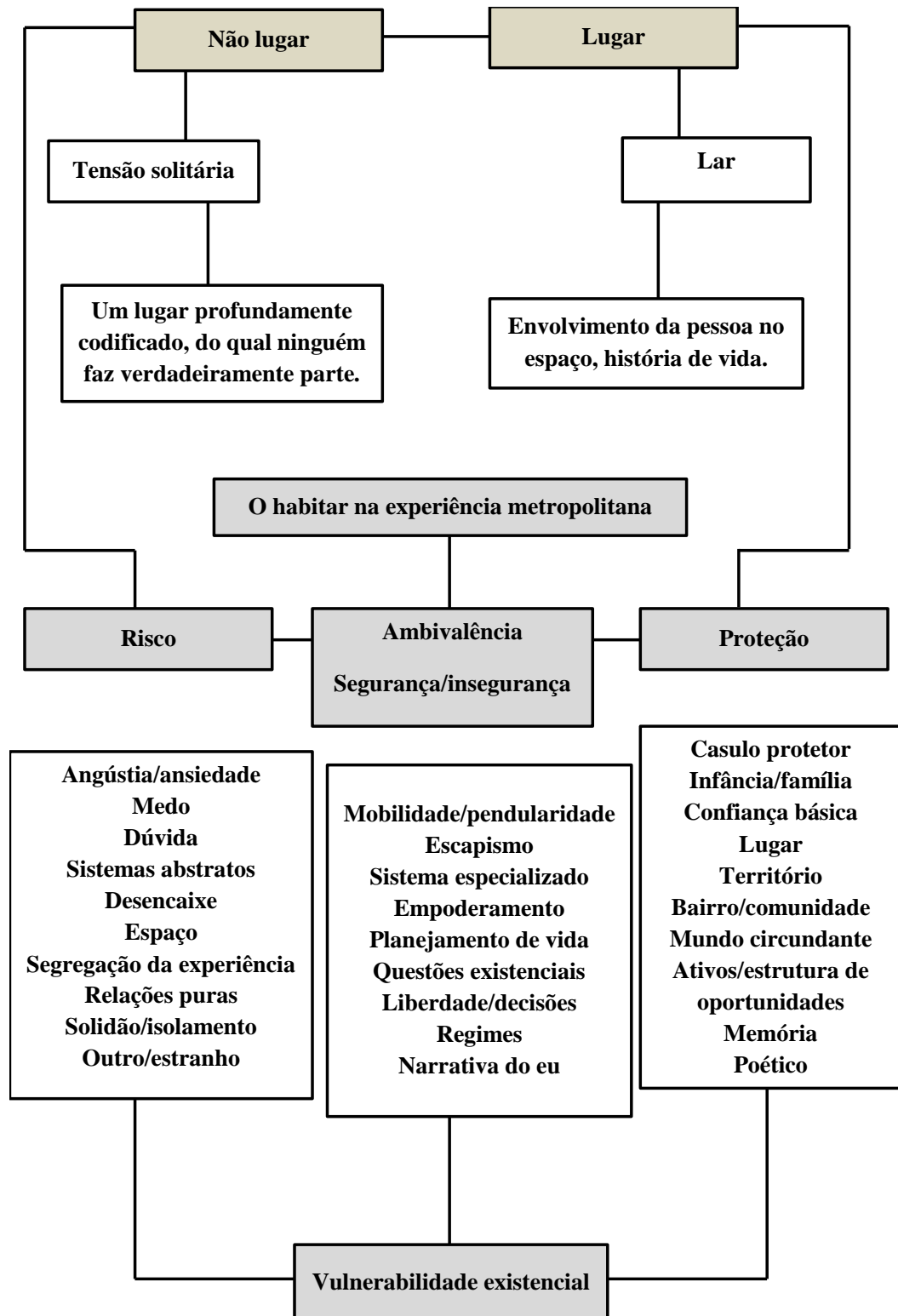
Não lugar – distancia-se do invólucro de proteção e sentimentalidade do lugar. O não-lugar ou deslugar, como para Relph (1976), refere-se às paisagens que não comportam uma carga emocional muito forte no sentido do pertencimento. Relacionado a esse não-lugar, há as paisagens padronizadas e muito esteticamente definidas como a imagem do urbano contemporâneo. Nesse entender, “O deslugar é vazio de significado e valores para as pessoas nele localizadas” (SILVA, 1997, p. 28).

Nesse contexto, quando ocorrem grandes transformações na paisagem do local, principalmente as de caráter econômico ou sociais suficientemente radicais e rápidas, ocorrendo a supressão do ritmo de envolvimento do homem e do lugar, a resposta é o estranhamento, demonstrada através da inadaptação (CARLOS, 2008; FRÉMONT, 1980; MARANDOLA JR., 2014; SILVA, 1997) e insegurança. Para Bauman (2009), essa insegurança está no fato de cercear e segregar, com a criação de muros que têm por finalidade afastar os indesejáveis mas também afasta quem está dentro da relação em vizinhança e o “mundo circundante”.

Envolto na vida solitária da modernidade, há o não-lugar, ou seja, o espaço destinado à passagem e ao distanciamento socioafetivo do indivíduo e do outro. O não-lugar não compreende uma total distância do lugar, ambos podem coexistir. Respectivamente, o primeiro não se realiza completamente e é efêmero, enquanto o segundo não pode ser apagado por completo (AUGÉ, 1994). A questão do não-lugar está no fato de tornar as pessoas espectadores que não se visualizam como parte da paisagem urbana. De acordo com Sá (2014), se, por um lado, o não-lugar trata-se de um espaço de circulação e multifuncional, também são constrangedores da liberdade e contribuem para a sensação de que ninguém lhe faz parte verdadeiramente.

Na sociedade urbana, a complexidade de elementos e fatores contribui para a sensação de não-lugar. No entanto, o lugar representa muito, a simples afeição pelo meio denota o sentido do habitar. Então, a vivência em meio à cidade metropolitana vai se constituir nessa ambivalência entre a tensão solitária do não-lugar e o aconchego do lar. E é na justaposição a essa ambivalência da segurança e da insegurança que a imagem da cidade se constrói. A casa, o bairro ou a comunidade representando o lugar, com toda sua afetividade em relação à vizinhança, e as áreas de intenso trânsito destinadas ao consumo e o trajeto sinalizam o não-lugar, onde o indivíduo não reconhece como narrativa de sua experiência íntima.

Figura 1: Adaptação da figura “Fenômenos que interferem na tensão risco/proteção e segurança/insegurança ontológica” de Marandola Jr. (2014, p. 88) com as considerações de lugar e não lugar para Tuan (1983), Augé (1994) e Sá (2014).



Fonte: Marandola Jr. (2014, p. 88), Tuan (1983), Augé (1994) e Sá (2014). Org.: CARNEIRO, K.A.S.

Nesse contexto, a Figura 1 retrata a ambivalência do habitar na experiência metropolitana, entre o não-lugar e o lugar. A fim de correlacionar com a abordagem deste trabalho, a comunidade comporta o envolvimento das pessoas com o “casulo protetor”, a sua história de vida e as simbologias do lugar. “A casa é a referência espacial que evita que o homem esteja ‘jogado no mundo’” (BACHELARD, 1993 apud MARANDOLA JR., 2014, p. 114). Enquanto o não-lugar significa o distanciamento com a sensação de “casa”, incorrendo em um local sem ter verdadeiramente uma ligação com o indivíduo.

A primeira grande fratura foi quando a modernidade urbana dividiu o trabalho da residência, isolando os dois. Essa dissociação foi um primeiro golpe na casa e na existência espacialmente centrada do homem. Menos tempo em casa, muito tempo em outro lugar, no trabalho e se deslocando até ele. Mas essa nova condição foi absorvida e tornou-se parte da estrutura social e existencial urbana, que se estabeleceu a partir destas territorialidades: bairro para morar, bairros para produzir, bairros para comprar (MARANDOLA JR., 2014, p. 115).

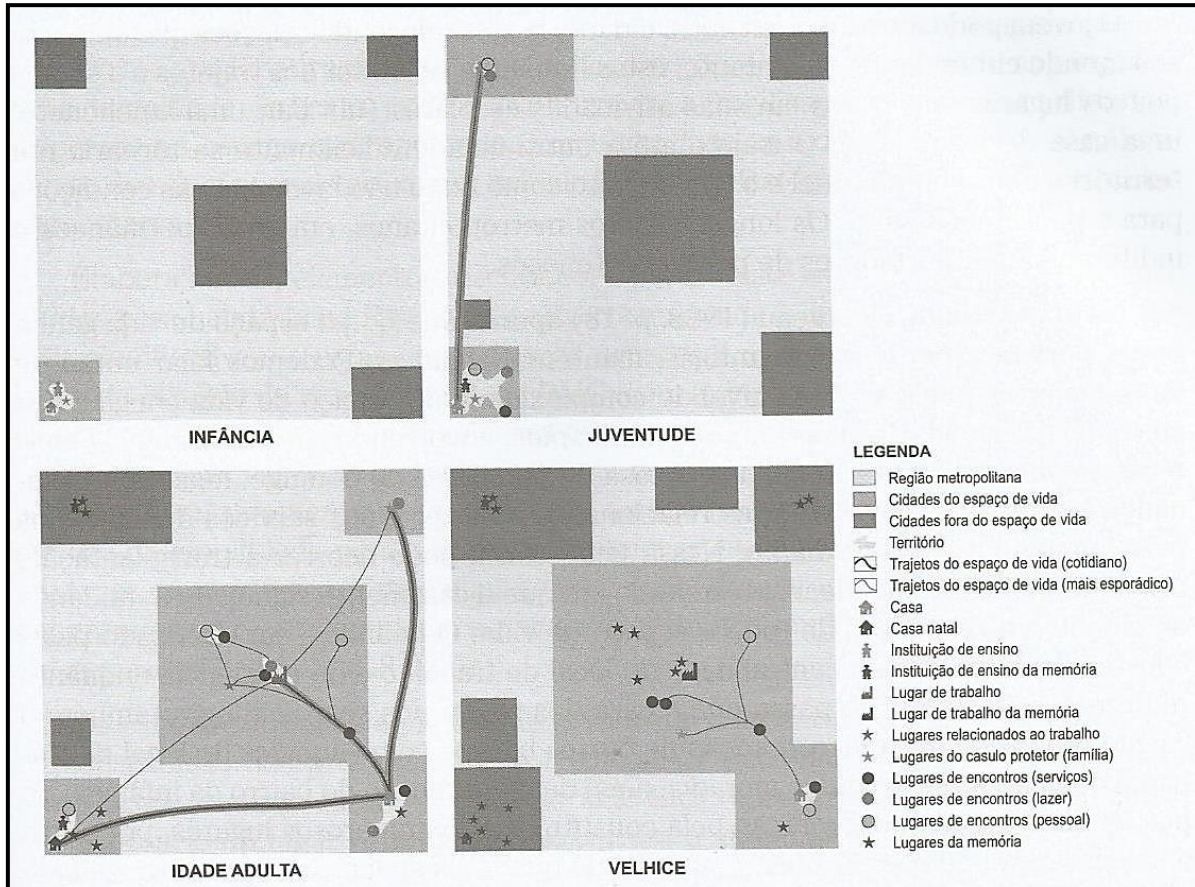
O modo de ocupação de determinados lugares na cidade se dá com base nas exigências do habitar, que envolve desde a mobilidade à noção de segurança. É importante pontuar que os aspectos culturais são fundamentais para a afetividade com o lugar. Como outrora abordado, o habitar envolve várias características preteridas pelo indivíduo: o lugar, as relações de vizinhança, os elementos estruturais, em suma, fatores culturais, políticos e econômico-sociais.

Entretanto, a forma de se locomover é diferente entre os indivíduos, e isso interfere na forma de perceber e ter experiências na paisagem, na cidade e no lugar. A Figura 2 representa essa forma de se locomover e habitar os espaços de vida na cidade, de acordo com as definições de Courgeau (apud MARANDOLA JR., 2014, p.124), que divide quatro quadrantes de análise (infância, juventude, idade adulta e velhice), demonstrando que cada ciclo da vida possui uma maneira e expansão da relação com o lugar e a cidade. Considerando também que isso pode variar se for uma pessoa estabelecida na metrópole ou um habitante recém-chegado.

Na infância, os laços familiares são muito importantes, e os pais são representativos como o lugar e o território da comunidade. Na juventude, há uma expansão do espaço de vida decorrente do aumento das relações sociais e o ingresso em novos espaços, mas sem perder o vínculo com o lugar de origem. Já na fase adulta, “o nível de complexidade chega ao seu ápice, com relações diversas entre municípios [...]” (MARANDOLA JR., 2014, p. 126), o acesso a serviços e o trajeto para o trabalho e o lazer. Na velhice, há um fortalecimento das

relações mais próximas, decorrente da diminuição do espaço de vida e o apego à vizinhança, às memórias, lugares e parentes.

Figura 2: Espaço de vida da metrópole industrial.



Fonte: retirado de Marandola JR. (2014, p. 125).

Os lugares e a paisagem em um mundo agenciado pelas novas tecnologias

Em entrevista concedida a Juremir Machado da Silva, Paul Virilio (2001, p. 14) discorre de maneira crítica sobre o papel da globalização no cotidiano. Para tal, “As novas tecnologias ajudam a produzir a aldeia global da asfixia por falta de espaço [...]. Trabalhar com a cidade significa trabalhar com o espaço e o tempo, logo com a velocidade”. Certamente, ressaltando dos pensadores que discursavam que as cidades modernas tecnológicas produziram o distanciamento entre os indivíduos, para Paul Virilio, na verdade, a velocidade produziu o sufocamento e a sensação de terror. Fato que faz pensar na cidade contemporânea marcada pela velocidade, em que a mesma tecnologia que asfixia por aproximar em demasia as pessoas, também separa por dispensar o contato físico.

Como a proposta aqui não é entrar no debate acerca do futuro da tecnologia, tocou-se no assunto para aproximar da sensação de pertencimento a um lugar ou mesmo de medo e receio na cidade moderna. “A virtualidade da conexão e da mobilidade está em toda a parte. As estruturas e os objetos técnicos existem, trazendo implicações para a experiência desse espaço e para o modo de vida” (MARANDOLA JR., 2014, p. 15).

Para Zygmunt Bauman (2009, p. 13), “É nos lugares que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado”. Nesse contexto, o lugar compreende identidade e pertencimento, bem como o receio e a decepção; porém, isso não significa que os ciberespaços - a tecnologia - não façam parte, pelo contrário, esta está inserida na forma do indivíduo de perceber o seu mundo. E a nova geração, nascida em um mundo conectado e tecnológico, percebe a paisagem de uma maneira distinta dos mais velhos, na qual o contato, ao mesmo tempo, asfixia e separa; em que o lugar do pertencimento é influenciado pelas informações do mundo exterior, pelos padrões sociais e também pela sensação de medo e de fracassar. Os lugares são onde, nas cidades contemporâneas, “[...] os desejos se desenvolvem, ganham forma, alimentados pela esperança de realizar-se, e correm risco de decepção - e, a bem da verdade, acabam decepcionados, na maioria das vezes” (BAUMAN, 2009, p. 13).

A percepção do indivíduo é fundamental para o entendimento do lugar e da experiência de vida na paisagem citadina. O “olhar” pode sinalizar a necessidade de uma maior valorização da cultura e expor as contradições que afligem o “mundo”.

CAPÍTULO 3

Estrutura e paisagem da cidade: A realidade fora dos muros da Comunidade.

Ao se pensar sobre a paisagem da comunidade, o primeiro passo é realizar as perguntas sobre o local onde a comunidade está inserida. Qual a característica da cidade em que a comunidade está inserida? Qual significado metropolitano essa cidade carrega? Que questões a metrópole ou a vida metropolitana colocam para o ser hoje?

A relação com as características da paisagem urbana interpela também à forma de habitar e conduzir o cotidiano, tendo como base as experiências de vida que se adquirem no lugar e no espaço. Algumas perguntas e confrontos surgem dessa relação, derivados de como portar-se em um espaço com uma paisagem cada vez mais rígida e impessoal, e também de como manter suas raízes culturais, sem se fechar às novidades e necessidades modernas. Desse dualismo, destaca-se o caráter complexo que é habitar em meio à vida urbano-metropolitana. Daí a relação entre o indivíduo e os elementos estruturais da paisagem urbana, em um espaço marcado pelo movimento, pelo material, pela sensação de insegurança e pelo desejo de proteção das características do lugar.

A proposta deste capítulo é caracterizar alguns pontos da cidade em que a comunidade está inserida. Claramente, seria demasiadamente longo descrever toda a história de formação de Contagem e a inserção dos Arturos nesse espaço. Por isso, alguns pontos foram considerados, tais como: a imagem que se tem de Contagem como uma cidade de paisagem industrial, fato ocorrido devido à criação do parque industrial para fomentar o crescimento regional; a conexão de Contagem à RMBH, colocando seus moradores em uma constante mobilidade e ligação com a capital mineira; alguns fatores da cidade que podem indicar topofobias – como violência urbana, mobilidade e tempo de deslocamento; e, também, de maneira básica, descrever quem são, segundo os números, os moradores de Contagem. Todos esses pontos se entrecruzam para conhecer a relação entre “outsider” e “insider”, tendo como base as linhas de pensamento da geografia crítica e a fenomenologia²⁵, ao buscar na relação com o espaço e a experiência. A imagem que se constrói da paisagem da cidade ocorre com base nas experiências que se adquirem nela, tanto com a formação material e os contrastes de poder, quanto com as interações e memórias construídas no lugar.

É preciso entender que ser Arturo também é ser um morador urbano. E, por mais que a comunidade tenha características internas como as de cidades interioranas, onde todos se conhecem, e a solidariedade é um ponto marcante, ainda assim, mantém relações com a cidade e a metrópole, pois, “fora de seus muros”, deve trabalhar e fazer uso dos serviços

²⁵ O rumo tomado neste trabalho imbuí-se bastante na concepção de experiência que a fenomenologia aborda, em que a relação com o espaço, o lugar, os riscos, sentimentos e memórias se interconectam na percepção do “mundo” em que o indivíduo vive, colocando-o ora como “outsider” e “insider”.

ofertados. Os mais jovens são escolarizados, trabalham e mantêm uma rede de contatos com o exterior da comunidade, bem como estão, constantemente, locomovendo-se por esses espaços. Os Arturos, além de serem, prioritariamente, “*insiders*” em seu lugar, são, também, “*outsiders/insiders*” no espaço citadino, percebem-se, assim, as diversas nuances que surgem dessa relação entre o acolhimento familiar e os contrastes na cidade.

3.1 – OUTSIDER - Condições estruturais em que a comunidade está inserida “A cidade e a vida metropolitana”

A experiência espacial não é dissociada da realidade na qual o indivíduo está inserido. Não se pode furtar-se de inferência do “mundo” que o rodeia sobre a perspectiva e sentidos do indivíduo para com o seu lugar e espaço. Para Tuan (1983, p. 13), “O espaço é experienciado quando há lugar para se mover”. Desse modo, o espaço, por mais amplo que seja, é parte do habitar na cidade, incorporando a capacidade do indivíduo de mover-se e comunicar. Assim sendo, a imagem da cidade grande é marcada pela experiência que se tem com o modo de vida metropolitano, as estruturas, as formas de moverem-se, as relações e maneiras de conexão entre as pessoas. Com base nisso, a experiência no modo de vida metropolitano incide na percepção do lugar e do não-lugar. Para Lynch (1982, p. 11), “Todo cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações”.

Em vista disso, é importante conhecer como é o espaço da cidade à qual nos referimos, tendo em vista que, ao mover-se pelos trajetos cotidianos, entra-se em contato com o quadro geral de interações espaciais na cidade. Nesse contexto, em consonância com Tuan (1983) e Lynch (1982), as experiências são adquiridas por meio das relações que se estabelecem com as diferentes etapas da rotina cotidiana. Desse modo, ao se pensar o modo de vida da Comunidade dos Arturos, fez-se necessário, também, pensar a relação com a cidade de Contagem, a qual faz parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

A cidade grande, que caracteriza o modo de vida metropolitano, não é marcada somente pelas transformações nas formas do espaço mas também no tempo, implicando mudanças no ritmo e relações sociais dos seus habitantes (SIMMEL, 2005). Assim, todos que habitam e fazem uso da metrópole inserem-se nesse modo de vida. Tendo em mente o aspecto intergeracional, entende-se que essa forma de inserção no ritmo de vida citadino se dê de maneira diferenciada, considerando o apego pelo lugar, necessidades, crenças e suas raízes;

bem como a maneira de ver a cidade, enquanto espaço mais amplo, difere de geração para geração, podendo representar laços de topofilia ou topofobia.

Na proposta de trazer as condições estruturais em que a comunidade está inserida, fez-se valoroso abordar a temática da cidade e sua definição. Para tal, apropriou-se do conhecimento de alguns autores da Escola de Chicago, mesmo que estes tenham caminhos metodológicos e preocupações teóricas em um panorama diferente daquele lançado mão pela fenomenologia. No entanto, contribuíram no trajeto de estudar as inter-relações entre o homem e o ambiente no qual está inserido, neste caso, a cidade e a vida metropolitana. Em vista da dinâmica de transformações rápidas em que o indivíduo está inserido, “talvez haja possibilidade de aliar as diferentes visões sobre o indivíduo, a sociedade, o mundo, para começar a entender de maneira mais atenta o atual” (NOGUEIRA, 2014, p.9).

A consideração de cidade não poderia se limitar apenas ao termo de uma grande localidade, puramente quantitativa, far-se-ia a necessidade de incrementar as relações de vizinhança e culturais que acometeriam aqueles que ali habitavam (WEBER, 1967). As descrições da cidade contemporânea não enquadraram mais nos velhos relatos de cidades espalhadas pontualmente em longos espaços. Na contemporaneidade, as cidades se entrecruzam, e as complexidades se expandem. Não são somente fatores isolados que configuram a cidade, são suas associações, são as cotidianidades, as relações de poder, as trocas e a vivência em si. Nesse contexto, o fator crucial das cidades não está mais somente no ganho populacional mas também nas relações de trabalho, na vida social, na moradia, nas trocas e relações mais diversas. Para Louis Wirth (1967, p. 89):

O grau em que o mundo contemporâneo poderá ser chamado de “urbano” não é medido inteira ou precisamente pela proporção da população total que habita as cidades. As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que poderia indicar a proporção da população urbana, pois a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo.

Sendo assim, para além dos critérios físicos, as cidades são também um modo de vida que comporta as diversidades ou os indivíduos socialmente heterogêneos. A cidade pode ser compreendida como um cosmopolitismo, tanto de limites e regras, quanto de liberdades veladas (WIRTH, 1967). O que leva a pensar também na existência de múltiplos lugares, com características diferenciadas, mas que, de certo modo, são conectados pela experiência de vida

na cidade. Desse modo, por mais que alguns grupos se restrinjam ao ambiente interno dos lugares, como o caso da Comunidade dos Arturos - os quais possuem uma organização familiar ligada às tradições afrodescendentes e um modo de vida mais ligado à terra e à ancestralidade - , há, sobretudo, uma interferência do modo de vida urbano moderno, fazendo com que os Arturos possuam relações com a cidade e sua história (COSTA, 2013; SIMÕES, 2009).²⁶ À vista disso, não é de acasos que se forma a cidade, nem de resquícios de um amontoado histórico de formações materiais, é, na verdade, a história da humanidade, do indivíduo enquanto agente produtor do seu meio; “[...] a cidade é o habitat natural do homem civilizado. Por essa razão, ela é uma área cultural caracterizada pelo seu próprio tipo cultural peculiar” (PARK, 1967, p. 26). Para Robert Ezra Park (1967, p. 25), a cidade é mais do que simplesmente um amontoado de indivíduos e estruturas.

Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.

Desse modo, mesmo a cidade tendo por via de regra um modelo em quadras (quase semelhante a um tabuleiro de xadrez)²⁷, existe algo mais, além dos interesses econômicos e estruturais que a ela concebem vivacidade, e isso está relacionado às instituições, indivíduos e tradições que compreendem os espaços citadinos. Deste ponto adiante, o foco neste capítulo se concentrará nos elementos da cidade: sua história, seus habitantes, suas características e contradições, que influem na experiência e percepção da paisagem urbana.

3.1.1 – A cidade: Sua história, sua gente e sua estrutura

a) Morfologia e História de Contagem: Paisagem de uma cidade industrial

²⁶ “Ao longo de quase um século de existência, desde que o primeiro Arthur pisou o terreno, a comunidade se desenvolve acompanhando a dinâmica do mundo social à sua volta e atualizando-se sem, entretanto, perder suas raízes [...]. Todas essas transformações marcam a dinamização cultural pela qual passam os Arturos, processo inevitável que moderniza, integra e desenvolve as capacidades e possibilidades de seus integrantes. No entanto, o grupo familiar ainda mantém os traços característicos de uma sociedade tradicional, com um modo específico de ver, pensar e agir.” (SIMÕES, 2009, p. 42-43).

²⁷ Isso se referindo às plantas e distribuição dos bairros, onde vão sendo construídos empreendimentos de acordo com interesses maiores.

Ao discorrer sobre a história de Contagem, a ideia não é de retratar um tempo envelhecido, mas, sobretudo, entrecruzar as variáveis sobrepostas que conduziram à forma adquirida na atualidade. Estando os Arturos em meio a esses processos históricos de transformação da paisagem, as suas experiências na cidade, de certo modo, transpõem-se, também, como reflexo da realidade histórica de Contagem em seus modos de vida. Desse modo, os Arturos passaram de trabalhadores das fazendas que havia no início da constituição de Contagem para trabalhadores das indústrias, de uma vivência do espaço enquanto rural ao espaço urbano-industrial.

Assim como outras cidades que cresceram baseadas na expansão do circuito de produção industrial, Contagem – MG teve sua paisagem bastante marcada pela presença de áreas destinadas à localização das indústrias e a habitação de seus funcionários. Nas suas fundações históricas, Contagem – MG é marcada pela necessidade de expansão do núcleo industrial de Belo Horizonte, o qual, estrategicamente, é disposto em suas terras. Gradativamente as áreas rurais se transformaram em bairros estruturados na “Cidade Industrial”.

Em meados da década de 1940, o então governo de Minas na intenção e aspiração de impulsionar o desenvolvimento regional e consolidação de Belo Horizonte como principal polo econômico do estado, assina o decreto de implantação da Cidade Industrial.²⁸ A escolha de localização da Cidade Industrial, desmembrada da capital e em área pertencente ao município de Contagem – distrito de Betim – deu-se por motivos políticos e econômicos. Entretanto, de qualquer modo, mesmo estando fora dos limites da capital, a cidade industrial mantinha-se interligada a Belo Horizonte, por se tratar de uma região contígua aos limites da zona oeste da capital, representando uma continuidade da malha urbana existente e forte influência na formação da RMBH.

Em um especial da semana da indústria, o jornal online (A Folha de Contagem, Edição especial 2010) transcreve um relato da entrevista do governador do estado de Minas Gerais – Benedito Valadares – em 1941, sobre a iniciativa de construir na cidade um polo industrial, fixando a importância desse empreendimento como forma de impulsionar não somente o desenvolvimento econômico regional mas também o adensamento populacional. Desse modo, a morfologia urbana da cidade de Contagem – MG, historicamente, teve seu arranjo espacial marcado pela paisagem industrial, onde os vetores de crescimento da cidade em seu início estiveram bastante dirigidos para conectar os espaços industriais e a capital.

²⁸ Futuramente nomeada como “Cidade Industrial Juventino Dias”.

No que tange às origens do município de Contagem, existem diferentes versões, todavia, destacam-se alguns pontos de vista e interpretações:

- Data do início do século XVIII o surgimento de um pequeno povoado nessa região, devido ao fato de o local fazer parte do cruzamento de vários caminhos em direção à procura do ouro (as minas). A crescente utilização desses caminhos por tropeiros, índios, quilombolas, escravos, salteadores, entre outros, impulsionou o surgimento de ranchos de trocas comerciais e as roças ao longo do caminho, gerando a necessidade da Coroa Portuguesa de fazer o controle por meio dos “Registros” dos gados e escravos que passavam pelo local. Tendo em vista essa necessidade, faz-se a instalação do posto fiscal nas terras de Contagem, denominado, na época, de Registro nas “Abóboras”, cognome utilizado para referir-se ao município como “Contagem dos Abóboras”, pelo motivo de ser o nome de família utilizado pelos primeiros habitantes – atualmente, nome de uma fazenda que marca como aspecto cultural de contagem (FONSECA, 1978; REVISTA HISTÓRICA CONTAGEM, 2010).
- De acordo com relatos históricos de Frei de Jong contido em Fonseca (1978), sobre a história do lugar em forma de crônicas, o município de Contagem contava nos seus primórdios²⁹ com poucos milhares de habitantes, sendo que um grande número residia na atual regional Sede, e os demais em fazendas e residências distribuídas ao longo das terras do município. Destacam-se duas grandes igrejas, a Matriz de São Gonzalo e a igreja de Nossa senhora do Rosário³⁰, referenciando a religiosidade marcante como cristã. Contudo, posteriormente, como fonte de renda, sobressai a Cidade Industrial e o trajeto até a capital, que passa a marcar como fator histórico, pois parte da mocidade trabalha, consome e utiliza de serviços na capital e faz a rotina de ida e volta de ônibus.

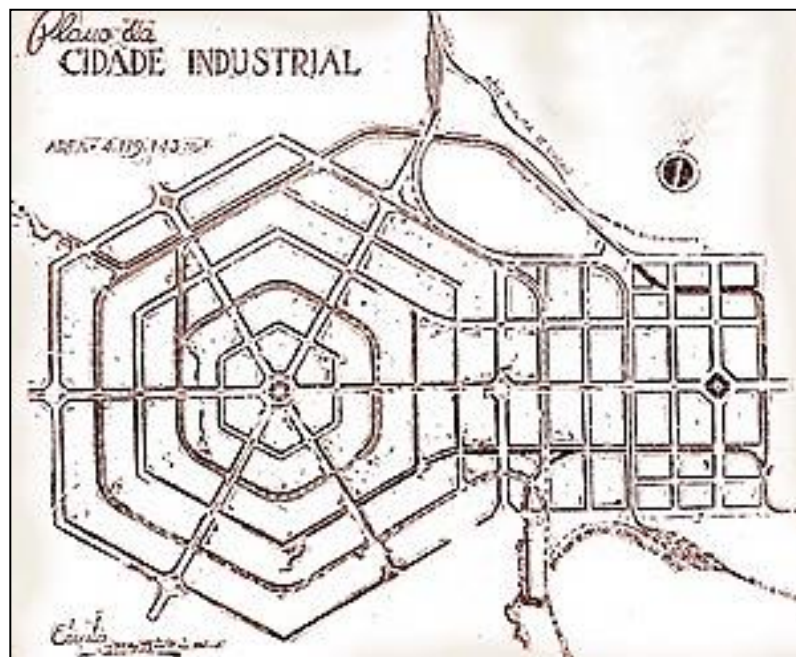
Avançando a passos largos a história de Contagem, evidenciam-se os fatos marcantes acima e retoma a característica relevante da construção da Cidade Industrial como fonte de renda e geração de empregos para o município, bem como atrativo populacional. Nos traçados históricos de fundação e consolidação da cidade de Contagem, tem-se a forte presença do distrito industrial projetado na forma de um hexágono, cortado por vias de acesso que

²⁹ Aproximadamente século XVIII.

³⁰ Igreja a qual, segundo os Arturos, eles ajudaram a construir.

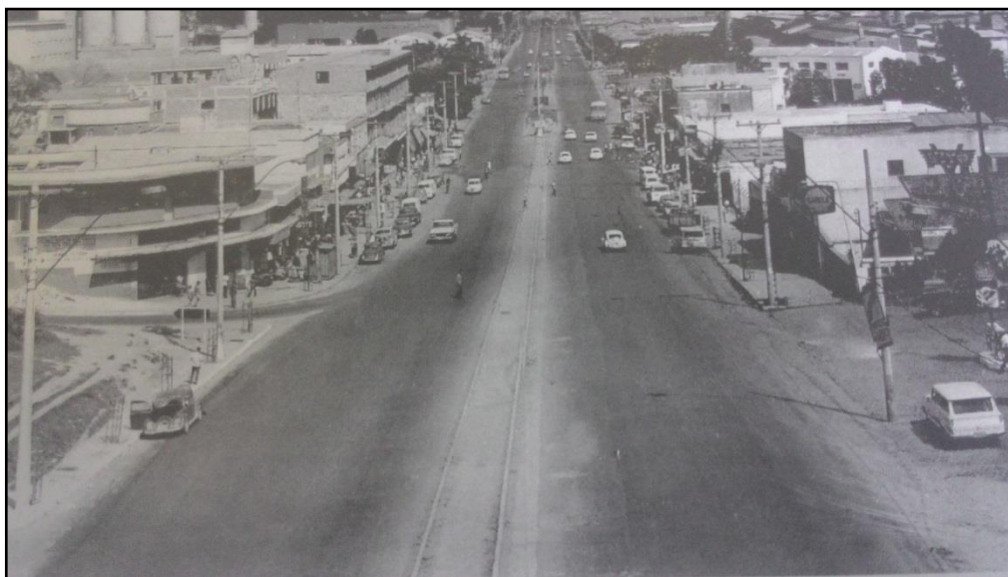
interligavam a capital mineira (Figuras 3, 4 e 5). A presença do distrito industrial representou, na época, um fator de atração para imigrantes de várias regiões do estado e do país, sobrepunhando a estrutura concluída e prevista no plano para receber os operários, fato que se tornou uma dificuldade e repercutiu no surgimento de aglomerados residenciais irregulares no entorno do loteamento destinado para a construção da Cidade Industrial. Além do mais, havia problemas de ausência de infraestrutura adequada. Assim, “Além do impulso à ocupação, a presença das indústrias se impõe como fator de identidade espacial” (REVISTA HISTÓRICA CONTAGEM, 2010, p. 16). Desse modo, mesmo os habitantes que moravam em outros bairros e localidades de Contagem se viam envolvidos nas relações que a indústria estabelecia e a formação dos espaços destinados para fomentá-la.

Figura 3: Traçado da Cidade Industrial em Contagem – MG, meados da década de 40.



Fonte: Folha de Contagem – edição especial 2010

Figura 4: Vista parcial da Cidade Industrial Juventino Dias em 1970.



Fonte: Caderno de cartões postais “Contagem Tantas Histórias” do acervo: Casa da Cultura “Nair Mendes Moreira”.

Figura 5: Vista aérea da Cidade Industrial Juventino Dias em 1970.



Fonte: Atlas Escolar – Histórico, Geográfico e Cultural de Contagem-MG, 2004.

A explosão habitacional no município de Contagem data a partir da década de 50, período marcado pela implantação da rede de água; o surgimento do primeiro conjunto habitacional no município (bairro JK) ocupado pelas famílias de imigrantes atraídos pela

implantação da Cidade Industrial e a abertura de vias públicas que interligavam a Cidade industrial Juventino Dias à regional da Sede (Centro de Contagem) – com destaque para abertura da Avenida João Cesar de Oliveira.

Decorrente do aumento populacional de maneira acelerada, na década de 60, mais loteamentos começaram a ser ocupados, originando os atuais bairros da cidade. Nesse período, o caráter especulativo imobiliário e empreendedor ganha proeminência, mesmo encontrando problemas de infraestrutura urbana. Nas décadas de 70, 80 e 90, as obras públicas e de reestruturação da cidade impulsionaram o desenvolvimento local, a urbanização e a expansão das indústrias para novas unidades (Cinco I, II e III) bairros mais próximos da área central de Contagem (Figura 6). Local que ainda era considerado como dormitório, já que parte da população saía para trabalhar na Cidade Industrial, Belo Horizonte e Betim³¹ (REVISTA HISTÓRICA CONTAGEM, 2010; ATLAS ESCOLAR, 2011).

Figura 6: Vista parcial da Sede de Contagem em 1970.



Fonte: Caderno de cartões postais “Contagem Tantas Histórias” do acervo: Casa da Cultura “Nair Mendes Moreira”.

Considerando datas históricas marcantes e os aspectos político-administrativos, Contagem teve vários períodos e circunstâncias que culminaram na paisagem atual do

³¹ Situação vivenciada pelos moradores da Comunidade dos Arturos que tinham que trabalhar.

município. Dessa forma, o Quadro 1 representa esses fatos em ordem cronológica. Diversos fatos históricos marcantes de Contagem estão relacionados à implantação da Cidade Industrial, à conexão da cidade à capital mineira (Belo Horizonte) e à transformação da paisagem agropastoril e agricultora do município, em uma paisagem industrial e urbana.

A Comunidade dos Arturos, que data sua existência desde o século XIX nas terras de Contagem, constitui-se também como um marco histórico para a cidade, de modo que representa a cultura negra existente na região. Destarte, a data de suas alianças com a Irmandade do Rosário em Contagem foi importante, pois marca um amparo para suas religiosidades e resistências. De acordo com Simões (2009, p. 19), “Além da importância religiosa das irmandades, elas também funcionavam como espaço de socialização e integração de seus membros. [...] e eram verdadeiras redes de solidariedade, recuperando laços que conferiam certa familiaridade entre os seus integrantes”. Além disso, as irmandades favoreciam o contato entre os membros, o catolicismo europeu e africano, espaços para expressarem suas devoções, amparo para as necessidades do corpo e do espírito, e continuidade das características de seus ancestrais.³² Para Simões (2009, p. 19), “As confrarias serviram também para marcar identidades, já que havia divisões entre as várias etnias, entre brancos e negros, entre homens e mulheres, sendo que uma igreja poderia ter várias irmandades sob seu domínio”.

³² “Ainda que sob o manto do catolicismo e sofrendo repressões durante anos, as festas religiosas organizadas pelas irmandades ganharam força e se mantêm como principais redutos para a continuidade dos valores africanos” (SIMÕES, 2009, p. 20).

QUADRO 1
Ordem cronológica de fatos marcantes em Contagem - MG

| SÉCULO | DATAS | DESCRIÇÃO |
|--------|---|---|
| XVIII | 1701 - 1702 | Pequeno aglomerado surgiu em torno da implantação da “contagem e registro”. |
| | 1716 | Início do funcionamento do Registro nas “Abóboras” |
| | 1725 | Desenvolveu um povoado: o arraial de São Gonçalo da Contagem dos Abóboras, núcleo original da ocupação da Sede municipal e erguia-se a capela de São Gonçalo do Amarante. |
| | 1759 | Fim do Posto Fiscal do Registro das Abóboras, devido o surgimento de novas rotas e à queda dos rendimentos. |
| XIX | 1808 | Vinda da Coroa Portuguesa para o Brasil, refletindo na ampliação da máquina arrecadadora do estado. |
| | 1810 -1811 | Contagem passou a ser Distrito de Ordenança. |
| | 1822 | Independência do Brasil. |
| | 1825 | A capela de São Gonçalo foi substituída por uma edificação mais ampla. |
| | 1830 - 1831 | Disputa por limites territoriais entre os juízes de paz de Contagem e Cural Del Rey. Parecer a favor das terras pertencerem a Contagem. |
| | 1854 | A capela de São Gonçalo foi finalmente elevada à Matriz. |
| XX | 1897 | Inauguração da Capital Mineira |
| | 1901 | Contagem – embora vila, passou a ser distrito de Santa Quitéria – atual Esmeraldas. |
| | 1911 | Contagem é desmembrada de Sabará e Santa Quitéria e elevada à Vila. |
| | 1938 | Contagem torna-se Distrito de Betim |
| | 1941 - 1950 | Contagem ganha foros de cidade. Criação, inauguração e instalação da Cidade Industrial “Juventino Dias”. |
| | 1950 - 1960 | Implantação da rede de água. Surgimento do primeiro conjunto habitacional (JK). Abertura da Av. João Cesar de Oliveira |
| | 1960 - 1980 | Novos loteamentos no município. Criação da Companhia Urbanizadora de Contagem. |
| | 1984 - 1986 | Implantação de mais unidades industriais (Cinco I, II e III). |
| XXI | Crescimento no setor comercial, serviços e transportes. | |

Fonte: Revista Histórica Contagem (2010), Atlas Escolar (2011), Folha de Contagem/edição especial (2010), Fonseca (1978). **Org.:** CARNEIRO, 2017.

Outro fator que destaca essa comunidade como marco da história de Contagem é a manutenção até os dias atuais de seus valores, crenças e religiosidade, sendo passados de geração para geração, com um caráter intergeracional altamente relevante, mesmo frente à conectividade com a vida urbana, industrial e metropolitana. Ademais, considerando no aspecto histórico, a cidade e a Comunidade dos Arturos, tiveram pontos marcantes. O entrecruzamento desses pontos ocorre em função da experiência que os Arturos tiveram com a população da cidade, sua estrutura e suas transformações. Se, no passado, eles tiveram uma relação espaço-temporal em uma paisagem com características rurais, à medida que a indústria foi tomando espaço, trazendo novas relações com o uso da terra e mudanças na relação temporal entre os habitantes da cidade, as experiências dos Arturos também passam a se inserir nessas mudanças. A forma de obtenção de recursos e fonte de renda dos Arturos foi paulatinamente sendo incrementada pela necessidade de exercerem funções nas indústrias, lançando-os cada vez mais no contato com a cidade “fora dos muros” da comunidade.

Quanto ao aspecto populacional, os dados contidos no livro de Fonseca (1978, p. 127-129) retratam as características dos habitantes das terras de Contagem em meados da primeira metade do XIX (primeiro recenseamento de habitantes feito na localidade em 1831). O perfil da população contagemense, no período, era composto, em sua maioria, de homens solteiros na fase adulta. Segundo esse primeiro recenseamento, o total de habitantes era de 2155 pessoas, com as seguintes características: **Sexo:** masculino (1183) e feminino (972); **Idade:** de meses até 10 anos (569), de 11 a 18 anos (364), de 19 a 30 anos (529), de 31 a 60 anos (613) e mais de 60 anos (80); **Estado civil:** casados (513), solteiros (1550), viúvos (62) e indefinidos (30); **Cor:** brancos (394), crioulos (537), pretos (364), pardos (859) e cor não declarada (1); **Condição:** livres (1327), cativos (762) e libertos (66). Sendo que grande parte da população em fase adulta declarava exercer algum tipo de ocupação, em sua maioria, roceiros, fiandeiras, jornaleiros e agricultores, prevalecendo as atividades ligadas ao campo.

Após o *boom* populacional com a implantação da Cidade Industrial, as características da paisagem de Contagem mudaram, indo de rural para industrial e, posteriormente, para urbano-metropolitana. Desse modo, o próximo tópico revela as características atuais de quem são os habitantes de Contagem. Tendo em vista que, para tal, os dados dos censos do IBGE se constituem como um importante instrumento de coleta de informações sobre a população. O “peso do número” dá embasamento para um balanço das mudanças resultantes do dinamismo populacional, aumentos e recuos, bem como fluxos e refluxos. A base aqui é partir do estudo da própria população. “O certo é que é das pessoas que temos que partir. Só depois

poderemos falar das coisas” (BRAUDEL, 1995, p. 20). No entanto, de curto ou longo prazo, o “número” pode representar muito da população.³³

b) Perfil da população e indicadores sociais

A proposta ao trazer os dados referentes às características da população no geral não é aquilatar as características da comunidade como padrões, mas contrapor como são os habitantes da cidade (*outsiders*) e o *insider* da comunidade. O tópico anterior trouxe o passado da cidade em que se firmou a comunidade, e este traz o presente em que os Arturos lutam para reafirmar suas raízes e modo de vida.

Atualmente, a população brasileira está, em sua maioria, instalada nas ditas áreas urbanas, as quais tendem a acumular maior número de pessoas. O que pensar do urbano sem logo vir à mente a conotação de “cidade”. Todavia, Roberto Monte-Mór (2006) compreende o urbano como algo para além das fronteiras rígidas da cidade, como um modo de vida, em seu aspecto “continuum”, estendida virtualmente por todo o espaço social (o processo de urbanização extensiva). Assim, a estrutura das cidades – o sítio, função e funcionalidade – favorecem a materialização das características urbanas na paisagem, de modo que, como coloca Corrêa (1995), o espaço urbano e a própria sociedade vinculados às cidades demandam funções urbanas; assim, a cidade marca a experiência de vida urbana.

Quanto à realidade brasileira, o processo de urbanização extensiva, assim designado por Monte-Mór (2006), deu-se com maior expressividade com os avanços dos meios de comunicação, transporte, conexão entre os lugares, entre outros avanços contemporâneos. Os laços do urbano melhor se concretizaram por expansão da urbanização extensiva das regiões metropolitanas e as suas interligações com centros industriais menores e dispersos. O urbano, isto é, o modo de vida urbano já atinge uma proporção nacional, com maior expressividade em determinados pontos, mas espreado por diversos contextos. “Em toda parte, a lógica urbano-industrial impõe-se ao espaço social contemporâneo, no urbano dos nossos dias” (MONTE-MÓR, 2006, p. 17).

Os dados representados na Tabela 1 referem-se à população residente, por sexo, segundo a condição no domicílio. Com base nos números contidos na Tabela 1, a maior parte da população de Contagem-MG reside em domicílios segundo condições urbanas, assim como a RMBH e o estado de Minas Gerais. Subentendido nos dados, está o significado que os

³³ Refere-se aos dados estatísticos, ou seja, “os números” sobre a população. E que, mesmo contendo imperfeições, é um importante instrumento de obtenção de informações sobre as populações.

laços com o modo de vida urbano possuem, representando grande peso na forma de materialização da paisagem, dos lugares da cidade e da moradia.

Tabela 1
População residente, por sexo, segundo a condição no domicílio.
Ano 2010

| | Sexo | Situação do domicílio | | |
|---------------------|--------------|-----------------------|------------------|-------------------|
| | | Urbana | Rural | Total |
| Minas Gerais | Homens | 8.108.983 | 1.532.894 | 9.641.877 |
| | Mulheres | 8.606.233 | 1.349.220 | 9.955.453 |
| | Total | 16.715.216 | 2.882.114 | 19.597.330 |
| RMBH | Homens | 2.535.781 | 69.628 | 2.605.409 |
| | Mulheres | 2.747.549 | 61.743 | 2.809.292 |
| | Total | 5.283.330 | 131.371 | 5.414.701 |
| Contagem | Homens | 291.709 | 1.089 | 292.798 |
| | Mulheres | 309.691 | 953 | 310.644 |
| | Total | 601.400 | 2.042 | 603.442 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico.

Como o enfoque da pesquisa é pautado na experiência de vida com a paisagem, os números contidos nos dados podem não retratar a subjetividade e a relação de lar que o lugar pressupõe para o indivíduo; entretanto, representam a assimilação dos indivíduos frente ao fenômeno de urbanização e indicam quem são essas pessoas e onde vivem. Se a cidade – como o caso de Contagem – possui um quantidade alta de domicílios em situação urbana, isso representa que a trajetória dos seus habitantes está atrelada à própria linha de desenvolvimento do município – uma experiência de vida urbano-industrial. É difícil falar em lugar, sem pressupor o fator relacional com o meio (MASSEY, 2004).

Desse modo, destaca-se como característica dos “*outsiders*” e até mesmo “*insider*” da Comunidade dos Arturos a presença marcante do modo de vida urbano, a experiência atrelada ao cotidiano da cidade, as redes de relações interpessoais entre o local e o global, e a conexão com a RMBH.³⁴ Convém esclarecer que o fato de a Comunidade estar, de certo modo, atrelada à cidade – como seu espaço mais amplo – não significa que, atualmente, origine-se

³⁴De acordo com Costa (2013, p. 39): “Os Arturos contemporâneos mantêm um relacionamento aberto entre o mundo externo e a força de seus ancestrais. Aderem às mudanças protegidos pelo escudo da história e tradição de seus ancestrais. Este escudo confere aos Arturos a consciência de serem partícipes de uma estrutura mais ampla, caracterizada pelas diferenças de classes sociais. Fora da comunidade ‘o Arturo é o negro que a sociedade aprendeu a olhar com desconfiança’. (GOMES e PEREIRA, 1988, p.189). E, é a certeza dos laços familiares que garantem o sair, resistir a estes olhares e o retornar ao “porto seguro”.

dessa conexão uma cultura unicamente “urbana”, mas interligada, entre a comunidade com seus valores e crenças e a paisagem materializada como urbana.

Quem são os moradores de Contagem – MG? Com a finalidade de obter alguns pontos dessa questão, certas variáveis foram consideradas, as quais foram: faixa etária³⁵, sexo, cor ou raça e condição de atividade.

Observando a Tabela 2, tanto o contingente populacional do estado de Minas Gerais, a RMBH e o próprio município de Contagem, possuem mais elevados números de população na faixa etária de 30 a 59 anos, considerando no aspecto geracional, como a geração adulta. Esse aumento na faixa etária adulta, bem como no número de jovens, deve-se à diminuição da taxa de natalidade, decorrente de diversos avanços nas áreas de saúde, empregabilidade e intensificação do processo de urbanização.³⁶ O reflexo é uma população geracional (mais velha) que já tenha uma experiência de vida em que passou por diferentes fases históricas e viveu parte da transformação da paisagem do seu espaço e lugar. O fator etário reflete na mobilidade espacial e na percepção da paisagem do próprio lugar, bem como a análise da cidade. Além disso, desencadeia diferenças, também, sobretudo, na maneira de usufruir dos espaços da cidade e a aceitação às transformações da paisagem.

Como esta pesquisa aborda sobre a Comunidade dos Arturos, e os seus ancestrais são de origem africana, instigou-se interpelar sobre a característica da população contagense e da região, quanto à questão de cor ou raça. Desse modo, basear-se nos Arturos para atentar sobre a percepção da cidade, enquanto habitantes “enraizados”, implica no entendimento de sua constituição como resistências das negras raízes mineiras.³⁷ De acordo com Gomes e Pereira (1988), o negro escravizado era um dos atributos da máquina produtora vigente no período histórico de ocupação e formação das terras que hoje viriam a ser a cidade de Contagem. Desse modo, para além de força de trabalho, as descendências negras são fortes elementos culturais na população contagense e mineira. Apesar de as origens da população de Contagem estar atrelada à descendência negra, a coerção e discriminação às características de base

³⁵ Quanto ao aspecto geracional, cada geração percebe o espaço e o lugar de maneira apropriada com sua experiência de vida; nesse caso a paisagem da cidade – considerada como espaço urbano. De acordo com Corrêa (1995, p. 9) “O espaço urbano assume assim uma dimensão simbólica que, entretanto, é variável segundo os diferentes grupos sociais, etários etc.”. À medida que se tem mais tempo de experiência com o espaço, lugar ou circunstância, mais se entende daquela realidade. Desse modo, o primeiro aspecto a se considerar nessa pesquisa quanto às características dos habitantes de Contagem, foi o grupo etário.

³⁶ Condição ressaltada por diversos autores, quanto à inversão da pirâmide etária, principalmente em países desenvolvidos e emergentes.

³⁷ As características culturais, as festividades, o elo com o lugar e a ancestralidade, bem como o caráter intergeracional serão abordados no capítulo 4, ao se referir propriamente sobre os Arturos.

africana e escrava manifestavam-se em forma de ações repressoras e discriminatórias quanto ao posicionamento do negro perante a sociedade.³⁸ De acordo com Costa (2013, p.21), referindo-se à interpretação do sistema escravista brasileiro, “[...] a história do negro no Brasil é marcada por uma resistência que busca não esconder a dilaceração sofrida no passado e não cauterizada de todo no presente”.³⁹

Tabela 2
População residente por grupos de idade
Ano 2010

| Grupo de Idade | Minas Gerais | | RMBH | | Contagem | |
|-----------------|------------------|------------------|------------------|------------------|----------------|----------------|
| | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| 0 a 14 anos | 2.234.528 | 2.159.429 | 590.644 | 573.060 | 65.565 | 64.166 |
| 15 a 29 anos | 2.593.357 | 2.562.839 | 724.887 | 739.698 | 82.975 | 84.141 |
| 30 a 59 anos | 3.775.019 | 3.961.074 | 1.050.256 | 1.161.548 | 120.323 | 130.632 |
| 60 anos ou mais | 1.038.973 | 1.272.110 | 239.623 | 334.986 | 23.934 | 31.705 |
| Total | 9.641.877 | 9.955.452 | 2.605.410 | 2.809.292 | 292.797 | 310.644 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

À vista disso, uma das características da população a ser descrita refere-se à questão da cor ou raça. De acordo com o censo do IBGE, a maioria da população, tanto do Estado de Minas Gerais, da Região Metropolitana de Belo Horizonte quanto do município de Contagem – MG declarou-se como sendo parda ou branca (Tabela 3). Entretanto, o fato a ser destacado refere-se quanto ao município de Contagem, o qual, em sua história de fundação e constituição enquanto aglomerado populacional, tem forte presença de escravos e mestiços, decorrente do posto de registro instalado na localidade, por onde passavam gados, mercadorias e escravos, fator que exalta a participação da população negra na cidade. A presença de uma comunidade remanescente de raízes negras de tamanho valor cultural dentro da cidade de Contagem faz jus à importância das raízes negras tanto de Contagem, da RMBH quanto de Minas Gerais. Todavia, os dados representados na Tabela 3 referem-se à própria

³⁸ Referindo-se ao período escravocrata brasileiro.

³⁹ Para mais informações sobre o sistema escravista brasileiro, a história e o papel do negro na sociedade e a relação com a Comunidade dos Arturos, ler em: Gomes e Pereira (1988) e Costa (2013).

declaração da população, e, apesar de haver lutas pelo fim do preconceito às características físicas, ainda há o sufocamento das raízes negras de origem da população brasileira.⁴⁰

Tabela 3
População residente por sexo, cor ou raça.

| | | Ano 2010 | | | | | | |
|--------------|--------------|------------------|------------------|----------------|------------------|---------------|----------------|-------------------|
| Sexo | | Cor ou raça | | | | | Sem declaração | Total |
| | | Branca | Preta | Amarela | Parda | Indígena | | |
| Minas Gerais | Homens | 4.260.435 | 933.236 | 83.930 | 4.346.516 | 15.580 | 2.179 | 9.641.877 |
| | Mulheres | 4.570.542 | 874.290 | 103.939 | 4.390.344 | 16.020 | 317 | 9.955.453 |
| | Total | 8.830.978 | 1.807.526 | 187.869 | 8.736.860 | 31.601 | 2.496 | 19.597.330 |
| Contagem | Homens | 110.101 | 31.877 | 3.709 | 144.856 | 450 | 1.805 | 292.798 |
| | Mulheres | 122.242 | 29.940 | 4.387 | 153.503 | 573 | 0 | 310.644 |
| | Total | 232.343 | 61.816 | 8.096 | 298.359 | 1.023 | 1.805 | 603.442 |
| RMBH | Homens | 1.001.539 | 293.368 | 27.786 | 1.276.939 | 3.845 | 1.932 | 2.605.409 |
| | Mulheres | 1.140.371 | 280.518 | 36.321 | 1.347.726 | 4.254 | 103 | 2.809.292 |
| | Total | 2.141.910 | 573.886 | 64.107 | 2.624.665 | 8.099 | 2.034 | 5.414.701 |

Nota:

1 - Os dados são da Amostra

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Vale ressaltar que o foco desta pesquisa não é centrado em discutir as questões sobre racismo ou preconceito; entretanto, a questão racial no Brasil é “delicada”, como coloca Vasconcelos (2007), pelo fato de que se trata de uma sociedade amplamente miscigenada⁴¹, onde o racismo é profundo e renitente. De modo que as questões raciais no Brasil referem-se, ainda, às diferenças espaciais e regionais atreladas à ampliação do preconceito e discriminação racial, as quais retratam também as desigualdades sociais, raciais e regionais (VASCONCELOS, 2007). Por isso, são importantes ações em relação ao reconhecimento da cultura negra e de outras “minorias”, as quais, na verdade, não são minorias, e, sim, uma parcela extremamente significativa da sociedade e da população urbana contemporânea.

Todavia, ainda hoje emerge, em meio às sensações de medo e vulnerabilidade urbana, a questão do receio de não enquadramento aos padrões que imperam nas cidades, mesmo elas

⁴⁰ Tal como aborda Gomes e Pereira (1998) e Costa (2013) sobre a história do negro no Brasil.

⁴¹ Como pode ser observada na Tabela 3, grande parcela da população mineira se declara como parda.

sendo heterogêneas e fomentando a existência de múltiplos lugares. E, como abordam Gomes e Pereira (1988) e Costa (2013), a trajetória do negro é de resistência e luta pelo reconhecimento de seus fundamentos culturais e direitos, assim como a luta pelos direitos e respeito às mulheres. Diante disso, antes de contraditórios, é preciso entender que a topofilia e a topofobia podem ser residuais de um mesmo contexto: o forte sentimento de acolhimento dentro do próprio lugar e a resposta de repulsa ao medo de um comportamento excludente no espaço mais amplo das grandes cidades. Nesse contexto, a topofobia não é propriamente um medo da paisagem agreste do urbano, simbolicamente pode representar o preconceito da cor, indutor de *fobias*.

Por fim, outro fator da característica populacional e que também pode ser relacionado com um medo urbano é o desemprego. O receio de estar desempregado, para alguns, representa a falta de acesso às melhores condições de uso e usufruto da forma da cidade, bem como a dificuldade de mobilidade, tanto espacial, quanto social. O parâmetro econômico associa-se à qualidade de vida urbana a partir do momento em que a especulação imobiliária define valores para distribuição da população pelo solo urbano e seu uso; assim, distribuindo os recursos de melhores infraestruturas para áreas com maior poder aquisitivo. E, de modo geral, estar desempregado implica não ter acesso a esses recursos.

A Tabela 4 expressa os dados relativos à população economicamente ativa e não ativa em Contagem, RMBH e Minas Gerais, no ano de 2010. Ainda há um contingente considerável de população se enquadrando como “não economicamente ativa”. Sendo que, de maneira desigual, a população feminina é a que apresenta maior taxa como “não economicamente ativa”, uma discrepância ainda a ser superada.

Considerando essas premissas sobre algumas características do perfil da população da área de estudo, encaminha-se para a questão da infraestrutura das cidades, assim como o local onde está localizada a Comunidade dos Arturos, ou seja, o espaço urbano.

Tabela 4

Pessoas de 10 anos ou mais de idade por condição de atividade na semana de referência e sexo
Ano 2010

| | Condição de atividade | Sexo | | |
|---------------------|--------------------------|------------------|------------------|-------------------|
| | | Homens | Mulheres | Total |
| Minas Gerais | Economicamente ativa | 5.646.139 | 4.293.592 | 9.939.731 |
| | Não economicamente ativa | 2.618.883 | 4.332.368 | 6.951.251 |
| | Total | 8.265.021 | 8.625.960 | 16.890.981 |
| Contagem | Economicamente ativa | 179.919 | 151.121 | 331.041 |
| | Não economicamente ativa | 71.747 | 119.468 | 191.215 |
| | Total | 251.666 | 270.589 | 522.255 |
| RMBH | Economicamente ativa | 1.564.886 | 1.338.292 | 2.903.177 |
| | Não economicamente ativa | 674.300 | 1.117.804 | 1.792.104 |
| | Total | 2.239.185 | 2.456.096 | 4.695.281 |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

c) Mobilidade e experiência de vida na cidade

Considerar-se-ão dois aspectos ao abordar a experiência de vida na cidade: mobilidade e violência. Esses dois aspectos são considerados, pois, de acordo com Amorim Filho (1999), em sua pesquisa sobre topofilia e topofobia, a Região Metropolitana de Belo Horizonte apresenta sentimentos de afeição, mas, em contrapartida, tem gerado como sentimento topofóbico as desagradáveis sensações de congestionamento populacional e a falta de segurança. Então, como a imagem da paisagem pode gerar desconforto e desgosto, a questão de mobilidade nos espaços da cidade também é um fator a ser considerado, de modo que se associa à questão de acessibilidade dos indivíduos aos diversos ambientes que existem na região metropolitana.

A mobilidade seria a cara da cidade, mas que mobilidade seria essa senão a causada pela movimentação de pessoas em seus trajetos diários de trabalho, lazer, encontros, entre outros. A população urbana vive em constante agitação e dinamismo. “As cidades, e especialmente as cidades grandes, estão em equilíbrio instável” (PARK, 1967, p. 44). Mudanças através dos desenvolvimentos tecnológicos e da organização industrial nas cidades representam também mudanças nos hábitos de vida, costumes e sentimentos *na* e *pela* cidade. A cidade é nicho da diversidade, de populações que não se tratam por igual e nem mesmo são

compatíveis em ideais; classes sociais opostas; o indivíduo e a estrutura; o sujeito e a rua. Para Robert Ezra Park (1967, p. 61), “Os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram”.

Destarte, seguindo a linha fenomenológica, Marandola Jr. (2014) advoga sobre a natureza das interações na mobilidade urbana, os riscos e as vulnerabilidades a que as pessoas estão expostas cotidianamente. Essas mobilidades nos espaços de vida mudam as relações das pessoas com os lugares; assim, “o espaço de vida é composto por todos os lugares e itinerários que a pessoa percorre cotidianamente” (MARANDOLA JR. 2014, p. 112). Desenvolve-se da ampliação dos espaços “da” vida a complexidade dos movimentos citadinos, principalmente os metropolitanos, fazendo existir uma cartografia de deslocamentos, frequência, distâncias e temporalidades. São esses movimentos que influem na forma de experiência adquirida com a vida em meio à metrópole. É através dessa relação com o espaço de vivência que o indivíduo adquire consciência do “mundo” e percebe o que é afetivo e o que lhe causa desagrado. Sendo, no aparente paradoxo da vida metropolitana, que induz à mobilidade e, ao mesmo tempo, faz o homem desejar o espaço menos fluido e enraizado do local (HOLZER, 1997; MARANDOLA JR., 2014; PÁDUA, 2013), como a comunidade.

A primeira e maternal relação com a base material é a própria casa, pois ela representa a proteção contra os perigos, o aconchego do descanso, como uma concha protetora que permite repor as energias. Na sociedade urbana, dissipou-se muito desse tempo com a comodidade da casa, decorrente da necessidade de passar-se cada vez mais tempo no trabalho ou deslocando-se até ele. Para Ascher (1998) apud Marandola Jr. (2014), a questão que se coloca é a necessidade constante de multipertença do homem a vários grupos e espaços, dificultando a identificação e pertença do homem com o seu lugar. Fundamenta-se a característica da vida metropolitana, da necessidade de mover-se, conforme coloca Simmel (2005), igual a um relógio, em um esquema fixo. Embora, perca-se tanto tempo nos trajetos diários do local ao destino.

Delineando o aspecto de mobilidade e experiência urbana, o tempo de permanência no local constitui um elemento de importante caráter para o envolvimento com o lugar, assim como a questão de segurança. É certo que, embora a vida metropolitana induza à necessidade do deslocamento diário dos jovens e adultos para trabalho, estudo, consumo e outros, pesa-se a questão de segurança e suprimento das necessidades básicas na decisão do local de moradia. Como aborda Marandola Jr. (2014), os imigrantes, “os de fora”, ao habitarem nas regiões

metropolitanas, fazem-no de maneira espalhada por vários locais, possuindo mais vínculos comunitários no trabalho/ local de estudo do que necessariamente com o bairro de moradia. Enquanto os moradores que estão estabelecidos no local, antes da constituição da região metropolitana, tendem a considerar a mobilidade pendular para suprir a necessidade de trabalho/ estudo, por outro lado, os laços com as tradições, memória e relações com o lugar os fazem enjeitar mudar o local de moradia, principalmente para as gerações adulta e idosa; fato correlato com a Comunidade dos Arturos.

Embora a relação com o local de vivência fique muito esgarçada devido ao longo tempo gasto nos trajetos diários, a segurança de um lugar afetivo e acolhedor justifica a necessidade da permanência. É notório o sentimento de topofilia das comunidades que se caracterizam por prosseguirem existindo nos mesmos locais de seus antepassados e/ou berço de nascimento. Mesmo frente às dificuldades de segurança, mobilidade e acessibilidade à vida metropolitana que lhe foram impostas decorrentes da expansão da região metropolitana, a Comunidade dos Arturos pode ser considerada como “estabelecidos” em um habitat demorado e enraizado.

Essa situação acarreta alguns pontos a se considerarem quanto à relação com o lugar, à mobilidade e à experiência de vida na cidade, juntamente com o fator geracional (MARANDOLA JR., 2014): a) os longos trajetos na cidade possuem a característica de efêmeros, exercendo o papel de suprir as necessidades metropolitanas de trabalho e estudo, mas não suprindo a singularidade afetiva da casa, bairro ou comunidade; b) as crianças e os idosos possuem um laço de maior fixação ao lugar, os primeiros pela questão maternal, e os outros pela memória e sensação de proteção; c) os jovens e adultos, perante a necessidade de trabalho e estudo, tendem a mover-se por espaços mais amplos, expondo-se a mais riscos e gastando parte de suas horas diárias no trajeto ou mudando para as áreas mais próximas a esses serviços; d) ao mesmo tempo em que a casa – bairro ou comunidade – representa o aconchego, não supre todas as necessidades de um “mundo capitalista”, sempre lançando a necessidade de aderir a formas diferentes de serviços, trabalho e relações, como a necessidade de trabalho nas indústrias e comércio fora do círculo interno da comunidade, induzindo, assim, à vulnerabilidade do espaço e o tempo gasto nos deslocamentos para o trabalho.

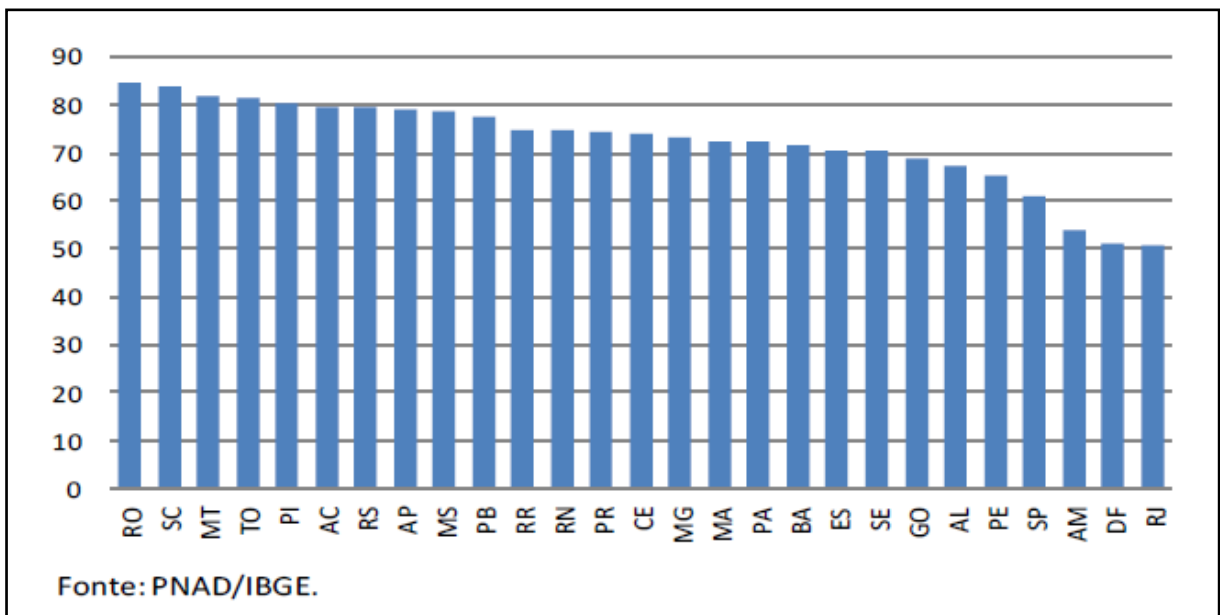
Tempo de deslocamento para o trabalho: refere-se ao tempo médio no trajeto para o trabalho. “Quanto maior o tempo, maior o custo de oportunidade, impacto negativo sobre produtividade e menos tempo de lazer e bem-estar” (PERO e MIHESSEN, 2012, p. 11). Trata-se de uma realidade evidenciada como fator topofóbico nos grandes centros urbanos. Quanto maior o

tempo no deslocamento da casa-trabalho-casa, maior o custo e, principalmente, menor o tempo destinado para as relações com o lugar de moradia – a comunidade.

A ideia da mobilidade é garantir que as pessoas possam se conectar a várias áreas da cidade, satisfazendo às necessidades, aos prazeres cotidianos e aos encontros (BERGMAN e RABI, 2005). Entretanto, gasta-se tempo em demasia no deslocamento, decorrente do aumento do contingente populacional, que impulsiona o congestionamento de veículos nas vias de circulação das grandes cidades, um elemento topofóbico (AMORIM FILHO, 1999).

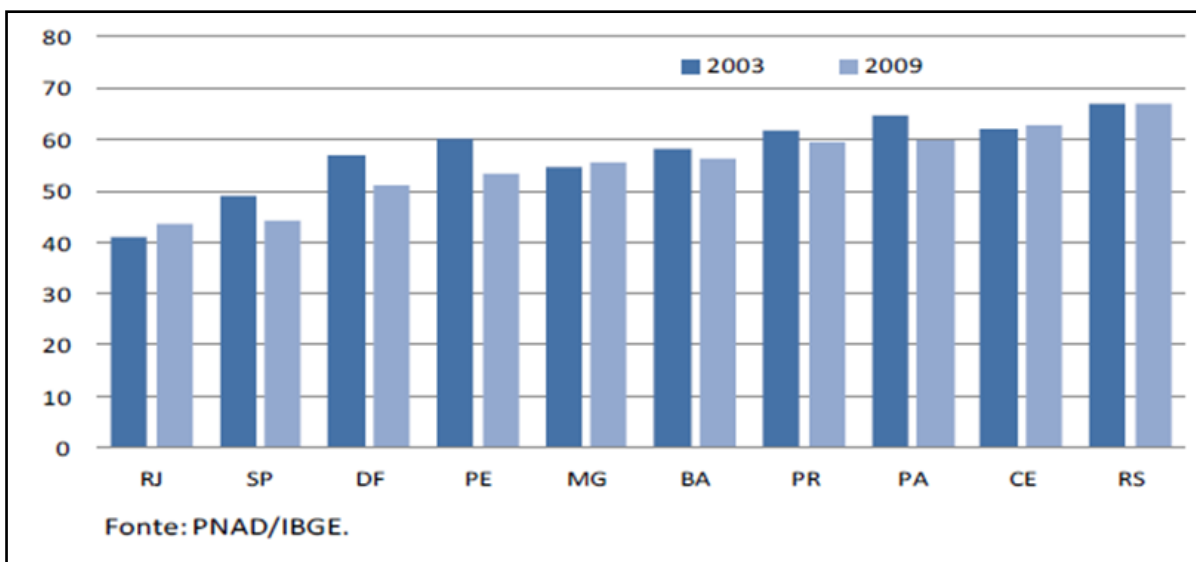
As Figuras 7 e 8 contêm dados que analisam a quantidade média de tempo que as pessoas levam para chegarem ao trabalho, nos estados brasileiros e nas regiões metropolitanas desses estados. Analisando ambas as figuras, infere-se que o brasileiro gasta muito tempo nos trajetos diários de casa-trabalho-casa, principalmente nas regiões metropolitanas. Singularmente, no tocante às gerações de jovens e adultos, de acordo com Marandola Jr. (2014), possuem uma maior mobilidade, decorrente das necessidades de trabalho e estudo. Conforme visto na Figura 7, cerca de 72% da população de Minas Gerais gastam até 30 minutos para chegar ao trabalho (PERO e MIHESSEN, 2012), e os demais gastam mais do que 30 minutos no trajeto; mas, ao se considerar a Região Metropolitana de Belo Horizonte, esse valor é mais alarmante, já que menos de 60 % da população gasta até 30 minutos no deslocamento de casa ao trabalho (Figura 8).

Figura 7: Proporção de pessoas com tempo médio de deslocamento de casa ao trabalho de até 30 minutos por estado



Fonte: retirado de Pero e Mihessen (2012, p. 21).

Figura 8: Proporção de pessoas com tempo médio de deslocamento de casa ao trabalho de até 30 minutos por RM⁴²



Fonte: retirado de Pero e Mihessen (2012, p. 21).

Dessa maneira, a questão da mobilidade urbana deve ser entendida sob uma ótica complexa e abrangente, de modo que é um direito social (PERO e MIHESSEN, 2012),

⁴² Região Metropolitana.

embora, na realidade brasileira das regiões metropolitanas, simbolize uma grande “perda de tempo”, o qual poderia estar sendo utilizado para aprofundar as relações com o lugar.

Violência urbana: O medo da violência é um dos mais característicos nas cidades, principalmente, aquelas que apresentam crescimento e expansão do processo de urbanização. Assim, esse sentimento se associa com a questão da existência de conflitos por delimitação territorial, homicídios, roubos, tráfico, discriminação racial, entre outros. Desse modo, “A imagem mental de determinado território deriva das opiniões de amigos, familiares, vizinhos e das mensagens veiculadas por meios de comunicação social que vão associando casos de criminalidade e violência a determinados lugares” (VAZ, BARROS e FERNANDES, 2011/12, p. 181); isso pode conduzir à sensação de receio e desagrado com os lugares mais próximos ou mais distantes. Em alguns casos, como discorre Vaz, Barros e Fernandes (2011/12), o medo e a questão da topofobia desenvolvida em locais específicos da cidade são baseados em informações transmitidas por conhecidos, ao passo que essas informações vão sendo agrupadas, e o receio de transitar por esses espaços torna-se comum a um grupo. A mídia, também, é um importante transmissor de informações sobre as áreas que deixam o indivíduo mais vulnerável à ocorrência de violência – em decorrência dos noticiários, notas, reportagens, entre outros.

Contudo, não há aqui uma intenção de elucidar a questão da violência urbana, porém, retratá-la brevemente, para correlacionar com os medos e aversões que acometem a Comunidade dos Arturos. Nessa abordagem, a questão da violência se alia à busca pelas seguranças públicas, principalmente, para as populações que se veem segregadas e necessitam de serviços públicos, dentre os quais, transporte, saúde, educação e outros. E, infelizmente, quanto às medidas de resolução da violência, “O que se observa nas últimas décadas é a grande quantidade de tentativas pontuais de estruturação de um sistema de segurança. Verdadeiros remendos novos num pano velho” (SOUZA, 2013, p. 385), o que proporciona à população um terrível clima de insegurança e a recorrente cobrança de uma sociedade menos amedrontada pelo receio de se tornar mais uma página do noticiário de crimes ocorridos. Ademais, essa é uma situação que acomete a todos, mas, primordialmente, as populações de classes mais baixas e que necessitam de se exporem às áreas e situações de risco.

De acordo com Andrade e Marinho (2013), apesar de não haver uma afirmação direta de que a violência esteja exatamente associada ao aumento populacional, por outro lado, nas áreas mais adensadas e urbanizadas, apresenta-se um aumento da violência no geral, principalmente, homicídios. “Quando observamos toda a série histórica, somando os

homicídios registrados em Minas Gerais de 1998 até 2008, de um total de 35.115 pessoas assassinadas, 56,3% residiam em municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte [...]” (ANDRADE e MARINHO, 2013, p. 15). Nessa perspectiva, os aumentos das taxas de criminalidades também estão associados ao crescimento desordenado e sem planejamento que ocorreu em muitos municípios da RMBH, além do mais, à segregação socioespacial e à fomentação de um contexto propício à incursão da violência no cotidiano dos habitantes das grandes cidades (PAIXÃO apud ANDRADE e MARINHO, 2013).

Outra característica que envolve a questão da criminalidade é o perfil das vítimas e envolvidos nas violências. De acordo com Andrade e Marinho (2013), o perfil social das vítimas na RMBH não difere de outras localidades do contexto urbano brasileiro, sendo que os mais acometidos são homens jovens, o que fica claro “[...] quando consideramos todos os homicídios ocorridos na RMBH de 1998 até 2008, e notamos que 91,9% ocorreram com pessoas do sexo masculino, enquanto 8,1% representavam vítimas do sexo feminino” (ANDRADE e MARINHO, 2013, p. 21). Esse dado, também, entra em consonância com o aumento do número de jovens mortos por armas de fogo. Dentre as motivações e circunstâncias que conduziram à criminalidade, estão: a disputa por poder; a presença de gangues juvenis; o envolvimento no tráfico; o envolvimento em atividades comerciais criminosas; as rixas; entre outros motivos que agregam a extensa lista de motivações para cometimento de homicídios e outras violências no geral. O que leva à consideração de que as áreas metropolitanas, em virtude da existência de múltiplos espaços, tendem a ter uma taxa mais elevada de violências e crimes letais, em decorrência da existência de disputas territoriais, dentre outros problemas e mazelas sociais (ANDRADE e MARINHO, 2013), criando, no ambiente metropolitano, o medo e a sensação de insegurança, principalmente em vias públicas, locais ermos, com muitas mazelas sociais e/ou que apresentem vários casos de criminalidade citados na imprensa.

A violência gera custos, e não somente referentes aos investimentos para sua diminuição, mas, sobretudo, custos de vidas e oportunidades, já que produz perda do importante capital humano e a sociabilidade na vida urbana. “Os prejuízos decorrentes do crime podem ser observados na redução da expectativa de vida, no montante de gastos com saúde, na sensação generalizada de insegurança ou em diversos outros aspectos do bem-estar individual afetados pela violência” (RONDON e ANDRADE, 2003, p. 224). Desse modo, de acordo com Rondon e Andrade (2003), há dois tipos de custos, um exógeno – que envolve gastos efetuados diretamente no combate ao crime (agentes públicos e privados); e o outro,

endógeno – que se refere aos resultados da ação dos crimes (ex.: perda de anos de vida dos indivíduos e bens roubados/furtados).

Os custos exógenos são despendidos com a finalidade de evitar as perdas com os custos endógenos. A perda em valores com custos exógenos oneram grande parte do percentual que poderia estar sendo despendido para outras áreas sociais, como educação e saúde. Já os custos endógenos geram perdas além de materiais mas também de vidas; “Segundo o *survey* de vitimização realizado pelo Crisp, aproximadamente 14,4% da população com mais de 15 anos de idade foi vítima de furto entre maio de 2001 e abril de 2002 em Belo Horizonte” (RONDON e ANDRADE, 2003, p. 251). E, ainda, “[...] os custos endógenos representaram aproximadamente 1,6% do PIB de Belo Horizonte do ano de 1999. Esse percentual elevado deve-se às perdas associadas aos crimes contra a pessoa e contra o patrimônio. Ambas apresentaram custos expressivos na capital mineira”, custo que dialoga com o abordado por Andrade e Marinho (2013) sobre a taxa de homicídios. É importante considerar que os custos endógenos possuem um valor menor que os gastos com os custos exógenos, apesar de serem mais impactantes, ainda mais que se referiam à perda de vidas. À vista disso, além desses, os custos que a insegurança e o medo da violência produzem afetam, também, o bem-estar, a produtividade econômica e a sociabilidade entre a população (RONDON e ANDRADE, 2003).

Do ponto de vista econômico, a violência tem pelo menos três efeitos importantes. No que concerne ao capital humano da sociedade, a violência reduz o mesmo mediante a perda direta de vidas e do impacto da insegurança sobre a produtividade do trabalho. Do ponto de vista do capital físico, a violência, por meio da utilização de recursos – mão-de-obra e equipamentos – para combater o crime, também afeta o nível e a composição do produto do País e altera a alocação ótima de insumos, através da reorientação do espaço urbano e da inibição de oferta de trabalho, por exemplo. (RONDON e ANDRADE, 2003, p. 224).

Tendo como base essas considerações, o medo da violência urbana, bem como o receio de ficar preso em congestionamentos configura-se como um impacto aos moradores das cidades grandes e, primordialmente, das regiões metropolitanas, influenciando no plano econômico, espacial, social e de sociabilidade dos cidadãos. Essa breve exposição sobre os problemas que afetam a vivência em meio aos espaços urbano-metropolitanos teve como intenção indagar sobre a realidade em que a Comunidade dos Arturos está inserida e trazer um pouco do que se contrasta com a vida no interior da comunidade. A questão que se coloca é como esse fator característico da vida metropolitana influi na experiência de vida dos

moradores mais “estabelecidos”, como a Comunidade dos Arturos. De modo que, de acordo com Amorim Filho (1999), a desagradável sensação de congestionamento e o medo da violência nas regiões metropolitanas são fatores de topofobias. E para a Comunidade dos Arturos, isso também implica como uma característica topofóbica, enquanto, “*outsiders/insiders*”? É assim para todas as gerações que residem dentro da comunidade?

3.2 – Valorização da paisagem cultural como questão de qualidade de vida

Nem todos possuem a mesma experiência com a cidade, isso pode variar de acordo com características, como: sexo, idade, tempo de moradia na cidade, renda e acesso à mobilidade; entretanto, coexistindo em um mesmo meio, pode haver questões que se assemelham. Desse modo, as formas de ver os espaços da cidade também não são as mesmas. Para Marandola Jr. (2014), os “estabelecidos” na cidade têm na casa/bairro/comunidade mecanismos de segurança, e, por mais que ocorram mudanças na cidade de maneira rápida, não perdem a qualidade da afetividade que o lar representa para eles; entretanto, veem, nos espaços mais amplos, os riscos e as vulnerabilidades. Em contrapartida, “os de fora” são mais afeitos às mudanças, já que não estão ligados historicamente às paisagens do passado. Para Bauman (2009), o divórcio entre as características locais e as imposições globais, cria espaços sem história que afligem a população.

No ato de apoderar-se da expansão das áreas urbanas, a morfologia histórica das paisagens simbólicas ficou entre as novas estruturas, ruas e comércios, comumente, negligenciados. Ao transformar os espaços, é preciso pesar a importância daquela paisagem para a qualidade de vida dos seus frequentadores, de modo que fica difícil para o homem se sentir afetivo por locais que indicam espoliação e destruição dos elementos culturais. Para Mumford (1961, p. 349), “Cada tipo de paisagem tem o seu significado especial para o homem civilizado” e, para Luchiari (2001), tamanha degradação do ambiente, seja estrutural ou cultural, pode implicar no sentimento de “morte da paisagem”, pelo fato de o homem não se reconhecer nela. E não é bom para a qualidade de vida, mental e social, o homem não ter um ponto de afeição com o ambiente em que vive – a cidade.

A questão da qualidade de vida surge aí, no ponto em que o lugar transmite segurança, e a paisagem constitui como um elemento de reconhecimento, tornando fundamental que, na cidade, seja possível que existam esses locais – paisagens culturais. De acordo com Giatti e Moura-de-Sousa (2009, p. 293), a noção de saúde pela Organização Mundial da Saúde – OMS é “O estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de

doença”. Logo, o lugar constitui como um local de “recarregar as energias”, assim como as paisagens históricas transmitem a sensação de calma e “estar em casa”; por isso a necessidade de valorizar as paisagens culturais, o elo com o lugar e os símbolos da cidade, como uma questão de qualidade de vida. O lugar ganha a função de extensão do corpo do homem; daí o elo forte entre as comunidades mais antigas e a terra. Giatti e Moura-de-Sousa (2009, p. 293) ainda colocam que a OMS define qualidade de vida como “percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto de cultura e sistemas de valores no qual vive em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”.

Contudo, por mais que ocorra a experiência de vida como “*outsider*” no entorno da comunidade, é preciso que as condições tanto estruturais, quanto culturais, sejam adequadas para permiti-lo entrar em comunhão com o seu meio. É preciso que o homem possa se sentir integrado ao espaço da cidade, e que esse não seja um empecilho no encontro e tempo destinado à afeição com o lugar. Nesse contexto, o “*insider*” representa, na abordagem da qualidade de vida, o equilíbrio mental e social. De modo que, dentro do seu lar – casa/bairro/comunidade – a pessoa se sinta protegida, acolhida. E, no caso da Comunidade dos Arturos, dentro da comunidade, os integrantes se sentem interligados com a cultura, a religiosidade e a terra.

CAPÍTULO 4

Realidade e experiência de vida dentro da
Comunidade: “O habitar demorado”

O “habitar demorado” referido pelo título faz inferência a uma colocação de Marandola Jr. (2014) em seu livro “Habitar em risco”. Para tal, o “habitar demorado” refere-se aos estabelecidos, ou seja, aqueles que já possuem um habitar plenamente edificado. Considera-se, então, não somente no quesito do bem edificado materialmente, mas, principalmente, no estabelecimento de laços familiares elementares com o lugar. Reflete-se, portanto, nos estabelecidos, uma condição de vida em que a relação com o tempo e suas próprias trajetórias bem como o acolhimento do seio familiar garantem-lhes uma segurança para lidar com as adversidades e dificuldades cotidianas.

A Comunidade dos Arturos alinha-se a essa abordagem de um “habitar demorado”, ao passo que a relação interna e com o lugar lhes assegura um habitar como estabelecidos, de maneira que: o lugar tem muito valor; a base familiar é seu bem maior; as experiências de vida temporais e espaciais são compartilhadas com as novas e velhas gerações; possuem um longo tempo de residência no mesmo local e fazem parte da história e cultura da cidade. Em seu lugar os Arturos são os “*insiders*”: eles estão em casa, na segurança dos conhecidos. O seu lugar pertence mais que somente aos seus membros presentes mas também aos seus ancestrais. Definir o que é ser Arturo é muito difícil, mas, claramente, ser Arturo é ser sabedor de qual o seu lugar, suas raízes e ter um habitar plenamente edificado com base em sua herança cultural.

Contudo, a relação entre ser “*insider*” e “*outsider*” pode ser estabelecida pelo tempo que se passa no local. Os “*outsiders*” podem ser entendidos como em um “habitar desenraizado”, onde estão mais vulneráveis às mudanças do sistema metropolitano. Ser “*insider*” e “*outsider*” pode estar no mesmo campo de experiências, porém o primeiro refere-se ao elo forte de apego pelo seu lugar e familiares; enquanto, o segundo refere-se à natureza desapegada com a cidade ou a metrópole, sendo que, no sentido de habitar a metrópole, isso nos diz que a morfologia do espaço de vida da cidade metropolitana coloca o indivíduo em um contato contrastante com a estrutura construída para facilitar a mobilidade e que, muitas vezes, gera uma sensação de congestionamento; os riscos do desconhecido ou dos outros; o medo da violência e no seu não reconhecimento como habitante *da* cidade, mas, sim, como um habitante *na* cidade.

Desse modo, a Comunidade dos Arturos se constitui como um importante estudo de caso a ser analisado. Os elos com o lugar e com os familiares lhes asseguram um habitar enquanto estabelecidos; entretanto, a necessidade de trabalho e de serviços os coloca em uma experiência de vida com a cidade e a RMBH, tornando-os “*outsider*”: entre a topofilia do local de vivência e a topofobia do desconhecido da cidade.

4.1 – A importância do caráter intergeracional e da estrutura social para a compreensão da paisagem vivida: Entre ser “*Outsider*” e “*Insider*”.

Nem todas as obras do homem foram parar aos museus, nem todas foram arroladas, nem todas têm guardas à porta. Algumas estão enterradas, outras, à luz do dia, faz-se tão pouco caso delas como se fossem parte de uma paisagem já indiferente e cega. Mas eu, que para tantas outras coisas tenho fama e proveito de distraído, que não olho as coisas, antes sou olhado por elas - caio por vezes em meditações que me colocam a um palmo da magia negra.

[...]

Não me acuse o leitor de obscurantista. Tenho uma confiança danada no futuro e é para ele que as minhas mãos se estendem. Mas o passado está cheio de vozes que não se calam e ao lado da minha sombra há uma multidão infinita de quantos a justificam. Por isso os portões velhos me inquietam, por isso os pilares abandonados me intimidam. Quando vou atravessar o espaço que eles guardam, não sei que força rápida me retém. Penso naquelas pessoas que vivas ali passaram e é como se a atmosfera rangesse com a respiração delas, como se o arrastar dos suspiros e das fadigas fosse morrer sobre a soleira apagada. Penso nisto tudo, e um grande sentimento de humildade sobe dentro de mim. E, nem sei bem porquê, uma responsabilidade que me esmaga. (JOSÉ SARAMAGO, 1996, p. 40-41)

No que se refere à discussão no decorrer deste trabalho, um dos vieses é pensar a que ponto o caráter intergeracional e a própria estrutura social influem sobre a maneira de compreensão da paisagem habitada. A carga social que se adquire com o passar dos anos certamente, imbuí-se de um apego pelo lugar, um sentimento de pertencimento; mas a que ponto a conexão com o espaço mais amplo pode influir nesse sentimento?

A fim de buscar respostas a esse questionamento ou mesmo indagar ao tema da pesquisa, há que se dialogar, neste capítulo, sobre a importância do aspecto intergeracional. Para a criança a figura materna ou a estrutura familiar é a principal e primeira forma de integração ao lugar (FRÉMONT, 1980; TUAN, 1983). Dessa maneira, a sua percepção da paisagem está demasiadamente impregnada da história de seus ancestrais e da vivência familiar. Assim sendo, a paisagem está condicionada à memória, seja ela da amplitude dos símbolos e sensações contidas na cena, ou de fragmentos que outrora relembram detalhes históricos.

À medida que a criança cresce, as conexões por elas feitas ampliam-se e, diante da vida integrada à metrópole, o seio familiar se define como influencia na percepção da paisagem e, também, os aspectos circundantes. O aspecto intergeracional possui sua carga de importância, mesmo que o contato com o “mundo exterior”, o “*outsider*”, seja intrínseco na

vivência das gerações mais jovens. Como advoga o sociólogo Dumazedier (1992, p. 9) sobre o papel das gerações mais velhas na transmissão de experiências e memórias coletivas “Se elas não transmitirem esse tipo de saber, quem o fará?”.

Considerando a relação intergeracional, um ponto a ser discutido é o uso do conceito de geração. De um modo geral, geração refere-se a pessoas que compartilham experiências e que têm a carga de formação das suas subjetividades adquirida de eventos em comum e que vivenciaram trajetórias passadas semelhantes (BORGES E MAGALHAES, 2011; DEBERT, 1998). Desse modo, “Essa experiência comum dá origem a uma consciência que permanece presente ao longo do curso de suas vidas, influenciando a forma como os indivíduos percebem e experimentam novos acontecimentos” (BORGES E MAGALHAES, 2011, p. 172).

As gerações reúnem, então, os nascidos na mesma época e que possuem uma identidade histórica. Nessa perspectiva, possuem uma visão de mundo semelhante. Considerando que, de acordo com as particularidades culturais de cada local bem como as singularidades que atravessam gerações, podem ocorrer distinções entre as experiências dentro das mesmas gerações. Entretanto, considerando o *locus* comum, as influências das inovações e riscos contemporâneos sobre as gerações moldam suas percepções do espaço mais amplo e até mesmo da sua relação com o lugar mais íntimo.

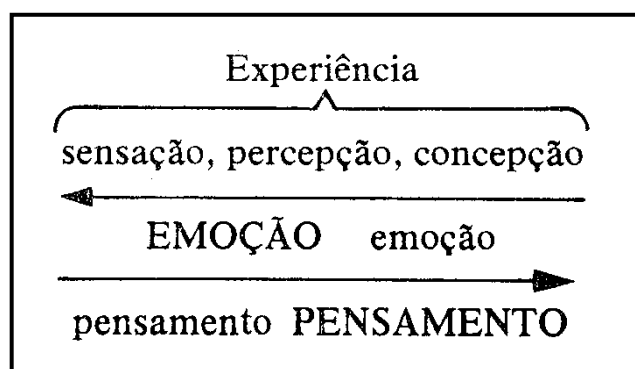
Ademais, deve-se esclarecer que, conforme Berger e Luckmann (1974), o homem, diferente dos demais animais, não vive em “mundos fechados”, considerando que possui uma realidade socialmente construída em uma relação dialética, mediatizando o ambiente físico e os processos socioculturais significativos. No estudo da intergeracionalidade, essas premissas são importantes, porquanto evidenciam a importância tanto das experiências com o ambiente enquanto estrutura quanto com os conhecimentos adquiridos de seus ancestrais por meio do convívio. Para Borges e Magalhaes (2011, p. 172) “[...] essa transmissão se dá a partir de relações com “outros significativos” que pertencem a diferentes gerações”.

As bases familiares nos aspectos intergeracional se constituem como o alicerce que fundamenta os valores e ética de vida. Enquanto as inovações contemporâneas e as relações em rede embasariam a formação das experiências presentes e determinantes do futuro do indivíduo. No cenário contemporâneo, assim como discuti Borges e Magalhaes (2011) é estereotipado definir os avós como “tradicionais”, os filhos, “liberais”, e os netos, “tecnológicos”, tomando como base a linha de tempo de momentos históricos. O que pode se salientar é a aproximação das gerações mais velhas das experiências ancestrais, e, decorrente da necessidade de mobilidade, as gerações mais jovens tendem a possuir um contato mais intenso com a vida da metrópole, ou a correria do dia a dia citadino, em uma rotina com um

trajeto diário maior. Ademais, as diferenças geracionais fazem com que experimentem, de maneira diferente, os fenômenos diários e citadinos.

De acordo com Silva (1997, p. 25), “os indivíduos constroem seus próprios mundos, mas, ao mesmo tempo, existem mundos comuns. Nestes os significados são compartilhados e reforçados pela ação dos grupos sociais”. A transmissão das experiências, códigos morais, valores, saberes é através das gerações, e o contato com as expressões culturais desses grupos vale-se do contato com o mundo externo. O termo chave ao debater sobre as gerações é a experiência, tanto para com seu lugar quanto os arredores, e é essa mudança na forma de contato com o mundo que distingue as gerações. Para Tuan (1983) a experiência é um termo abrangente que envolve diversos sentidos, e as emoções são “o colorido” (esquema representado na Figura 9).

Figura 9: Perspectiva experiencial



Fonte: Retirado de Tuan (1983, p. 09)

Assim, cada geração desenvolve essa experiência de maneira diferente. É comum dizer que uma pessoa experiente é uma pessoa mais velha e que, devido à idade avançada, já tenha sofrido e suportado muitas situações, o que não é a verdade absoluta, uma vez que leva ao estereótipo, assim como Borges e Magalhães (2011) salientaram, de que os mais velhos são, por natureza, “tradicionais”. Neste contexto, o que destoa é que a experiência está ligada ao fato de vencer os perigos (TUAN, 1983). Desta forma, a sensibilidade é desenvolvida com o passar dos anos, e é possível que as gerações mais velhas tenham vivido e passado por mais situações. Contrariamente, no cenário atual, os jovens e adultos, em função da necessidade de emprego e socialização, tendem a possuir uma maior mobilidade e trajetória no mundo exterior. Para Tuan (1983, p. 10) “A experiência está voltada para o mundo exterior. Ver e pensar claramente vão além do eu. O sentimento é mais ambíguo”.

Portanto, no tocante à bagagem cultural, as gerações mais velhas possuem maior propriedade ao descrevê-las. Borges e Magalhães (2011), ao referenciarem a Mannhein

(1982), propõem que seria inimaginável uma sociedade em que o conteúdo cultural não fosse transmitido de geração para geração, fazendo que tudo se iniciasse a cada nova geração. Outrossim, é difícil pensar em uma sociedade que não sofra inovação cultural.

Com isso, entende-se que, mesmo que diferentes gerações vivam num mesmo tempo, todas elas na verdade vivem em eras subjetiva e qualitativamente diferentes. [...] Para cada uma delas o “presente” que vivem é um momento diferente, [...]. Assim, cada momento do tempo é mais do que um acontecimento pontual, pois é experimentado diferentemente por pessoas de várias gerações que estão vivenciando diferentes etapas de desenvolvimento (BORGES E MAGALHAES, 2011, p. 173).

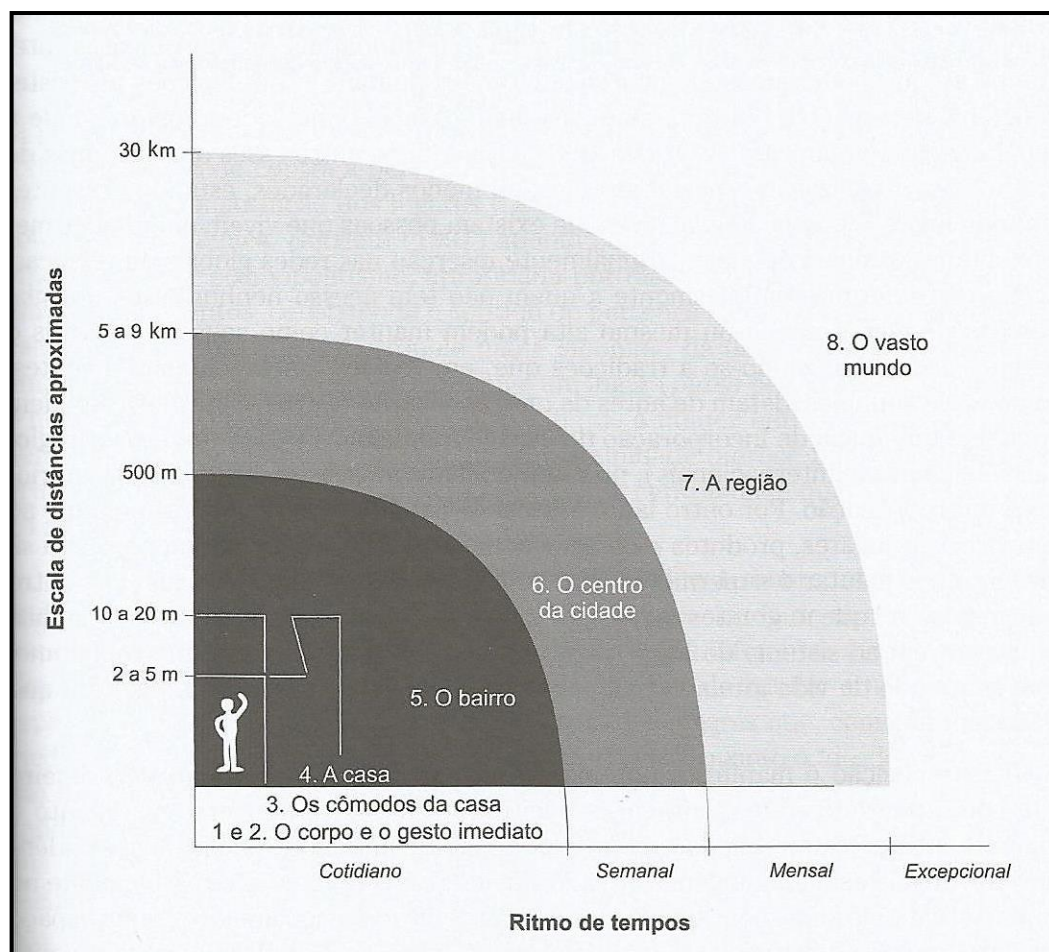
A partir disso, pode-se refletir sobre as relações intergeracionais contemporâneas. Os vínculos com a paisagem da cidade variam de uma geração para outra, assim também, dentro da própria geração, de um indivíduo para outro, isso de acordo com cada etapa de sua vida, com base em suas expectativas, experiências e comportamentos (BORGES E MAGALHAES, 2011; CARVALHO, 2012; TUAN, 1983). Desse modo, “[...] que a intensidade e a aceleração dos processos de mudanças tecnológicas, sociais, culturais e econômicas, que caracterizam o mundo de hoje, afetam as relações e os tipos de laços sociais que unem as pessoas de diferentes gerações dentro da família e também fora” (BORGES E MAGALHAES, 2011, p. 174). A forma como cada um irá absorver e interagir com as mudanças é que irão divergir em virtude de suas necessidades e identidade.

Nesse contexto teórico, leva-se em conta o fato de que também a região e a metrópole possuem forte relação na experiência e sentimento pela paisagem citadina no contexto urbano. Através da perspectiva da experiência vivida, o local de moradia e também o complexo tecido metropolitano emergem como parte das relações dos membros da comunidade e seu lugar. Para Buttimer (1976) apud Holzer (2013) os ambientes “*environments*” “*world*” tem papel importante na relação entre as pessoas e os lugares, nas experiências humanas, inclusive na prática.

Na perspectiva da experiência, Marandola Jr. (2014) propõe pensar a metrópole como um modo de vida que repercute sobre as formas de habitá-la. O que se opera na experiência de vida metropolitana reflete na forma de se locomover, com base nas distâncias aproximadas e frequência em que permanece na própria casa (nesse caso, a comunidade), o bairro, a cidade, a região e o vasto mundo. Em uma correlação entre Moles e Rohmer (1978) e Frémont (1980), Marandola Jr. (2014) reflete sobre a experiência do indivíduo com base em sua distância percorrida e a frequência. Para isso, o autor utiliza a ideia de conchas do homem, representada na figura abaixo. A proposta é demonstrar a escala de distâncias aproximadas de

deslocamento do indivíduo, e como isso pode inferir sobre a sua forma de conexão com os espaços e lugares, tanto com os mais cotidianos quanto com os mais excepcionais.

Figura 10: As conchas do homem de Moles e Rohmer (1978), adaptado segundo Frémont (1980).



Fonte: Retido de Marandola Jr. (2014, p. 99).

Entretanto, nos dias atuais, o ritmo de deslocamento dos indivíduos mudou, certamente, decorrente das próprias mudanças e avanços relativos aos meios de mobilidade e conexão em rede, imbricando mais as conchas delimitadas na figura acima. O ritmo de envolvimento das conchas da cidade e do bairro sofreu mudanças, e isso implica mudanças no próprio ritmo de vida do indivíduo (MARANDOLA JR., 2014). A necessidade de percorrer maiores distâncias cotidianamente pode gerar mudanças em como o indivíduo percebe sua paisagem.

Outro ponto a ser salientado são as mudanças na escala de distâncias de acordo com o fator geracional. As pessoas de diferentes gerações convivem com as mesmas mudanças históricas e culturais da sociedade, entretanto, não da mesma maneira; por isso as diferenças

posicionais em relação aos acontecimentos (BORGES E MAGALHAES, 2011). Nesse sentido, as suas relações com os espaços e lugares são diferenciadas em uma comparação geracional. Os trajetos percorridos também diferem.

Todavia, não somente o fator geracional e a estrutura interferem sobre a forma de relação com a cidade e a metrópole em si mas também a forma de vida optada pelo indivíduo. Godói (1998), citado por Marandola Jr. (2014) aponta a existência de dois sistemas de processo metropolitanos de leitura daquele “mundo”: um em que se possuam maiores conexões com o sistema global, e outro, o sistema lugar, vinculado à história e a geograficidade. “É possível e plausível que existam pessoas que vivem em regiões metropolitanas, tenham apenas marginalmente inserção nas redes globais ou técnicas. E não nos referimos simplesmente a quem não tem acesso nenhum à tecnologia” (MARANDOLA JR. 2014, p. 100), portanto muito ligadas ao sistema lugar. É claro que essas pessoas não são alheias à vida metropolitana, mas, por opção, não são totalmente integradas ao modo de vida urbano, mantendo-se atreladas fortemente à sua cultura raiz local. Será que a Comunidade dos Arturos possui maiores relações com o modo de vida da metrópole ou com a sua cultura raiz?

Esse é um questionamento que vem permeando a pesquisa e se justifica neste momento em que se busca discutir a relação entre a experiência em um contexto “outsider/insider” e o fator intergeracional.⁴³ Por estarem imersos na vida cidadina, em um contexto metropolitano, em uma experiência de sentimento e vulnerabilidade aos riscos metropolitanos, é importante reiterar que a oposição entre o lugar dentro da comunidade e a vida metropolitana não denota que, para valorizar os significados culturais, seja necessário opor-se aos avanços contemporâneos que se aproximam da vida urbana metropolitana. A comunidade pode representar um maior elo entre as diferentes gerações que vivem em seu interior, em contrapartida ao sentido de insegurança existencial que a metrópole pode oferecer. “Em vista disso, tanto o ‘onde vive’ quanto o ‘desde quando vive’ são fundamentais para compreender a experiência e a inserção nos dois sistemas” (MARANDOLA JR. 2014, p. 101). Nesse contexto, Frémont (1980, p. 16 e 17), sobre a relação do homem com a região pontifica:

Aprende desigualmente o espaço que o rodeia, emite juízos sobre os lugares, é retido ou atraído, consciente ou inconscientemente, engana-se ou enganam-no [...] Do homem à região e da região ao homem, as transparências da racionalidade são perturbadas pelas inercias dos hábitos, as pulsões da afetividade, os condicionamentos da cultura, os fantasmas do inconsciente.

⁴³ Abordagem também desenvolvida no capítulo 5.

Assim como não se pode pensar em transmissão de saberes e valores sem a relação geracional, também não se pode pensar em entender a paisagem sem considerar a experiência vivida no presente. Mudanças estruturais e sociais marcam também padrões e ambivalências, interferindo na forma de percepção do ambiente. A transmissão social entre gerações garante a perpetuação da memória social e histórica, enquanto a vida cotidiana com novas situações e necessidades, garante um olhar e uma experiência que rompe o aconchego do lugar e depara-se com o espaço, inserindo o indivíduo em um “*insider/outsider*”. E esse “*insider/outsider*” envolve o indivíduo na vida dentro da comunidade, como também nos riscos e vulnerabilidades de uma vida metropolitana.

4.2 – INSIDER – História e geografia da Comunidade dos Arturos “O lugar”

[...] qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes (MEINIG, 2003, p. 35).

O lugar, em meio às grandes transformações que ocorrem na contemporaneidade, configura-se como um termo chave para entender os efeitos dessas tensões sobre as pessoas, o local (FERREIRA, 2000) e a maneira de ver as paisagens que as envolvem. O conceito de lugar adquire, desse modo, um papel importante para entender a relação do homem com o meio, principalmente para aqueles que apresentam laços intensos com a terra.

Ferreira (2000), referindo a Méo (1999), ao abordar sobre a relação do lugar com a experiência do mundo vivido, exprime uma relação existencial, subjetiva, entre o indivíduo ou comunidade com determinado lugar. É fundamental a relação temporal para criar laços com o lugar, uma vez que este não se cria a curto prazo, mas, sim, de uma experiência com o ambiente, muitas vezes, compartilhada, como ocorre com a Comunidade dos Arturos. Nesse contexto, “o lugar dispara a lembrança daqueles que o vivenciaram, que compartilham um passado comum, abrindo a possibilidade de sua compreensão para o “*outsider*” através dos passados compartilhados e inscritos na paisagem cultural” (FERREIRA, 2000, p. 67-68). Assim sendo, a paisagem não é composta somente pela imagem material mas também da memória (MEINIG, 2003). A relação do homem com a paisagem se encontra no ponto em que ela pode ser entendida como uma estrutura da memória social, por isso sua rápida alteração pode indicar sensação de estranhamento.

O processo de desenvolvimento da relação com a paisagem está ligado ao processo de identidade com o lugar. Daí a importância de captar a relação do homem com o lugar, para,

então, entender a sua visão da paisagem. Considerando o “*insider*”, os moradores antigos possuem um elo maior com o local, seja temporal, social, crítico ou afetivo. Por isso, representam os laços e identidade com a paisagem do seu lugar e também uma visão crítica sobre as mudanças do seu entorno, onde estão os “*outsiders*”. O tempo de pausa, em relação ao paradoxo do movimento, é que coloca o indivíduo na condição de “estabelecido” ou “de fora” no lugar. E “Ela é provocada pela trajetória em tangente ou secante, de atração e de repulsão dos seres, que pode circunstancialmente torná-los *insiders* ou mantê-los como *outsiders*” (HOLZER, 2013, p. 23).

Nesse sentido, a história de consolidação do indivíduo está associada à significação, muitas vezes insubstituível, do seu lugar enquanto definição de lar (SILVA, 1997; RELPH, 1976), em que se tenha aconchego e proteção (BOSSÉ, 2004; MARANDOLA JR. 2014). Para Ferreira (2000, p. 68) “A importância da nossa relação para com o lugar ultrapassa a da nossa consciência dessa ligação”.

De acordo com Tuan (1983), podem existir diferentes escalas de lugar, desde os mais próximos até os mais alongados. Entretanto, para Holzer (1997; 2013) o aumento da escala, tende, por sua vez, a dificultar a relação do indivíduo com o lugar. Isso se associa ao fato de que “só é possível habitar o que se constrói” (HEIDEGGER, s.d., p. 1 apud HOLZER, 2013, p. 21), claramente, referindo-se à parte concreta e também ao imaterial, à memória. De maneira simbólica e até mesmo visível, lugares representam, também, territorialidades, de forma que “se apresentam como a afirmação da identidade, do comum-pertencer de determinado grupo, ou mesmo de um indivíduo, a partir dos lugares” (HOLZER, 2013, p. 25). Então, para Holzer (2013), ao estudar o território, é preciso estudar os lugares. Assim, ao estudar a paisagem, também é preciso estudar a visão que se tem do seu lugar, a sua representatividade para as gerações que se criarão ali e para as gerações que possuem grande relação com a externalidade, como os “*insiders*” e os “*outsiders*”.

Considerando os “*insiders*”, o lugar é a representação de seus anseios, segurança e familiaridade. A Comunidade dos Arturos é a representação dos “estabelecidos”, daqueles que muito indicam suas relações com a história de fundação da cidade. Entretanto, na atualidade decorrente do amplo processo de urbanização, veem-se como resistentes de sua cultura, frente às mudanças que ocorreram.

As representações culturais propiciam, na paisagem, a revelação dos arranjos socioespaciais estabelecidos do diálogo entre os indivíduos e as estruturas, a parte abstrata e a concreta, a memória e a inovação. Desse modo, a ligação com o lugar expõe o entendimento do espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado. Dar-se-á maior ênfase ao “*insider*”

nesse momento. Entretanto, pode-se verificar a ênfase, sem negligenciar os outros aspectos, tais como: políticos, econômicos e ambientais que envolvem a ambos – “*insiders* e *outsiders*”, já que a necessidade de mobilidade lança os “*insiders*” nas contradições dos espaços de vivência dos “*outsiders*”. O fato é que “Sem nosso envolvimento direto com os sujeitos e os lugares-territórios, nossa produção intelectual perde significativamente o sentido político e social” (SAQUET, 2013, p. 47), daí a necessidade de considerar na *práxis* da pesquisa, ao mesmo tempo, o pertencimento e as lutas urbanas, as topofilias e topofobias.

Tomando a proposição de que a relação com o lugar se estabelece por meio da experiência de viver no local, propõe-se inferir os elementos que indiquem topofobias e topofilias com base naqueles que fazem parte da história da cidade de Contagem e que desenvolveram um sentimento de lugaridade. Desse modo, “pensar a Geografia a partir das experiências de quem vive e experiencia o mundo. O mundo não apenas pensado a partir da produção material da história, mas da relação existencial que liga o homem a ele” (NOGUEIRA, 2013, p. 84). O lugar tem muita substância para os que o habitam, mais que somente a localização (TUAN, 1983; HOLZER, 2013; NOGUEIRA, 2013), em contrapartida do não-lugar, que é vazio de simbologias e pertencimento (MARANDOLA JR., 2014; AUGÉ, 1994).

Nos tópicos a seguir, tenta-se registrar a representação do lugar, como uma noção de pertencimento, familiaridade e campo cultural, em que a paisagem deixa de ser somente uma imagem das coisas, mas se torna, também, um escape ao campo das representações e simbologias. O homem concebe sua visão do meio com base nas relações que mantém em grupo, no aspecto material e, principalmente, na ordem simbólica (CLAVAL, 2002 a e b; HEIDRICH, 2013). Desse modo, evidencia-se a importância de pautar o entendimento do lugar e, com base em seus habitantes, entender a relação que se estabelece tanto com o olhar sobre seu próprio chão e o olhar para além dos “muros” que os lançam no espaço urbano – a cidade.

Reiterando a relevância da relação com o lugar para o entendimento da sua história enquanto ser no mundo e a imagem da paisagem, Nogueira (2013, p. 85) aborda “É um pedaço do mundo que diz quem somos, como somos, como vivemos, como nos inter-relacionamos com a terra e seus seres. O lugar é um pedaço do mundo carregado de significados existenciais e simbólicos”. Desta forma, os lugares são locais onde se desenvolvem valores que vão da relação individual à coletiva, além de serem construções concretas, repletas de simbologias e “intimidades”.

À vista disso, a Comunidade dos Arturos tem importante valor no entendimento dos lugares que permeiam a cidade de Contagem, por serem eles descendentes dos antigos moradores do local e, principalmente, por terem uma ligação íntima com o lugar em que vivem, perpassando por várias mudanças urbanas e resistindo na conservação de seus valores. Frente às dificuldades e necessidades que surgiram da vida em uma cidade, parte de uma região metropolitana, ainda há aqueles que lutam para preservar as memórias de seus ancestrais. Sobre os Arturos, “entre aqueles que resistem cultivando o legado dos antecessores, as origens permanecem sacralizadas, revelando um passado que se distancia. Para esses, a sua identidade deve incorporar o significado amplo da existência do homem no tempo e espaço” (GOMES e PEREIRA, 1988, p. 13).

O estudo com a Comunidade dos Arturos parte do princípio de que estes representam um laço marcante com o lugar, indicando topofilia, além de se constituírem com uma resistência e reflexo da cultura negra no país. Neste momento, a fim de destacar a importância da comunidade, a via de investigação documental mostrou-se de extrema validade, trazendo detalhes da vida em comunidade e a sua expressão “fora dos muros”. Entre as contribuições valiosas estão os laços com o lugar expresso nos próximos tópicos.

No presente, a herança africana manifesta em cultos diversos tem sido ameaçada pela dinâmica das mudanças sociais. Com a redução do tempo de lazer e convivência familiar – consumido pelo trabalho em serviços externos – diversos festejos que ocorriam várias vezes ao ano deixaram de ser executados ou se encontram em vias de desaparecimento; danças regionais se realizam para um público pesquisador, fora do dia, da hora, do sentido. Muitos participantes se esquecem da letra e da música, morrem os velhos dançantes e na lembrança dos jovens muitos dos acontecimentos originais se perdem.
[...]

Os Arturos representam a tensão entre o passado – vivo nas comemorações religiosas e na manutenção de uma moral ligada aos interesses do grupo familiar – e o presente, em que as forças irrecusáveis das alterações sociais acabam por interferir na eficiência dessas regras. A convivência entre os membros da Comunidade faz parte do contexto maior das relações que envolvem a cidade, o estado, o país: o cidadão Arturo é mineiro e brasileiro.
[...]

Durante a semana, fora da Comunidade, como homem comum no mercado de trabalho, o Arturo vive a realidade Brasil. Nos fins de semana e na época dos festejos – quando reúne alguém das porteiras de suas terras – as reminiscências de uma voz de África cantam no seu canto, dançam no seu corpo, religando-o à Terra-mãe dos antepassados (GOMES e PEREIRA, 1988, p. 13).

4.2.1 – Patrimônio Cultural Imaterial

Em princípio, o que se deve salientar que o reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial é importante para a promoção da identidade e da diversidade cultural, no sentido de criar medidas que assegurem a perpetuação dessas práticas históricas para a cultura local, regional e nacional. Em um cenário global marcado por intensas transformações, a definição de patrimônio imaterial alia-se também às políticas de fomento ao diálogo intercultural, como um alicerce para o entendimento das peculiaridades locais e regionais. Considerando, também, que há interações valorosas entre os patrimônios imateriais e os materiais (CAVALCANTI e FONSECA, 2008).

Vale mencionar, nesta direção inicial de definição de Patrimônio Cultural Imaterial, a manifestação da importância de olhar para as experiências humanas como forma de preservar a lembrança e a história dos ancestrais bem como, também, a valorização da relação do indivíduo com o lugar. Mais uma vez, vem à tona a colocação de José Saramago (1996): “Nem todas as obras do homem foram parar aos museus, nem todas foram arroladas, nem todas têm guardas à porta. Algumas estão enterradas, outras, à luz do dia [...]”, algumas são imateriais e não podem ser reclusas dentro das paredes dos museus, e, sim, exaltadas na vida cotidiana.

Nessa abordagem, a proteção ao patrimônio cultural, apesar de incorrer ao risco de generalização, é uma forma de “direito-dever estatal de formação do patrimônio cultural brasileiro e de proteção dos bens de cultura” (SILVA, 2001, p. 52). Nesse sentido, é o dever de proteção das diversas formas de manifestação cultural, sejam indígenas ou afro-brasileiras, assegurando-lhes a conservação e sua perpetuação para as gerações futuras. Mormente no que se refere ao direito cultural, este está pautado de acordo com Telles (2007) na tríade: Artes – memória coletiva – repasse de saberes. Para tal, o direito cultural está atrelado ao direito ambiental, pois ambos referem-se à questão de qualidade de vida (TELLES, 2007).

De acordo com Telles (2007, p. 45), o artigo 216 da Constituição Federal de 1988 estabelece um conceito de patrimônio cultural, *in verbis*: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem [...]”. Trata-se da preservação de memórias de eventos únicos e que constituem os antepassados que culminaram na paisagem atual. Para Alves (2014, p. 76) “O termo patrimônio cultural ultrapassa as marcas visíveis de uma

sociedade que tenta ser estável e que busca, em seus elementos tombados (reconhecidos e regulamentados), enraizar-se no lugar [...].”

Nesse sentido, o Patrimônio Cultural Imaterial é entendido, assim, como a própria cultura, ou seja, sem limites físicos, referindo-se a vários aspectos, como as expressões orais, as diversas linguagens, as expressões artísticas, práticas sociais, rituais e atos festivos. A dimensão imaterial do patrimônio leva em consideração a existência de manifestações múltiplas da cultura em sociedade, individualmente e/ou grupo social. Esse conjunto de múltiplas práticas, artefatos e lugares associam-se aos indivíduos (comunidades) como forma de memória, identidade e a formação da sociedade, transmitido de geração para geração e, constantemente, recriados (Caderno do Patrimônio Imaterial - IEPHA/MG, 2014; UNESCO, 2003). Sobre a importância da dimensão imaterial para os alicerces da cultura, Telles (2007, p. 45) advoga que “[...] a dimensão imaterial seria a alma de uma comunidade”. Sobre os monumentos como edificações testemunhos de traços de uma cultura, Choay (2006, p. 18) discorre: “Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança”, daí a importância da paisagem para o indivíduo, assim como do indivíduo para o lugar.

a) Morfologia e História da Comunidade dos Arturos

A Comunidade dos Arturos foi considerada no pelo IEPHA/MG (2014) como um Patrimônio Cultural Imaterial, devido o seu valor como perpetuadores dos saberes, tradições e lugaridades referentes à cultura negra no Brasil. O seu contexto topofílico deve-se ao fato de que “[...] os Arturos se respaldam nas tradições herdadas, fazendo delas o anteparo e a força promotora de sua própria identidade” (GOMES e PEREIRA, 1988, p. 14) e, ainda, “A noção de pertencimento norteia o comportamento e o modo de vida da comunidade: os Arturos percebem-se como “herdeiros” de um passado que os valoriza enquanto agentes da história” (JESUS e ALMEIDA, 2008, p. 2).

Dentro do município de Contagem, pelo Conselho Municipal de Patrimônio Cultural de Contagem (COMPAC) e Conselho Estadual de Patrimônio (CONEP), a Comunidade dos Arturos obteve o título de Patrimônio Cultural Imaterial (FUNDAC – Site da Prefeitura de Contagem). Esse reconhecimento, segundo o Caderno do Patrimônio Imaterial - IEPHA/MG (2014, p. 13), também “[...] amplia o uso da categoria Lugares e pode servir como incentivo

para o reconhecimento de outras Comunidades Tradicionais que permanecem vivas e que promovem a manutenção de seus bens culturais”.

A Comunidade dos Arturos é tida pelo seu caráter familiar e tradicional, incrustados em meio à vida urbano-metropolitana da RMBH. Tradicionalmente, os Arturos descendem de Arthur Camilo Silvério, nascido em 1855, e Carmelinda Maria da Silva, descendentes de escravos. A data de início da comunidade é imprecisa, mas está relacionada com a data de vivência de Arthur, filho de Camilo Silvério e Felisbina Rita Cândida, ambos vindos à província de Minas Gerais como escravos, em meados do século XIX (JESUS e ALMEIDA, 2008; Cadernos de Patrimônio Imaterial - IEPHA/MG, 2014; FUNDAC – Site da Prefeitura de Contagem). Historicamente, a implantação do posto de registros no distrito de Contagem intensificou a passagem de gados, escravos e mercadorias por essa região, fazendo, também, com que surgissem assentamentos populacionais de diferentes origens, como o de afrodescendentes. De acordo com Gomes e Pereira (1988) não se deve somente a exploração de recursos minerais a vinda dos escravos mas também à agricultura, pecuária, transportes.

É importante salientar e irei aprofundar nisto quando entrar na origem da Comunidade dos Arturos, que os Arturos não são remanescentes de quilombos, por mais que o modelo de resistência dos quilombos e a memória combativa do negro quilombola possam ser vistos em seus cantos (COSTA, 2013, p. 28).

Na execução de pesquisas, de acordo com Costa (2013) e Gomes e Pereira (1988), a Comunidade dos Arturos não possui sua constituição findada em um quilombo. São escassos os documentos referentes ao surgimento da Comunidade, fazendo com que surgissem diferentes hipóteses, dentre as quais está a de que eles teriam surgido de uma aglomeração quilombola; entretanto, em uma análise reconstitutiva, Gomes e Pereira (1988) viram apenas traços da constituição da Comunidade como sendo de origem familiar, devido os seguintes argumentos: em fontes documentais foi encontrada uma transcrição da certidão de pagamento extraída dos autos arrolados dos bens deixados por Camilo Silvério e Felisbina Rita Cândida para seus herdeiros, entre os quais, Arthur Camilo. Referia-se, nesses autos, a localidade de 6,5 hectares de terras em Domingos Pereira, situada em Contagem – MG, adquirida em 1888 (GOMES e PEREIRA, 1988). Outra hipótese que também indica que os Arturos são descendentes de uma comunidade baseada na organização familiar é a contada pelos próprios filhos dos membros da Comunidade dos Arturos, já que a passagem de seus conhecimentos, cultura e tradições ocorrem na transmissão de geração para geração. De acordo com Costa (2013, p. 36): “[...] fator que fez com que os autores chegassem a esta conclusão foi a não

presença de nenhuma história de quilombo na memória dos Arturos contemporâneos. Tendo tradicionalmente a oralidade como veículo transmissor [...]”.

Deve-se ressaltar que os Arturos, a despeito de não serem remanescente de um quilombo, não perdem sua característica de resistência da cultura negra e da história do escravismo no Brasil. Este trabalho não irá propriamente entrar na discussão sobre a questão escravocrata brasileira, mas é importante ressaltar que, se, em suas ancestralidades, está a luta pela liberdade e contra a opressão, isto está expresso em suas formas de olhar para o seu lugar e as nuances da paisagem, mesmo nas gerações mais jovens.

A Comunidade dos Arturos está localizada na regional SEDE em Contagem – MG, município o qual faz parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Como descrito no capítulo anterior, o município possui como característica, atualmente, uma paisagem com traços industriais, de modo que associa a implantação das indústrias em Contagem como marco da paisagem, fator que gerou empregabilidade para a região. “Atualmente, diversos integrantes da comunidade saem de seu território para desempenhar atividades, seja comercial, industrial ou liberal nos centros urbanos, demonstrando habilidade ao lidar com os aspectos de tradição e modernidade” (JESUS e ALMEIDA, 2008, p. 2). Apesar disso, internamente, a Comunidade é um grupo bastante coeso, que tem, em sua vivência diária, diversas expressões culturais e ainda cultiva traços de uma vida comunitária.

Ao percorrer o caminho histórico de resistência do negro em Minas devemos nos atentar para não cometer o erro de querer buscar nos Arturos um “africanismo puro” ou um “agrupamento genuíno” como nos orienta Bastide (1985). Isso nos levaria a ignorar a interferência do tempo e o processo de aculturação. Os Arturos conservam sim valores africanos em suas representações. Nas festas, como filhos do Rosário, estão fortemente ligados ao passado e à Terra-Mãe. Em sua vida diária trabalham e enfrentam as dificuldades dos trabalhadores de baixa renda que compõem a grande massa operária do nosso país. Eles transitam, pois, entre o profano e o sagrado: no dia a dia entregam-se ao duro trabalho para sobreviverem, experimentando a fraqueza decorrente da individualidade; nas festas são os filhos do Rosário, tornando-se totais e eternos, fazendo transbordar uma consciência coletiva, que os faz Arturos, negros, filhos de África (COSTA, 2013, p.19)

Desde o início a Comunidade foi formada pelos descendentes de Arthur Camilo, de descendência negra, e os agregados familiares (Cadernos de Patrimônio Imaterial - IEPHA/MG, 2014). Hoje a comunidade conta com cerca de 50 famílias, somando um total de aproximadamente 400 descendentes (COSTA, 2013; JESUS e ALMEIDA, 2008). “O agrupamento é definido por origens comuns, por seus traços étnicos, familiares, comportamentais, históricos e culturais. A identidade coletiva contribui para a preservação

dos valores comunitários” (JESUS e ALMEIDA, 2008, p. 2). Mais uma vez, constata-se que a linguagem, tanto oral como corporal é usada para passar, de geração para geração, as tradições, crenças e valores em relação à postura de vida e religiosidade. Desse modo, o núcleo familiar que compreende a comunidade é um elo muito forte dos membros com a questão do lugar e o sentimento de pertencimento, indicativo vigoroso de topofilia. Os seus cotidianos são reflexo e condicionante da resistência de seus antepassados, simbolizando, no acolhimento da comunidade, uma sensação de proteção.

Apesar de Arthur Camilo não ter sido necessariamente um escravo, já que nascera no período após implementação da Lei do Ventre Livre, ele sofria os maus tratos assim como um escravo. Como filho de pai escravo, era tratado como tal, tendo sua vida marcada pelo sofrimento. Após sofrer muitos maus-tratos e a morte de seu pai, Arthur “foge” daquelas terras onde estava. Ao conhecer sua esposa, decidido a começar uma vida nova, em que se fizessem presentes a solidariedade e o acolhimento do seio familiar e, também, respeitando sua ancestralidade, instalou-se em Domingos Pereira, em Contagem (COSTA, 2013).

As experiências com os atributos do mundo-vivido de seus antepassados estão vivas nos modos de lembrar o passado, portar-se no presente e, até mesmo, vislumbrar o futuro, como se fosse uma experiência dividida entre gerações. A experiência imediata com os meandros da vivência em comunhão e o contato com as implicações da vida moderna unem a comunidade. Nesse sentido, chama atenção a colocação de Silva (1997) sobre o mundo-vivido, o qual se refere às experiências diversas que indivíduo possa ter, muito além de somente um mundo de fatos concretos e relações econômicas, mas a experiência com o meio ambiente, o íntimo, o emocional, e o mundo de valores. Para Relph (1973) apud Silva (1997), o mundo-vivido é um mundo de ambiguidades e precisa ser descoberto aos poucos.

Para a Comunidade dos Arturos, o mundo-vivido está imbricado nas relações do homem com o meio – suas terras, elementos subjetivos, valores, bens que vão além de coisas materiais, incorporando, também, ancestralidade e práticas cotidianas do campo simbólico. Dentro da comunidade, os membros se sentem integrado e ambientado. Percebe-se isso na forma como a figura paterna é entendida, com respeito e modelo de valor a ser seguido. A imagem do pai, para a comunidade, é expressa como ponto de referência ao passado.

Seus filhos contam que o Sr. Arthur tinha por hábito, no retorno do trabalho reunir os filhos no terreiro e, com todos sentados no chão, contava e cantava histórias que hoje povoam a memória de seus descendentes e orientam seu modo de ser no mundo. A tradição da oralidade nos Arturos é ainda muito presente e é por meio dela que os mais jovens recebem o patrimônio cultural dos antepassados. Nos

cantos e danças das Guardas do Congo e Moçambique, as crianças vão aprendendo a lição dos ancestrais (COSTA, 2013, p.37).

Desse modo, a comunidade expressa as belezas e as contradições da passagem do tempo nos contos e cantos ancestrais passado para as gerações mais jovens através das rodas de conversas. “Arthur sempre ensinou aos filhos o valor da família, do trabalho e a devoção a Nossa Senhora do Rosário” (SIMOES, 2009, p. 48), além da importância do papel de honestidade e “trabalhador” do pai. As mulheres também desempenham importante figura dentro da comunidade, uma vez que garantem a coesão do núcleo familiar e os cuidados com as crianças e os mais velhos. “As “Mulheres Arturos” são as matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva. [...] As mulheres são as responsáveis pelo equilíbrio familiar, pela coesão do grupo” (JESUS e ALMEIDA, 2008, p. 7). Além dos cuidados com o lar, desempenham importante papel na culinária e nas festividades, são receitas passadas de geração a geração.

Atualmente, as mulheres têm deixado o trabalho doméstico e se lançado no mercado de trabalho em diferentes funções: na indústria, no comércio, como cozinheiras, faxineiras ou com outras atividades. “As pressões sociais fazem com que as mulheres da Comunidade busquem, assim como os homens, nos empregos externos a compensação salarial que a ocupação dentro da Comunidade não oferece” (JESUS e ALMEIDA, 2008, p. 9). O fato de elas exercerem atividades fora da comunidade não as impede de manterem as tradições internas, entretanto, deixa-as vulneráveis aos riscos e desgastes da vida urbano-metropolitana. Para Jesus e Almeida (2008, p. 8) “A complexidade dos Arturos se apresenta no contato com o mundo moderno e na manutenção dos ensinamentos de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva”. É essa vida que envolve, na atualidade, tanto elementos modernos quanto os valores e tradições de suas histórias de vida, o que intriga e impele à reflexão quanto à topofilia e a topofobia.

O elo topofílico com o lugar ocorre desde a fundação da comunidade, sendo sempre repassado nos ensinamentos para as gerações futuras. O pai e a mãe simbolizam a síntese da moral familiar, o aconchego das tradições, “A convivência em família, amando o grupo familiar garantindo a união foi a tônica do fundador da comunidade, a cartilha ensinada aos seus filhos” (COSTA, 2013, p. 38). Representam o que Tuan (1983) coloca: o seio familiar como o primeiro contato com o lugar. Sendo que, mesmo frente às imposições e necessidade de conectividade da vida moderna, não percam suas características tradições e os rituais internos. “O dever sagrado de festejar o Rosário deveria ser cumprido, ainda que as forças dos

jovens puxassem para outras possibilidades da vida cotidiana” (COSTA, 2013, p. 38), denotando desse “dever” a força de se manter por gerações o laço com o lugar.

Nas terras da Comunidade, Arthur Camilo Silveiro e Carmelinda Maria da Silva, constituíram um núcleo familiar sólido e repleto de contato com as tradições negras e a formação do ser ligado ao lugar, enquanto solo afetivo. Dessa união eles tiveram 10 filhos, sendo: “Geraldo, Conceição (D. Tetane), Juventina (D. Intina), Maria do Rosário (Induca), José Acácio (Zé Arthur), Izaura (D. Tita), Antônio, Mario, João Batista e Joaquim (Bil)” (COSTA, 2013, p. 37). A história da comunidade está estampada nos seus rituais e cantos, que sempre relembram a trajetória de seus antepassados e a vida dura de buscar um local que pudessem “chamar de lar”. Na Figura 11, está a primeira geração de fundadores da Comunidade dos Arturos e, na Figura 12, seus filhos.

Figura 11: Carmelinda Maria da Silva e Arthur Camilo Silvério.

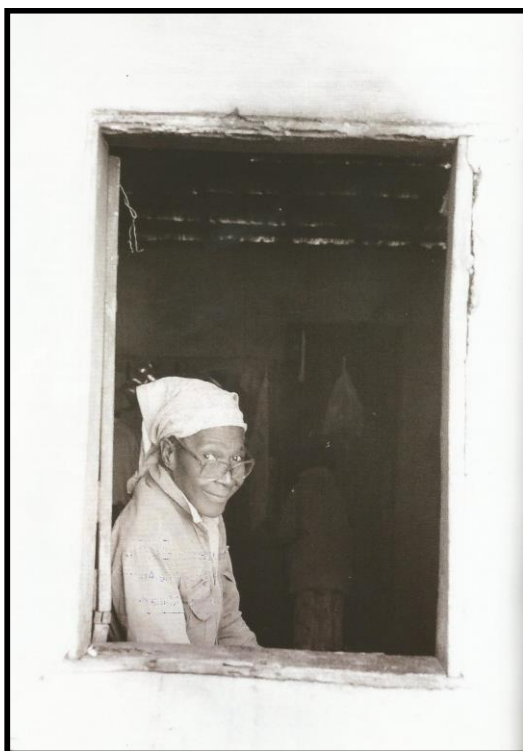


Fonte: Cadernos do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014. **Org.:** CARNEIRO, K.

Vai o homem fica o nome. Os Arturos são o que ficou de Arthur. E o que vai ficar da gente é esse aprendizado, isso que a gente aprendeu fazer. [...] Porque a gente tem que ir tentando encaixar essa nossa tradição, esse nosso fazer, no cotidiano da cidade. (João Batista da Silva Luz – Arturo de 2ª linha, Capitão de Moçambique e presidente de honra da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).⁴⁴

⁴⁴ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 101).

Figura 12: Filhos de Arthura Camilo e Carmelinda Maria.



↑
 Filhos de Arthur Camilo e Carmelinda Maria. Na foto acima, da esquerda para a direita: Intina, Induca, Bil, Tetane, Tita, Mário, Geraldo e Antônio.

←
 Na foto abaixo o olhar carismático de Dona Induca.

Ambas as fotografias expressam o sujeito em seu lar, em seu lugar, a sua familiaridade.

Morfologicamente, as características da Comunidade são de um ambiente diferenciado em relação à cidade, como parte da região metropolitana, já que mantém, ainda, muitos traços de uma vida pacata interiorana, contrapondo à correria da vida cotidiana urbana. Entretanto, diariamente, eles vivem essa realidade, ao saírem da comunidade para a jornada de trabalho. O território da Comunidade dos Arturos está distante a apenas poucos quilômetros da capital – Belo Horizonte. “A comunidade situa-se no atual bairro Jardim Vera Cruz e, apesar de localizar-se num centro urbano, ainda apresenta aspectos de uma propriedade rural. As casas são simples, [...]” (SIMÕES, 2009, p. 35). Inicialmente, o terreno dos Arturos era utilizado para a agricultura e pecuária de subsistência. Atualmente, frente às necessidades da modernidade e das novas gerações, bem como a explosão do processo de urbanização e globalização, mudaram a relação com o tempo destinado às atividades internas na comunidade, demandando um maior contato com a cidade e a região metropolitana. Sobre as mudanças das atividades ligada à terra para as atividades assalariadas no espaço urbano, Simões (2009, p. 36) coloca:

Paulatinamente, à medida que as pessoas tentaram melhores condições de vida, estas atividades perderam espaço para os trabalhos urbanos. Tal integração não se fez sem adversidades. O preconceito, ainda hoje enfrentado, sempre acompanhou os Arturos em sua inserção na sociedade.

O fato de ter ocorrido a instalação do parque industrial em Contagem por volta de 1941, assim como foi exposto do capítulo anterior, intensificou além do aumento populacional, o investimento em infraestrutura e a expansão da urbanização por diversos bairros da cidade. Historicamente, a regional SEDE, onde está localizada a comunidade, não tinha em todos os seus bairros um caráter urbanizado. Todavia, com a Cidade Industrial e a posterior necessidade de impulsionar o desenvolvimento local e a urbanização, surgem, na década de 70, 80 e 90, novos bairros com características industriais, porém mais próximo da área central de Contagem e da regional SEDE, o que levou um maior espraiamento de uma infraestrutura urbana por vários bairros.

O aumento do padrão industrial em Contagem introduziu mudanças na Comunidade dos Arturos. Antes mais fechados ao contato com a sociedade contagense no geral, passaram a compor o quadro de força de trabalho para as indústrias. “Esse quadro foi alterado com o desenvolvimento industrial da cidade e a consequente inserção do aglomerado ao contexto, transformando muitos de seus moradores em empregados das empresas que ali se fixaram, alterando as relações de trabalho [...]” (SIMÕES, 2009, p. 70).

“Os Arturos contemporâneos mantêm um relacionamento aberto entre o mundo externo e a força de seus ancestrais. Aderem às mudanças protegidos pelo escudo da história e tradição de seus ancestrais” (COSTA, 2013, p. 39); nesse ponto, entrecruza-se a questão das contradições de uma vida em meio à região metropolitana e as tradições. Todavia, ter para onde voltar e se sentir protegido são formas de manter as características enquanto ser no mundo, e esse é o diferencial da comunidade, enquanto “estabelecidos” na cidade, em comparação aos demais habitantes. “Este escudo confere aos Arturos a consciência de serem partícipes de uma estrutura mais ampla, caracterizada pelas diferenças de classes sociais. [...] E, é a certeza dos **laços familiares** que garantem o sair, resistir a estes olhares e o retornar ao **porto seguro**” (COSTA, 2013, p. 39, grifo nosso).

A imagem da Comunidade é uma imagem lá do mato, não é essa imagem da cidade. Eu me lembro da primeira casa que foi colocado telhado nos Arturos, de telha francesa, nem era dessas de amianto. Era daquelas de barro batida na perna, era capim. Então era aquela luta. Nossa tá mudando a Comunidade! Depois veio o adobe e já tirou as varinhas de circulação. Depois veio o tijolo, tirou o adobe. Hoje é o concreto. Então a coisa vai mudando. Pra Comunidade mudou muito. Mudou a cara da Comunidade. (José Bonifácio - Bengala – Arturo de 2ª linha, capitão-mestre da Guarda de Congo e um dos coordenadores da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).⁴⁵

b) Perfil da população que reside na Comunidade dos Arturos

O que é ser Arturo? Quem são os Arturos? Essas são questões que se colocam ao pensar sobre o papel do indivíduo “Arturo” no mundo. Após trazer a história dos Arturos, é possível perceber que eles são um exemplo do quão importante é estabelecer laços: com o lugar, com seus antepassados, com sua terra, com suas tradições, com suas lutas e resistências, enfim, eles são família e, ao mesmo tempo, são cidadãos em busca de condições adequadas de vida.

Nessa abordagem, durante as visitas a campo, foi questionado a alguns moradores, o que era ser Arturo na opinião deles, e as respostas foram em suma: “*Considero uma família*” (respondente 9 – 17 anos), “*Eu sou um Arturo e nasci dele, é bom ter uma família assim*” (respondente 3 – 56 anos), “*Representa tudo, a família, Contagem, o orgulho de morar aqui*” (respondente 2 – 31 anos), “*Representa um local de acolhimento, bem-estar, lazer. Aqui dentro tem tudo*” (respondente 22 – 30 anos). Dessa forma, o perfil dos moradores que

⁴⁵ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 107).

residem na comunidade, é de descendentes de Arthur Camilo, ainda muito ligados com as atividades relacionadas com a terra e o modo de vida do campo, embora, por estarem imersos na cidade de Contagem e na RMBH, mantêm atividades vinculadas a esses espaços, tais como escolas, trabalho, consumo e serviços no geral.

Em prosseguimento, algumas variáveis foram consideradas a fim de traçar o perfil dos moradores da comunidade e a suas relações com a cidade de Contagem e a Região Metropolitana de Belo Horizonte - mais propriamente com a cidade de Belo Horizonte. Dentre essas variáveis, constavam no questionário aplicado: faixa etária; sexo; escolaridade; renda familiar, moradia e ocupação; tempo de residência na comunidade, se já morou fora da comunidade⁴⁶, idas a Contagem e idas a Belo Horizonte. Os dados abaixo, se referem a resultados da aplicação do questionário, o qual foi realizado com 30 moradores da Comunidade dos Arturos.

Faixa etária: Conforme o exposto na Tabela 5, os respondentes compreendiam, em sua maioria, jovens e adultos, os quais eram a população mais solícita ao preenchimento do questionário, deixando para os mais idosos os depoimentos em forma de entrevistas orais. Percebe-se com base nos dados, que os moradores da comunidade são de diferentes faixas geracionais e que, embora os ensinamentos das gerações mais velhas se propaguem por todos, existem diferenças na forma de se relacionarem com os recursos que a cidade tem a oferecer. Essas questões deixaram dúvidas se os mesmos viam as mudanças da comunidade, na atualidade, como algo que prejudicaria seus laços com o lugar e a família, assunto abordado no capítulo 5.

⁴⁶ Considerando os que responderam ao questionário, a maioria relatou que morou a vida toda, praticamente, no interior da comunidade; embora alguns tenham saído para morar em outras localidades, o retorno sempre foi uma possibilidade de grande ponderação. Em vista disso, optou-se por não trazer esse dado em forma de tabela, já que poucos relataram ter morado fora da comunidade e, em alguns casos, eram em bairros próximos (Centro de Contagem) e por curto período de tempo. Dentre os que alegaram ter morado fora da comunidade, eram jovens, e as localidades citadas foram: Belo Horizonte, São Paulo, algum município da Bahia e Rio de Janeiro, porém não sabiam precisar o tempo de permanência lá, alegando que foi por pouco tempo, tendo havido sempre o desejo de retorno ao interior da comunidade e à cidade de Contagem.

Tabela 5

Faixa etária dos respondentes da Comunidade dos Arturos.

Ano 2017

| FAIXA ETÁRIA DOS RESPONDENTES DA COMUNIDADE DOS ARTUROS | | | | |
|--|-------------|--------------|--------------|------------|
| | Até 14 anos | 15 a 29 anos | 30 a 59 anos | 60 ou mais |
| % | 7 | 43 | 37 | 13 |

Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Sexo: A questão de gênero, na comunidade, sofreu influência dos novos padrões estabelecidos na sociedade urbana, de modo que as mulheres passaram a compor a força de trabalho e serem, também, detentoras de fonte de renda familiar. Ainda durante as observações em campo, percebeu-se que, por mais que a mulher da comunidade tenha se inserido no mercado de trabalho, não perdeu a característica de responsabilidade pelos cuidados do lar e dos filhos, mantendo os ensinamentos das gerações passadas. Vale considerar que, nas comunidades tradicionais, o papel feminino é muito importante como mantenedoras dos laços familiares e com o lugar (JESUS e ALMEIDA, 2008). Outra questão de gênero que se observou durante a aplicação do questionário é que, em relação aos moradores da comunidade que detinham curso superior ou técnico todos eram do sexo feminino⁴⁷, sendo os que responderam ao questionário: 57% mulheres e 43% homens, ambos em idades variadas.

Tabela 6

Sexo dos respondentes da Comunidade dos Arturos.

Ano 2017

| SEXO DOS RESPONDENTES DA COMUNIDADE DOS ARTUROS | | | |
|--|----------|-----------|---------------|
| | Feminino | Masculino | Não declarado |
| % | 57 | 43 | 0 |

Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Escolaridade: Com base na observação da Tabela 7, percebe-se que a maioria dos respondentes possui ensinos fundamental ou médio incompletos. Durante os diálogos, os

⁴⁷ Considerando os que responderam ao questionário.

relatos foram de que ainda terminarão os anos de escolaridade e que tiveram que interromper os estudos com a finalidade de trabalhar.⁴⁸

Tabela 7
Escolaridade dos respondentes da Comunidade dos Arturos.
Ano 2017

| ESCOLARIDADE DOS RESPONDENTES DA COMUNIDADE DOS ARTUROS | |
|--|----|
| | % |
| Não escolarizado | 3 |
| Ensino fundamental incompleto | 43 |
| Ensino fundamental completo | 13 |
| Ensino médio incompleto | 27 |
| Ensino médio completo | 7 |
| Ensino superior ou curso técnico | 7 |

Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Características econômico-sociais (Renda familiar, moradia e ocupação): Nesse ponto, a discussão centra em torno de como é estruturada a renda das famílias da comunidade. Como pode ser observada na Tabela 8, a renda familiar dos moradores (respondentes ao questionário) não ultrapassa 3 salários mínimos, sendo que a maioria não recebe mais que um salário mínimo. Dessa forma, o modo de vida deles é simples e com muitas atividades relacionadas com o modo de vida do campo.

As atividades exercidas são: ora relacionadas à indústria e os serviços que dela demandam, como Operador de máquinas e motorista (dentre os quais estão motoristas de veículos leves e de caminhão ou ônibus); ora relacionadas à terra, pois quem diz exercer a ocupação (doméstica) acaba, também, realizando a tarefa de cuidar dos animais, plantações e outras formas de obter renda de dentro do lar.

Um número que chama a atenção é o fato de 17% dos respondentes estarem desempregados, fazendo com que sua renda familiar seja incerta, contando com alguns trabalhos esporádicos e, muitas das vezes, ligados ao cuidado da terra, já que, segundo eles, está difícil conseguir emprego com carteira assinada. Outros se dizem apenas estudantes, mas

⁴⁸ Convém ressaltar que de todos os entrevistados, 7 ainda estavam frequentando a escola.

abertos à possibilidade de emprego, e 10% estão aposentados (antes exerciam atividades ligadas à terra e a indústria).

Quanto à questão da moradia, 90% disseram serem donos do imóvel, e apenas 7% alugam. Isso se deve ao fato de que grande parte dos moradores é descendente de familiares que foram herdando pedaços de terra, logo passaram parte para seus filhos, netos e bisnetos. E os que alegaram não saber eram jovens e não tinham certeza se o domicílio pertencia à sua família ou a parentes. Esse é um fator muito importante, uma vez que, se o indivíduo não precisa pagar aluguel, isso já lhe dá amparo nos períodos de desemprego.

Tabela 8

Características econômico-sociais dos respondentes da Comunidade dos Arturos.
Ano 2017

| CARACTERÍSTICAS ECONÔMICO-SOCIAIS DOS ARTUROS | | | | | | | |
|--|-----------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------|------------|--------------|----------|
| Renda média familiar | | | | | | | |
| | Até um salário mínimo | Acima de 1 até 2 salários mínimos | Acima de 2 até 3 salários mínimos | Acima de 3 salários mínimos | Não sabe | | |
| % | 34 | 43 | 13 | 0 | 10 | | |
| Casa própria | | | | | | | |
| | Sim | | Não | | Não sabe | | |
| % | 90 | | 7 | | 3 | | |
| Ocupação | | | | | | | |
| | Operador de máquinas | Motorista | Doméstica | Estudante | Aposentado | Desempregado | Outros * |
| % | 7 | 10 | 20 | 23 | 10 | 17 | 13 |

Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Nota: (*) As outras atividades exercidas eram: professora, técnico em enfermagem, cabelereiro e carroceiro.

Mobilidade pelos espaços da cidade: Como o intuito da pesquisa é abordar a vivência entre a topofilia do interior da comunidade e a relação com as estruturas da paisagem urbana, uma das temáticas abordadas foram as idas aos espaços da cidade e da Região Metropolitana de Belo Horizonte – mais propriamente a Belo Horizonte. Essa abordagem dialoga com algumas acepções:

Mobilidade pelos espaços de acordo com a questão geracional – assim como os demais moradores das cidades, durante a aplicação do questionário e as entrevistas, foi possível constatar que os moradores mais velhos da Comunidade dos Arturos, atualmente, apresentam uma frequência menor de idas aos espaços fora da comunidade, segundo eles por causa: da dificuldade de locomoção etária; o fato de que a cidade mudou – antes era mais acessível e a escala temporal era outra; considerando que foram criados nos modos do campo, e seus elos maiores são com o solo e os produtos que produziam. Além do mais, apesar de ser necessária a ida a cidade para atendimento hospitalar e algumas burocracias, Contagem apresentou um crescimento muito grande de possibilidades e serviços, diminuindo as idas à capital mineira.

Para os mais jovens e adultos, as idas aos demais espaços da cidade e Região Metropolitana de Belo Horizonte se tornam mais necessárias em virtude do estudo, emprego e consumo; fatos que os colocam em maior contato com a realidade das paisagens de “fora” do interior da comunidade, com a questão de segurança, acolhimento e modos de vida. Desse modo, a Tabela 9 aborda a mobilidade dos respondentes da Comunidade dos Arturos pelos espaços da cidade e da RMBH . Assim sendo, 46% dos jovens e adultos vão todos os dias aos demais bairros de Contagem e ao Centro. Enquanto que, considerando os respondentes idosos, os que ainda trabalham vão todos os dias e os que já se aposentaram deslocam-se somente a caso de necessidade.

À vista disso, as idas à Belo Horizonte apresentam maior dificuldade, em decorrência de a distância e o tempo de deslocamento serem maiores. Na Tabela 9, nas linhas e colunas das idas à RMBH – Belo Horizonte, a maioria (47%) de jovens, e 75% dos idosos dizem não irem lá semanalmente, somente algumas vezes por mês. Enquanto que 55% dos adultos vão de 1 a 2 vezes por semana a outros municípios da RMBH, por serem, em alguns casos, rota de seus empregos.

Tabela 9

Mobilidade pelos espaços da cidade, pelos respondentes da Comunidade dos Arturos.
Ano 2017

| MOBILIDADE PELOS ESPAÇOS DA CIDADE (abordagem geracional) | | | |
|--|------------|----------|---------|
| Contagem (demais bairros e centro) | | | |
| Idas semanais | Jovens | Adulto | Idoso |
| | % | % | % |
| Nenhuma | 7 | 0 | 50 |
| 1 a 2 vezes | 27 | 36 | 0 |
| 3 vezes | 13 | 9 | 0 |
| 4 a 5 vezes | 7 | 9 | 0 |
| Todos os dias | 46 | 46 | 50 |
| Total de respondentes por faixa etária | 15 = 50% * | 11 = 37% | 4 = 13% |
| Total de respondentes | 30 = 100% | | |
| RMBH – Belo Horizonte | | | |
| Idas semanais | Jovens | Adulto | Idoso |
| | % | % | % |
| Nenhuma | 47 | 36 | 75 |
| 1 a 2 vezes | 33 | 55 | 25 |
| 3 vezes | 13 | 0 | 0 |
| 4 a 5 vezes | 0 | 9 | 0 |
| Todos os dias | 7 | 0 | 0 |
| Total de respondentes por faixa etária | 15 = 50% * | 11 = 37% | 4 = 13% |
| Total de respondentes | 30 = 100% | | |

Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Notas: (*) referem-se à população jovem, considerando os 43% de respondentes com faixa etária de 15 a 29 anos e, por aglomeração, optou-se por agregar junto a esses dados os respondentes de até 14 anos (7%), já que todos os respondentes dessa faixa encontravam-se com 14 anos na data da pesquisa.

Mobilidade pelos espaços de acordo com finalidades e escala temporal – os moradores da Comunidade dos Arturos vão mais aos locais da própria cidade de Contagem. Sendo que a maioria vai todos os dias da semana com a finalidade de realizar compras. Valor que se correlaciona com os relatos dos entrevistados e respondentes que disseram que, embora cultivem alguns alimentos, também se faz necessário ir até mercados e comércio no geral, para adquirirem produtos industrializados, vestimentas, remédios, entre outros. As outras finalidades que motivam a ida aos demais bairros de Contagem (destaque para o centro), são

para o estudo e trabalho, já que não há escolas no interior da comunidade, e muitos moradores possuem empregos fora da comunidade. Outros 20% relataram que, quando vão à “Contagem” têm o propósito de buscar assistências hospitalares, serviços bancários e resolver necessidades burocráticas (pagar contas).

As idas à Belo Horizonte (RMBH) são motivadas pela finalidade de compras (23%) devido à existência, segundo os respondentes, de uma maior variedade de produtos e serviços; quanto ao lazer (13%) – um valor maior do que essa finalidade em Contagem –, segundo os moradores, embora Belo Horizonte apresente vários problemas, o movimento de pessoas distrai, e a presença de shoppings e feiras é visto como momento de distração (lazer); 14% trabalham realizando o movimento de pendularidade na capital. Outros 50% referem-se, assim como em Contagem, ao propósito de buscar assistências hospitalares, serviços bancários e burocráticos.

O meio de transporte o mais utilizado pelos moradores da comunidade são os ônibus, tanto para as idas à Contagem, quanto para irem a outros espaços da RMBH. Além deste, alguns moradores relataram que fazem conexões com o uso de metro e ônibus nas idas à Belo Horizonte. Uma questão que vários respondentes abordaram foram os valores cobrados pelas passagens de ônibus, os quais os moradores acham muito caros, o que dificulta ir a locais mais distantes, já que impele gastar com mais de uma condução. Aumentos constantes nas passagens de ônibus se tornam onerosos para quem recebe aproximadamente um salário mínimo. Além disso, vivem o receio de sofrerem assaltos nos coletivos e/ou nos pontos de ônibus.

Já o tempo gasto no deslocamento é uma questão que compreende toda a cidade e não somente os moradores da comunidade, embora, nos bairros mais residenciais, esse seja um problema mais agravado que nas áreas centrais.⁴⁹ Estando a comunidade localizada em um bairro tipicamente mais residencial, porém ainda muito próximo do centro da cidade de Contagem, as conexões são, em suma, realizadas com a área central da própria cidade e, segundo relatos, esse tempo médio gasto no deslocamento, para alguns, é um problema e, para outros é uma triste realidade das cidades, principalmente das regiões metropolitanas, e a solução foi acostumar-se. Além do mais, eles relatam que não é somente o tempo durante o deslocamento que é grande, mas, sobretudo, o tempo de espera até o ônibus chegar ao ponto em que aguardam; em alguns casos, sendo horários espaçados (ex.: de uma em uma hora), o que faz com que fiquem vulneráveis em tais locais.

⁴⁹ Considerando que, nas áreas centrais, há um maior número de circulares e rotas, o que diminui o tempo de espera no ponto de ônibus.

Tabela 10

Mobilidade pelos espaços da cidade, pelos respondentes da Comunidade dos Arturos.
Ano 2017

| MOBILIDADE PELOS ESPAÇOS DA CIDADE | | | | | | | |
|------------------------------------|----|------------|----|--------------------|----|-----------------------------|----|
| Contagem (demais bairros e centro) | | | | | | | |
| Idas semanais | | Finalidade | | Meio de transporte | | Tempo gasto no deslocamento | |
| | % | | % | | % | | % |
| Nenhuma | 10 | Trabalhar | 17 | A pé | 20 | - de 30 minutos | 50 |
| 1 a 2 vezes | 27 | Estudar | 20 | Ônibus * | 67 | 30 a 60 minutos | 43 |
| 3 vezes | 10 | Compras | 36 | Automóvel ** | 10 | 1 a 2 horas | 7 |
| 4 a 5 vezes | 7 | Lazer | 7 | Motocicleta | 0 | + de 2 horas | 0 |
| Todos os dias | 46 | Outros | 20 | Bicicleta | 0 | | |
| | | | | Outros | 3 | | |
| RMBH – Belo Horizonte | | | | | | | |
| Idas semanais | | Finalidade | | Meio de transporte | | Tempo gasto no deslocamento | |
| | % | | % | | % | | % |
| Nenhuma | 47 | Trabalhar | 14 | A pé | 0 | - de 30 minutos | 0 |
| 1 a 2 vezes | 40 | Estudar | 0 | Ônibus * | 87 | 30 a 60 minutos | 23 |
| 3 vezes | 7 | Compras | 23 | Automóvel ** | 10 | 1 a 2 horas | 73 |
| 4 a 5 vezes | 3 | Lazer | 13 | Motocicleta | 0 | + de 2 horas | 4 |
| Todos os dias | 3 | Outros | 50 | Bicicleta | 0 | | |
| | | | | Outros | 3 | | |

Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Notas: (*) refere-se a ônibus e coletivos no geral, (**) refere-se a automóvel particular.

A Tabela 10 retrata o tempo médio gasto no deslocamento da comunidade para os demais bairros onde costumam ir, em Contagem (muito citado o Centro), e durante o deslocamento para Belo Horizonte – RMBH. Como pode ser observado, o tempo gasto no deslocamento para locais em Contagem fica em torno de menos de 30 minutos (50%), e entre 30 a 60 minutos (43%). Isso, de acordo com relatos, deve-se ao fato de que, se forem a pé (caminhando), de automóvel particular ou carroça, é possível chegarem mais rápido ao destino – o centro de Contagem, porém muitos preferem utilizar do transporte público – ônibus ou coletivos –, porquanto a distância a pé é incomoda para alguns, e o veículo particular é escasso. O que se pode observar também é que, embora a perda de tempo no deslocamento cause desagrado aos moradores dos Arturos, o maior problema é a questão da vulnerabilidade existente dentro dos coletivos, em decorrência do medo de sofrer um assalto ou outro tipo de violência.

Referindo-se ao tempo de deslocamento da comunidade para Belo Horizonte – RMBH, este gira em torno de 1 a 2 horas (73%). Apesar de uma porcentagem considerável de moradores responderem que não fazem idas semanais à cidade de Belo Horizonte, em algum momento da vida eles veem essa necessidade e a fazem diante de circunstâncias que os causam desagrado, como o fato de o tempo no deslocamento ser demorado em virtude do trânsito congestionado, o risco de ser assaltado e o preço alto das passagens (uso de mais de uma forma de locomoção – metro/ônibus ou ônibus/ônibus). À vista disso, esse tempo médio gasto no deslocamento na Região Metropolitana de Belo Horizonte é de 30 a 60 minutos em Contagem e de 1 a 2 horas para Belo Horizonte.

Assim, o modo de vida e o perfil dos moradores da Comunidade dos Arturos envolve a mescla de elementos do campo e da vida urbana, além de coloca-los em meio à segurança dos espaços de vida internos da comunidade e as situações de medo, vulnerabilidade, aversão e desagrado, típicas das regiões metropolitanas. Posto isso, em um determinado grau, o crescimento da cidade acarretou mudanças, não somente nas estruturas, mas, sobretudo, na vida social dos indivíduos da comunidade que nela vivem e trafegam.

Dentre as características e mudanças atuais da comunidade estão: a moradia que, atualmente, conta com elementos comuns à vida na cidade, predomínio de aparelhagens tecnológicas, e, segundo os respondentes, o que mais lhes chama atenção é a existência de muros nas casas – o que antes não havia e o asfalto no interior da comunidade; o local de trabalho mudou, colocando-os, cada vez mais, na cidade e menos no interior da comunidade; os padrões de consumo mudaram, inserindo gastos novos em comunhão com os que antes eram restritos a necessidades do interior da comunidade; e, principalmente, mudou o vínculo com a terra e o uso do tempo, antes destinados aos cuidados com as plantas e a família, atualmente, perdido nos deslocamento de casa ao trabalho.

Todavia, embora tenham ocorrido mudanças estruturais e da vida social, alguns elementos e tradições não foram perdidos pela comunidade, e são eles que fazem com que preservem, no meio da cidade, um modo de vida que carrega tanto elementos do campo quanto da cidade. Nessa abordagem, essa força de resistência do lugar da comunidade está nas tradições passadas dos pais para os filhos, na relevância da história negra, nas festividades, nos valores e, primordialmente, na fé como um elemento aglutinador dos Arturos e seus descendentes, mesmo diante das intempéries da vida em meio à cidade.

c) Aspectos culturais: festividades e religiosidade – um par importante no laço com o lugar e a paisagem

Como ser os Arturos sem esse instrumento deixado pelos seus antepassados, essa ferramenta, que é o rosário de Maria, a fé em Nossa Senhora do Rosário? [...] Isso pra nós Arturos não significa um conjunto de contas-de-lágrima uma atrás da outra, mas significa sim a essência de uma família e a gente passa pras nossas crianças que é o rosário de Maria... O que de fundamental que há além do sincretismo? Que isso é uma família, que essa família não pode ser desligada. Uma vez arrebitado esse cordão dificilmente a gente vai conseguir contar ou apanhar as contas que vão ser espalhadas. (João Batista da Silva Luz – Arturo de 2ª linha, Capitão de Moçambique e presidente de honra da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).⁵⁰

O mais importante elo com o lugar, talvez, esteja no reconhecimento de atos nele. Sentir-se em casa, em seu lugar, isso é se sentir um ser no mundo. Nesse sentido, a paisagem deixa de ser apenas um cenário, onde se encena a vida, e passa a ser parte da vivência do indivíduo, enquanto seu produtor e usuário ao mesmo tempo. Faz-se, então, da paisagem seu lugar. “Nascer é nascer num lugar, ser designado à residência. Nesse sentido, o lugar de nascimento é constitutivo da identidade individual [...]” (AUGÉ, 1994, p.52). E essa relação com o lugar de nascer é representada nas tradições das festividades, assim como, também, traz, na religiosidade, os laços com os ancestrais e a “terra-mãe”. Desse modo, ao falar das suas comemorações, cantos e expressões culturais, conjuga-se o elo com o lugar, por situarem as suas histórias nesse local. É, afinal, o lugar e a história, que os Arturos cantam em suas práticas simbólicas: “Terra e memória não se separam; as relações interpessoais se determinam pelas regras e costumes locais criados ao longo das cinco gerações que ali se encontram” (SIMÕES, 2009, p. 70).

Para tal, a festividade é um momento em que se exalta a união entre a mente e as manifestações corporais. As diversas festividades perpetuam a comunicação entre os homens no momento de transmissão de sua cultura; ato que se realiza por meio dos cantos, danças, entre outras narrativas que são reveladoras da origem e da trajetória da comunidade. Forjam-se, nas expressões festivas, os símbolos, as linguagens e os elementos da religiosidade, que surgem como um elo que une os pedaços da história ancestral à vida contemporânea. Registra-se o percurso do uso do território que, atualmente, possui outras formas de apropriação e contrastes. De acordo com Barbosa e Mello Corrêa (2001, p. 77), ao se abordar

⁵⁰ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 81).

sobre o papel do mito e os seus rituais “[...] as pulsões aparecem codificadas, porém jamais separadas da complexidade que as traduzem”. Transcrições de panoramas passados e as contradições do presente bem como a expectativa do futuro são colocadas nas diversas linguagens usadas no elo entre festividade e religiosidade.

“O bem e o mal, a vida e a morte, a necessidade e o destino, os deuses e o humano... misturam-se no ato instituinte da relação representante-representado” (BARBOSA e MELLO CORRÊA, 2001, p. 77). Dessa maneira, as representações míticas, assim como as de diversas religiosidades, encontram, nas linguagens narrativas e corporais, força para representar seus sofrimentos e momentos de glória. Tanto nas representações ensaiadas quanto teatrais e audiovisuais, as expressões cotidianas estão contidas. Nessa concepção, a paisagem estabelece um importante elo de senso-percepção com o lugar, “cumpre um papel de mediação nas relações entre a obra e observador-interpretante” (BARBOSA e MELLO CORRÊA, 2001, p. 81).

Com a força simbólica que lhes é característica, as festividades com cunho religioso amparam-se no poder que as crenças e valores têm sobre as gerações passadas. Para Geertz (2008, p. 67), “[...] uma coisa é certa: a noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana não é novidade”. Invoca-se, nas festividades e rituais religiosos, uma congruência entre os sentimentos morais e históricos com as experiências de vida. Nesse ponto, leva-se em consideração um importante fato das representações culturais como meio de perpetuar as memórias, que deixam de serem apenas da dimensão individual e passam a coexistir no imaginário de toda uma comunidade.

O papel dos atos religiosos não é simplesmente no sentido de fornecer um arcabouço do conjunto de crenças específicas, mas pode gerar no indivíduo ou coletivo uma “força maior” que lhes dá esperança, ânimo e até segurança para as aflições e transformações que a vida cotidiana apresenta (SILVA et al., 2010; GEERTZ, 2008). Em um relacionamento com a concepção de lugar, as festividades religiosas, também ligam o indivíduo à noção de familiaridade e pertença a um determinado local.

Pra um antropólogo, a importância da religião está na capacidade de servir, tanto para um indivíduo como para um grupo, de um lado como fonte de concepções gerais, embora diferentes, do mundo, de si próprio e das relações entre elas — seu modelo da atitude — e de outro, das disposições "mentais" enraizadas, mas nem por isso menos distintas — seu modelo para a atitude. A partir dessas funções culturais fluem, por sua vez, as suas funções social e psicológica (GEERTZ, 2008, p. 90).

Desse modo, emana o fato de a religiosidade estar ligada à memória. A lembrança pelo que tenha sido vivenciado por um ou mais indivíduos pode se perpetuar por gerações. “A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 203), ou seja, a memória pode ocorrer também por projeção e ser transferida por gerações. Há uma ligação muito estreita entre memória e identidade. A memória é também um fator de reconhecimento, continuidade e coerência de uma pessoa ou grupo sobre si mesmo e os outros (SILVA et al. 2010; POLLAK, 1992). Ligado ao repasse das memórias antepassadas, muitas comunidades tradicionais utilizam das festividades, principalmente as de cunho religioso, como forma de expressarem os seus valores e fé.

Comunidades tradicionais, tais como a dos Arturos, possuem características bem marcantes quanto às suas religiosidades, as quais transparecem nos seus atos festivos. De acordo com Jesus e Almeida (2008, p. 4), a “[...] forma de educar os filhos procura garantir a tradição da Comunidade, despertando aos mais novos a curiosidade aliada ao desejo de participar dos rituais festivos”. Nessa ótica, o contato afetivo e familiar da comunidade cria um elo interlocutor entre as gerações mais velhas e os mais jovens na continuidade dos valores ligados à fé e à memória. O que ocorre, nesses casos, pode ser ora memórias construídas com base em acontecimentos de fato vividos ora o que mais ocorre: a transferência e as projeções de lembranças com base no pertencimento a um determinado grupo (POLLAK, 1992), fato comum nos Arturos, por meio da transmissão, de pai para filho, das lutas e referências à cultura negra brasileira, contida nos rituais festivos.

No caso dos Arturos, os detalhes das festividades imbricam-se na relação entre a cultura negra africana, a luta no campo como escravos brasileiros e a influência da religião católica. “Para os Arturos, a legitimação de sua presença ocorre através das tradições religiosas, onde o chefe (Rei do Congado) representa o filho do pai humano, ancestral mitificado que lhes ensinou a arte do canto e da vida comum” (GOMES e PEREIRA, 1988, p. 13). Essa ponte-memória com parte da cultura africana pode ser percebida nos seus cantos, danças e vestimentas das festividades, bem como é possível localizar os tempos de seus ancestrais nos tempos atuais. Dentre as referências à cultura negra, estão “[...] o *Batuque*, a *Festa do João do Mato da Capina*, a *Folia de Reis*, além de aspectos da culinária e do modo de organização da vida comunitária e, sobretudo, a vivência do sagrado, representada pela celebração do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, o *Congado* [...]” (JESUS e ALMEIDA, 2008, p. 4). As expressões, sons e ritmos são ditados pelas batidas dos tambores (Figura 13), estes ligam, através da sonoridade, o corpo, a voz, a religiosidade e o lugar outrora vivido pelos antepassados à atualidade. A imagem das paisagens que os Arturos trazem em seus

cantos relembra as antigas práticas de cultivo de raízes e plantas nos campos, hoje, em seus quintais, assim com as lutas de resistência do negro no Brasil.

Figura 13: Tambores.



Fonte: Acervo IEPHA/MG e FUNDAC.

A fé professada por eles lhes dá “forças” para lidar com as adversidades do dia a dia. “Pode-se considerar que os Arturos vivem transitando entre o profano e o sagrado” (JESUS e ALMEIDA, 2008, p. 5). Aspectos relevantes dessa religiosidade encontram-se na multidimensionalidade que se adquire, recriando, nas festividades, a ancestralidade, a oralidade, a vida cotidiana e o lugar. Nas cerimônias, os símbolos são muito importantes, pois comunicam sobre o contexto sociocultural em que foram construídos.

Quanto as suas histórias de vida, o catolicismo é muito presente, em uma mescla com as tradições negro-africanas, de modo que os Arturos não abdicaram de suas ancestralidades. Foi, portanto, envolto na importância das festividades, que se decidiu dar enfoque a algumas dessas celebrações, dentre as quais, as que fazem referência à ancestralidade, religiosidade, devoção, memória e a ponte de ligação com o lugar. Entre os Arturos, o sentido sagrado é dado também aos tambores, que acompanham várias celebrações e ritos da comunidade; para

tal, há a crença de que eles fazem o elo de comunicação com os ancestrais africanos e na aparição de Nossa Senhora do Rosário (Caderno do Patrimônio Imaterial - IEPHA/MG, 2014). É possível perceber na fala de Toninho – morador da Comunidade dos Arturos – contida no Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG (2014, p. 31) a importância do tambor: “*Os ancestrais da gente não tá mais aqui, quando bate o tambor, parece que a gente ver eles tudo reunindo de novo*”. Os tambores são construídos dentro da própria comunidade, e é uma tradição passada de geração em geração há muito tempo.

Dentre as várias celebrações, rituais e festividades, optou-se por descrever algumas delas: O Reinado, a Guarda de Congo, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a Festa da Abolição, a Festa do João do Mato e as Folias.

- **O Reinado**

De acordo com informações contidas no Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG (2014), não há um consenso unitário quanto ao termo Reinado; muitos os denominam como Congado dos Arturos. “A diferenciação entre os termos é feita em algumas cidades, caracterizando o Reinado como uma estrutura mais complexa, que inclui a presença das guardas (dançantes), missa, cortejo, coroação de reis do Congo, etc.” (SIMÕES, 2009, p. 2). Entretanto, um aspecto que é certo deve-se ao fato que a definição da nomenclatura não altera a vivência, a fé e a tradição. A devoção expressada no Reinado é a Nossa Senhora do Rosário. A escolha pelo termo Reinado deve-se da própria definição da comunidade, a qual faz um elo com a questão de pertencimento ao lugar onde vivem. Na fala de Seu Antônio, é possível perceber esse apego pelo local de moradia:

A família aqui toda nasceu dentro do Reinado. Então não existe, porque o pessoal fala Congado, mas antigamente era Reinado. Agora, o pessoal, aqui, porque aí esses vindouros não sabe o que é. Porque aqui é Contagem, somos a cidade mais rica que existe por aqui, é Contagem. Porque ela tem Reino, que é esse pedaço de terrinha de papai. Que isso que cês tá vendo essa Comunidade aqui foi formada por Athur Camilo Silvério um Reino, aqui dentro. Que nós nunca brincou na guarda de fora, nós nunca saiu pra outra guarda, nós sempre aqui com ele. Então, se chama Reinado. **Eu acredito que é o lugar de Nossa Senhora tá presente aqui com nós toda hora, que isso é Dela, não é nosso** (Entrevista contida no Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014, p. 19, grifo nosso).

Destaca-se, na fala do descendente de Arthur Camilo, a importância do lugar e a relação com a fé professada a Nossa Senhora, tanto que o terreno por eles habitado interliga-

se às questões subjetivas de se sentirem protegidos, pelos seus familiares e, também, por divindades. O Reinado ocorre durante um determinado período do ano, e é o momento em que se unem o culto aos ancestrais e a devoção à Virgem do Rosário e a Santíssima Trindade. Essa prática é entendida por eles como o momento de união do passado ao presente, representando um elo entre a dimensão dos vivos e os mortos. “Podemos descrever o Reinado como a junção entre crenças e valores africanos, especialmente de origem banto, integrados à fé e liturgia católica” (Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014, p. 19). Nesse período, ocorre também a Guarda de Moçambique e a Guarda de Congo. “É o momento em que reis, rainhas, guardas e todo séquito cumprem sua função sagrada, seu dever” (Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014, p. 19). As Figuras 14 e 15 representam os símbolos utilizados durante prática do Reinado na Comunidade dos Arturos.

Figura 14: Imagem de Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: Fotografia de Lucio Dias, In: Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014.

Figura 15: Bastão do Capitão Regente do Congado.



Fonte: Acervo IEPHA/MG e FUNDAC.

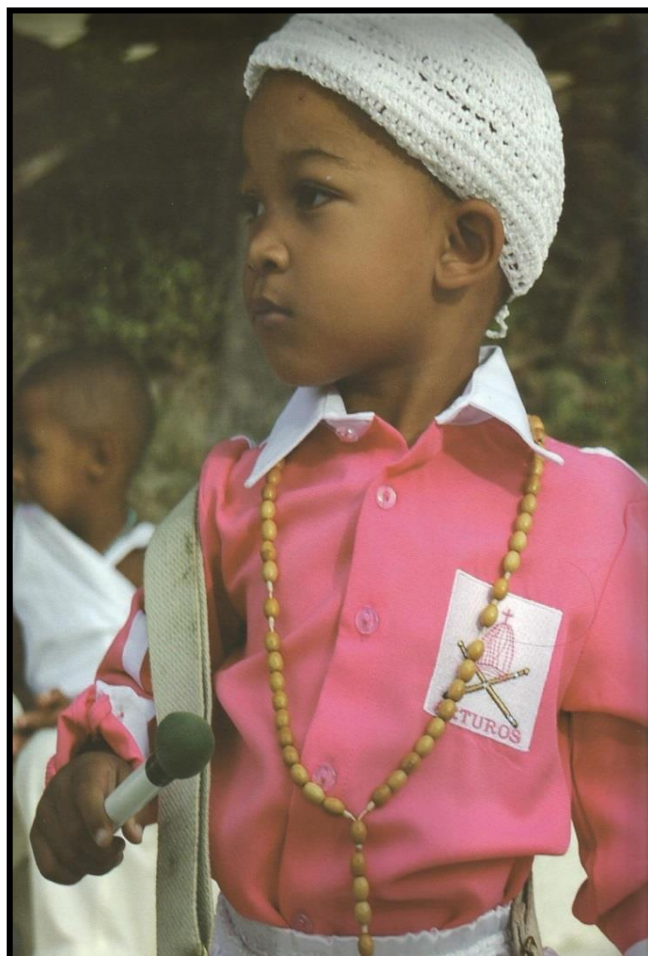
- **A Guarda de Congo**

“Na cultura do Congo, a água representava a ligação entre o mundo dos vivos e o mundo dos deuses, espíritos e ancestrais. Assim, vinda do mar, a imagem trazia consigo a identidade católica negra [...]” (SIMÕES, 2009, p. 50). Nessa perspectiva, as práticas relacionadas ao Congado, representa o elo entre as influências africanas e o catolicismo. “Nesses festejos, a figura de Nossa Senhora do Rosário é superior, é por ela que se dança, canta e vive” (Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014, p. 23). De acordo com as crenças, Nossa Senhora do Rosário apareceu nas águas e saiu de lá para proteger aqueles que dela precisavam, no caso, os negros, que tanto sofriam.

A Guarda de Congo vai à frente do cortejo, cantando e abrindo o caminho para a Guarda de Moçambique e o Reino passarem. A Guarda de Congo é composta por homens e mulheres de várias idades. Representam a união entre filhos, netos, sobrinhos entregues à

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. O rosário de contas se tornou um símbolo de proteção indispensável nas lutas diárias e também pode ser entendido como um símbolo do processo de ressignificação do catolicismo na cultura negra (SIMÔES, 2009; Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA, 2014; GOMES e PEREIRA, 1988).

Figura 16: Criança da Guarda de Congo.



Fonte: Acervo IEPHA/MG e FUNDAC.

Que que significa nós congadeiro? É pouca coisa, que são nome do Pai, do Filho e Espírito Santo. Por que é nome do Pai, do Filho e Espírito Santo? Aí é que tá: no Candombe, no Moçambique e no Congo. Entendeu a origem disso? (Antônio Maria da Silva – Arturo de 1ª linha e Capitão-regente).⁵¹

⁵¹ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 95).

Figura 17: Capitão da Guarda de Moçambique.



Fonte: Acervo IEPHA/MG e FUNDAC.

As Figuras 16 e 17 representam os contrastes geracionais internos das Guardas, sendo a criança parte da formação da Guarda de Congo e, na Figura 17, a Guarda de Moçambique, um senhor mais velho. A Guarda de Moçambique faz parte do cortejo do Congado, entretanto é formada pelos mais experientes – os mais velhos. As vestimentas também são um fator importante na Guarda de Congo, pois elas devem trazer alegria, com suas alegorias, fitas, cores e brilho.

Se for olhar [...], nas visões externas, o Congado, o Reinado, é uma manifestação, um ato, que tem aqui, tem lá no Serro, tem em vários lugares. Pra nós, esse é o nosso Congado, é o que a gente herdou. Por isso pra nós, num é uma manifestação cultural assim, é uma tradição, por que é o nosso Congado, é o da nossa família, enquanto que para os olhares de fora você olha e fala: “É um Congado ali, olha, é o Congado dos Arturos”. Pra nós não, não é o Congado dos Arturos, é o nosso Congado. (Marcos Eustáquio dos Santos – Arturo de 3ª linha, presidente da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem e caixeiro da Guarda de Congo).⁵²

⁵² Entrevista concedida a Caio Csermak e retira da Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 95).

- **A Festa de Nossa Senhora do Rosário**

Essa festividade ressalta o valor da devoção a Nossa Senhora do Rosário. A importância desses momentos em que o homem se conecta com as suas crenças está na questão de se sentir pertencente ao local, se sentir seguro, protegido e, principalmente, sentir-se realmente em comunidade. Em meio à comunidade, a força das divindades lhes garante acolhimento e proteção espiritual, enquanto os familiares da comunidade lhes garantem acolhimento quando surge uma necessidade de amparo. Costa (2013, p. 13) observa:

As vozes individuais são caladas, fala-se em nome de um povo, de um grupo, de um coletivo; dança-se unido, em harmonia; canta-se em uníssono, fazendo da canção de todos a oração de cada um. Após o período festivo, o sentimento de união e solidariedade encontra-se vivificado, reanimado.

Desse modo, o ato de festejar e a devoção possibilitam o contato entre a população que reside na Comunidade dos Arturos, além de abrir as portas, no sentido de buscar a união e o respeito daqueles que não são Arturos. Nesses eventos, são reforçados os costumes, os gestos, as linguagens e a prática dos ensinamentos recebidos.

O ponto chave dessa festividade é o louvor à santa Nossa Senhora do Rosário. É uma festa antiga, que ocorre por todo o estado de Minas Gerais. É realizada, também, pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, com a qual a comunidade possui forte relação. Esse envolvimento destaca a festa como um fator de aliança e união dos Arturos (GOMES e PEREIRA, 1988). “A festa reafirma a identidade da Comunidade dos Arturos, pois nela estão presentes as tradições herdadas dos pais fundadores” (Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014, p. 27). São reunidos, na festa, vários ritos e expressões culturais, em uma relação entre o corpo e os adornos utilizados; os cantos e as danças; as preces e os objetos. Todo esse conjunto garante à festividade um caráter simbólico incrível.

A festa reúne uma série de ritos e expressões culturais que ocorrem simultaneamente em diversos locais. Durante o evento, as guardas, cada qual com seu ritmo e vestuários próprios, tocam em louvor aos santos. Todos agradecem pela vida, relembram o tempo de cativo e pedem bênçãos aos reis. A celebração segue com o levantamento dos mastros e estandartes festivos. Os cruzeiros e as imagens presentes na capela possuem dimensão simbólica e a comida se torna alimento do corpo e da alma (Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014, p. 27).

Figura 18: Altar da Capela da Comunidade.



Fonte: Acervo IEPHA/MG e FUNDAC.

A festa se torna para eles o momento de fé, como o alimento da alma, em que os laços com seus antepassados, a valorização de seus saberes e religiosidade bem como o elo com o lugar são reestabelecidos e transmitidos por gerações.

É totalmente diferente você preparar uma festa do rosário [...]. Igual a diferença da festa de outubro pra festa de maio. Ela é totalmente diferente até nos preparativos. Quando você tá próximo da festa de outubro, quando levanta o mastro de aviso, ali eu acho que você reza o primeiro Pai-Nosso. Dali pra frente, você está imbuído de um contexto, que ocê sabe que vai fechar no dia de terminar a festa quando você desce os mastros, a despedida. Então, é assim, é uma alegria muito grande, e com responsabilidade total de quem tá puxando esse terço, né? Esse rosário, que no caso aqui é toda a família, cada um se responsabiliza de uma coisa. [...] Então, eu acho que a festa em si é uma comemoração da celebração do rosário, sabe? (João Batista da Silva Luz – Arturo de 2ª linha, Capitão de

Moçambique e presidente de honra da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).⁵³

- **A Festa da Abolição e a Festa do João do Mato**

Todas as festividades remetem aos ensinamentos antepassados. A festa da Abolição é uma forma de manter viva a lembrança dos tempos de vida como escravos. “É o momento de rememorar a luta e o sofrimento de seus antepassados, além de possibilitar uma atualização daquele momento, revigorando o sentimento de força que os Arturos levam para a vida cotidiana” (Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014, p. 33). Esse é um evento complexo, que envolve vários elementos, etapas e celebrações simultâneas. A celebração ocorre no mês de maio e conta com elementos e encenações da Lei Áurea e a lembrança do período de escravidão; atualmente, também adquire uma postura crítica quanto ao papel do negro na sociedade e a luta pelos seus direitos. Desse modo, a festa se constitui como “Uma miríade de sons, cantos e batidas que compõem a atmosfera” (Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014, p. 33).

A Festa do João do Mato ocorre em dezembro e representa o elo com as características rurais que tinham no passado. A tradição é limpar, através da capina, o mato que cresce de maneira espontânea nos roçados. A ajuda mútua é uma característica marcante dessa festividade, de modo que a solidariedade é um ensinamento passado para as gerações mais jovens, por meio de celebrações como essa. O rito consiste na expulsão do João do Mato, símbolo para a vegetação que cresce sem ser semeada. Atualmente, algumas mudanças foram sendo incorporadas a tal rito, pois o contexto rural que a comunidade tinha antes, paulatinamente, vai sendo transformado com a expansão da urbanização por vários bairros de Contagem. As áreas destinadas à capina foram reduzidas, mas, mesmo assim, essa festividade não deixou de acontecer, pois remetem também aos tempos em que seus ancestrais eram escravos nas fazendas.

“Além da famosa Festa de Nossa Senhora do Rosário no mês de outubro, atualmente acontecem outras comemorações como a Festa da Abolição da Escravatura, a Festa de João do Mato (ou festa da Capina), a Folia de Reis e ainda os Batuques e Candombe” (SIMÕES, 2009, p. 42). Em várias das festividades e ritos dos Arturos, predominam o canto em cortejo e a alegria com que rememoram as suas origens. Tais celebrações demonstram o quão

⁵³ Entrevista concedida à Glaucia Lucas. Cf.: LUCAS, Glaucia. Música e tempo nos rituais do Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. E retira da Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntes da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 96).

importante é o elo com o lugar e a história para a Comunidade. A relação topoflica se encontra também na valorização das origens, quando se entende que aquele lugar marcou a história de quem o construiu, e que é preciso preservar seus ensinamentos, para que não se perca ao longo do tempo o valor dos saberes e o local. A solidariedade entre os membros e agregados da comunidade também marca o apego pela perpetuação do modelo de vida em que exista um laço forte com o lugar, em um habitar que seja para dormir e também para repor as energias da mente e do corpo. “As festas rompem com o cotidiano e estabelecem um novo tempo para a comunidade” (OLIVEIRA, 2007, p. 11).

d) A importância do caráter intergeracional

Essa união da gente vem da origem dos pais. A gente sempre teve união: tamo sempre junto, na alegria e na tristeza. Minha mãe sempre ensinava que a gente devia estar sempre ali pra ajudá as pessoa que precisam da gente. Então se os pais ensinô, isso deve ser passado, a gente vai continuano. A minha filha segue as mesma coisa que eu faço, ela continua. É uma coisa que tem origem e vem assim de mãe pra filho. (Maria Auxiliadora da Luz – Dodora – Rainha 13 de Maio, sobrinha de Arthur Camilo e esposa de S. Mário).⁵⁴

A todo o momento que se retrata a organização e características da Comunidade dos Arturos, o caráter intergeracional é invocado, pois se trata de uma comunidade com base na organização familiar. “A importância da ancestralidade se faz perceber no compromisso com as tradições, na preocupação em dar continuidade aos costumes herdados dos antepassados e na forma com que se acredita na influência destes sobre o tempo presente” (COSTA, 2013, p. 20). É um apego pelo lugar e as crenças, passado de geração a geração. Os mais velhos, claramente, sentem-se mais internalizados com o local de moradia, enquanto os mais jovens, em virtude das modernidades, veem-se lançados na relação com as características do espaço externo. A herança de conhecimentos é também uma forma de “abraçar” as dificuldades do presente, amparados nos ensinamentos dos antepassados.

O contato intergeracional permite, também, uma troca de conhecimentos entre os membros da comunidade. Através das diferentes celebrações, a autenticidade das características da comunidade deixa a estrutura de serem somente momentos festivos e inscrevem nas diferentes gerações a significação da experiência de vida para formação de seus cotidianos. No contexto da experiência, forma-se uma consciência que permanece no

⁵⁴ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 80).

imaginário e ações ao longo de diversas etapas dos indivíduos, em que a transmissão dos saberes se dá nesse processo mediatizando os aspectos socioculturais e o ambiente físico (BORGES e MAGALHAES, 2011). As bases familiares para a Comunidade dos Arturos constituem-se como o alicerce que embasaria as experiências presentes, sendo que, sempre que se veem lançados nas tensões cotidianas e se sentem desamparados, recorrem às forças espirituais que aprenderam a respeitar com seus ancestrais.

O respeito à relação intergeracional faz com que o ser Arturo veja nas preces um elo de acolhimento pelos seus antepassados. Com isso, eles adquirem uma experiência com o habitar duradora, indo além da simples habitação, vinculando ali sua concha protetora. A comunidade passa a ser entendida como a casa de todos os membros, logo se expressa como um aporte que permite lançar o ser no mundo, sem que se sinta vazio dos conhecimentos de seus antepassados. A força que tem a “casa natal” para os Arturos pode ser entendida como o casulo protetor, onde a relação com os objetos e lugares reforçam os significados compartilhados entre a organização familiar que ali existe. Nessa casa, os primeiros valores são formados, as festividades são aprendidas, o respeito aos anciões é reforçado, então, o alimento para a alma é passado de geração para geração. E também, nesse ambiente familiar, estão os anseios da possibilidade de passar para as gerações mais jovens tais valores frente às novas relações que se estabelecem com as “modernidades” da vida urbana.

Nesse tópico, vem à tona Tuan (1983) que faz um jogo de palavras “[...] não há homem sem lugar ou lugar sem homem”, ou seja, o indivíduo, a comunidade ou o grupo social estão ali na constituição daquele ambiente como lugar de moradia. Para Bachelard (1993 apud MARANDOLA JR., 2014, p. 113) “Casa é abrigo, memória e refúgio. A partir da memória é possível a continuidade de nossa existência e origem é revelada e reinventada, tornando o ser seguro de si mesmo”. Para os Arturos, a comunidade, enquanto casa em sua conformação máxima, é parte deles, de seus antepassados, mais do que a materialidade, ela mantém as raízes da infância que formaram e formarão os seus descendentes. Além de ser como outrora colocado, como uma cobertura acolhedora nos momentos de dificuldade. Na casa, investe-se, ao menos na infância, primordialmente, grande parte do tempo diário. Entretanto, à medida que se cresce, surgem necessidades de se estabelecerem relações com os espaços mais amplos da cidade, e o tempo de permanência no casulo protetor da casa é alterado, passando muito tempo nos espaços fora dos “muros” da comunidade, onde estão os “outsiders”. Com o avançar da idade, nas gerações mais velhas, o tempo na casa volta a ser primordial. “A base para essa identidade e a força de coesão de um bairro, portanto, está no

sentimento de pertencimento e identidade que geram uma comunidade” (MARANDOLA JR., 2014, p. 117).

Nesse contexto, a experiência com os diversos ambientes, seja dentro dos muros da própria comunidade seja com o entorno é permeada por emoções. De acordo com Tuan (1983) a experiência na casa envolve diversos sentidos que são invólucros da vida emocional, marcada pela familiaridade. À vista disso, a experiência é constituída de três sentidos: sensação, percepção e concepção, todos, ao relacionar com a vivência dos Arturos indicam que são passados de geração a geração. A sensação de pertencimento cresce internalizada com as crianças da comunidade, assim como a percepção e concepção de seus valores culturais, lugaridades e identidade no mundo. Atrelado a todas essas experiências, está a emoção de habitar um lugar, como a comunidade, que tem uma densidade histórica carregada de valores.

Afirma-se, na comunidade, a intersubjetividade que dá segurança e une os seus moradores. Para Marandola Jr. (2014, p. 117), “A familiaridade, a compreensão de dança-do-lugar, o conhecimento da origem das pessoas fornece ao bairro, espaço circundante da casa, segurança ontológica territorializada, já que os estabelecidos sabem o ritmo, as densidades e as interrupções do lugar”.

É preciso indagar sobre o sentido do lugar como um sentimento passado dos idosos para as crianças, através das memórias expressas nas danças, cantos, religiosidade e ritos. “Velhos que sabem do que estão falando quando estimulam os dançantes dobrando o corpo que balança cadenciado e clamando com a voz gutural [...]” (OLIVEIRA, 2007, p. 01), são uma das formas de ligar todas as gerações que habitam a comunidade, e dar continuidade em seus valores socioculturais e ensinamentos religiosos. Outra maneira de conectar as diferentes gerações é através das rodas de conversas e histórias, que é uma atividade feita na comunidade desde os seus antepassados, como forma de passar os ensinamentos culturais. A tradição da oralidade nos Arturos é ainda muito presente nos cantos, nas apresentações teatrais e na lição dos ancestrais (COSTA, 2013). A memória também é reavivada através dos festejos e a religiosidade. Nos rituais, os Arturos buscam vivenciar, por meio das partes da história de sua resistência, o todo. Ora cantam e dançam as dores de seus antepassados ora festejam sua liberdade, dão graças a Nossa Senhora do Rosário pela proteção.

O núcleo familiar foi o elemento fundamental e decisivo para o desenvolvimento do espírito comunitário nos Arturos. Atualmente a comunidade é formada por mais de quarenta casas. Alguns casamentos realizados fora da comunidade se incorporam ao *tronco veio* como os filhos de Arthur costumam chamar o avô Camilo Silvério.

Algumas destas famílias moram fora do espaço físico da comunidade, mas sem perder os laços com a família, marcam presença quase que diária na comunidade. **A memória do pai também é resgatada nos festejos e no cotidiano da família.** Esta memória surge com a força dos antepassados que sobreviveram às opressões do escravismo em Minas. Reatualiza-se em seus cantos a história do negro, filho de escravo que fugiu da fazenda para o Morrão, constituindo família em nome da liberdade. O sofrimento do pai é revivido pelos filhos sinalizando sua tenacidade e resistência diante dos desafios do mundo [...] (COSTA, 2013, p. 37-38, grifo nosso).

Desse modo, no núcleo familiar, dividem-se as experiências entre as diferentes gerações. Trata-se de constituir com o lugar uma referência cultural, uma vivência em que a figura paterna representa respeito e modelo de vida a ser seguido. Esse envolvimento da comunidade como unidade familiar coesa é possível perceber na fala de alguns membros, contidas em entrevista transcrita no Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG (2014) em que afirmam: “*O Arturos pra mim é... É minha família, meu povo*” (Helena – moradora da Comunidade dos Arturos, p. 17) e “[...] *viver em Comunidade é uma coisa boa, em famílias. Sempre, que adoeceu você pede uma sobrinha pra ajudar, uma nora tá ali ajudando, igual a minha mãe, né. Aqui, né. É muito bom de viver em Comunidade, é muito bom mesmo*” (Fátima – moradora da Comunidade dos Arturos, p. 17) e, ainda, Seu Antônio – morador da Comunidade dos Arturos (p. 17) salienta: “*A comunidade aqui é boa de sobreviver porque existe respeito!*”. Tornando perceptível a importância do elo familiar para a configuração e perpetuação da comunidade.

As celebrações religiosas possibilitam a aproximação entre os planos espiritual e corporal e são importantes por possibilitarem a renovação das energias do indivíduo. Durante os atos e festividades religiosas, as vozes não são mais individuais, e, sim, de um coletivo, de uma família. “Após o período festivo, o sentimento de união e solidariedade encontra-se vivificado, reanimado [...] Ao longo do tempo, as ações são recriadas, lembradas, outras ações surgem e algumas são adaptadas de acordo com as necessidades atuais” (SIMÕES, 2009, p. 13). A Figura 19 expressa a religiosidade passada para as gerações mais jovens, em que o respeito pelas imagens dos Santos é muito valorizado.

Destarte, o que é passado nesse contato intergeracional é a reflexão de que o lugar significa mais do que local de moradia, mas um ambiente de pertencimento: uma relação afetiva com a família garante acolhimento nos momentos de tensão e vulnerabilidade; a participação social e nas festividades assegura o comprometimento com a identidade da comunidade; a paisagem da comunidade lhes garante a sensação de reposição das energias e reconhecimento do lugar, na vida da grande cidade. Nesse sentido, sobre ver a paisagem, há

mais que simplesmente o corpo, envolve, também, a espiritualização, e “A alma ocupa um lugar. [...] A alma é como o ponto ou a pupila. Sem “medida”, “quantidade”, nem “espaço local”, ela se caracteriza essencialmente por seu poder de recolhimento e de unificação do mundo exterior” (BESSE, 2006, p. 13).

Figura 19: Criança depositando coroa no altar.



Fonte: Fotografia de Lucio Dias, In: Caderno do Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG, 2014.

4.3 – A importância da Comunidade dos Arturos como história da paisagem citadina.

Quando nós atravessa a porteira, a gente não sabe oque vai incontrá lá fora, aqui nós tá protegido... e lá fora... num vê o que conteceu com o cruzeiro?... [...] a gente pede intão proteção quando passa a porteira... pede a benção a Nossa Senhora... quando a gente vira as costa... a gente pedi paz pra todos...(Antônio Maria da Silva – Arturo de 1ª linha e Capitão-regente).⁵⁵

O que salientar como características importantes para considerar a Comunidade dos Arturos como um ponto histórico da paisagem de Contagem e da própria RMBH? Considerar-se-á alguns pontos, dentre os quais se rememora a experiência de vida deles com a cidade, o

⁵⁵ Entrevista concedida a Marisley Silva Soares e retira da Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 96).

seu caráter de formação em comunhão com a constituição do território contagense, a questão da lugaridade, e, essencialmente, o fato de se depararem com dois contrastes: entre a paisagem interna da comunidade, que evoca a noção de lugar, e a paisagem citadina, que em alguns pontos, deixam a sensação de não-lugar.

Nesse contexto, não somente a parte física do espaço deve ser considerada e nem só a essência do olhar, mas o pressentimento de uma relação entre o construído da paisagem, os seus contrastes, movimentos e a presença do indivíduo nela, lembrando que, na paisagem, insinua-se um mundo de experiências. O contato com o lugar não é desprovido de memórias, emoções e indagações, logo a noção da paisagem também não se dá em separata desses sentimentos e experiências, daí a consideração de que a comunidade seja um ponto importante a considerar quanto à percepção de seus espaços de vida, tanto dentro do próprio muro quanto em seu entorno. Assim sendo, os pontos a se considerarem e que levaram à definição dos Arturos como culturalmente relevantes para Contagem, são:

A ligação com a terra como paisagem de seu lugar: Para os Arturos, a territorialidade é uma das chaves para perpetuar sua história. O local de moradia simboliza um elo com os antepassados e permite aos moradores presentes crescerem sobre o solo no qual a comunidade se formou e construiu seus valores. Antes da significação estética do ambiente em que eles vivem, há uma espiritualidade ali, que os faz se sentirem em casa, como um aconchego para a mente e corpo. A história de crescimento da cidade se entrecruza com a de constituição da comunidade. De modo que os membros dos Arturos são também contagenses e parte da população da Região Metropolitana de Belo Horizonte. E seus antepassados foram uns dos atores que constituíram residência nas terras da localidade que daria origem ao município de Contagem, com lutas e resistências às tensões que vivenciaram. O sitio, a vizinhança, a cidade e o solo da própria casa são parte da sua identidade.

O elo entre o corpo e a mente através das festividades: Certamente, estes são os momentos em que a imagem que eles têm do mundo se conecta à evocação de seus traços particulares, suas identidades, suas crenças e espiritualidades. Logo, concerne à questão de que essas festividades têm grande respeito, pois simbolizam a manifestação da cultura imaterial da cidade, onde o indivíduo percebe que não é somente de estrutura que se forma uma cidade, mas de pessoas, crenças e simbologias. E, por mais que as estruturas influenciem nas experiências entre a cidade e os habitantes, o aspecto cultural e simbólico também os encaixa à realidade. A paisagem é implícita ou explicitamente cantada e dançada nas celebrações e

festividades culturais. Os Arturos cantam e dançam as suas lutas, a liberdade, o respeito à cultural negra, o lugar e, em sua totalidade, também expressão a paisagem de uma antiga Contagem e a construção de uma nova realidade.

O sentido da multiplicidade de lugares na cidade: Essa abordagem é importante no entendimento da Comunidade dos Arturos como parte da paisagem de Contagem, de modo que sinaliza para a valorização das diferenças culturais existentes na cidade, dos vários lugares e territórios que se formam. Além do mais, coloca a questão de que, mesmo frente ao processo globalizante, as particularidades dos lugares são mantidas e perpassadas por gerações. Pode-se aproximar, nessa perspectiva, a concepção de que as particularidades dos lugares não são somente para serem campos de estudos ou como teatros para contemplação, e, sim, formas verdadeiras de manter as características e identidades de um grupo. Para Besse (2006, p. 28) locais virtuosos como vilas e comunidades não são somente cenários de um retiro: “Nela se exprime um ideal de repouso meditativo, no qual o ser humano pode se apoderar das relações secretas que o unem ao cosmo, e sentir sua existência, por assim dizer, justificada”. Assim, a importância de se entender que existem múltiplos lugares está em respeitar que, na cidade, há planos e formas diferentes de experiência com o local de moradia.

A importância da vida como paisagem cultural e não somente as belas estruturas e cenários: A confirmação da Comunidade dos Arturos como Patrimônio Cultural Imaterial é relevante, de modo que indica a valorização dos seus modos de vida e aporte simbólico para a definição. Essa definição é importante porque apresenta a diversidade e a riqueza das cidades, que não estão somente nos belos monumentos mas também nas festas, cantos, celebrações, culinária, folias, rodas de conversa, artesanatos, enfim, nos lugares e modos de fazer, que se constituem nas diversas expressões culturais que existem nas cidades, metrópoles e regiões.

Entre paisagem e lugar – a questão da topofilia e a topofobia: O porquê da importância da comunidade como paisagem cultural está também relacionado à delimitação do lugar como pertencimento. É significativo entender que, além do território, enquanto solo comum, a paisagem pode gerar sensações quanto a ela. Se há um apego e sentimentalismo pelo local, a paisagem pode indicar um conforto, uma sensação topofílica, tal quais as paisagens culturais que acabam por representarem, para quem as observa, a aproximação da sensação de conhecer a história da localidade. Bem como o interior da Comunidade dos Arturos, em que a noção de pertencimento é compartilhada por todos, saltando aos olhos dos observadores a importância

do lugar como dimensão relacional. Em contrapartida, contrasta com algumas áreas da cidade em que não há um sentimentalismo aconchegante, mas, sim, uma sensação ora de desconforto ora de estranhamento, solidão e até de medo, indicando topofobia.

CAPÍTULO 5

Indicativos: Entre a Topofilia do “habitar demorado” e a Topofobia dos contrastes urbanos.

Aqui no centro de Contagem foi depois de 72, 73 que as coisas deram um avanço [...] Contagem até os anos 70 era uma Contagem bem tranquila onde a gente brincava o carnaval na praça, nas ruas. Saía um grupo de um lado, um grupo de outro, fazia aquelas festas. Todo mundo se conhecia. A única praça de Contagem era a Silviano Brandão [...] que é aquela ali perto da Igreja. Ali era onde os rapazes ficavam dando uma voltinha na praça, as moças por lá e os rapazes por cá. [...] Vamos na pracinha, vamos. Era a única diversão que os rapazes tinham. (José Bonifácio - Bengala – Arturo de 2ª linha, capitão-mestre da Guarda de Congo e um dos coordenadores da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).⁵⁶

Até pela convivência teve que mudar porque a gente convivia assim numa união entre família. Hoje a gente não consegue viver entre família só. Porque cresceu tanto que chega gente lá na Comunidade que você não sabe quem que é. A bomba estourou e nós ficamos no meio daquela fumaça. Incomoda, mas não tem como voltar. Para os Arturos a cidade é o de fora, a Comunidade é o de dentro, mas com influência da cidade grande que penetra na Comunidade. (José Bonifácio - Bengala – Arturo de 2ª linha, capitão-mestre da Guarda de Congo e um dos coordenadores da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).⁵⁷

A cidade penetra. São pessoas diferentes, ideias diferentes, costumes diferentes. [...] A proteção do sagrado ainda é mais forte do que do lado de fora por causa da referência que nós temos. (João Batista da Silva Luz – Arturo de 2ª linha, Capitão de Moçambique e presidente de honra da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).⁵⁸

Antigamente você saía com o Congado aqui e você ia lá na Casa da Cultura. E hoje? Como você vai? Não cabe os carros na cidade. Eu chego lá (na Prefeitura) e falo assim: a Festa dos Arturos vai acontecer eu quero proteção no trânsito, policial. Vamos parar. Aí pára a cidade para a Festa. Mas aí você tem que estar lá dentro da Festa e pensando na sociedade aqui fora. Porque eu quero que a sociedade aceite e participe da Festa. Aí eu vou parar tudo! A pessoa vai estar me xingando porque o ônibus, tendo que acompanhar o Congado, os motoristas não vão conseguir fazer o horário. Na festa de maio quem está vindo pro almoço da mãe vai chegar só na hora da janta. E aí como é que vai ficar a imagem dos Arturos na sociedade? Não é mais a Festa de todos. É a Festa dos Arturos. (João Batista da Silva Luz – Arturo de 2ª linha, Capitão de Moçambique e presidente de honra da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).⁵⁹

⁵⁶ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 107).

⁵⁷ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 109).

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 110).

Diante dos capítulos anteriores, neste momento, surgem alguns questionamentos do presente estudo quanto à percepção da paisagem. A abordagem de percepção da paisagem, neste trabalho, inclui a da compreensão do lugar e do espaço. Assim sendo, é relevante assinalar que o conceito de lugar bem como o de paisagem estão associados às experiências que os indivíduos adquirem com o meio em que vivem, em que transitam e do qual usufruem. Nesse contexto, colocam-se duas perspectivas. Sabe-se que, na abordagem Humanista, o conceito de lugar está associado ao elo que se constrói na relação entre homem/meio e os outros que ali habitam, de modo que procura refletir sobre as mudanças socioespaciais e a dimensão das questões do “mundo vivido” (ARAUJO, 2014; SILVA, 2002). Notadamente, de acordo com Araujo (2014), nos últimos anos, o conceito de lugar passou a ser debatido em uma vasta literatura, e esses estudos foram necessários por suscitarem a reflexão sobre a evolução dos múltiplos processos que envolvem os lugares.

E, nesse ponto, o lugar é entendido como a dimensão da vivência em sociedade, como o centro da afetividade e onde ocorrem as experiências humanas mais profundas. Por outro lado, os lugares vêm transformando-se rapidamente, abarcando, além da dimensão afetiva, o contexto que intermedeia o mundo e o indivíduo. A inferência que a globalização coloca sobre os lugares carrega do modo de vida externo características para dentro do lugar e também leva do interior dos lugares a experiência para outras realidades. Desse modo, por exemplo, considerando o aspecto econômico, surge a possibilidade de refletir sobre a dimensão das ações e objetos do urbano que se colocam no modo de vida do indivíduo e que influem na maneira de estabelecerem experiências com o seu próprio lugar e as paisagens da cidade.

Nesse contexto, por sua vez, evolui-se para a outra perspectiva que o lugar adquire, de que, mesmo com toda a sua especificidade, passou a ser estudado em sua relação com a cidade e a região metropolitana (ARAUJO, 2014). No sentido de refletir sobre os novos parâmetros e mudanças pelas quais passa a sociedade moderna e que, de certo modo, influem na relação com o lugar e o espaço, emergem reflexões e análises sobre a problemática espacial e a concepção de que a realidade atual estabelece novas conexões espaço-temporais. Por conseguinte, a concepção de que a paisagem que se coloca à vista atualmente nas cidades, e até mesmo nos lugares, não é remanescente de elementos por igual, mas de um processo social que une fatores heterogêneos e contraditórios (CARLOS, 2008).

Todavia, dessa linha que trilha os trabalhos críticos, além da crítica à produção do espaço e o seu caráter nas cidades, cada vez mais mercadológicos, há o entendimento como se posiciona o indivíduo nesse contexto, tendo em vista as dimensões simbólica e sentimental

que se agregam, sobretudo, às dimensões econômicas e política. A experiência que se tem nos lugares da cidade não é neutra e nem homogênea, levando a pensar nos contrastes que emanam dessa relação, considerando que, na contemporaneidade, o modo de vida do homem está, cada vez mais, atrelado ao processo de globalização. “A visão geográfica, de base fenomenológica, questionou as ações presentes no mundo contemporâneo globalizado, por reduzir a dimensão e importância dos lugares” (ARAÚJO, 2014, p. 73), o que contrasta com a luta e resistência que há em meio aos espaços urbanizados, para a perpetuação das características dos lugares e sua gente.

Nesse trajeto, cabe refletir sobre a abordagem do conceito lugar para a percepção da paisagem, sobre as abstrações e emoções da mente, e os impactos do mundo “moderno”. Essa intensa transformação das paisagens e lugares faz com que se crie a noção de não-lugar ou deslugar, que implica no distanciamento afetivo entre o indivíduo e os objetos construídos (RELPH, 1976; ARAÚJO, 2014; SILVA, 1997). Nesse processo, torna-se cada vez mais complexo a conexão entre as pessoas e as formas, de modo que, decorrente do modo de vida atual, há uma diminuição dos lugares em detrimento dos não-lugares (AUGÉ, 1994; SÁ, 2014). Todavia, de acordo com Araujo (2014, p. 73), “Mesmo "deslugarizadas", as “manchas de concreto” são plenas de significado e sentido social, sendo importante pensá-las no presente, dentro do contexto global e no passado do lugar, recuperando a sua memória espacial”. Mas o que leva a indagar é se esse sentido social refere-se a um sentimento de apego afetivo ou de repúdio e medo.

“Acredita-se que o aumento da urbanização tem ocasionado nas cidades um número cada vez maior de edificações, ruas, negócios, pessoas, etc, desencadeando no ambiente urbano, situações caóticas e estressantes” (ALMEIDA e SARTORI, 2008, p. 109). Logo, a noção de topofobia ou aversão a essas determinadas situações estressantes e vulneráveis que se colocam ao indivíduo na experiência de vida urbana reflete na visão que tem sobre as paisagens, onde a realidade tem significados diversos, pois há vivências diferentes sob as ocorrências espaço-temporais. Dito isso, a paisagem mescla-se com a vida, seja com as experiências positivas ou com os aspectos negativos, revelando, entre o lugar e o não-lugar na cidade, as paisagens da vida, de um mundo plural e simbólico.

Portanto, provenientes do mundo das experiências humanas, revela-se a maneira como se interpreta o lugar, a paisagem e o espaço. Desse modo, o entendimento de uma determinada paisagem pode indicar medo ou afetividade para os indivíduos que dela fazem uso ou nela transitam. Esses sentimentos de afabilidade ou temor estão, de certo modo, ligados às experiências que se constroem no lugar ou podem ser introduzidos na criança

decorrente do contato com o grupo social em que vivem. Nessa abordagem, o indivíduo constrói suas experiências levando em consideração tanto o contato direto quanto, também, as informações coletivas. “[...] entende-se que o ser humano, na qualidade de ser social ligado a grupos de pertença, apropria-se da realidade a partir do que é constituído na sociedade, mas também participa de sua constituição, construindo representações mediante sua elaboração psicológica e social” (SILVA e ANDRADE, 2014, p. 763). Assim sendo, o referencial de lugar e paisagem compreende as experiências transformadas ao longo do tempo.

Ao envolverem os aspectos objetivos e subjetivos de mundo vivido, cristalizam em suas respectivas imagens as estruturas das dimensões espaço-temporais onde a realidade é formada pelo real e imaginário, imprimindo marcas entre a racionalidade e a afetividade, originando complexos sistemas simbólicos (GUIMARÃES, 2002, p. 118).

Por mais que as paisagens simbólicas e culturais da cidade sejam pontos marcantes, os elementos que as circundam, em alguns casos, acabam por distanciarem os indivíduos, tais como o trânsito, a acessibilidade e o medo da violência. Daí a importância dos laços topofílicos com a casa, enquanto “habitar demorado”, que garantem a segurança necessária para que o indivíduo não se sinta de tudo lançado a uma paisagem vazia e insegura.

À vista disso, outro ponto a se considerar quanto aos indicativos de topofilia é a permanência por anos no mesmo local de moradia. À medida que se passa longo tempo no mesmo ambiente, vão se criando laços e carregando-os de símbolos, como em um habitar dos “estabelecidos”. De acordo com Marandola Jr. (2014), em um “habitar demorado”, o indivíduo ou grupo passa a ser entendido como “estabelecido”, pois cria laços com o lugar, uma vez que reside ali há muitos anos. Logo, o conhecimento das ruas, fachadas, vizinhos e familiaridade dá-lhe a sensação de que, por mais que haja pontos negativos, ainda é seu lugar, e traz a sensação de amabilidade, fato que se associa ao elo que criança cria com o lugar, através da figura materna (FRÉMONT, 1980; TUAN; 1983). Os lugares do afeto permeiam o processo de formação da criança e representam a base que lhe permite compensar seus problemas e dificuldades que surgem na vida cidadina, daí a permanência nesses lugares já ser um indicativo de topofilia.

Como dito, a topofilia se refere ao sentimento de afetividade, pertencimento e segurança com o lugar ou paisagem. A realidade vivida dentro da Comunidade dos Arturos conduz a entender que os laços topofílicos são muito valorizados pelos seus membros e perpetuados por diversas gerações. O convívio intergeracional é vivido a todo o momento: durante as festividades, as tardes nas rodas de conversa, os ensinamentos dos afazeres de casa

e culinário, no cuidado com as plantas e animais, na religiosidade e na maneira de olhar com respeito para os seus antepassados. Todos esses momentos de troca e celebração das crenças engrandecem os laços com o lugar e a construção da imagem de uma paisagem com sentimentos de pertença.

Por mais que os grupos das mesmas gerações tendem a ter experiências em comum, as abundâncias de perspectivas se desenvolvem levando em consideração as expectativas e cultura. Logo, o campo afetivo dos membros mais antigos da Comunidade dos Arturos com o lugar é mais forte, em um habitar que envolve maior confluência entre o corpo, a moradia e o espírito.

Estar em seu lugar é estar em casa, na comunhão familiar, considerando que o ambiente e os valores das pessoas configuram a percepção, visão e atitudes no mundo. Diferentes experiências, aspectos socioeconômicos e aspirações influem no julgamento do ambiente em que se vive e a sua relação com o entorno (TUAN, 1980). Com isso, por mais que as diferenças na visão do “mundo” e formas de ter experiências ocorram nas diversidades de lugares e indivíduos na cidade, a topofilia está muito associada ao sentimento de pertencimento, o qual, desde quando se é criança, refere-se à relação com o núcleo familiar com laços mais fortes (FRÉMONT, 1980; TUAN, 1980: 1983). Nesse sentido, o sentimento de topofobia se refere às experiências negativas, e estas podem ter substanciais diferenças, considerando os jovens e os idosos. Um indicativo é a relação com a própria cidade, a qual, para os mais jovens, em si, não implica necessariamente em desagrado, ela indica “vida”, movimento, enquanto, para os mais velhos ela impregna-se de muitas mudanças que atrapalham a perpetuação das lembranças.⁶⁰

Nesse contexto de ligação com o lugar, outra característica que também se coloca ao abordar a topofilia e topofobia no interior e exterior da Comunidade dos Arturos, são as considerações de campo-cidade. No Interior da Comunidade dos Arturos, há um modo de vida que, ainda, mantém muitas das características do modo de vida do campo, mesclando-se às características adquiridas nas experiências com os espaços da cidade. Desse modo, à medida que vão surgindo mais necessidades de se locomoverem rotineiramente aos espaços comerciais e que ofertam maior variedade de serviços, imbrica-se mais os modos de vida

⁶⁰ Situação percebida durante os diálogos e observações em campo. Em conversas e entrevistas com moradores da Comunidade dos Arturos, foi possível perceber que, realmente, há algumas diferenças na imagem que se constrói da figura da Cidade. Os mais velhos estão mais fixos no interior da comunidade, devido às condições de mobilidade e o laço com a terra, logo, veem a cidade como um contexto que, na atualidade, não lhes fazem mais parte da rotina cotidiana, somente em caso de necessidades hospitalares e burocráticas. Enquanto os mais jovens veem na cidade a possibilidade de um contato com a vida mais intensa, com lazeres diferentes e possuem uma necessidade maior de fazerem uso de serviços e comércio.

tipicamente rural e o citadino. As mudanças econômicas, demográficas e sociais que foram ocorrendo ao longo dos anos acabaram aproximando a cidade e o campo, fazendo com que as formas de viver urbanas ultrapassassem os limites da área urbana e adentrassem no modo de vida do campo. Essas transformações foram, aos poucos, mudando a relação com o lugar e a forma de estrutura-lo.⁶¹ Entretanto, essas mudanças criaram novas situações para os Arturos, relacionadas às mudanças das paisagens internas, onde, cada vez mais, as características urbanas vão adentrando, mesclando o modo de vida ainda interiorano ao movimento das cidades.

E, por mais contraditórios que esses contextos pareçam ser, na verdade, são, na atualidade, interconectados, pois representam a resistência das simbologias do lugar, frente às mudanças urbanas. Daí surgem os sentimentos de topofilia e topofobia, internos à comunidade e das relações com as experiências na cidade e a metrópole. Dessa forma, os lugares são construídos com base nas mudanças, vivências e práticas dos indivíduos que neles habitam (BONETTO, 2013). “Assim, o sentimento topofilico ou topofóbico, pode ser desenvolvido e incentivado sob infinitas formas [...]” (LIMA, 1999, p. 155). Nesse sentido, esse remodelar das formas da comunidade não implica, necessariamente, a perda do valor simbólico e sentimental que a vivência em comunidade lhes coloca e, mesmo para os que se mudaram da comunidade, o retorno é garantia de acolhimento, por isso o lugar para eles, mesmo modificando-se, indica “estar em casa”, “enraizado”.

O poema abaixo versa sobre a importância do lugar, enquanto mantenedor dos laços e amparo para repor as forças e encarar as asperezas da vida. Destaque para alguns trechos que podem ser considerados análogos à situação dos Arturos em relação à comunidade, no sentido de que ali há amparo para os momentos de poucas forças e inumeráveis amigos próximos; além de representar o solo de seus antepassados e o terreno da religiosidade, bem como

⁶¹ Situação percebida durante os diálogos e observações em campo. Em idas a campo na Comunidade dos Arturos, foi possível perceber que, embora, sobretudo, a forma de relação interpessoal indicasse um caráter de grande apego familiar, tal como no campo, onde há grande solidariedade, amparo, conversas nas portas de casa, alegria com o nascimento de mais uma criança, mesmo não sendo parente próximo, contato próximo com os vizinhos e todos os membros da comunidade, a relação com a cidade acaba por ampliar as necessidades dos adultos e jovens, colocando-os cada vez mais, na realidade de vida fora da comunidade. Outra situação relatada em conversas com moradores dos Arturos é a entrada de outros habitantes da cidade na comunidade, os quais levam para ali suas bagagens de experiências, e o contato os mescla com o modo de vida que ali havia. Além do mais, as características estruturais também mudaram, são perceptíveis ao adentrar a comunidade, as diferenças nas construções das casas, mesmo que as mais antigas ainda tenham muitas características do modo de vida no campo: não há muros; criam animais, como galinhas, cavalos, entre outros; as portas e as janelas estão sempre abertas, e os moradores recebem com um sorriso no rosto; sobre a mesa, há sempre um café para servir aos visitantes; e as suas paredes são cheias de lembranças, desde a construção até as imagens de santos e fotografias. A despeito disso, no caminhar por entre as ruas da comunidade, já se veem casas com materiais mais “modernos” e que coincidem com os padrões dos bairros de “fora” da comunidade, tais como: muros de tijolos; alvenarias em geral; portões e o acesso à internet, TVs e redes de comunicação no geral; os quais são indicativos da entrada do modo de vida urbano na comunidade.

ambiente para a sobrevivência do corpo e das lembranças. Todos os membros mais velhos entrevistados na comunidade não sentem vontade de deixar o lugar, e, sobretudo, sair dali é um desgaste muito grande para o corpo e o espírito.

O LUGAR

“Meu lugar é o meu paraíso se ali tenho o que preciso e o que tenho, por simples que seja, me faça viver, sonhar, sorrir, e pra mim seja algo de profundo prazer e porvir.
Falo do gosto - na vida - de ter forças pra lutar, pra abraçar o rosto do amanhecer, da tarde, do anoitecer e de todos os (inumeráveis) próximos - amigos, alguns dos quais até apresento:
minha árvore, meus pássaros, meu riacho, ou mesmo o singelo banco em que me sento, onde por vezes até, refletindo, me acho...

É, o meu lugar é onde tenho os melhores laços.

É ele o melhor amigo,
o nosso mais fausto e prazeroso abrigo,
que pode ser a casa, a rua, a viela,
o boteco, a festa, ou mesmo a favela,
o roçado de trigo, o cavalo, a vaquinha amarela,
os pássaros, as galinhas, as ovelhas
e até o pôr do sol, com seu matizado arrebol,
ou ainda a dama-noite, cujas teias de fazer sonhar
encantam os namorados que, sob o frescor da
inefável brisa,
se dançam, se amam ao luar
sob a bênção das estrelas, estas, guias,
também fiéis amigas
da estrada, da gente que busca trilhas!

**O nosso melhor lugar
é o que dá forças pra gente não parar,**
mas, sim, com fé agarrar a lida,
e fazer o que a gente sente no peito,
fazer do nosso jeito, o que gosta
mesmo que não dê conta de decifrar as luzes
e os incontáveis embustes e embates da vida
ou entender suas esdrúxulas e inesperadas
propostas, corridas, feridas, saídas [...]
Agora, pra ter senso de verdade,
a maior desgraça a enfrentar
é ser forçado a do amigo se apartar,
e precisar desfazer de tudo o que veio a ter na
vida pra alguns vinténs vir a ganhar,
a fim de buscar outro sobreviver.

**Desgraça é ter que abandonar
o nosso mais íntimo modo de estar e ser**
e, às vezes, sem saber pra onde ir,

(só de falar dá tristeza, nem gosto)
 ter que partir pra qualquer outro *locus* habitar.
**Desgraça é ter que se enveredar em um lugar
 estranho, sem amanhã, desconexo, talvez medonho
 porque não é onde o sonho da gente quer morar,
 simplesmente porque ali não é o nosso lugar [...]**

(FLÁVIO, 2008, p.63-64 apud ALVES, 2014, p. 60-61, grifo nosso).

Nessa abordagem, entre a paisagem e o lugar como íntimos, constroem-se os sentimentos de topofilia e topofobia. E é com base na interação com os diferentes lugares, paisagens e realidades que esses sentimentos vão sendo construídos. Esse sentimento pelo lugar, seja positivo ou negativo, refere-se, também, ao conhecimento que se tem da realidade que vive. Os mais velhos, por terem uma vivência mais ligada à terra, tendem a ter um elo mais forte com o lugar, assim como a criança com o núcleo familiar mais próximo. Enquanto os mais jovens, por terem acesso a mais espaços da cidade e/ou mesmo criarem uma imagem da cidade com base em informações em rede, tendem a se ludibriarem pelo movimento que a vida citadina cria (BORGES E MAGALHAES, 2011; SILVA e ANDRADE, 2014).

5. 1 – A topofilia pelo lugar: Percepção da vida dentro dos “muros” da comunidade

O que deve ser entendido nesse ponto é a condição dos moradores da Comunidade dos Arturos enquanto indivíduos em um “habitar demorado”, de modo que frisa a condição deles como “estabelecidos”. Desse modo, quanto mais valores e experiências em comum tiverem os membros que habitam o local enquanto “estabelecidos”, mais coesão interna e maior o senso de comunidade (AGIER, 1998 apud MARANDOLA JR., 2014).

À vista disso, os elementos-chave da Comunidade dos Arturos, os levam a entender a parte interna do sítio da comunidade como sua casa ou extensão familiar. Todos se conhecem, sendo de laços mais fortes ou mais fracos. Os Arturos entendem o núcleo familiar e a sua extensão como capital social, que lhes dá segurança e acolhimento nas situações de vulnerabilidade, tais como: doenças, necessidades financeiras, de amparo religioso, consolo, entre outras. Nesse contexto, muitos se referem à casa paternal com encantamento e como expressão máxima da relação com o sítio e as lembranças. Formam uma grande parte da comunidade com ênfase nas raízes, o aconchego materno e a proteção das forças religiosas. Assim, o mapa 4 faz uma inferência à questão do “habitar demorado” evidenciando as áreas pelos Arturos que são carregadas de simbologias e os fazem se sentir em casa, em comunidade.

Mapa 4: Área do “habitar demorado” da Comunidade dos Arturos (Sede), considerando os pontos por eles referenciados durante a visita.



Fonte: Org.: CARNEIRO, K. S., 2016.

Essa abordagem de “habitar demorado” refere-se à comunidade enquanto casulo familiar e protetor. Tal adjetivo faz referência aos moradores da Comunidade dos Arturos como “estabelecidos”, levando em consideração que suas raízes estão ali nas terras em que a comunidade foi formada. Desse modo, o mapa 4, que delimita a área dos Arturos⁶², não faz, necessariamente, referência aos limites territoriais legais pertencentes à comunidade, e, sim, a uma abordagem da área em que eles têm grande ligação, e que agrega atributos espaciais e simbólicos que configuram como laços elementares para o lugar e a identidade da comunidade.

A vida em comunidade lembra que o coletivo faz parte do individual, que o Arturo não está sozinho no mundo, ele tem a sua família e os amigos, os quais compartilham das mesmas crenças.⁶³ Todavia, lembra, também, que as experiências são individuais, e que, por mais que vivam em comunidade, diferenças surgem quanto ao modo de ver e vivenciar os espaços da cidade, interpondo, na homogeneidade das crenças do interior da comunidade, outros pontos de vista que são construídos da experiência na cidade, onde há uma heterogeneidade de fatores, elementos e crenças.

É preciso, portanto, colocar em suspensão algumas proposições sobre a comunidade: as experiências construídas no interior do lugar, quase sempre, estão ligadas ao contexto topofílico, de maneira que este compreende a base de segurança do indivíduo. Ademais, ser destituído do lugar ou quando surge necessidade de mudar-se dali não significa, necessariamente, o rompimento desses laços; há um distanciamento, que muitos lembram saudosamente, mas o retorno é sempre uma opção viável e necessária, mesmo que seja sazonalmente. O exterior próximo da comunidade pode ser englobado na abordagem topofílica, já que envolve, também, uma área conhecida e vivenciada rotineiramente. Entretanto, por mais que não exista uma fronteira rígida, delimitando até que ponto vai o lugar e inicia o espaço, isso é percebido nas falas dos Arturos, ao descreverem, com afabilidade, o interior da comunidade e a relação com a vizinhança da cidade.

Desse modo, tanto o plano material da estrutura espacial quanto o estilo de vida, ao mesmo tempo em que lhes garantem identidade, fazem com que se lembrem de que são parte da cidade de Contagem – MG. E que não estão parados no tempo e nem imóveis no interior

⁶² Sede da Comunidade.

⁶³ Durante as entrevistas e conversas com os moradores da comunidade, veio a notícia do nascimento de uma criança. A alegria da notícia contagiou grande parte dos Arturos, de modo que o nascimento de mais uma criança Arturo simbolizava a continuidade das crenças, saberes e religiosidade. Maria Auxiliadora (moradora da comunidade dos Arturos – 80 anos de idade) relatou que o nascimento de uma criança é muito bom, e sua atitude foi entregar uma imagem de santo para o pai da criança, para guardá-la e protegê-la.

da comunidade, o que inclui o contato constante com outros lugares, espaços e paisagens da cidade e da região metropolitana.

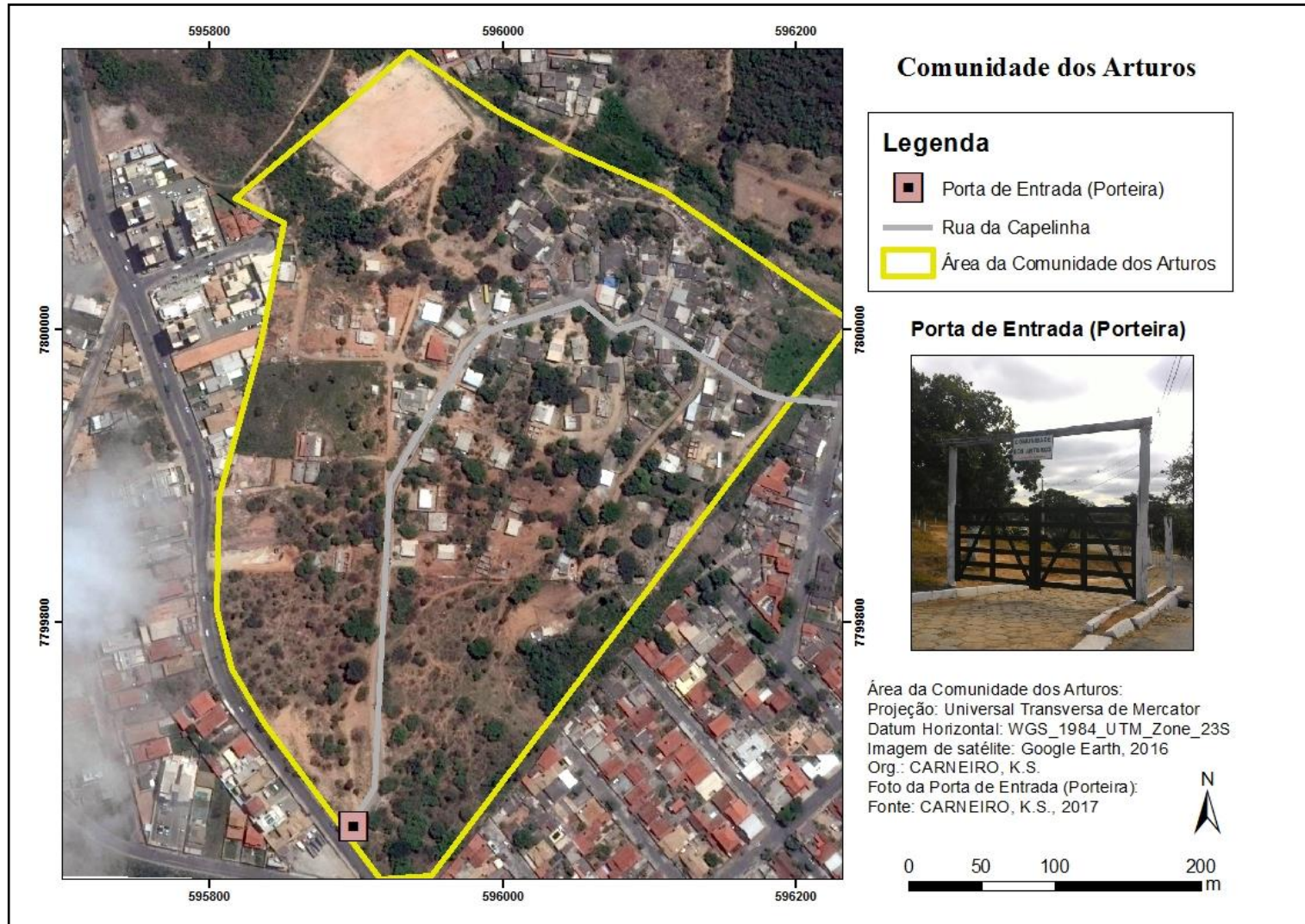
Decorrente do fato de terem um modo de vida, em certos pontos, diferente do urbano⁶⁴, as portas da comunidade estão sempre abertas, e suas festividades são momentos de celebrações compartilhadas com todos que são convidados, sejam membros ou não da comunidade. Em relatos durante as entrevistas, os moradores mais velhos da comunidade ressaltam o valor que a imagem de “boa vizinhança” tem para eles. É passada para as gerações mais jovens a importância de preservação dos valores que seus antepassados lhes deram, o elo de conexão com a terra e o que ela tem a oferecer e a valorização, acima de tudo, de ter um “bom nome”. De modo que, quando se referirem aos Arturos, lembrem-se da figura do patriarca, que, mesmo sofrendo com as labutas da vida como descendente de escravos, manteve suas crenças e devoções.

Neste estudo, alguns pontos da comunidade ressaltam mais, como marcantes e repletos de lembranças, conduzindo vários entrevistados a se referirem a eles de maneira recorrente. O primeiro ponto que se destaca não é necessariamente o mais referido como o lugar mais afetivo dentro da comunidade, mas o ponto que marca ao se chegar à comunidade. Esse ponto é a “porta de entrada” na comunidade, a qual já dá um indicativo de que ali o modo de vida é diferenciado da área urbana na qual estão inseridos. O mapa 5 localiza essa entrada e expõem o que se vê ao chegar à Comunidade dos Arturos. A primeira imagem que se tem é que se trata de uma comunidade rural, entretanto, ao adentra-la, são perceptíveis vários pontos em que há uma mescla entre o modo de vida rural e urbano. A porta de entrada, como uma “porteira”, lembra os Arturos de suas origens, está ligada à terra, aos antepassados e ao estilo de vida simples e familiar.

Outras áreas que se consagram como paisagens marcantes da comunidade dos Arturos e que, de certa forma, são mantenedoras dos laços topofílicos pelo lugar, são a capelinha e a casa onde morou e mora um dos filhos de Arthur Camilo. Essas localidades representam pausa para os Arturos, um momento em que o tempo passa mais vagarosamente, que a religiosidade é colocada como alimento para a alma. E, como aborda Tuan (1983, p. 153), “A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor”.

⁶⁴ Refere-se ao modo de vida que eles levam, por um lado, muito ligado ao padrão de cidades interioranas e do campo, com criações de animais para abate; o perfil de algumas casas sem muros; a existência, nas casas, de fogões e fornos a lenha; entre outras características, o que diverge dos padrões das casas das grandes cidades, onde, de acordo com Bauman (2009), há as marcas urbanas da diferença, com grade, muros, câmeras de vigilância, carros blindados e todas as possíveis formas de segregação. E o que motivou o uso do termo “em certos pontos” foi o fato de haver a entrada de algumas características da globalização em seus espaços de vida, tais como: celulares, televisões e outras formas de conexão às redes de comunicação e informação.

Mapa 5: Área da Sede da Comunidade dos Arturos, localização da porteira.



Fonte: Org.: CARNEIRO, K. S., 2017.

À vista disso, o papel da casa paternal, além de lembrar a proteção e o carinho do pai, também se coloca como local a que se procura, diante das enfermidades e necessidades de aconselhamento. Na medida em que as adversidades do dia a dia se colocam para o indivíduo, o contato com lugares como esse, em que é possível buscar acalento para o corpo e a alma, é fundamental para firmar os laços com o lugar.

Durante as entrevistas, quando se questiona aos moradores da Comunidade dos Arturos sobre a existência de algum lugar que considerem mais afetivo dentro da comunidade, alguns alegam que não há um lugar em específico, uma vez que tudo tem muito valor simbólico. A despeito disso, os que definem um lugar, desde os mais velhos até os mais jovens relataram ser a casa paternal e a capelinha os locais de que carregam mais lembranças.

Pra mim é a casa paternal e a sua volta o lugar de maior lembrança. Eu sou a rainha daqui, a que visto! Eu moro aqui há muitos anos, foi onde criei os meus filhos. É onde a gente dá as festas e recebe todo mundo com carinho. As pessoas, parentes, estão sempre aqui, sempre que precisam e têm algo novo pra contar. As comidas e os enfeites das festas são feitos aqui. (Entrevistado 02, moradora da Comunidade dos Arturos – 80 anos de idade).

É aqui que eu cresci. Minha família foi criada aqui, na casa de papai. Tenho filhos que não moram aqui, mas soltou o foguete está tudo aqui! Graças a Deus! Aqui a gente conhece todo mundo, somos um povo muito unido. (Entrevistado 01, morador mais antigo da Comunidade dos Arturos – 84 anos).

Eu acho que a casa paternal, do patriarca é a mais afetiva pra mim, por que é família. Tudo que precisar, pode contar, na tristeza e na alegria. E também eu fui criada aqui. (Respondente 03, moradora da Comunidade dos Arturos – 56 anos)

Essa casa paternal simboliza, também, os primeiros sentimentos topofílicos, já que, para a criança, o colo dos pais é o seu primeiro “lugar”, indica proteção e fonte de alimento. E, à medida que essas crianças crescem, envoltas com esses saberes e crenças, continuam a ver esses locais como centro de valor e fonte de significação.

Pra mim é a área principal que me traz mais lembranças, porque eu fui criado aqui e participo das festividades, mesmo eu já tendo morado fora e ter voltado a morar aqui, considero aqui como uma família. (Respondente 09, moradora da Comunidade dos Arturos – 17 anos).

O lugar que considero mais afetivo aqui na comunidade, é a casa da minha bisavó, por causa que ela conta as histórias daqui. (Respondente 11, moradora da Comunidade dos Arturos – 14 anos).

Eu acho que aqui o lugar mais afetivo é a casa da sogra, porque é família e a que me acolhe. Eu não moro aqui, mas estou sempre aqui, meu marido é descendente dos Arturos. (Respondente 04, membro da Comunidade dos Arturos, porém residente em um bairro no entorno – 33 anos).

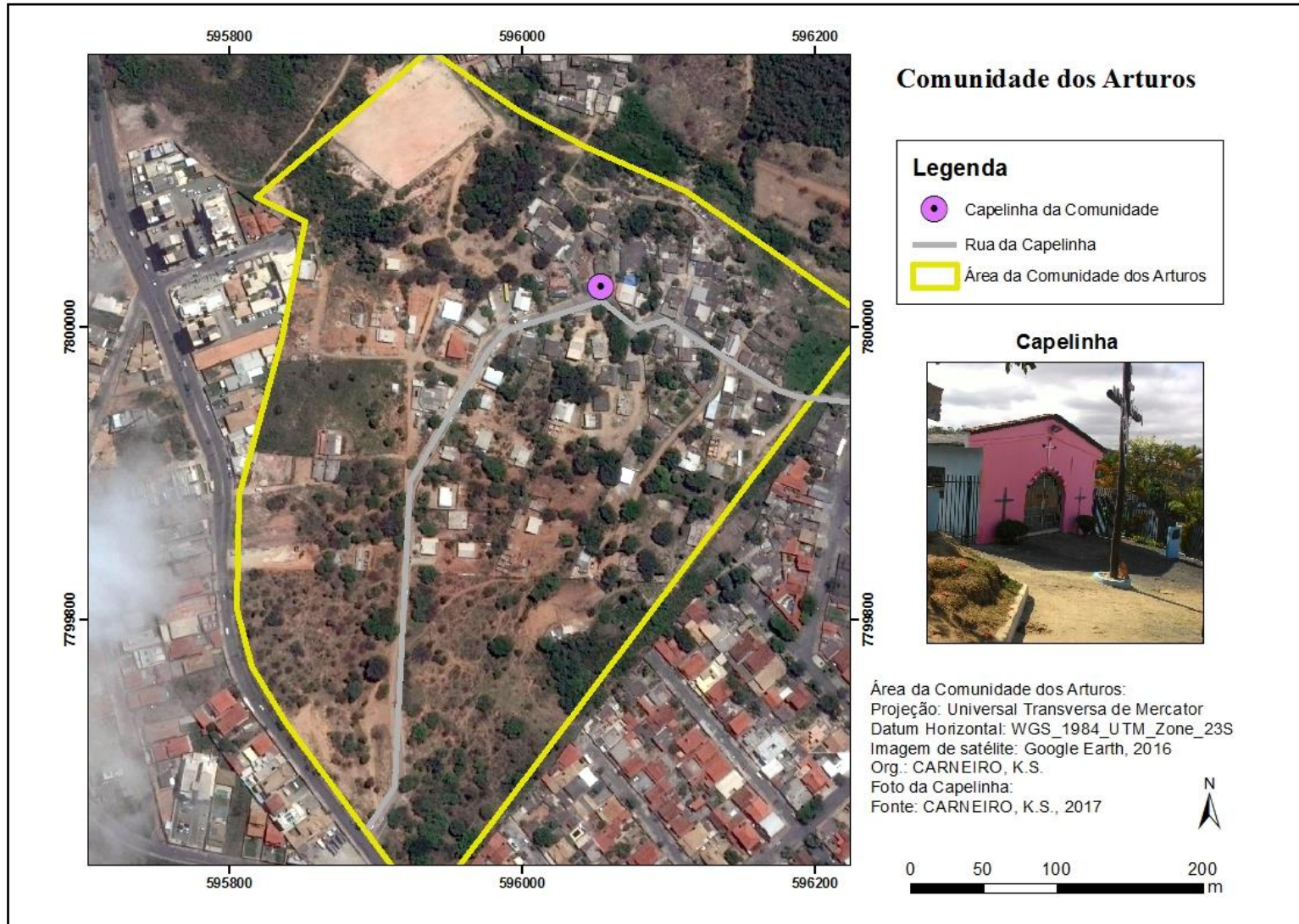
Locais como a capelinha e a casa patriarcal são lugares de encontros e celebrações, onde se recebem desde os mais velhos aos mais jovens; são locais que estão cheios de objetos comuns, que remontam à história dos antepassados e construção da comunidade bem como, também, trazem à tona a realidade que outrora se viveu e os ensinamentos que devem ser passados para os descendentes. Esses locais íntimos, que conduzem à concepção de lugar, são guardados na memória como se fossem um “álbum da família”, cheios de símbolos em comum e reconstruídos.

Os Mapas 6 e 7 localizam, no interior da comunidade, esses locais indicados como os mais afetivos e carregados de símbolos (a Capelinha e a Casa Paternal). São construções resultantes do contato verdadeiro através das festividades, acolhimentos, ensinamentos, religiosidade e comunhão. Possui encantamentos e um ar familiar, que torna a casa em lar, e o lar em lugar íntimo.

Neste estudo, os lugares com grande apego afetivo e que remetem a muitas lembranças afáveis são, geralmente, qualidades atribuídas aos locais mais próximos do indivíduo, seja do contato direto ou pelo fato de sempre serem referidos na transmissão de valores e crenças entre gerações. Assim sendo, a religiosidade sempre se colocou como importante na relação dos Arturos com o lugar, tendo em vista que, antes de o lugar pertencer aos seus antepassados, ele pertence a Nossa Senhora do Rosário, a santa protetora dos que ali vivem. As devoções aos santos os levam a se unirem e entoarem cantos e rituais que aproximam, cada vez mais, os mais jovens, os mais velhos e os antepassados. Desse modo, o aspecto religioso é mais um ponto na construção da identidade do lugar e a sociabilidade, bem como a maneira de firmar os laços com o lugar.

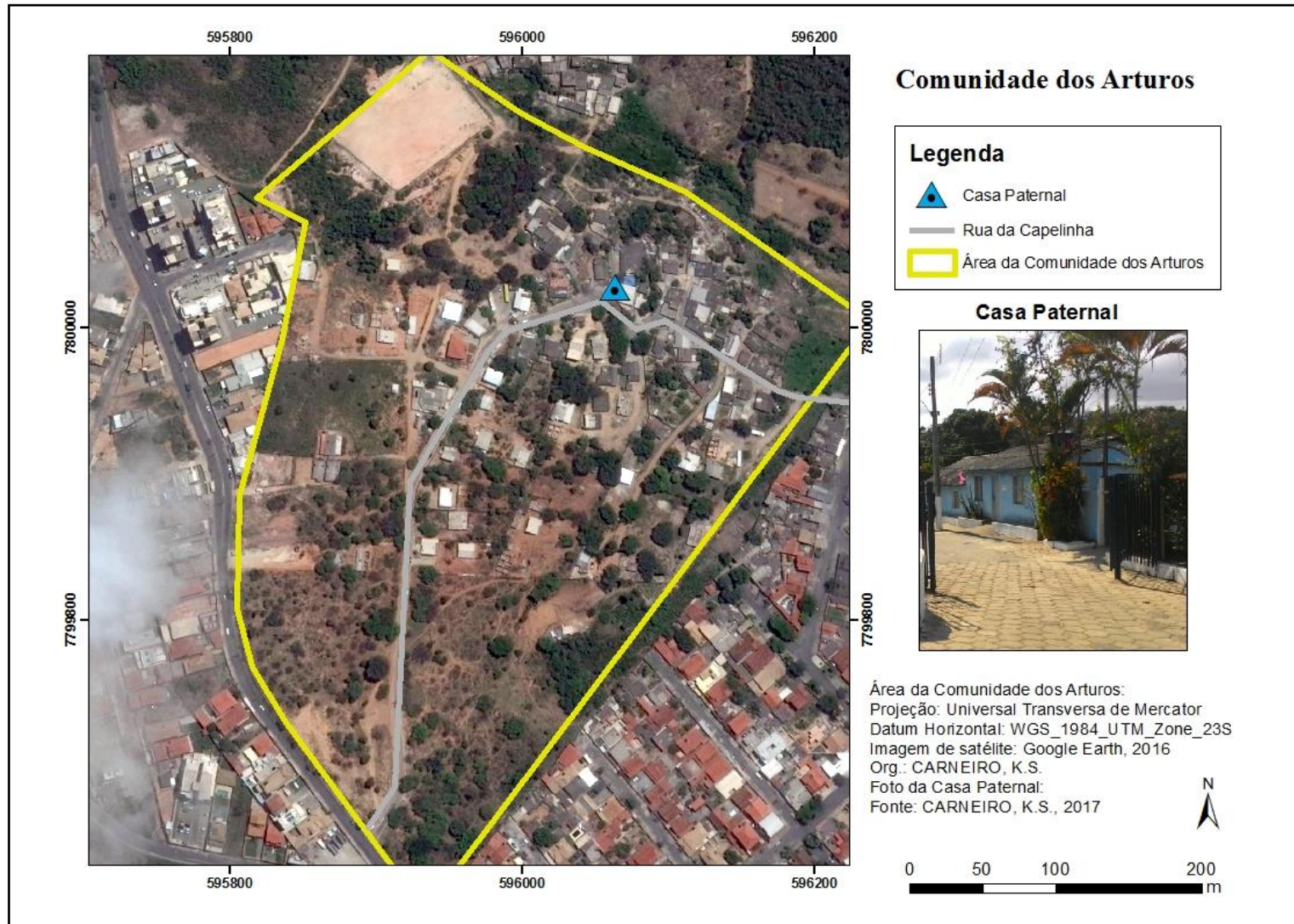
Ninguém pode negar que os Arturos, com sua crença religiosa, conseguiram estabelecer um ponto de contato entre o catolicismo e os ritos africanos. Conseguiram criar uma prática ritual coletiva na qual um grupo muito grande sente-se ligado e fortalecido, mesmo os que não fazem parte da família co-sanguínea, mas que reinam com eles, que compartilham da mesma fé ancestral (OLIVEIRA, 2007, p. 2).

Mapa 6: Área da Sede da Comunidade dos Arturos, localização da Capelinha.



Fonte: Org.: CARNEIRO, K. S., 2017.

Mapa 7: Área da Sede da Comunidade dos Arturos, localização da Casa Paternal.



Fonte: Org.: CARNEIRO, K. S., 2017.

Esse fato retorna a consideração do lugar como fortalecido. A natureza das relações entre o indivíduo e a religiosidade, precisamente, orienta os estímulos ligados ao pertencimento e à segurança cósmica, já que, ao olhar para as paredes construídas dos recintos de orações e rituais, o sentimento de acolhimento e proteção é aguçado. Dentro da comunidade, assim como em outros lugares, há grandes diversidades de gerações e acepções convivendo dentro de um mesmo contexto histórico. Entretanto, embora haja divergências quanto à forma de conduzir a vida, o consenso em torno da religiosidade e a sua força sobre a conformação do lugar é unanime. Assim, para a maioria, é questão de respeito valorizar as crenças, além de ser, também, como um escudo para as experiências de vida fora da comunidade.

Nós é Nossa Senhora do Rosário! Nós é devoto de todo santo, mas Nossa Senhora que é nossa padroeira. Tem essa igreja de Nossa Senhora do Rosário e tem a outra que nós fizemos lá em cima, que nós fizemos ela no dia santo, domingo. Então nós faz a festa lá, a missa é lá e, depois da missa nós desce tudo pra aqui, almoça e depois sobe em procissão (Entrevistado 1, um dos moradores mais antigo da Comunidade dos Arturos – 84 anos).

A religiosidade pra mim é persistir na fé, em Nossa Senhora. Sabendo que a gente tem que zelar pela nossa tradição, fé e a cultura (Respondente 26, moradora da Comunidade dos Arturos – 26 anos).

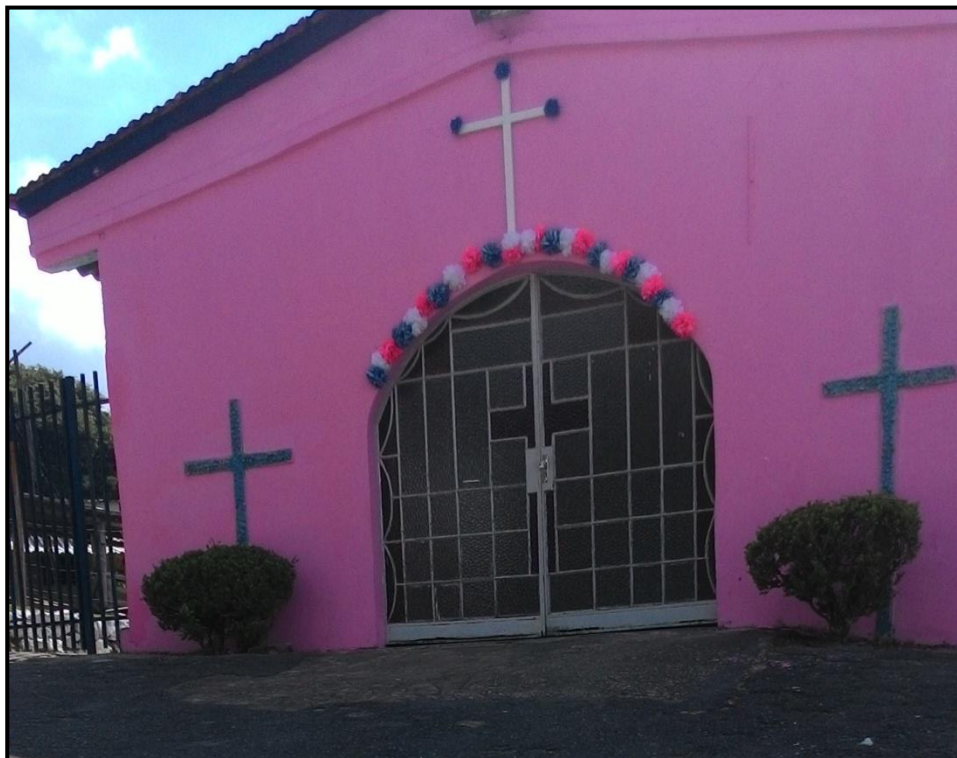
A religião é muito importante, é o que nós vive, se não fosse nós ser religioso, acho que ninguém tinha conhecido o outro, o amor. Aqui é um lugar de fé, onde quem entra é sempre bem-vindo e sai feliz. O peso do corpo parece que fica aqui, pela área abençoada. Somos um terço de terra benta, nós moramos nela porque chove em São Paulo hoje, amanhã a água ta caindo aqui, agora tem dois ou três meses, que eu to observando São Paulo dando aqueles estrago e aquelas coisas e, aqui passo dessorsego nenhum. Será que o povo não ta vendo que estamos caminhando para o fim? (Entrevistado 3, um dos moradores mais antigos da Comunidade dos Arturos – 81 anos).

Para os Arturos, são atribuídos valores aos elementos de natureza religiosa, o que pode ser constatado em suas falas sobre a importância da Capelinha e de Nossa Senhora do Rosário em suas vidas. Cabe frisar que, como aborda Gomes (2001), a gestação de uma paisagem coletiva está ligada, entre outros fatores, à capacidade de reelaboração da imagem como memória, fato ocorrido na comunidade ao falarem com carinho das festas e momentos de oração que ocorrem no interior e as voltas da Capelinha.

Em diferentes escalas temporais da história dos Arturos, a religiosidade está lá, como um elemento muito importante na relação com o lugar. Durante as observações em campo, percebeu-se o cuidado que os Arturos têm com a manutenção da Capelinha e seus símbolos

religiosos. A recepção aos visitantes ocorre, muitas vezes, na área que compreende a Capelinha e a Casa Paternal. Ao entoarem os cantos durante as celebrações, é como se ouvissem a voz de seus antepassados e, durante as procissões que saem da Capelinha, é como se caminhassem pelos trajetos que seus antecessores passaram e ajudaram a criar. O que entra em consonância com Oliveira (2007, p. 3), ao discorrer sobre os Arturos: “Em cada esquina em que param, onde aparentemente não existe nada além do visível e comum a qualquer rua, entoam um canto em reverência a um ente que por ali passou e fez algo que tem significado para o grupo”. Lembrando que a força do lugar e os seus laços topofílicos não estão somente nas partes construídas, mas, sobretudo, na força invisível e sagrada da memória coletiva, que conectam o concreto ao abstrato.

O Quadro 2 compreende as percepções dos moradores da Comunidade dos Arturos sobre a Capelinha e seu valor para a memória familiar, considerando que a paisagem, por ser constituída de símbolos e simbologias, estabelece o diálogo entre o material (visível), o campo das práticas culturais e o invisível (sentimentos).

Quadro 2: Percepção dos Arturos sobre as paisagens e lugares da comunidade**A CAPELINHA****Moradores da Comunidade dos Arturos**

| Respondente 19 – 14 anos | Respondente 13 – 50 anos |
|--|---|
| “A capelinha me lembra de ato de respeito, por sempre morar aqui”. | “Pra mim, a capelinha é muita resistência”. |
| Respondente 14 – 81 anos | Respondente 25 – 59 anos |
| “Quando olho até dói o coração, porque ali vê a família perdida”. | “Sinto muita felicidade, é um momento de muita fé”. |
| Respondente 24 – 33 anos | Respondente 23 - 52 anos |
| “O sentimento que me provoca respeito é a Capelinha, porque quando vejo ela, me dá Paz de espírito”. | “Eu olho para a Capelinha e sinto muita fé, muita vontade de orar, que o nosso Brasil precisa de muita oração”. |

Fonte: Pesquisa direta - fotografia da autora, 1º semestre de 2017.

Similarmente ao apego à Capelinha como espaço sagrado, também há grande consideração com a área central, que engloba a Capelinha e a Casa do patriarca da comunidade, hoje vista como Casa Paternal, local onde ocorre grande parte das festividades e onde recebem a todos da comunidade. Esse local é lembrado de maneira saudosa, já que representa a construção da comunidade e as raízes dos antepassados já mortos, é onde a comunidade, como um todo, passa a englobar os laços com o “habitar demorado”.

Durante as festividades e celebrações, a Casa Paternal é enfeitada e preparada para receber a todos. Ocorrem, nesse local, ocasiões de troca genuína de intimidade e saberes, o que fica gravado desde criança na memória e, cada vez que são lembrados, produzem dois sentimentos, um de profunda alegria e o outro, de saudade dos entes que faleceram. Desse modo, locais como a Casa Paternal são carregados de símbolos, pois estão cheios de objetos em comum com a história dos membros que ainda vivem ali. E, por mais que tais objetos simples não recebam o título de obras de arte e vão parar em galerias, para aqueles que deles se lembram, são mais do que obras de arte, são parte deles, são as histórias de seus antecessores na forma de objetos. Nesse contexto, a topofilia pelo lugar da comunidade está, também, nas formas que lembram a vida cotidiana real.

Ao adentrar a Casa Paternal, são lembrados os ensinamentos sobre culinária, trabalho, respeito aos mais velhos, cuidados com a terra e a importância da união familiar. E esses ensinamentos são lembrados por todos, mesmo os das gerações mais jovens. No Quadro 3 estão elencadas algumas das percepções dos moradores da Comunidade dos Arturos sobre o sentimento que evoca ao olhar para a Casa Paternal.

Cada imagem e ideia que se constrói da realidade em que vive vão se juntando à forma de compreensão dos componentes do mundo-vivido. Embora haja algumas particularidades que são específicas de cada geração, o sentimentalismo por algumas paisagens símbolo é compartilhado por todos. E não somente os locais onde se estabelecem vínculos religiosos e paternais que se configuram como ponto-chave de ligação com o lugar, mas também algumas estruturas e condições de vida que lembram a sua história.

Quadro 3: Percepção dos Arturos sobre as paisagens e lugares da comunidade**CASA PATERNAL****Moradores da Comunidade dos Arturos**

| Respondente 19 – 14 anos | Respondente 3 – 56 anos |
|---|--|
| “Eu sinto afeto, amor, às vezes tristeza, por lembrar dos meus parentes que já morreram”. | “O lugar que me sinto mais acolhida é a Casa Paternal, do patriarca, do pai da comunidade”. |
| Respondente 14 – 81 anos | Respondente 17 – 62 anos |
| “Foi onde nasci, ali me lembra respeito, é a vida, minha vida ali, é como se papai e mamãe estivesse ali, ensinando a gente as coisas da vida”. | “A Casa Paternal me traz muitas lembranças da vó Carmelia”. |
| Respondente 26 – 26 anos | Respondente 2 - 31 anos |
| “Sinto saudade. Me lembra o respeito pela tradição”. | “Eu olho e me representa tudo, a família, o orgulho de morar aqui, o que eles nos ensinou, muita união”. |

Fonte: Pesquisa direta - fotografia da autora, 1º semestre de 2017.

Por meio do contato constante, o indivíduo pode se apegar, cada vez mais, ao lugar, como é possível verificar na fala do respondente 2 (31 anos) quando perguntado sobre o pertencimento à Comunidade dos Arturos, e a resposta foi: “*Sim, por ser neta de raiz*” e, ainda, coloca o respondente 23 (52 anos), o qual, apesar de não ser descendente direto de Arthur Camilo, é morador da comunidade após ter-se casado com uma descendente: “*Esses anos todos que vivo aqui, aprendi a gostar, é um lugar muito tranquilo, unido, de muita fé*”. Algo perceptível nessas falas é o fato de que, quando se tem moradia de longa data no mesmo local, criam-se elos, tornando a imagem do lugar repleta de familiaridade e de símbolos. Nesse contexto, o tempo de moradia e vivência no interior da comunidade se constitui como um elemento importantíssimo para o desenvolvimento do sentimento topofílico. Para Tuan (1980), o sentimento de topofilia está associado também à apreciação estética, saúde e bem-estar físico, familiaridade e afeição, patriotismo, enfim, com as diversas maneiras de se apegar ou criar laços com o seu *habitat*. Daí a importância de se ter tempo no ambiente, para o desenvolvimento da compreensão de lugaridade.

“A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 1980, p. 114). Conhecer sobre a história dos ancestrais contribui bastante para que se criem laços com o lugar e as pessoas que ali vivem em vizinhança, membros da mesma família ou agregados que são parte da história. Desse modo, durante as observações de campo na Comunidade dos Arturos, foi perceptível o elo que eles têm com o lugar de moradia. Praticamente todos, quando questionados sobre um lugar que lhes trazia alegria, referiam à própria casa ou à casa de familiares, demonstrando que a união da comunidade está no fato de ser como uma grande família. É notável o pertencimento na fala do respondente 6 (21 anos), quando perguntado sobre esse sentimento no tocante à Comunidade dos Arturos, e a resposta foi dada com ênfase “*Me sinto duas vezes pertencente, por causa da minha família, é tudo, existe união aqui*”. Assim sendo, o seu apego pelo lugar compreende o seu núcleo familiar principal (pai, mãe, filhos e/ou irmãos), mas também seus antepassados que ali moraram, gerando a concepção de que toda a comunidade compreende o “habitar demorado” e é entendido como lar.

Por conseguinte, no tocante às respostas para a pergunta do questionário sobre os lugares dentro da comunidade que eram considerados mais afetivos ou mais acolhedores, teve como um dos mais citados a porteira, como a porta de entrada no lar. O Quadro 4 traz a imagem dessa entrada e as percepções dos moradores da comunidade sobre esse local.

Quadro 4: Percepção dos Arturos sobre as paisagens e lugares da comunidade**A PORTA DE ENTRADA (PORTEIRA)****Moradores da Comunidade dos Arturos**

| Respondente 23 – 52 anos | Respondente 19 – 14 anos |
|---|---|
| “Quando eu entro pela porteira significa que estou entrando em um paraíso”. | “Quando eu olho para a porteira, sinto que a partir dali já estou perto da família, sendo acolhida”. |
| Respondente 25 – 59 anos | Respondente 13 – 50 anos |
| “A porteira é um símbolo do que a gente foi e é ainda, família”. | “Primeira entrada, já é uma identificação”. |
| Respondente 26 – 26 anos | Respondente 14 - 81 anos |
| “Sinto que cheguei em casa. Me remete a tudo”. | “A porta de entrada, a porteira, já é a melhor coisa do mundo, um símbolo de recordação dos antepassados, do modo como vivíamos”. |

Fonte: Pesquisa direta - fotografia da autora, 1º semestre de 2017.

Por sua vez, outras características internas da Comunidade dos Arturos que instigam debate são a existência de elementos rurais e urbanos, no processo de metamorfose dos espaços e lugares, mesclando, na paisagem da comunidade, elementos do estilo de vida no campo e das experiências em meio à vida urbana. Desse modo, o espraiamento da urbanização bem como o processo de globalização (re) construíram as fronteiras, aproximando, cada vez mais, o global e local. No caso da Comunidade dos Arturos, a expansão da urbanização para além das áreas centrais da cidade acabou colocando-os em meio a bairros com um padrão próximo das áreas urbanizadas de Contagem e da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Considerando a história de desenvolvimento do município de Contagem, muitos moradores contagenses, frente às novas formas de empregabilidade derivada da indústria, acabaram tornando-se operários. A forma de experienciar a cidade foi mudando, de modo que, cada vez mais, inseriam-se elementos da cidade no modo de vida dos Arturos.

Embora os avanços urbanos e modernos sejam vistos de forma quase unânime pela comunidade como algo muito bom, existem discordâncias. Para os mais jovens, os elementos urbanos presentes na comunidade são vistos como algo bom, conquanto precisem de mais investimentos. Por outro lado, para os mais velhos, existem diferentes pontos de vista: para alguns, significa perda da “união familiar”,⁶⁵ ou, como elencado no Quadro 5, para a maioria, a forma de aceitação aos elementos urbanos está ligada à noção de futuro, ou melhor, associa-se à questão de progresso, de que não ficaram parados no tempo, frente às modernidades. Costa (2013) e Simões (2009) propõem a reflexão de que os Arturos sabem dos seus deveres com a terra e a fé, mas também não estão desconectados da vida moderna e da cidade.

Nessa linha de raciocínio, durante as observações de campo, a mescla entre os elementos típicos de um modo de vida do campo e os tipicamente urbanos é notória. Muitas moradias têm criação de animais para alimentação e transporte (carroças), bem como terrenos destinados a pequenas plantações. Outra característica do modo de vida no campo e que a comunidade preserva, em algumas residências, é a ausência de muros nas casas. De acordo com o respondente 23 (52 anos), sobre os lugares na comunidade: “*Até que asfaltar foi bom, mas antes não podia murar, agora tem um tanto de muros aqui dentro*”. Portanto, há uma inferência à situação de sentimento de perda da união devido ao modelo de vida urbano.

Contudo, devido ao sentimento afetivo e topofílico que se tem pelo lugar da comunidade, as mudanças, embora contenham pontos negativos, não fizeram com que se

⁶⁵ Situação a ser detalhada com maior ênfase no tópico sobre topofobia.

perdesse o valor simbólico pelas terras da comunidade. Ao contrário, é perceptível o carinho e a alegria com que falam de cada canto da comunidade. De acordo com o entrevistado 3 (81 anos – morador da Comunidade dos Arturos) *“Quando ando pelas ruas e casas da comunidade, tem amor e não tem preconceito, mesmo mudando muita coisa”*.

Para muitos moradores, as características rurais também são bem-vistas. À bem da verdade, o modo de vida do campo é um símbolo da comunidade. De acordo com a respondente 24 (33 anos), sobre as características rurais da comunidade, *“Está muito maltratada, precisa melhorar, mas não precisa retirar”*. Nessa abordagem, outros moradores compartilham do mesmo ponto de vista: *“Precisa de mais cuidados, mas é bom pra gente”* (respondente 23 – 52 anos); *“Eu gosto do rural aqui”* (respondente 17 – 62 anos); e, ainda, de acordo com o entrevistado 3 (morador da Comunidade dos Arturos – 81 anos), *“Não tem muito mais rural aqui, devido o roubo, o povo rouba galinha, porco, rouba tudo. E também tem pouco espaço agora”*. Assim, o Quadro 5 contém mais informações sobre a importância das características rurais e urbanas para os Arturos, considerando que ambas possuem pontos positivos e passaram a compor a realidade por eles vivenciada na atualidade.

Frente às colocações dos respondentes e entrevistados durante as idas à Comunidade dos Arturos, fica exaltada a questão topofílica pelo lugar e as paisagens da comunidade. De modo que elas simbolizam seus familiares, antepassados e os ensinamentos que lhes foram passados, além de dar forma às suas crenças e religiosidades. Quando questionados sobre a importância de fazerem parte da comunidade, as respostas sempre foram muito benevolentes, quase todos referiam ao papel importante das tradições e união como questão de qualidade de vida. Para tal, a importância da comunidade está em: *“Preservar as raízes dos meus bisavôs”* (respondente 24 – 33 anos); *“Representar uma comunidade de respeito, de família, mesmo com brigas, é um povo muito unido”* (respondente 19 – 14 anos); *“Muito importante, por aqui, querendo ou não, você adquire uma cultura”* (respondente 20 – 49 anos); *“A importância está em fazer parte da comunidade, as culturas, as tradições, o folclore, do congado. Representa tudo!”* (respondente 21 – 35 anos); *“Eu gosto de morar aqui, tem primos, você não precisa andar quilômetros para ter as coisas e ver a família. A comunidade é ser família”* (respondente 11 – 14 anos).

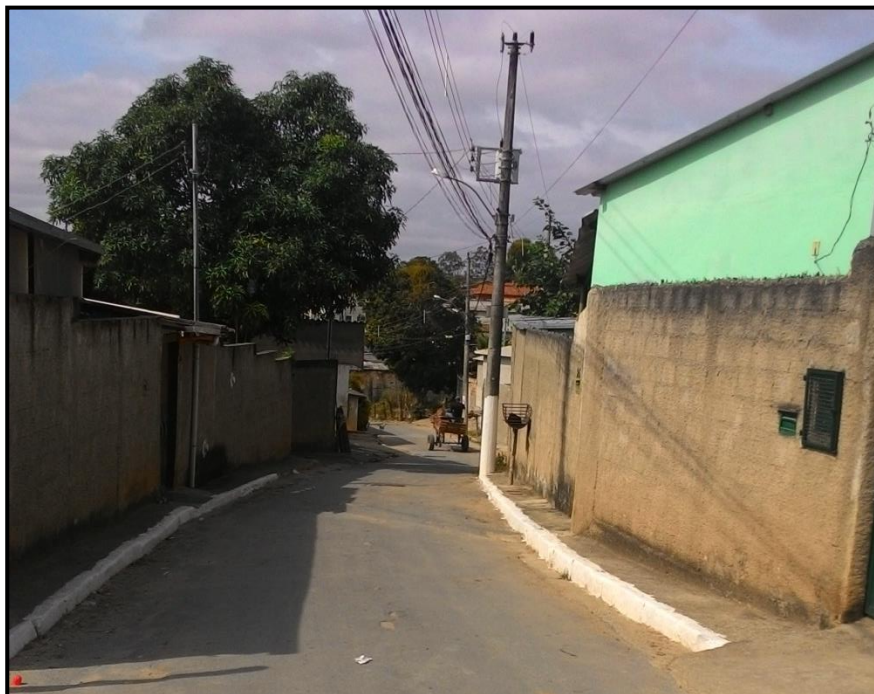
Quadro 5: Percepção dos Arturos sobre as paisagens e lugares da comunidade**ENTRE OS ELEMENTOS RURAIS E URBANOS****Moradores da Comunidade dos Arturos**

| Elementos rurais | Elementos urbanos |
|--|--|
| Respondente 13 – 50 anos | Respondente 13 – 50 anos |
| “Lugar bom”. | “Aceito as mudanças, temos que andar pra frente”. |
| Respondente 19 – 14 anos | Respondente 19 – 14 anos |
| “Amo a existência do rural aqui”. | “Adoro as modernidades, lembra que aqui já progrediu bastante”. |
| Respondente 26 – 26 anos | Respondente 26 – 26 anos |
| “As características rurais dão força de vontade para lutar”. | “Sinto que as características urbanas dividem as pessoas”. |
| Respondente 25 – 59 anos | Respondente 25 - 59 anos |
| “Precisa melhorar! Pode manter, mas ser mais cuidado”. | “É bom, mas precisa melhorar também, de que adianta se é mal cuidado”. |

Fonte: Pesquisa direta - fotografia da autora, 1º semestre de 2017.

Diante dessas falas, o que se destaca é a compreensão da comunidade como um lugar familiar, e o fato de que o sentimento de acolhimento e afeto pelo local está justamente relacionado a se sentir em casa e protegido. À vista disso, quando perguntado aos moradores da Comunidade dos Arturos sobre o sentimento de proteção no interior da comunidade, as respostas foram em maioria relacionadas com estas: *“Sim, porque é família, tudo que precisar pode contar com o outro, na tristeza e na alegria”* (respondente 3 – 56 anos); *“Me sinto segura, pela igreja, a capelinha”* (respondente 13 – 50 anos); *“Por estar no meio de familiares”* (respondente 22 – 30 anos) e, *“O povo gosta da gente demais! Porque todo mundo conhece todo mundo. Quando acontece alguma coisa o povo ajuda. Aqui todo mundo ajuda todo mundo”* (respondente 10 – 28 anos).

Dessa forma, o Quadro 6 traz a percepção de alguns moradores sobre a vivência na comunidade e a visão geral que têm do seu lugar. Além disso, no quadro, consta a percepção de um respondente que, apesar de passar grande parte do seu tempo na comunidade, não mora dentro dela. E, embora considere o fator familiar algo marcante na comunidade, considera que esta representa um bairro normal, porém sem muitos problemas que abarcam aos demais bairros da cidade.

Quadro 6: Percepção dos Arturos sobre as paisagens e lugares da comunidade**VISÃO GERAL – POR ENTRE AS RUAS E CASAS****Moradores da Comunidade dos Arturos**

| Respondente 23 – 52 anos | Respondente 13 – 50 anos |
|--|--|
| “Mesmo com tudo que acontece mundo afora, a gente mantém as tradições africanas. Espero que os mais novos não deixe acabar”. | “Lugar bom que eu vivo, as casas da comunidade tudo é família”. |
| Respondente 17 – 62 anos | Respondente 22 – 30 anos |
| “As casas são bem juntas como comunidade, mas antes era mais unido, agora cada dia que vai passando, vai ficando mais desunido”. | “Aqui representa um local de acolhimento, bem-estar, lazer. Aqui dentro tem tudo”. |
| Respondente 4 - 33 anos (membro da comunidade, porém reside em outro bairro). | |
| “Aqui é como um bairro normal, mas não é ruim. As festas são abertas e algumas pessoas tratam muito bem”. | |

Fonte: Pesquisa direta - fotografia da autora, 1º semestre de 2017.

Nessas falas, observa-se a essência do “habitar demorado”. A existência de laços com o lugar e a percepção de seu meio, enquanto ambiente no qual o indivíduo sente segurança e capacidade de enfrentar os perigos e adversidades do dia a dia.

À vista disso, um dos fatores de diferença entre a vida no interior da comunidade e os demais bairros da cidade, decorre do fato de que, no interior da comunidade, há um maior tempo para envolvimento do indivíduo com o lugar, já que muitas atividades são feitas ali mesmo. Nesse contexto, ao descrever as mudanças na comunidade, um dos entrevistados deixa pistas do que, para ele, destaca-se como um fator de desgosto com as novas relações na cidade: “*O povo anda muito sem paciência, pra tudo, pra vê as coisas, pra si e pro outro*” (Entrevistado 3, um dos moradores mais antigo da Comunidade dos Arturos – 81 anos). Além disso, há o problema das gerações mais jovens, que, devido o maior contato com o modo de vida da cidade, perdeu um pouco os valores e crenças ligados ao cuidado com a terra e o respeito aos mais velhos.

A juventude de hoje não sabe, então a juventude não acredita, a gente passava sede, buscava água era na cabeça, buscava a lenha na cabeça, as mulheres saiam pra plantar feijão, pra plantar arroz, as mulheres capinava. Quem é que fala que nós passava isso? Ninguém acredita! O povo hoje não sabe amarrar um feixe de lenha. A gente socava arroz pra comer, socava café. Olha de uma parte as mudanças foram boas, de uma parte valeu, porque a juventude hoje, talvez, não tão dando valor, mas o pessoal de hoje são rico. Em vista do que nós já passou todo mundo é rico, milionário, só que eles não sabe, que são rico e milionário. A gente não sabia ler, andava quatro/cinco quilômetros pra ir na escola, passando no meio de boi bravo, vaca brava, passando por baixo de cerca. Hoje, o menino de hoje tem condução na porta buscando, que maravilha, só que tem, que hoje, não sabe o que foi passado com a gente para trazer eles até essa altura que estão, na verdade, não dão valor (Entrevistado 3, um dos moradores mais antigo da Comunidade dos Arturos – 81 anos).

Frente a essa situação, o morador dos Arturos ainda coloca que, apesar das mudanças que a comunidade precisa, o fator relacional é o que mais causa impacto, porque estruturas são mudadas de acordo com as mudanças dos indivíduos.

A comunidade tem algumas coisa que precisa melhorar, ter mais um contato com essa juventude de hoje, pra eles reconhecer o que é que os antigos passou pra eles esta nos Arturos e morar onde eles moram, tudo foi de papai. E quem que dá valor? Falta investir mais no contato. Eles por na mente deles, dá mais valor a pessoa, porque quem gosta de você é você mesmo e, não esperar do próximo. O pessoal hoje não sabe dá valor a si próprio (Entrevistado 3, um dos moradores mais antigos da Comunidade dos Arturos – 81 anos).

Dessa forma, dentro da comunidade, a questão topofílica é bem clara, o papel que o lugar desempenha para seus moradores é de acolhimento e proteção. E que, mesmo dentro da comunidade havendo aspectos que precisem melhorar, não são limitadores do sentimentalismo que o lugar representa. De modo que, de maneira arquitetônica, não importa se os espaços urbanos da cidade encostaram-se à comunidade, ainda há a importância do caráter intergeracional para a transmissão de conhecimento e a fé para manter os indivíduos unidos, enquanto família. Embora as novas formas de relacionamento, na atualidade, tenham mudado o contato entre as gerações mais velhas e os mais jovens, o que, de acordo com o entrevistado 3 (81 anos), “*Perdeu-se muito o respeito*”, ainda é perceptível, na fala de outro entrevistado, o papel que a estrutura familiar da comunidade teve sobre a formação do indivíduo Arturo. A figura paternal tem muito valor para a comunidade e é um modelo a ser seguido e transmitido para os descendentes.

É muita honra dele, foi um paizão que a gente teve, criou nós, ensinou a trabalhar. Nós só não sabe roubar, o resto nós faz tudo. Trabalhar com tropa, caminhão, carreiro, trabalhar na roça, plantar qualquer coisa. As vezes papai ia fazer um buraco e falava assim: é bom saber, pra quando eu mandar fazer, já sabe. Graças a Deus ele ensinou nós a fazer tudo. Graças a Deus a gente ensina, o que é seu é seu, o que for dos outros é dos outros. Isso tudo é herança dos avos e dos pais, aonde nossos filhos fazem casas. Graças a papai que sofreu pra criar nós, mas não vendeu as terras (Entrevistado 1, um dos moradores mais antigos da Comunidade dos Arturos – 84 anos).

Expressas nas falas dos moradores da comunidade estavam suas emoções, percepções, inferências sobre o espaço de vida, críticas e indagações sobre o seu lugar, paisagens e espaços. Por sua vez, refletiam suas percepções acerca das transformações que ocorreram e vem ocorrendo em seus espaços de vida, assim como relata o respondente 20 (49 anos): “*Apesar de tudo que já mudou, aqui representa um grupo de negros que seguem a sua cultura como a coisa mais importante do mundo, junto com a família*”. Demonstrando que, para a criação de laços com o lugar, o importante para a comunidade é a união familiar e a dimensão do espaço como lar (lugar). Desta maneira, o lugar da comunidade apresenta relações múltiplas, fundamentadas na experiência pessoal com a paisagem em que vivem.

5. 1.1 – A paisagem do lugar dentro da comunidade: Iconografia e Oralidades

“O estudo da paisagem e suas representações sob diversas linguagens, relatos, poesias, iconografia etc. é uma fonte de registros dos ‘olhares’” (GOMES, 2001, p. 59). Neste

momento, vêm à tona as imagens que se constroem da vivência em meio à comunidade e os espaços de transição – tais como as ruas e bairros da cidade. Comumente, refere-se à paisagem como as representações sociais no visível, entretanto ela envolve-se em um mosaico de possibilidades de apreensão, podendo ser avistada, sentida, tocada, imaginada e/ou configurar-se como lembrança histórica.

Assim sendo, para os Arturos, as paisagens da área central da comunidade lembram seus antepassados; o chão de terra lembra-os dos ensinamentos de como cuidar do solo e alimentar a família; as cruces e imagens de santos os lembram da fé; os preparativos no forno e fogão a lenha lembra-os dos cheiros das cozinhas de seus pais, avós e tios; as cores das fachadas e decorações das festividades retomam a força da alegria em grupo. Por isso, a paisagem é, também, importante no elo entre o indivíduo e seu lugar. Sendo que são as experiências construídas individualmente ou em grupo que vão dando forma à paisagem.

As paisagens geram sentimentalidades diferentes, tais como necessidade de mudança ou vontade de conservar, na forma, o passado. A grande conexão com o lugar está justamente em ter uma paisagem condizente com as perspectivas de seus habitantes. O sentido de lar está em se sentir bem, em um local onde seja possível ver as suas crenças e que possibilite o desenvolvimento delas; onde faça o indivíduo se sentir bem e não inseguro; onde se deseje o retorno e onde se olhe e se veja como em casa. Para tal, é perceptível esse sentimento na fala dos Arturos, quando questionados (Você se sente acolhido dentro da comunidade? Por quê?), e as respostas consistiam em: “*Sim, por conhecer todo mundo e está em casa*” (respondente 17 – 62 anos); “*Com certeza, aqui todo mundo é um ajudando o outro, é um lugar tranquilo*” (respondente 23 – 52 anos); “*Sim, porque é tudo familiar, é minha casa*” (respondente 24 – 33 anos); “*Sim, porque tem minha casa e é minha família*” (respondente 11 – 14 anos); “*Porque eu conheço aqui desde pequena, vivo aqui, sou neta raiz, tudo pra mim tem significado aqui*” (respondente 2 – 31 anos).

Nessa abordagem, a paisagem dentro da comunidade é a representação do lugar, já que dela emana o sentimento de lar. Sob essa ótica, é relevante considerar as dimensões simbólicas expressas nas formas. Dessa forma, a paisagem compreende outros universos de significações, além da estética estrutural, envolvendo diferentes qualidades. Se a paisagem contém algum valor aos olhos de quem a frequenta, isso se deve às experiências ali desenvolvidas, que se colocam em par com o interesse de quem as considera. A ideia é, então, de que há signos nas paisagens que revelam a experiência sensível entre o indivíduo e a terra. Alguns desses signos, para a Comunidade dos Arturos, estão nas representações da fé, nas celebrações e, sobretudo, nos seus espaços de vida do dia a dia.

Nesse contexto, algumas imagens e falas foram destacadas por representarem parte importante da percepção da paisagem e as experiências que com elas surgiram. Para tal, a fotografia se mostrou como um importante instrumento para expressar a forma da paisagem. Serão abordados três principais elementos de conexão entre os Arturos, o lugar e a cidade, os quais são: a religiosidade, os espaços de vida e festividades e os lugares de lembranças na cidade.

a) Religiosidade e fé

Das observações em campo e dos diálogos com os moradores da comunidade, foi possível perceber a importância que os símbolos religiosos têm para eles, confirmando muitos como motivação para existência da vida em comunidade. Através dos ritos e festividades nesses locais sagrados, ocorre, cada vez mais, a aproximação entre o indivíduo e o lugar, aprofundando o sentimento tofílico, ao passo que, segundo relatos dos moradores, após o contato com locais tão abençoados como a Capelinha e seu entorno, havia uma sensação de ter adentrado em um lugar com muitas emoções. Assim sendo, os locais com muitos símbolos religiosos eram indicados como as paisagens mais marcantes, de respeito e muito bem-estar.

Assim, quando tocado no assunto sobre a representação da comunidade para seus membros, a paisagem da Capelinha e sua área próxima logo eram citadas, demonstrando que chama à atenção, sobretudo, o seu valor simbólico. Desse modo, não somente a figura da igreja e suas imagens tem valor para a comunidade, mas toda a história de sua formação que vem a eles como forma de lição de vida. Em meio às imagens construídas das paisagens sagradas, estão também os valores e crenças que são passados de geração para geração. O respeito que as imagens de santos e demais simbologias religiosas transmitem se junta aos ensinamentos dos pais para os filhos, fazendo com que não somente despertem atenção para as imagens do sagrado mas também associem as lições religiosas às suas vivências imediatas na comunidade e nos acontecimentos da cidade.

Na fala do entrevistado 3 (81 anos), é possível perceber os ensinamentos que a religiosidade transfere para o modo de ser do indivíduo. Ao contar uma história sobre a suas crenças e fé, ele também transfere o ensinamento em relação à postura diante das situações desconhecidas que se colocam no caminho do indivíduo, como não ter preconceito com as diversidades de religiosidade.

Figura 20: Mosaico - Imagens da religiosidade e fé.



Fonte: Pesquisa direta - fotografia da autora, 1º semestre de 2017.

A história de Nossa Senhora do Rosário é muito longa e eu duvido quem conhece, porque quem conta a história não tem fundamento, só tem conhecimento, ele só instrui. **Primeiro ocê tem que ter fundamento, vê só não basta, porque ocê vê um congado batendo, ocê conhece, mas não tem fundamento, porque não foi criado ali.** Quando ocê entra na igreja e o padre manda fazer o nome do pai, agora só! A história não é isso só.

Vou te contar a história:

O pessoal tava dentro da igreja conversando, ai surgiu uma moça, Nossa Senhora, uma moça bonita, muito linda, mas como eles tavam lá conversando, ela tava lá no gramado, aonde o pessoal tira proveito e rouba. Então o mais velho que tava lá, levantou no outro dia e viu a moça lá, mas ninguém sabia que ela era santa, resolveram fazer uma homenagem pra ela, porque era muito bonita. Chegou lá, ninguém falou um A.

Essa é uma história que ninguém sabe:

Ninguém falou nada, porque o silêncio é uma prece, porque até dentro da igreja hoje não tem silêncio, pois então aonde ocê vai não tem silêncio hoje.

A moça ficou quietinha esperando.

Ai ela disse pra eles – ocês chegaram aqui e não falaram nada, eu não estou aqui pra fazer mal pra ninguém, eu to aqui porque gostei do espaço, um espaço de luz. Por isso a igreja representa um lugar de luz.

Ai o único que conversou foi o preto. Por isso se usa falar preto velho. E ele disse – vou pedir a senhora três coisas, a senhora me dá?

Ela disse – se tiver no meu alcance, eu arranjo pra ocê.

Mas ele não sabia que era uma santa, ninguém sabia, ai ela esperou ele falar.

Ele disse – eu quero três coisas, ser cego, surdo e mudo.

Ela disse – então, se ocê quer ser cego, surdo e mudo! Vai ser: nome do pai, do filho e do espírito santo.

Então esse é um ensinamento de quem tem fundamento. Porque se ocê não escutasse, não enxergasse e não falasse o que ocê era? Praticamente ocê era uma santa. **Porque o que atrapalha nós é o que nós enxerga, o que nós fala e o que nós ouve, sem fundamento, se nós não tem isso, nós é praticamente santo.**

Mas a santa não quis privar isso do homem, ela só disse que seja em nome do pai, do filho e do espírito santo.

Esse que é o problema, não é ver, ouvir e falar, mas não ter fundamento. Por isso a gente é ensinado a ter fundamento e conhecimento do que vivemos. A ver direito as coisas, o que falta a juventude, o silêncio pras coisas.

Outra questão da religiosidade dos Arturos, é que eles unem tanto elementos e imagens do catolicismo às tradições e crenças de origem africana, fato do qual eles têm orgulho, já que representa a união da sua fé com a história de seus antepassados. Assim sendo, isso lhes torna confiantes em relação ao seu passado e dá as suas origens e tradições o destaque na experiência com o lugar. De acordo com o respondente 21 (35 anos), a importância da comunidade está “*nas tradições, no congado, na fé*”, para o entrevistado 4 (64 anos), “*A fé faz as pessoas conhecer todo mundo e representa alegria. Faz você se aproximar*

da história dos antepassados e dá esperança pro futuro”. Nesse contexto, para o entrevistado 3 (81 anos), a religiosidade é parte dos ensinamentos da comunidade e integra a força dos laços topofílicos com a paisagem das áreas sagradas (como igrejas e locais de celebrações).

Ocê vê um Reinado batendo ai, o que que faz, o sujeito já fala, olha o macumbeiro, mas isso é culpa de certos, porque não conhece, não tem fundamento, não é a mesma coisa. Pra ocê falar de uma coisa, ocê tem que ter fundamento, senão já sai falando bobagem. O sujeito foi lá, viu lá, chega aqui e vê eu cantando, ele já acha que é a mesma coisa. Eles não conhece, porque a história da nossa fé, ela é muito longa. O congado não só uma festa, é as três pessoas batendo a trindade, o pai, o filho e o espírito santo. Aquilo é respeito!

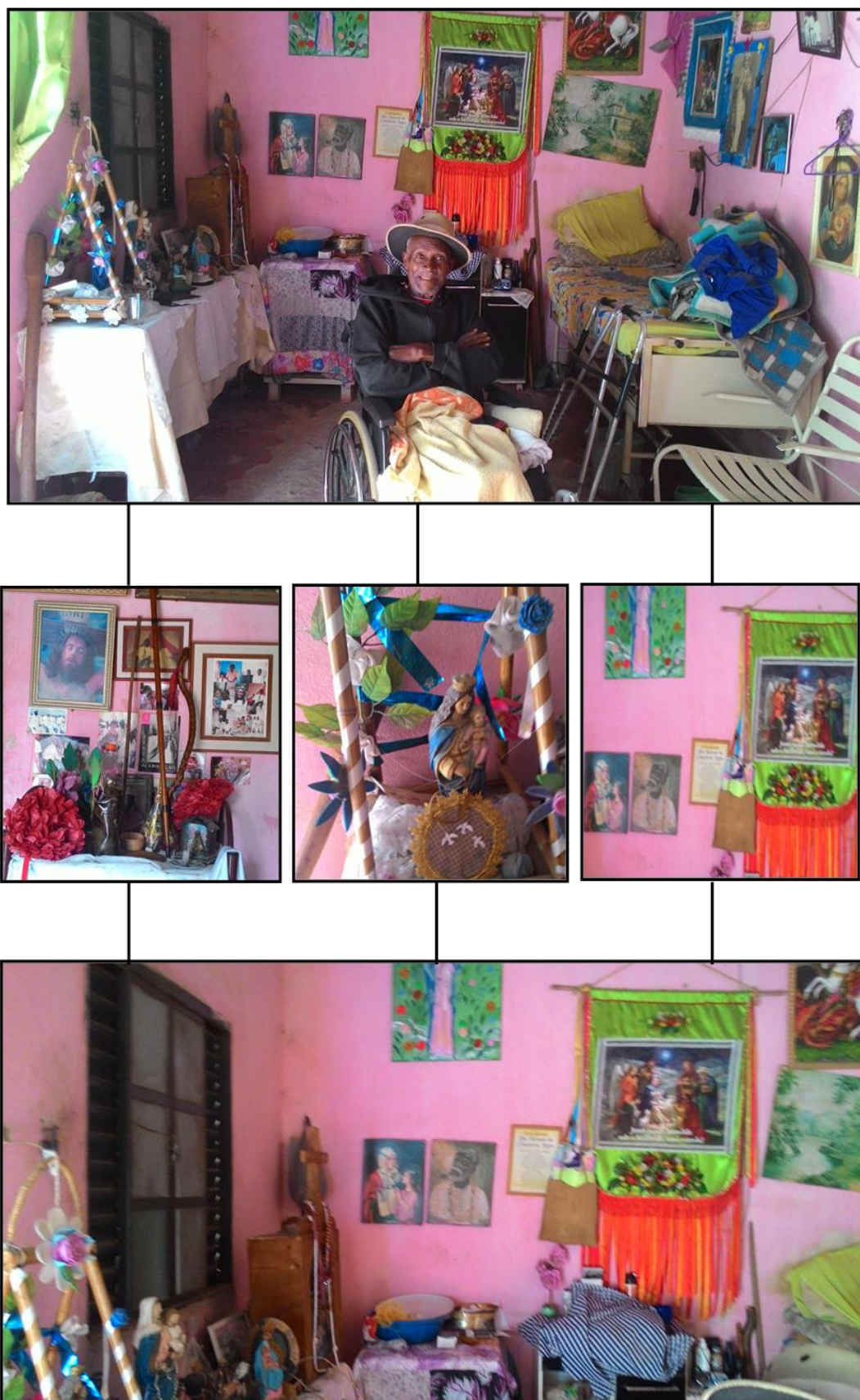
As Figuras 20 e 21 retratam, por meio da fotografia, as paisagens que referem aos locais de fé e religiosidade para a comunidade. E também é possível observar, na Figura 21, a devoção aos santos do catolicismo e às imagens e crenças das tradições africanas, assim como elementos que lembram seus antepassados. A alegria ao apresentar a sua fé e religiosidade também é uma questão de muito orgulho para a comunidade, como coloca a entrevistada 2 (80 anos): *“eu sou a que visto de rainha daqui”*.

b) Espaços de vida e festividades

Durante as observações em campo e os diálogos com os moradores, ficou claro que alguns lugares, no interior da comunidade, possuem maior significado para eles. Porém, a comunidade como um todo tem toda uma identidade, a qual compreende o espaço de vida dos moradores, por isso houve a intenção de trazer, por meio da fotografia, um pouco desses espaços, não deixando de lado as simples interpretações que tais locais podem conter. Dessa forma, os espaços de vida compreendem aqueles mais relacionados ao contato próximo, dos quais se faz uso cotidianamente.⁶⁶ Assim sendo, para a comunidade, referem-se ao próprio lugar, de modo que, referindo-se ao perfil desses moradores, muitas das suas atividades estão ligadas ao interior da comunidade.

⁶⁶ Para Marandola Jr. (2014, p. 112, grifo nosso), “O espaço de vida é composto por todos os lugares e itinerários que a pessoa percorre cotidianamente. Evidentemente é possível categorizar de maneira simples tais lugares por meio de sua funcionalidade: serviços, trabalho, lazer, estudo, visitas, compras e assim por diante. [...] A esse respeito, entendemos o espaço de vida como o **espaço da vida da pessoa**, por onde ela desenvolve seu cotidiano”.

Figura 21: Mosaico - Imagens de religiosidade e fé.



Fonte: Pesquisa direta - fotografia da autora, 1º semestre de 2017.

Apesar dos detalhamentos ao falar de algumas áreas da comunidade, as primeiras respostas foram de que tudo nela trazia lembranças. Algumas paisagens (re) contavam as memórias dos antepassados, e outras indicavam as mudanças que vinham acontecendo por entre as ruas e casas. Desse modo, os moradores dos Arturos, ao expressarem suas perspectivas sobre seu microcosmo e as experiências adquiridas, demonstraram perceber que as transformações da paisagem aconteceriam – tal como as casas que passaram a ser muradas; o que eles tinham que preservar em maiores detalhes era as tradições, crenças, fé e os símbolos que retratam suas origens, de modo que se situassem no mundo, sabendo os “fundamentos”⁶⁷ de suas histórias.

Dentre as falas dos entrevistados e diálogos sobre o que representa a comunidade e suas paisagens para eles, as respostas, em suma, foram: “*representa tudo pra mim*” (respondente 8 – 16 anos); “*Todos os lugares da comunidade pra mim é importante e me traz bons sentimentos*” (respondente 18 – 64 anos); “*Tudo me faz sentir respeito, todos os lugares*” (respondente 22 – 30 anos); “*Apesar de ter mudado muitas coisas, tipo agora tem muros nas casas, antes não tinha, ainda significa que estou entrando em um paraíso*” (respondente 23 – 52 anos). A Figura 22 busca retratar, em forma de mosaico, algumas das paisagens dos espaços de vida no interior da comunidade.

São imagens de paisagens simples, onde o que predominam são os contornos das casas, as cores das fachadas e o verde da arborização que ainda há no interior da comunidade, bem como os contrastes dos elementos rurais e urbanos. Essas são algumas das características dos espaços de vida dos Arturos, que são incrementados pelas cores das decorações durante as festividades.

Dessa forma, os espaços de vida adquirem algumas características mais vibrantes durante os períodos de festividades, ganham mais cores, aumenta o número de frequentadores e novos odores aparecem no ar. Lembrando que é motivo de apego pelo lugar a recordação da união familiar. Nessa abordagem, além do envolvimento dos membros da comunidade nas decorações, há a grande circulação das mulheres Arturos na cozinha e ao redor dos fornos, todas envolvidas na preparação das refeições e quitutes para receberem aqueles que estão envolvidos nas festividades. Somando-se, assim, à paisagem, os diversos sentidos: visão, cheiro, audição, cantos, emoções, entre outros.

⁶⁷ Inferência do entrevistado 3 (81 anos) sobre a importância de se conhecer a fundo as suas tradições e história.

Figura 22: Mosaico - Espaços de vida no interior da Comunidade dos Arturos.



Fonte: Pesquisa direta - fotografia da autora, 1º semestre de 2017.

Figura 23: Mosaico - Espaços de festividade e sabores no interior da Comunidade dos Arturos.



Fonte: Pesquisa direta - fotografia da autora, 1º semestre de 2017.

Contudo, dentre os motivos de pertencimento à comunidade está a participação nas festividades e as lembranças que isso carrega sobre o lugar e as paisagens festivas: “*Considero a comunidade minha família, porque eu fui criado aqui e participo das festividades*” (respondente 9 – 17 anos); “*É muito congado que tem, festas, família*” (respondente 25 – 59 anos). Representando que as festividades também são elementos que integram a paisagem da comunidade, mesmo não sendo de eventos diários.

c) Lembranças na cidade

Nessa linha de representar alguns pontos da paisagem que emanam sentimentos de afetividade e pertencimento, os limites extrapolam as fronteiras da comunidade e passam a incluir determinados espaços e lugares da cidade de Contagem. De modo que suas idas às áreas centrais da cidade carregaram suas memórias e o significado que a cidade passou a ter.

Dessa forma, os laços topofílicos em relação à cidade são construídos nos locais onde os indivíduos se sentem mais seguros e têm um significado forte para várias gerações. À vista disso, a topofilia em locais tão incrementados de elementos ora antigos e ora novos – como os centros urbanos – pressupõe a importância do sentimento de paisagem valorizada e a noção de lugar para a afetividade individual ou coletiva.

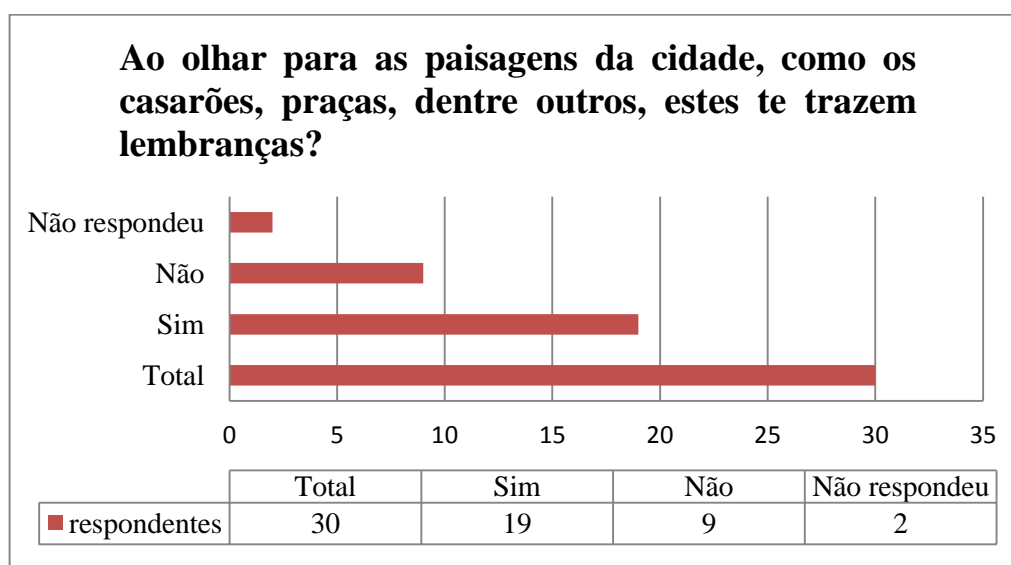
Nesse contexto, embora o interior da comunidade seja entendido pelos seus moradores como o ambiente em que há uma maior confluência entre os seus sentimentos de segurança e acolhimento, fora dos “muros” da comunidade esse sentimento, em partes, também foi construído, demandando que alguns pontos de outras áreas da cidade de Contagem lhes fizessem sentir-se afetivamente acolhidos e remetessem a lembranças. Dessa forma, algumas questões lhes foram colocadas durante as visitas à comunidade, a fim de abordar as percepções dos Arturos sobre a paisagem e a vida na cidade, dentre as quais, citam-se: Você sente que pertence à cidade de Contagem? Ao olhar para as paisagens da cidade, como os casarões, praças, dentre outros, estes te trazem lembranças?. Outra questão que também se referia à percepção da vida fora dos limites da comunidade, era esta: Considerando suas idas aos demais bairros de Contagem e a Belo Horizonte. Você se sente afetivamente acolhido?, a qual abordava em um contexto metropolitano.

Referindo às questões acima citadas, respectivamente, na primeira, todos os respondentes alegaram se sentirem pertencentes à cidade de Contagem e suas especificações (justificativas) foram: “*Porque nasci aqui*” (respondente 17 – 62 anos); “*Porque moro aqui há muito tempo, apesar de ter morado em outras cidades, voltei, porque aqui tem família, eu*

conheço Contagem e cresci aqui” (respondente 2 – 31 anos); *“Porque tem muito tempo que moro aqui, cresci aqui. Não tenho vontade de morar em outro lugar, apesar de ter mudado muita coisa”* (respondente 6 – 21 anos); *“Nasci e fui criado aqui, vi Contagem crescer, tudo era fazenda antes”* (respondente 23 – 52 anos). Dessa forma, por se sentirem pertencentes a Contagem, as respostas versam sobre o fato de ser a cidade de nascimento, onde a comunidade está localizada, indo de acordo com a fala do entrevistado 1 (84 anos): *“Nós somos também cidadão de Contagem”*. Ou seja, em suas memórias, as suas idas às demais áreas de Contagem os fazem se sentirem além de pertencentes à comunidade, à cidade como um todo, como discorreu o entrevistado 3 (81 anos): *“Sou filho de Arthur e ele viveu por aqui”*.

Quanto à questão das lembranças que as paisagens da cidade trazem, a maioria alegou que “sim”, a cidade remete a lembranças, como pode ser observado no Gráfico 1. E ainda retratam que essas lembranças se referem a: *“Lembra o pai, a família, de quando íamos a igreja no centro de Contagem”* (respondente 9 – 17 anos); *“Lembro do passado, das pessoas mais antigas que sempre iam ali pra fazer as coisas”* (respondente 22 – 30 anos); *“A lembrança da cidade que tenho, é da igreja católica do centro”* (respondente 10 – 28 anos); *“As casas antigas do centro, me lembram coisas do interior, da vida de antes”* (respondente 28 – 26 anos); *“Sim, a lembrança que tenho da cidade é da casa da cultura, épocas antigas”* (respondente 17 – 62 anos); *“A cidade me traz lembranças por causa da família, meu avô que ajudou a construir”* (respondente 21 – 35 anos).

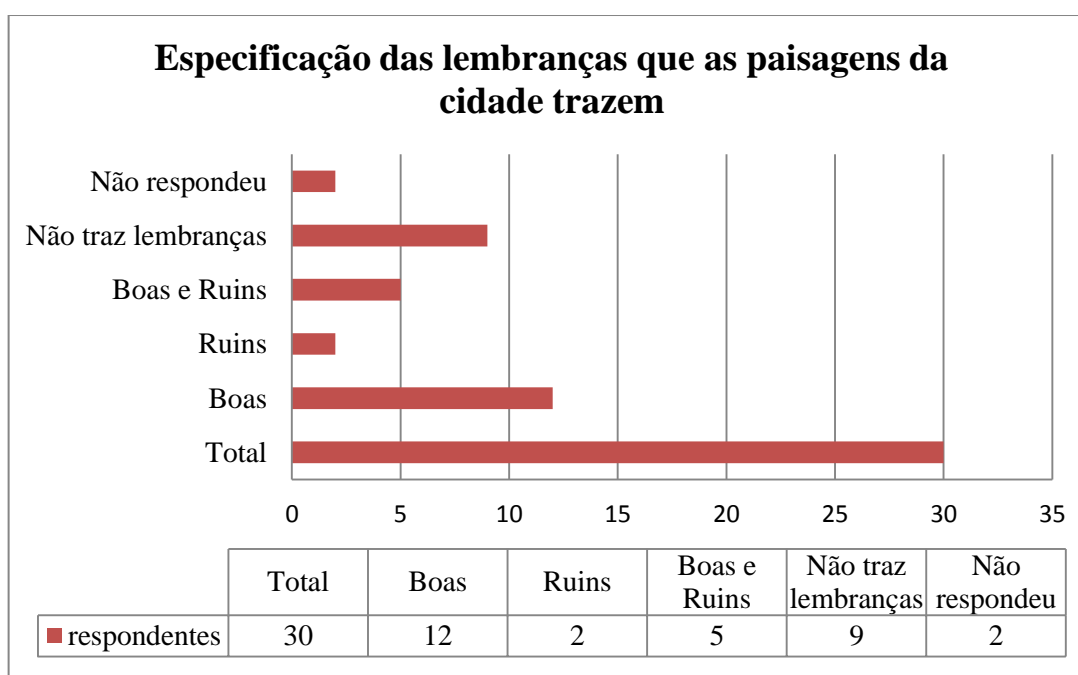
Gráfico 1: Lembranças das paisagens da cidade



Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Nessa perspectiva, ainda foi questionado se essas lembranças eram boas ou ruins e as especificações (justificativas). Dos respondentes: 40% considerou que essas lembranças eram boas (12 respondentes) especificando que as lembranças remetiam aos sentimentos de familiaridade; 17% (5 respondentes) alegaram que eram lembranças boas e ruins, de modo que, segundo eles, *“lembra das épocas passadas, mas também lembra dos sofrimentos passados”* (respondente 14 – 81 anos), *“Traz lembranças da igreja do Rosário que foi derrubada, fazendo necessário construir outra”* (respondente 23 – 52 anos), *“As lembranças são boas e ruins, porque lembra das eras antigas, mas mudou tudo, modernizou demais”* (respondente 13 – 50 anos); aproximadamente 6,5% (2 respondentes) disseram que traz lembranças ruins, porque *“lembra que agora fica tudo fechado e longe, até pra buscar um remédio demora, mudou muito a cidade”* (respondente 2 – 31 anos) e ainda coloca o respondente 1 – 80 anos *“A cidade ta movimentada demais, muito agitada”*. E 30% dizem que a cidade não lhes traz lembranças, dentre as justificativas estão *“Não gosto da cidade, gosto da área rural”* (respondente 7 – 18 anos), *“Parece tudo estranho, mudou muita coisa”* (respondente 6 – 21 anos), *“está tudo mudado”* (respondente 12 – 22 anos), *“Porque não tenho muitos laços com a cidade grande, morava no modo de vida de interior e aqui é tudo grande”* (respondente 2 – 33 anos).

Gráfico 2: Lembranças das paisagens da cidade



Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Cabe a observação de que todos que responderam que a cidade em si não traz lembranças eram jovens. E, apesar de se sentirem pertencentes à Contagem, pela questão familiar e porque dela usufruem, “fora” da comunidade eles sentem dificuldade para construir lembranças das paisagens. De acordo com relatos dos moradores da comunidade, a cidade (fora do contexto de moradia da comunidade) está disposta como um espaço para suprir necessidades. E, embora o pertencimento ocorra por se reconhecerem em seu lugar, as mudanças dos espaços urbanos acabam por tornar difícil a correlação entre as lembranças construídas no interior da comunidade (sempre recordadas) e as lembranças com os espaços da cidade, em que sempre há mudanças.

Esta resposta da cidade de “Contagem não remeter a lembranças” não é unânime entre os jovens; para alguns, ela traz lembranças das visitas com os pais a igrejas e à área central da cidade. De modo que o fator religiosidade, para os moradores da comunidade, é o elemento que mais remete a lembranças de lugares e paisagens.⁶⁸ Dessa forma, as figuras que retratam as lembranças na cidade são da área central de Contagem e de igrejas.⁶⁹ Ambas as imagens das igrejas contêm lembranças das idas à área central da cidade de Contagem, das celebrações, feiras e passeios aos domingos, além do fato de que a imagem da igreja de Nossa Senhora do Rosário traz a lembrança das mudanças da cidade, o que fez com que a primeira igreja fosse derrubada, sendo necessário reconstruí-la em outro local. Sempre exalta da fala dos Arturos, ao descreverem suas lembranças das paisagens, a questão familiar e religiosa.

⁶⁸ Vide mapa 8 (Dois pontos são localizados: o centro cultural – que compreende os casarões antigos e a igreja de São Gonçalo) todos localizados no centro de Contagem.

⁶⁹ Figuras 24 e 25.

Figura 24: Igreja de São Gonçalo



“Lembra o pai, a família. Das paisagens da cidade, me lembro de quando nós íamos à igreja do centro” (respondente 9 – 17 anos).

Fonte: foto de Ronaldo Leandro, retirada do site: www.contagem.mg.gov.br

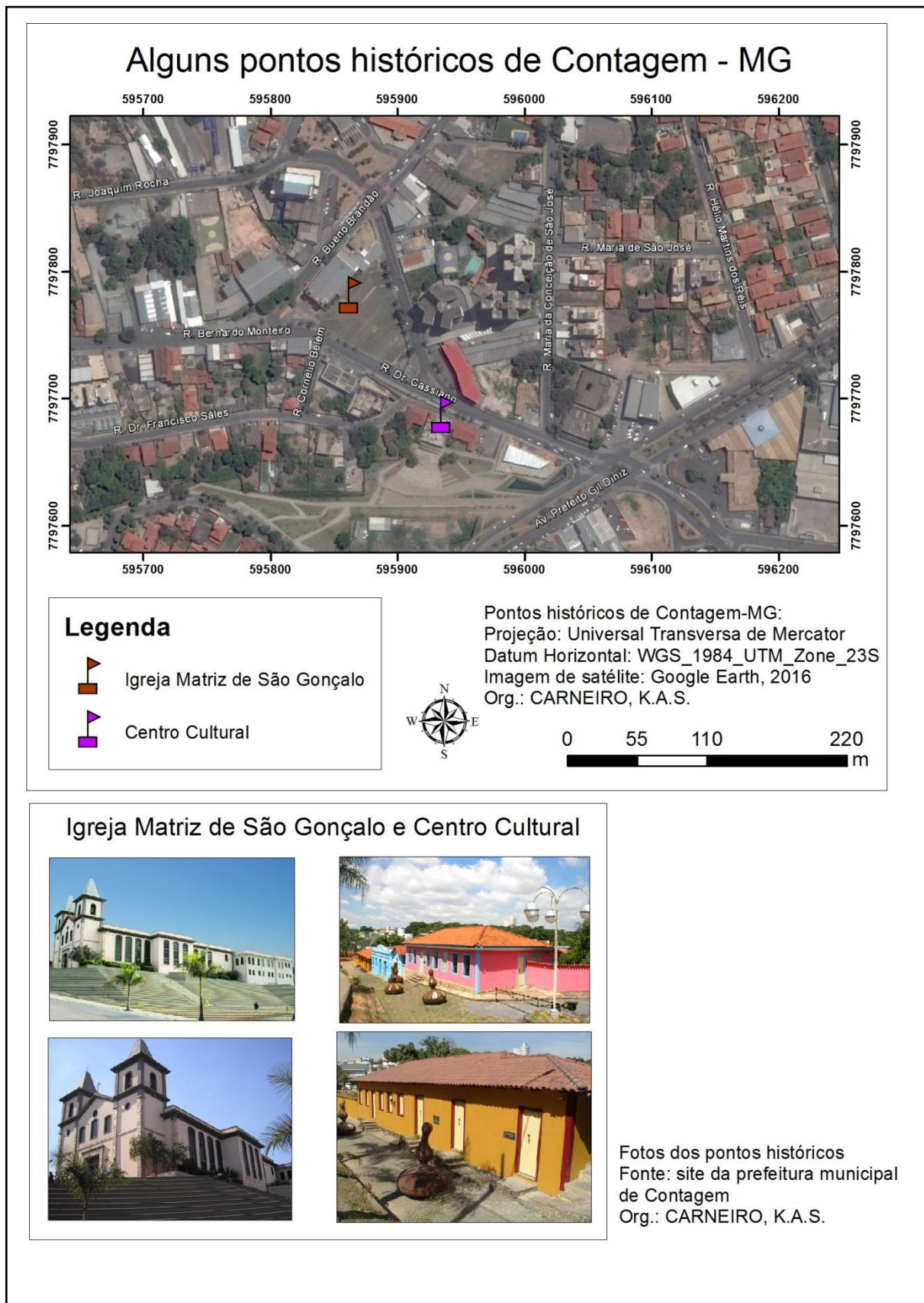
Figura 25: Igreja de Nossa Senhora do Rosário



“Das paisagens da cidade, o que me traz lembranças, é da igreja do Rosário, que era no centro e foi derrubada, fazendo necessário construir outra” (respondente 23 – 52 anos).

Fonte: foto de Elias Ramos, retirada do site: www.contagem.mg.gov.br

Mapa 8: Pontos históricos na cidade de Contagem com grande relevância para os Arturos.



Contudo, das respostas a essas questões, já havia indicativos das situações e locais que os moradores da Comunidade dos Arturos consideravam topofóbicos. As críticas aos espaços por eles considerados vazios de lembranças, estavam nas grandes mudanças (modernização) que acabaram direcionando locais antes considerados como lugares para as gerações mais velhas, em não-lugares para as gerações mais jovens. Além do mais, as lembranças ruins da cidade se referem à questão da sensação de que está “tudo fechado” e de difícil acesso, aumentando até a “distância”, porque, na verdade, o que aumentou foi tempo gasto até os locais de destino.

5.2 – Indicativos de topofobia:⁷⁰ Percepção sobre a vida na cidade (dentro e fora dos “muros” da comunidade)

Embora, da vivência em comunidade, eleve o sentimento de proteção, já que todos se conhecem, ainda há situações e áreas que colocam o indivíduo como vulnerável, dando indicativos de topofobias. Esse medo, na atualidade, está muito relacionado com a questão da violência, principalmente nas áreas urbanas. Devido a isso, há uma dificuldade de definir uma área em específico, já que muito se refere à situação e não propriamente ao ambiente.

Frente a isso, mesmo atribuindo grande valor à abordagem simbólica do lugar, sua subjetividade e relações internas da vida em comunidade, ao se propor abordar a topofilia, alguns pontos conduziram a pensar na topofobia.

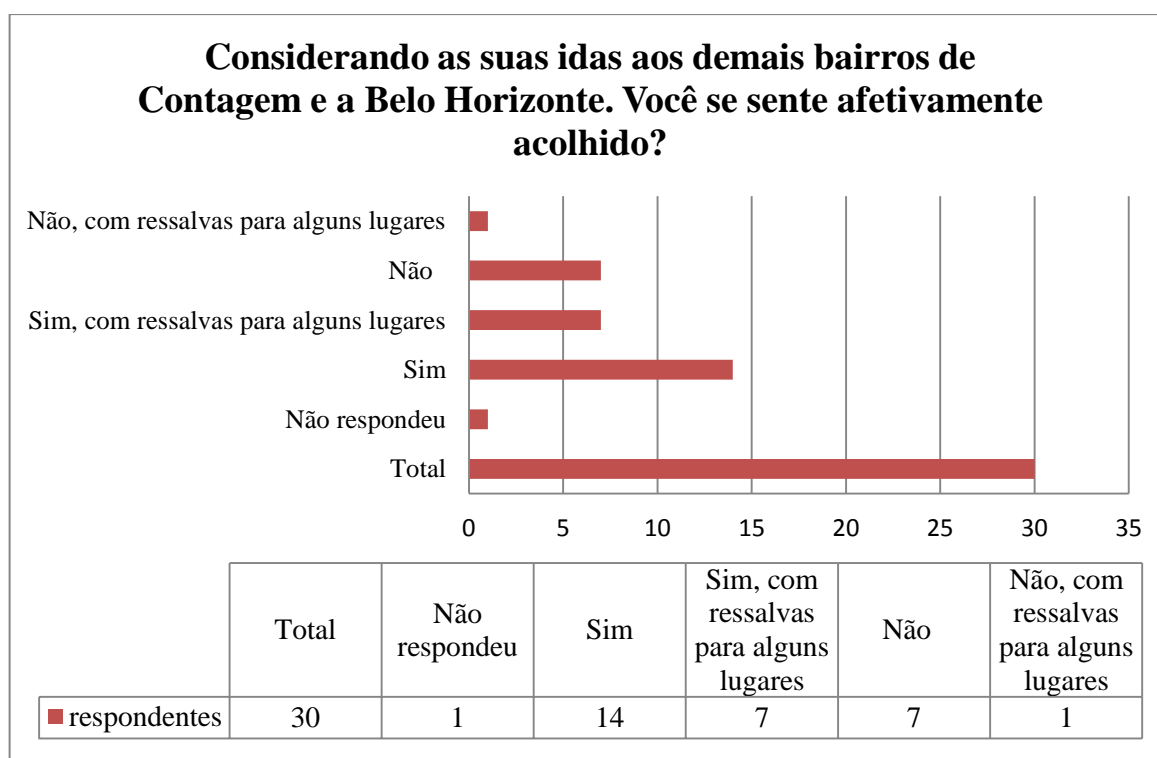
Trata-se de um olhar, enquanto, “*outsiders*”, em contrapartida das experiências na comunidade, como “*insiders*”. Fato que culmina com a questão de “morte” da paisagem (LUCHIARI, 2001), que devido a tantas mudanças acaba por gerar a concepção de que a paisagem seja vazia e sem significados para quem a vivência.

Nesse estudo, nos depoimentos dos moradores da comunidade, é possível perceber não apenas a abordagem de lembranças que as áreas históricas da cidade contêm, mas, sobretudo, a crítica às grandes transformações desses lugares: “*Mudou muito, modernizou demais, eu fico perdido com as transformações*” (respondente 13 – 50 anos), relata um morador ao descrever como se sente em suas idas aos demais bairros de Contagem e Belo Horizonte. Ainda discorrem outros moradores da comunidade que “*Cada vez que a cidade vai crescendo mais, mais parece que a gente vai ficando pequeno*” (respondente 29 – 42 anos), “*Eu sou mais*

⁷⁰ Nesse ponto, frente à aplicação do questionário, considera-se a colocação “indicativo”, pois, nas falas dos respondentes, foi perceptível que a topofobia está ligado ao medo e a aversão que a relação com os frequentadores pode trazer e não necessariamente às características físicas dos locais, salvo alguns locais.

acostumado aqui na comunidade, lá na cidade tem muita gente estranha, muita coisa estranha” (respondente 10 – 28 anos). Assim como aborda o entrevistado 3 (81 anos), *“Fica até difícil ver que foi papai que ajudou a construí a cidade, o povo muda demais as coisas e não dão valor pra o trabalho duro de antes”*. Essa concepção foi o que levou alguns moradores a descreverem que as paisagens da cidade não lhes trazem lembranças, já que está muito mudada.

Destarte, em uma abordagem mais ligada aos sentimentos construídos pelo lugar e pela cidade, a topofobia está associada ao sentimento de medo ou aversão por determinados locais, e este é um sentimento difícil de aferir, já que envolve individualidades e particularidades (AMORIM FILHO, 1999). Assim, percebe-se, nos depoimentos dos moradores, que algumas situações e áreas dão indicativos de sentimentos topofóbicos, por colocarem os seus frequentadores em situações mais vulneráveis e de riscos. Outro sentimento que leva a pensar na abordagem topofóbica é o fato de se sentir afetivamente acolhido ou não. De modo que, se o indivíduo não se sente acolhido nos demais bairros da cidade, já ocorre a quebra do laço de pertencimento que ali havia no passado. Para tal, durante a aplicação do questionário, havia uma pergunta que versava sobre o sentimento de acolhimento na cidade (Considerando as suas idas aos demais bairros de Contagem e Belo Horizonte. Você se sente afetivamente acolhido?). As respostas foram, em sua maioria “sim”, porém com ressalva para alguns lugares, enquanto alguns disseram não se sentirem acolhidos (Vide gráfico 3).

Gráfico 3: Sentimento de afetivamente acolhido na cidade

Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Com base nos depoimentos, aproximadamente 47% disseram que se sentem acolhidos, embora tenham alguns medos e situações que lhes causem desagradado: “*Eu me sinto acolhido porque a cidade atende a minha finalidade, mas infelizmente o que me causa medo são as pessoas*” (respondente 13 – 50 anos), ou seja, não é a estrutura o problema, mas as ações que ali ocorrem. Todavia, para alguns, o sentimento de acolhido pela cidade está no fato de retirarem dela sua fonte de renda e suprir suas necessidades que não têm no interior da comunidade, como relatam: “*Eu me sinto bem porque acostumei, preciso trabalhar e é lá*” (respondente 26 – 26 anos); “*Eu me sinto acolhido, apesar de representar pra mim como pagamento de contas*” (respondente 3 – 56 anos); “*Eu me sinto acolhido, apesar do trânsito e da crise, tendo que andar a pé porque a passagem de ônibus é cara e tamo sem dinheiro, mas eu compro coisas lá*” (respondente 6 – 21 anos). Desse modo, apesar de todos os problemas que a experiência de vida na cidade pode indicar, ainda há uma vinculação com ela, devido à necessidade de consumo, trabalho e serviços. Demandando que, para se sentir acolhido na cidade por tais moradores, é preciso que ela cumpra sua função de espaço funcional. “*A cidade é um lugar diferente, eu vejo como um lazer, distração*” (respondente 4 – 33 anos).

Além do mais, alguns moradores (23% aproximadamente) fazem ressalvas para alguns lugares, alegando que se sentem acolhidos porque mantêm laços interpessoais com pessoas

que moram ali, mas percebem que alguns lugares têm vários problemas que os deixam com receio de irem: *“Me sinto bem na cidade, às vezes e em alguns lugares, onde tem pessoas conhecidas e parentes, fora isso, está muito violenta a cidade, tem uns pontos de drogas, tenho medo do assalto nos pontos de ônibus”* (respondente 17 – 62 anos), *“Sim, porque as pessoas respeitam a gente, mas a violência está difícil em alguns lugares, não dá pra distrair não”* (respondente 21 – 35 anos). Dessa forma, as ressalvas vão para os lugares onde há problemas com a criminalidade.

Cerca de 26% não se consideram afetivamente acolhidos nas suas idas aos demais bairros da cidade de Contagem e Belo Horizonte, considerando que, para tais moradores, esses espaços são vazios de bons elementos e situações, contrapondo ao modo de vida da comunidade. De acordo com os moradores: *“Não porque as áreas mais movimentadas de Contagem e de BH estão cheio de ladrão, está difícil até andar”* (respondente 12 – 22 anos), *“Lá tem muita vagabundagem, roubo”* (respondente 10 – 28 anos), representando que a violência é dos maiores problemas por eles relatado no tocante à vida na cidade. Além do mais, o preconceito e o racismo também são um problema que cria uma paisagem do medo: *“Não me sinto acolhida, pelo preconceito de cor”* (respondente 22 – 30 anos), onde o receio de não se enquadrar no padrão midiático torna difícil a vivência. Outros motivos estão ligados à sensação de congestionamento, pelo grande número de circularidade de pessoas nas áreas centrais e de comércio, como discorrem os respondentes: *“Não porque não saiu muito daqui e também lá tem muita gente”* (respondente 11 – 14 anos); *“Não me sinto bem, tem muito barulho, mas tem lugar que até que é bom”* (respondente 30 -17 anos); e *“A cidade é movimentada, agitada demais”* (respondente 3 – 81 anos).

Desse modo, a cidade não é somente um amontoado de indivíduos e estruturas (PARK, 1967), ela é um estado de espírito e de sentimentos, os quais podem ser bons ou ruins, topofílicos ou topofóbicos. Considerando as condições da cidade, alguns pontos podem corroborar para que se desenvolvam sentimentos de desagrado na experiência com a cidade, dentre os quais são: o grande aumento do contingente populacional de maneira rápida após a industrialização regional, *“O centro de Contagem e Belo Horizonte, fico perdido com as transformações, pior, pelo movimento de pessoas, que aumentou”* (respondente 13 – 50 anos); a expansão do processo de urbanização e, com ele, transformações espaciais, *“Na cidade parece tudo estranho”* (respondente 3 – 56 anos); perda dos laços de vizinhança, *“As pessoas perderam muito o contato, a aproximação, fica difícil hoje confiar em uma pessoa de fora”* (respondente 29 – 42 anos); a questão de preconceito e racismo; a mobilidade na cidade, *“o trânsito é ruim, tudo demora, leva horas pra chegar”* (respondente 30 – 29 anos); entre outros

problemas que afetam a vida na cidade e contrastam com o modo de vida da comunidade, ainda com características do campo.

O Quadro 7 contém mais especificações sobre a percepção da cidade pelos moradores da Comunidade dos Arturos e os pontos que eles acham negativos, que podem dar nuances do sentimento de topofobia, assim como afetam a qualidade de vida. De modo que, atrelada à sensação de topofobia, está a questão de qualidade de vida, já que o bem-estar físico e psíquico é necessário para que se tenha uma boa qualidade de vida.

Ademais, é a aversão, o desagrado e o medo nas áreas urbanas que deixam indicativos de topofobias, juntamente com as transformações da paisagem urbana, apagando algumas características históricas. Dessa forma, as palavras grifadas nos relatos dos moradores se juntam às demais percepções da vida na cidade, que se contrapõem, até certo ponto, à experiência no interior da comunidade, indicando topofílias e topofobias.

Quadro 7: Sentimentos nas idas à cidade de Contagem e Belo Horizonte

| Especificações dos sentimentos ao ir aos demais bairros de Contagem e Belo Horizonte | |
|---|---|
| Respondente 17 (62 anos) | “Gosto muito do centro de Contagem, me sinto feliz, mas às vezes os bairros do entorno, traz um pouco de medo , pela violência . Mas o centro de Belo Horizonte eu acho cheio, complicado, movimentado, o trânsito é ruim ”. |
| Respondente 19 (14 anos) | “Eu sinto que o centro de Contagem progrediu demais , antes era tudo mato, mas agora está tudo caríssimo . O mato virou ouro, mas as ruas continuam esburacadas. Já o centro de Belo Horizonte o ar muda, you não consegue respirar direito , são fedorentas as ruas . Ai eu vejo que é uma região que por um lado é bom, pela evolução, mas por outro lado é ruim, porque nem tudo acompanhou a evolução”. |
| Respondente 23 (52 anos) | “Eu sinto que mudou muita coisa no centro de Contagem, há muito descaso com as casas tradicionais (mais antigas) . Os bairros são até tranquilos, com ruas boas. Já o centro de Belo Horizonte, ali é muita gente ao mesmo tempo, um trânsito complicado , um tumulto. A minha visão é que a cidade está crescendo demais e não tem espaço , até me assusta”. |
| Respondente 24 (33 anos) | “Até que hoje o centro de Contagem está bem cuidado, é uma parte importante da cidade, mas as ruas são bem precárias . Quanto à Belo Horizonte, um movimento muito grande , se bem que isso não é ruim, significa movimentar a economia da cidade, mas o trânsito fica ruim . Ai a minha visão é que algumas coisas ficam largadas de lado ”. |
| Respondente 25 (59 anos) | “Eu vejo que o centro de Contagem é uma parte importante, mas precisa melhorar as ruas e diminuir os assaltos . Agora BH eu custo ir lá, me dá até preguiça, lá é longe e o trânsito é ruim ”. |

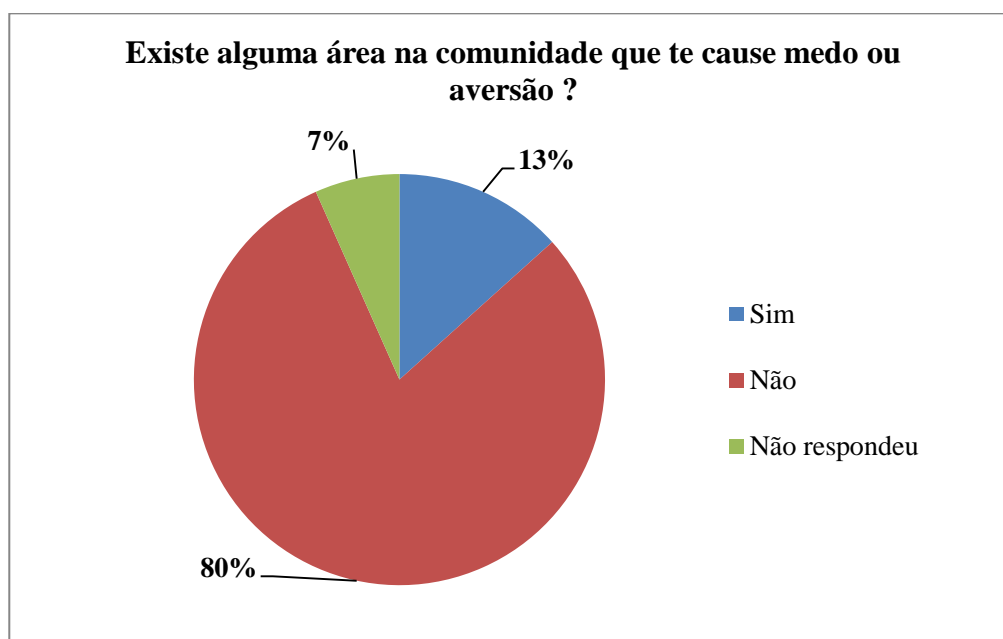
Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Com base nas observações de campo, diálogos, entrevistas e aplicação de questionário, a topofilia se deve ao fato de que as relações internas da comunidade ligam os diversos moradores ente si e com o lugar, por meio da segurança familiar e a proteção das suas crenças e fé. Enquanto a topofobia está relacionada com a dimensão de contrastes econômicos, sociais e políticos que são perceptíveis na experiência com as paisagens urbanas do centro e do entorno da comunidade. Contrastes os quais acabam acometendo os Arturos, de modo que

mantêm um contato constante com as paisagens urbanas do centro de Contagem e alguns, também, com as áreas mais centrais da capital mineira – Belo Horizonte.

Integrando o questionário aplicado, houve o questionamento “Existe alguma área na comunidade que te cause medo ou aversão?”, e as respostas foram, de acordo com o Gráfico 4, em sua maioria, que acreditam que “não” há nenhuma área na comunidade que lhes cause medo, pelas seguintes justificativas: “*Me sinto segura, porque aqui é tudo família*” (respondente 3 – 56 anos); “*Porque eu conheço aqui desde pequena, vivo aqui, tem união da família*” (respondente 2- 31 anos); “*Por conhecer todas as áreas aqui*” (respondente 21 – 35 anos). Enquanto, os demais (13%) relataram que tem uma área que lhes causa medo: “*Tenho medo no campo de futebol e nas áreas mais distantes, porque infelizmente está em risco, pela entrada de gente de fora*” (respondente 6 – 21 anos); “*O campo de futebol que antes era para o lazer e agora tem gente que usa pra fazer coisa errada*” (respondente 11 – 14 anos); “*O campo de futebol e as entradas, está tendo muito assalto*” (respondente 24 – 33 anos) e “*O campo de futebol, muita droga lá*” (respondente 25 – 59 anos).

Gráfico 4: Medo e aversão na comunidade



Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Nessa perspectiva, a topofobia está relacionada ao medo. E, dentre os motivos de medo e aversão, estão: a violência, o desemprego, o preconceito, o medo de perder muito tempo no trânsito e o medo das atitudes dos indivíduos desconhecidos, ou seja, o medo do outro, o qual também é uma forma de transformar uma paisagem, em paisagem do medo. Além do mais,

como advoga Amorim Filho (1999, p. 146) associado à topofobia, há o topocídio, o qual se refere à “degradação e aniquilamento de paisagens, lugares, construções e monumentos valorizados”, o que se observou na fala de alguns respondentes e entrevistados, quando lamentaram a derruba de sua igreja de Nossa de Senhora do Rosário, fazendo necessária sua reconstrução, posteriormente, em outro local.

Em sequência, o próximo tópico aborda quais os medos que afligem os moradores da Comunidade dos Arturos e que podem conduzir à sensação topofobia. São reflexões elaboradas a partir de depoimentos dos indivíduos pertencentes à comunidade, de diferentes faixas etárias.

5.2.1 – Aversões e medos

O medo, muitas vezes, está ligado ao desconhecido, ou seja: o medo de chegar a um lugar e não ser aceito; o medo de se sentir estranho em meio às novas paisagens; o medo da violência, o medo do outro (desconhecido). Enfim, o medo é um sinal de alarme à insegurança. De modo que é relatado, por alguns moradores, o receio da entrada de pessoas estranhas na redondeza da comunidade, fato que culmina com a criação de muros nas casas no interior da própria comunidade, cerceamento que antes não era necessário, mas que, atualmente, ocorre em muitas localidades.

Mas o que é sentir medo? Para Tuan (2005), medo é um sentimento complexo, que, geralmente, acontece em ambientes estranhos, desorientadores, longe do seu ponto de apoio, ou seja, medo é um sinal impeditivo de resposta a uma situação nova e insegura. Isso pode variar de acordo com a idade e as circunstâncias da vida, não há como definir que todos têm medo do escuro como as crianças, nem que o medo do desemprego se desenvolva na criança. O que ocorre é que, embora, na abordagem geracional, existam diferenças de medos, há pontos que se conectam, por exemplo, a afirmação de Tuan (2005, p. 9): “Quem dorme sossegado? [...] ‘aqueles que podem se dar ao luxo de não sentir medo’”. Dessa forma, a sensação de segurança, no aconchego familiar, é importante para a superação do medo.

Nesse contexto, tanto para Bauman (2009) quanto para Tuan (2005), associada ao medo, está a questão de buscar formas de mantê-lo externo ao abrigo do lar. Para tal, a primeira medida é privar a entrada de estranhos e elementos hostis, através de muros, cercas, vigilância, etc. As respostas ao medo estão expressas no dia a dia das cidades, quando a paisagem é repleta de formas de cercar a casa do mundo que a rodeia. Além do medo, quase que biológico – de pessoas e elementos hostis –, também a própria mente humana cria cenas

desagradáveis, o que conduz à formação da paisagem do medo. À vista disso, existem diferentes paisagens do medo, dentre as quais “Uma é o medo de um colapso iminente de seu mundo [...]” (TUAN, 2005, p. 14). Situação percebida durante entrevistas a campo, quando o entrevistado 3 (81 anos) discorre “*A juventude perdeu muito do respeito que nós tínhamos, nem precisava falar, a gente entendia só o olhar do pai da gente, onde nós vamos parar!*”, representando a angústia da perda de valores e o medo que esses ensinamentos sejam deixados de lado.

O medo pode ser como uma construção que evita perda de valores morais e éticos, assim, ensinando à criança os riscos de tomar determinadas atitudes, pelo medo de represália. Na abordagem intergeracional, os medos das crianças são, em parte, instruídos pelos adultos como forma de privá-las de danos físicos e psicológicos; como por exemplo, o medo de pessoas estranhas, de ficar sem a base familiar e do escuro, são maneiras de ensinar à criança que os riscos em tais lugares são muitos, pois as deixam vulneráveis. O medo do abandono é uma forma de a criança entender o papel da família para criação do elo com o lugar, assim como discorre o entrevistado 3 (acima) sobre a perda dos ensinamentos dos pais e do respeito aos mais velhos. À medida que a criança cresce, o medo também muda, introduzindo a questão de sobrevivência, incorpora-se o medo de não suprir as necessidades básicas, como alimentação e proteção do lar. Então, o medo em locais desconhecidos deixa de ser do escuro e passa a ser o de não enquadramento e das atitudes das outras pessoas. E, quanto mais envolvimento místico, com deuses e religiões, mais a conformação em medos (TUAN, 2005).

Contudo, muitos dos medos foram criados, sobretudo, por medos conflituosos, ou seja, violência, guerras, vinganças (TUAN, 2005). Dessa forma, associa-se o medo a determinados lugares que podem corroborar para a incidência de tais circunstâncias, como espaços com pouca luminosidade, ambientes que caracterizam o abandono, como lotes baldios, ruas que dividem a rivalidade de dois aglomerados humanos, entre outros, ou seja, locais com pouca amabilidade ou divididos por territorialidades divergentes. Além do mais, para Bauman (2009), a obsessão por cercar as moradias também conduz a medos, porque simboliza segregação, e espaços como esses são vazios de contatos entre os moradores, como pode ser percebido na fala do respondente 22 (30 anos): “*À noite eu tenho medo de algumas áreas da cidade, por causa da violência*”. A questão da separação de territórios, também, é uma questão que gera medos na cidade, indicando paisagens do medo, como discorre este respondente: “*Meu medo na cidade é que em mais bairros é muito violento, muito assalto e alguns locais viram ponto de drogas*” (respondente 17 – 62 anos).

Nesse contexto, os medos dos moradores da Comunidade dos Arturos são comuns aos medos na cidade. Para Tuan (2005), os medos na cidade estão na não aceitação das características físicas e psíquicas, humilhação, segregação, violência, perturbação, o medo do estrangeiro (desconhecido) e da desordem pública. É possível perceber esse medo na fala do respondente 19 (14 anos): *“Na cidade eu tenho medo do vandalismo, roubo e também do bullying e racismo por ser negro e da comunidade. Sabe! Às vezes é difícil essas coisas de sofrer com racismo. As pessoas não aceitam as diferenças de pele e cultura”* e o respondente 13 (50 anos) relata: *“Eu tenho medo também das pessoas e infelizmente de diferentes áreas”*.

Nesse estudo, mesmo a comunidade, em seu interior, demandando pouco medo para seus moradores, ainda havia a questão colocada pelos Arturos, a entrada de “estranhos” na comunidade, os quais, em alguns casos, fazem-no com a finalidade de se esconderem de delitos cometidos na cidade.⁷¹ Esse é um ponto de medo, pois, segundo os moradores, o fato de se sentirem protegidos no interior da comunidade está em *“Porque todo mundo conhece todo mundo. Quando acontece alguma coisa o povo ajuda”* (respondente 10 – 28 anos), e a entrada de um estranho expõe aqueles ao perigo das intenções deste.

E o medo na cidade e na RMBH está associado, de acordo com moradores da comunidade, a situações como a descrita neste relato: *“Lá em Contagem e BH tem muita violência, muito roubo, muita vagabundagem”* (respondente 10 – 28 anos). Vinculado ao fato da ocorrer a entrada de estranhos na comunidade, segundo alguns moradores, o medo deixou de ser somente da cidade, mas também dos perigosos em casa mesmo: *“Não tenho nenhum medo da cidade, porque mesmo dentro de casa tem riscos, mas tem lugares pior”* (respondente 4 – 33 anos); *“A violência infelizmente afeta a todos os lugares, até dentro da comunidade, no campo, nas áreas mais distantes, infelizmente está em risco, pela entrada de gente de fora”* (respondente 6 – 21 anos). De modo que a vida em meio à cidade faz com que os problemas desta acabem mesclando-se com o modo de vida da comunidade, fazendo com que os perigos que acometiam somente a espaços citadinos passem a ser parte da realidade dos Arturos dentro da comunidade, tal como a necessidade de murar as moradias por receio da violência: *“A vida fora da comunidade tem muita violência, muita coisa ruim e parece que a cidade vem crescendo e a comunidade ficando cada vez mais exprimida”* (respondente 26 – 26 anos), evidencia uma moradora da comunidade ao abordar a visão que tem da cidade.

⁷¹ Isso nas áreas onde ainda há grande arborização e plantações no interior da comunidade, bem como no campinho de futebol, nos fundos da comunidade.

À vista disso, de acordo com Bauman (2009), o modo como a modernidade administra o medo acaba dissolvendo os laços familiares “naturais” e a solidariedade, por meio da segregação individual e a aparente tendência de proteção moderna – cercar-se do mundo que rodeia o lugar. Assim, o respondente 21 (33 anos) relatou que a violência urbana é um dos principais problemas da vida na cidade e, em suas especificações sobre isso, ele disse que “*Precisa na cidade de mais policiamento*”, ou seja, ele sentiu falta de uma maior segurança ao transitar pelas ruas da cidade. E, para o entrevistado 3 (81 anos), o problema da atualidade está justamente na perda de respeito e acolhimento do próximo, as pessoas estão muito individualistas e passam muito tempo com os aparelhos eletrônicos.

Eu tenho até medo, a juventude fica vendo a televisão, o celular. Ali ensina muita coisa, sabe! E umas não são boas, cada coisa que passa, acho que tinha que ter uma forma de impedir a juventude de ver umas coisas. Passa muito crime, cada coisa que acontece e você vê na televisão. A juventude já não quer ouvir a gente mais velha, ta difícil (Entrevistado 3 – 81 anos).

Além do medo das atitudes das pessoas na cidade, há também o problema do contato entre indivíduos, criado pelos espaços urbanos cada vez mais movimentados. O que, de acordo com Carlos (2008), torna a cidade como um espaço onde os indivíduos não se reconhecem, possuem um ritmo de vida intenso em decorrência da necessidade constante de se adequarem à experiência de vida urbana, onde o trânsito é intenso e impessoal, e as estruturas são construídas para atender a fins mercadológicos. Desse modo, o respondente discorre: “*Eu vejo que Contagem está ficando cada vez mais com cara de cidade, tendo muitas mudanças, umas boas e outras ruins, mas está perdendo muito a forma da comunidade. O povo anda tudo sem paciência, muito estresse*” (respondente 26 – 26 anos), salientando aí o medo de que, na cidade, os indivíduos se tornam menos pacientes. E, como afirmou o entrevistado 3 (81 anos): “*A falta de paciência é o grande problema da juventude hoje*”.

Dessa forma, durante o questionamento “Quais são as áreas e situações que te causam aversão ou medo na cidade? Cite-as”, os moradores da comunidade disseram que havia dificuldade em elencar uma área em específico, alegando que o maior problema da experiência de vida na cidade era a violência e a intolerância crescente, e isso, infelizmente, acometia a vários locais: “*Todas as áreas da cidade tem violência*” (respondente 2 – 31 anos); e “*Todo o entorno da comunidade está violento. Infelizmente fora da comunidade quase tudo te deixa com medo*” (entrevistada 2 – 80 anos), alegando que a diferença entre a vida na

comunidade e a vida na cidade é de que “dentro da comunidade há uma grande amizade, respeito” (entrevistado 2 – 80 anos), e isso diminui o medo no interior da comunidade, mas, sobretudo, deixa claro o medo fora dela. O Quadro 8 retrata mais expressões dos moradores dos Arturos dos medos e aversões na cidade.

Quadro 8: Situações de aversão ou medo na cidade

| Quais são as áreas e situações que te causam aversão ou medo na cidade? | | | |
|--|---|-----------------------|--|
| | ÁREA | SITUAÇÃO | ESPECIFICAÇÕES |
| Respondente 20 (49 anos) | Regiões movimentadas, tipo o centro e a Av. João Cesar. | Violência | “Tem risco em alguns locais e outros até que tem a tranquilidade”. |
| Respondente 11 (14 anos) | Todo lugar, quando vou à escola no centro. | Violência | “Tenho medo de ser roubada e sofrer alguma violência”. |
| Respondente 3 (56 anos) | Belo Horizonte | Enchente Violência | “Em época de chuva tenho muito medo de alagar. E todos os lugares lá estão perigosos por causa da violência”. |
| Respondente 12 (22 anos) | Todas as áreas | Violência Trânsito | “Está difícil andar por causa da violência. O trânsito também está muito ruim, dá até medo o tempo que demora nele”. |
| Respondente 24 (33 anos) | A cidade à noite | Violência Drogas | “Isso causa muito assalto”. |
| Respondente 25 (59 anos) | Várias áreas da cidade à noite, principalmente ponto de ônibus. | Violência Drogas | “Dá até medo ficar no ponto de ônibus, por causa da violência e você fica lá esperando um tempão”. |
| Respondente 10 (28 anos) | Belo Horizonte | Violência | “Muito roubo e assalto”. |
| Respondente 28 (34 anos) | As ruas movimentadas, tipo o centro. | Violência Trânsito | “Medo de ser assaltado, roubar o que a gente trabalhou pra conquistar, ainda mais quando os ônibus está tudo cheio”. |

Fonte: Pesquisa direta, 1º semestre de 2017.

Dessa forma, é perceptível, no Quadro 8, que um dos maiores medos da experiência na cidade é o da violência, o consumo de drogas, o trânsito ruim e de possíveis danos decorrentes da associação entre planejamento inadequado e questão ambiental – como as enchentes. E que o medo, também, está associado à imagem construída da cidade grande, como um espaço em que o contato interpessoal é ruim; o trânsito, tanto para quem seja seu usuário, como para quem o observa, é um ponto que gera a sensação de estar cheio e congestionado; a violência parece acometer mais as áreas com maior aglomeração de pessoas e comércio, assim como locais em que há consumo de drogas e iluminação precária. À vista disso, contrapõe-se à noção de lugar, onde o indivíduo se sente protegido.

Nesse estudo, o medo na cidade está atrelado à questão de ali serem “outsiders”, em decorrência das grandes transformações da paisagem, fato que se contrapõe às suas condições de “insiders” no interior da comunidade. A imagem de um bom ambiente e com segurança emocional se encontra nos espaços de vida de dentro da comunidade, colocando o “mundo” exterior como um local de vulnerabilidade, em que as relações humanas não são profundas, e a noção de não-lugar encobre os lugares que ali existiam. Para tanto, alguns moradores relatam que a cidade não lhes causa nenhum medo, devido ao fato de que já se acostumaram com a realidade que ela oferece. Desse modo, na fala do respondente a seguir, fica expresso que o fato de não vincular o medo a uma área em específico da cidade, deve-se ao entendimento de que a vida nos espaços urbanos é assim e não tem como mudar: *“Nenhuma área em especial na cidade me causa medo, sabe! Já acostumei com a violência, lá não tem como mudar, por isso eu gosto do nosso modo de vida do campo”* (respondente 7 – 18 anos). Assim sendo, a vida em meio à cidade se configura no contraponto entre o lugar da comunidade e a vulnerabilidade dos espaços da cidade.

De acordo com a fala de um respondente, é difícil ir contra a realidade que lhes é posta, a única forma é apreender a lidar com a situação, sabendo que a condição como “outsiders” impõe adaptações e riscos: *“Na verdade, fora da comunidade, eu tenho medo é em todo lugar, a violência é demais, mas você acaba acostumando, o trânsito, por exemplo, eu já até acostumei, fazer o que? a gente tem que trabalhar”* (respondente 23 – 52 anos). E, para lidar com situações como essas e outras, a medida é buscar amparo na vivência com o lugar e a questão topofílica: *“Eu sinto que a coisa mais importante que temos que fazer pra melhorar as coisas é a oração, a fé. O Brasil precisa de muita oração, a nossa política precisa de muita oração, está difícil as coisas”* (respondente 23 – 52 anos), ou seja, o amparo na fé e nas tradições aprendidas no interior da comunidade é a força para lidar com a realidade local, regional e global. E, como coloca o entrevistado 3 (81 anos), é preciso recuperar esses

valores de família e do lugar, “*As pessoas perderam o respeito na fé, em si próprio e o valor dos ensinamentos de família. Olha ai! Todo mundo fala, benção pai, benção vô, fora daqui tem gente que nem sabe o que é isso. Perdeu-se muito o fundamento das coisas, esse é o problema, a juventude não quer ouvir*”.

Contudo, os medos variam do passado para o presente. No passado, o medo estava associado à morte, ao sacrifício, à mitologia, entre outros. Atualmente, no presente, o medo é do futuro das coisas, do mundo, das gerações, da perda das identidades culturais, medo do assalto, da violência em geral. Desse modo, o medo, visto de dentro da comunidade, onde os laços topofílicos são muitos, está em, justamente, perdê-los em virtude de tudo o que vem acontecendo, como o crescimento da cidade, as mudanças nas formas de relacionamento derivadas da globalização e a perda da solidariedade. Por fim, como discorre o entrevistado 3 (81 anos), “*Se não fosse a gente viver assim, em comunidade, nem sei como nós estaríamos, talvez um distante do outro, como a gente vê na televisão*”. Então, entre paisagens topofílicas e topofóbicas, o que se coloca é a construção de pertencimento ao lugar.

Eu acho que o que restou foi a resistência dos mais velhos que deixa pra nós força pra também resistir. Muitas pessoas dos mais velhos da cidade ainda têm um respeito pelos Arturos, isso ainda está ajudando. Até quando eu não sei. Quem viveu a cidade dos Arturos antes, ajuda. Mesmo com todo o transtorno, ainda tem gente do centro de Contagem que apóia. Mas eles estão tudo indo, tudo indo, estão vindo nova geração. Tem muita gente que ainda briga pra gente ir lá (no centro). A gente quer, mas não tem condições. Mas como que a gente vai lá? Nós vamos lá no Cruzeiro, lá na Casa da Cultura. Aí tem uma meia dúzia de pessoas. De primeiro ficava assim de gente esperando o Congado. Mas inda tem dez, quinze, cinco pessoas que estão ali esperando o Congado chegar naquele lugar. Isso aí faz a resistência, porque ainda tem alguém, que são as pessoas mais velhas. (José Bonifácio - Bengala – Arturo de 2ª linha, capitão-mestre da Guarda de Congo e um dos coordenadores da Irmandade de Nossa Senhora de Contagem).⁷²

Para finalizar, conviria dar voz mais uma vez a um dos membros dos Arturos: “*Ser Arturo é ter força de vontade para lutar, fé, amor e família. A partir dali já estou pela família, união e Nossa Senhora, sinto que cheguei em casa, apesar dos pesares das durezas da vida*” (entrevistado 6); e a comunidade é “*Um lugar de fé, onde quem entra é sempre bem-vindo e sai feliz, o peso fica aqui, pela área abençoada*” (entrevistado 3).

⁷² Entrevista contida na Tese “Enigmas do rosário: Os mistérios das (r) existências nas correntezas da urbanização” de Maria Ivanice de Andrade Viegas (2014, p. 110).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática que instigou esta pesquisa sobre a percepção sociocultural que se tem ao olhar para a paisagem urbana levou à consideração que: a percepção é construída na relação com o lugar, com os espaços, contrastes e transformações que ocorrem no âmbito das experiências da vida. Daí a decisão de partir do olhar da Comunidade dos Arturos, já que suas histórias se entrecruzam com as histórias dos contagenses.

Frente o desenrolar do trabalho, firmou-se a condição dos Arturos como “estabelecidos” e em um “habitar demorado”, na comunidade e na cidade, criando raízes que os conectavam com o lugar de moradia. À vista disso, mesmo na atualidade, diante do processo de modernização e urbanização, a comunidade se mantém coesa em decorrência do fator intergeracional interno e os laços que os conectam com a terra sobre a qual a se firmaram. Ademais, as gerações mais antigas possuem uma conexão mais vinculada com o modo de vida herdado de seus pais – maior apego aos elementos do campo –, enquanto que as gerações mais jovens buscam concatenar os elementos do urbano com os do campo. Para tanto, não há pelos Arturos uma negação à vida urbana, eles se dizem criados nos moldes dos valores tradicionais, mas abertos às vantagens e “riquezas” que a vida em meio à cidade possibilita. “Riquezas” as quais são descritas como a maior possibilidade de acesso a serviços e recursos que a cidade permite, como, por exemplo, a escolaridade.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho de imbricar-se no olhar do lugar frente às transformações da paisagem urbana e se envolver no dualismo entre o modo de vida “*insiders*” e “*outsiders*”, ocorre em virtude das transformações, na atualidade, dos espaços da cidade. E, embora, na atualidade, em decorrência das mudanças na paisagem do entorno da comunidade e seu interior, por mais que os Arturos ainda se vejam como pertencentes à cidade de Contagem, demonstrando que ser “*insider*” não é algo a ser apagado, é preciso cuidar para não valorizar em demasia dos fatores que levam a ser “*outsider*”. Os elos que se cria com o lugar de vivência são de difícil rompimento, porém, sobretudo, eles podem ser desgastados em virtude de rápidas transformações que ocorrem sem que haja tempo suficiente para o indivíduo se reconhecer em meio a essas mudanças.

À vista disso, a cidade seria o local característico do urbanismo, e, estando a comunidade imersa nessa realidade, houve mudanças em seu interior. Nesse contexto, em alguns depoimentos, foi perceptível tal interpretação, ao relatarem que, cada vez mais, a cidade cresce, e a comunidade vai sendo espremida, como se o modo de vida urbano abraçasse de maneira compressora os antigos traços do estilo de vida da comunidade. A representação do lugar dos Arturos é entre o estilo de vida interiorano e as novas temporalidades e espacialidades que a cidade lhes coloca, tais como: as novas formas de

relações interpessoais; as experiências com as (i) mobilidades dos meios de transporte urbanos; a constante transformação dos espaços e paisagens; a sensação de estranhamento do outro e da cidade; o medo da violência e, sobretudo, a resistência em preservar as suas tradições, fé e valores, de modo que possam ser um legado deixado para as futuras gerações.

Dessa forma, a base da existência dos Arturos está na questão topofílica com os elementos de diferentes naturezas da comunidade, sejam eles paisagísticos, simbólicos, familiares, herdados, concretos ou abstratos. Todos são elementos que fixam o indivíduo à sua terra de origem e à sua história. Além do que, a pesquisa com os moradores da comunidade interligou o contato entre os conhecimentos científicos sobre os laços topofílicos com o lugar e a sua fundamentação na experiência de vida real do dia a dia. Dessa forma, foi possível perceber, nas observações de campo e durante os relatos e depoimentos, que a interligação topofílica com o lugar lhes garante uma força espiritual para gerir a vida em meio aos elementos que lhes causem medo ou aversão (topofóbicos). Nessa abordagem, ainda foi possível perceber os seguintes contextos:

- Embora as transformações urbanas tenham mudado diversas estruturas da paisagem citadina e ter inserido novos elementos na comunidade, no interior da comunidade, “dentro dos muros”, o fator cultural é mais valoroso que a questão econômica. A manutenção da comunidade com base na organização familiar se deu pelo respeito aos ensinamentos dos antepassados, os valores, as crenças e a tradição, a fé católica e afrodescendente, acima de qualquer valor monetário que o terreno possa ter. A afetividade com o lugar para eles está associada às nostalgias do passado e à percepção e estímulos que levam em consideração os diferentes sistemas sensoriais: olfativo, auditivo, gustativo, visual e, sobretudo, os estímulos ligados à religião, ou ao espírito. Em seus cantos, danças e representações, são transpostos os valores e saberes que a religião carrega, transformando o espírito e o modo de vida em sociedade.
- Há o reconhecimento de que, embora a comunidade esteja em meio à cidade e à região metropolitana, o seu ponto de vista, ao olhar para as paisagens da cidade, não é o mesmo dos habitantes que vivem integralmente e somente nos ambientes citadinos. Tanto que os Arturos reconhecem que é difícil parar a cidade para realização de suas representações e festividades. Para quem trafegar pela cidade, parar o trânsito ou fechar vias de acesso com a finalidade de tais celebrações se torna uma inconveniente

situação, em virtude da nova imagem que a paisagem do local vai ganhando, de que as ruas são para a circulação de veículos, mercadorias e pessoas.

- Para as gerações mais jovens, primordialmente, a paisagem das áreas centrais da cidade não lhes traz muitas lembranças e, se elas ocorrem, são de tempos passados, quando crianças, pois, na atualidade, as transformações alteraram vários dos sentidos que a cidade tinha. E alguns lembram, saudosamente, as idas à igreja matriz e à igreja de Nossa Senhora do Rosário, a qual foi demolida e reconstruída. Esses são recortes de situações e fatores que levam aos indicativos da sensação topofóbica de que os espaços da cidade estão se tornando cada vez mais alheios à comunidade, em decorrência da ausência do sentimento de topofilia, que é desenvolvido no interior da comunidade.
- Na relação entre a cidade (“os de fora”), alguns elementos chamam atenção: os referentes às necessidades materiais e os relacionados ao fator cultural. A cidade e a região metropolitana representam a efetivação da necessidade do consumo e serviços. Ela representa, para muitos, a finalidade de compras e burocracias, serviços que não são encontrados no interior da comunidade, de modo que, referindo à abordagem cultural, o interior da comunidade é a base para a fundamentação das tradições e valores. Mesmo que a cidade tenha um apelo histórico para os Arturos, a comunidade que é um importante elo com o lugar.
- Na cidade tem aumentado cada vez mais a sensação de estranhamento em decorrência das mudanças que vêm acontecendo, vistas como modernidades. Foi possível perceber, nos depoimentos dos Arturos, que, embora se sintam acolhidos em vários locais da cidade, muitos são vazios de lembranças, deixando o questionamento da existência de não-lugares, onde antes havia o sentimento de lugar. Locais onde se prevalece a segregação de experiências, entre a angústia e os riscos, conduzindo os moradores da Comunidade dos Arturos a viverem na ambivalência dos riscos e medos na cidade e a proteção familiar e territorial do interior da comunidade.
- Quanto à topofobia, ela está mais ligada à questão de medo ou aversão a situações que a cidade intensifica, como os congestionamentos de pessoas e veículos e a violência. Esse medo leva à necessidade de estar sempre apreensivo quanto às possíveis

situações que possam vir a acontecer, como o receio de aguardar a chegada do coletivo em determinados pontos e até mesmo dentro dos circulares. Para tanto, a sensação topofóbica, na cidade, está em se sentirem fora de casa, ou seja, sem o casulo protetor, incorrendo aos riscos e angústias que afligem, também, aos demais moradores ou visitantes das grandes cidades, como por exemplo: perda de tempo no deslocamento, trânsito, violência, preconceitos, consumo de drogas, disputas por territórios e outros.

Nesse estudo, a paisagem da cidade e da comunidade passa a compreender questões relacionadas ao lugar e os contrastes da vida urbano-metropolitana, as quais abarcam a relação do indivíduo com a sociedade, o espaço, o lugar e a região. Sendo que, por mais que o lugar esteja ligado à subjetividade, ele não é distante ou possui barreiras que o limite ao contato com a abordagem dialética da realidade, principalmente, por estar em meio à vida metropolitana. Logo, tanto o simbólico como os contrastes do mundo permeado de valores, bens e atores, incorporam-se nas experiências intersubjetivas e nas maneiras de perceber o lugar e a paisagem. Daí a consideração tanto da parte construída quanto da simbologia que essas áreas representam. No entendimento do lugar como íntimo, acolhedor e sentimental, constrói-se o sentimento topofílico; em contrapartida, do medo e aversão que os espaços distantes e amplamente modificados acabam conduzindo, emerge a sensação topofóbica. Nesse contexto, a percepção do ambiente leva em consideração toda a gama de circunstâncias que os indivíduos se colocam, tanto as questões sentimentais, as características do lugar e as experiências que se adquirem em sua vivência.

Contudo, novas pesquisas podem surgir desse universo de saberes e relações que é a Comunidade dos Arturos e a cidade, trazendo novos desdobramentos e enfoques, tendo em vista as limitações deste estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alcionir P. e SARTORI, Maria da G. B. **A percepção da paisagem urbana de Santa Maria-RS e os sentimentos de topofilia e topofobia de seus moradores.** *Ciência e Natura*, UFSM, 30 (2): 107 - 126, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/viewFile/9842/5901>. Acesso em: Maio de 2017.

ALVES, Rahyan C. e DEUS, José A. S. **O não-lugar e as paisagens do medo: nuances Topofóbicas.** *Revista Eletrônica Geoaraguaia*. Barra do Garças-MT. V 4, n.1, p 70 - 82. Janeiro/Junho. 2014.

ALVES, Rahyan C. **Topofilia, turismo e releitura do lugar: uma abordagem sociocultural do patrimônio histórico, arquitetônico e urbanístico de Diamantina-MG.** Belo Horizonte. 2014. 326f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, topofobia, topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Percepção ambiental.** A experiência brasileira. São Carlos (SP): Studio Nobel - EdUFSCAR, 1999, p.139-152.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Uma geografia para o século XXI.** 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

ANDRADE, Luciana T. e MARINHO, Marco A. C. Organização social do território e violência letal na Região Metropolitana de Belo Horizonte: o balanço de uma década. In: ANDRADE, Luciana T., SOUZA, Dalva B., FREIRE, Flavio H. M. (Orgs.). **Homicídios nas regiões metropolitanas.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p. 15-43.

ARAUJO, Leila de O. L. **Periferia Urbana: uma história em transformação.** Anais do I Seminário internacional de história do tempo presente. Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH. ISSN 2237-4078. 2011, p. 424 – 436.

_____, Leila de Oliveira Lima. **Geografia da periferia urbana: lugar de múltiplas representações no entorno do trecho rodoviário Niterói-Manilha, BR 101.** Belo Horizonte. 2014. 247f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ARRAIS, Tadeu P. A. Goiânia: As imagens da cidade e a produção do urbano. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). **Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia.** Goiânia: Editora Alternativa, 2001, p. 177-235.

ATLAS ESCOLAR, HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E CULTURAL do município de Contagem Estado de Minas Gerais. Prefeitura Municipal de Contagem - Secretária Municipal de Educação e Cultura: Editora Cultural Brasileira, 2011, 80p.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Tradução de Maria Lúcia Pereira (Coleção Travessia do século). Campinas, SP: Papirus, 1994.

BARBOSA, Jorge L. e MELO CORRÊA, Aureanice de. A paisagem e o trágico em O amuleto de ogum. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 71-102.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BENEVOLO, Leonardo. **As origens da urbanística moderna**. Editora Presença, Portugal e Livraria Martins Fontes, Brasil, 1994.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1974.

BERQUE, Augustin (seguido de um comentário de Oliver Dolffus). Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 84-91.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva (Coleção estudos), 2006, 108p.

BITTENCOURT, M.. **Michel de Certeau 25 anos depois: atualidade de suas contribuições para um olhar sobre a criatividade dos consumidores**. POLÊM!CA, Local de publicação 11, mai. 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3091/2210>>. Acesso em: 29 Fev. 2016.

BLEY, Lineu. Morretes: Um estudo de paisagem valorizada. In.: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Lívia (Orgs.). **Percepção ambiental**. A experiência brasileira. São Carlos (SP): Studio Nobel - EdUFSCAR, 1999, p.121-138.

BOBEK, Hans e SCHMITHÜSEN, Josef. A paisagem e o sistema lógico da geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 75-83.

BONETTO, Helena. **As percepções topofílicas/topofóbicas das lideranças comunitárias do bairro Restinga antes e depois da implementação do orçamento participativo**. Porto Alegre. 2013. 131f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BORGES, Carolina de Campo e MAGALAHES, Andrea Seixas. **Laços intergeracionais no contexto contemporâneo**. Estudos de Psicologia, 16 (2), maio-agosto/2011, 171-177. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n2/v16n2a08.pdf>, Acesso em: março de 2017.

BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em Geografia cultural - algumas concepções contemporâneas. In.: CORRÊA, Roberto Lobato & ZENY, Rosendahl (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro (RJ): EdUERJ, 2004. p. 157-180.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII (O peso do número)**. Trad. Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 19-88.

CABRAL, Luiz Otávio. **A paisagem enquanto fenômeno vivido**. Geosul, Flóridaopolis, v.5, 0.30, p 34-45, jul./ dez. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/14252/13053>. Acesso em: Fevereiro de 2017.

CADERNOS DO PATRIMÔNIO IMATERIAL – IEPHA/MG. **Comunidade dos Arturos**/Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. 1ª ed, v. 2. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2014, 56p.

CAMARGO, C. P. F. Org. **São Paulo 1975 – crescimento e pobreza**. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____, Ana Fani Alessandri. **O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade**. GEOUSP: Espaço e Tempo (Online), [S.l.], v. 18, n. 3, p. 472 - 486, dez. 2014. ISSN 2179-0892. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/89588/92873>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

_____, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

CARVALHO, Delza R. de. **As práticas espaciais do percebido, concebido e vivido nos municípios de Lisboa e Sintra**. Revista de Geografia (UFPE) V. 29, No. 3, 2012, p. 37-53. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article>. Acesso em: Junho de 2016.

CAVALCANTI, Maria L.V. de C. e FONSECA, Maria C. L. **Patrimônio imaterial no Brasil, legislação e políticas estaduais**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. 199 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução de E. Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHOAY, François. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 4ª Edição. São Paulo (SP): Estação Liberdade; UNESP, 2006.

CLARK, David. Trad. Lucia Helena de Oliveira Gerardi e Silvana Maria Pintaudi. **Introdução à geografia urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1991.

CLAVAL, Paul. **“A volta do cultural” na geografia.** Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 1, nº 1, 2002a, p. 19-28.

_____, Paul. **El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio.** Boletín de la A. G. E., nº34, 2002b, p. 21-39.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas.** 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 15-47.

_____, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** 3 ed. São Paulo: editora ática, 1995.

_____, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura.** 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92-123.

COSTA, Karla Tereza O. **Arturos, filhos do Rosário:** Nas práticas sociais, uma história que se revela na festa de Nossa Senhora do Rosário. Belo Horizonte. 2013. 131f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

DAOU, Ana Maria. Tipos e aspectos do Brasil: Imagens e imagem do Brasil por meio da iconografia de Percy Lau. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 135-162.

DEBERT, G. G. **A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade.** In: M. L. de Barros (Org.), *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 49-68.

DUMAZEDIER, J. **Criação e transmissão dos saberes.** Tradução de Vera Ribeiro. Revista Gerontologie et société, n. 16, jul, 1992.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido.** Trad. Antônio Gonçalves. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1980, 275p.

FERREIRA, Luiz Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo.** Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, nº 9, p. 65-83, jul./dez., 2000. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_5_ferreira.pdf. Acesso em: Março de 2017.

FONSECA, Geraldo. **Contagem perante a história.** Edição da assessoria de imprensa e relações públicas da prefeitura municipal de Contagem-MG – 30º ano da reemancipação do município, 1978.

FOLHA DE CONTAGEM. Com. br. **Especial da semana da indústria.** 1º Jornal on-line de Contagem – edição especial 2010. Disponível em:

<http://www.folhadecontagem.com.br/portal/index.php/edicoes-especiais-2010>. Acesso em: Fevereiro de 2017.

FUNDAC – **Fundação Cultural de Contagem**. Prefeitura Municipal de Contagem-MG. Disponível em: <http://www.fundaccontagem.com.br/espacocultural/6>. Acesso em: Março de 2017.

GANDIN, L. A. e HYPOLITO, A. M. **Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento** (entrevista com Boa Ventura de Sousa Santos). Revista Currículo sem Fronteiras, v.3, n.2, p. 5-23, Jul/Dez 2003. ISSN 1645-1384 (online) www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em: 23 fev. 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed., 13 reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008, 323p.

GIATTI, Leandro Luiz e MOURA-DE-SOUSA, Carolina. Ambiente urbano, bem-estar e saúde. In: GIATTI, Leandro Luiz (org). **Fundamentos de saúde ambiental**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009, p. 293-323.

GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. Natureza e cultura – representações na paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 49-70.

GOMES, Paulo C. C. **A longa constituição do olhar geográfico**. Revista GeoUECE – Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v.1, nº 1, p. 1-7, dez. 2012. Disponível em: <http://seer.uece.br/geouece>. Acesso em: 09 out. 2015.

GOMES, Núbia P. de M. e PEREIRA, Edimilson de A. **Negras raízes mineiras: os Arturos**. Juiz de Fora: Ministério da Cultura – EDUFJF, 1988, 532p.

GUIMARAES, **Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental**. Geosul, Florianópolis, v.17, n.33, p. 117-141, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13971/12802>. Acesso em: Dezembro de 2016.

HEIDRICH, Álvaro L. Território e cultura: argumento para uma produção de sentido. In: HEIDRICH, Álvaro L., COSTA, Benhur P., PIRES, Claudia L. Z. (Orgs.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, p. 52-61.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente**. Revista Território, ano 2, n. 3, p. 77-85, Jul./Dez. 1997.

_____, Werther. **Sobre territórios e lugaridades**. Revista Cidades, v. 10. n. 17, p. 18-29, Agost. 2013. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view>. Acesso em: Março de 2017.

IBGE. **Sítio oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

JACQUES, Paola B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012, 331p.

JÉBUS, S. e ALMEIDA, J. R. **Narrativas, memórias e identidades**: mulheres da comunidade negra dos arturos. *História, imagem e narrativas*, nº 7, ano 3, setembro/outubro 2008. ISSN 1808-9895. Disponível em <http://www.historiaimagem.com.br>. Acesso em: 04 jul. 2016.

JORNAL REGIONAL CONTAGEM. Exemplar cortesia. Ano XV - Nº 202 - 11 a 18 de Maio de 2012 - Contagem e Região Metropolitana. Disponível em: www.jornalregionalcontagem.com.br. Acesso em: 18 mai. 2016.

KELTING, Fátima Maria e LOPES, José Lidemberg de Sousa. **Vislumbrando paisagens**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2011, 100 p.

KOZEL, Salete. Um panorama sobre as geografias marginais no Brasil. In: HEIDRICH, Álvaro L., COSTA, Benhur P., PIRES, Claudia L. Z. (Orgs.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, p. 12-27.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins, 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEME, Fernanda B. M. **A percepção ambiental no turismo diante dos processos de espetacularização das cidades contemporâneas**. *CULTUR – Revista de Cultura e Turismo* - ano 03 – n. 02 – abril/2009 – Edição Especial, p. 66-80.

LIMA, Solange T. de. Percepção ambiental e literatura: espaços e lugar no Grande Sertão: Veredas. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Percepção ambiental**. A experiência brasileira. São Carlos (SP): Studio Nobel - EdUFSCAR, 1999, p.153-172.

LOWENTHAL, David. Tradução: HADDAD, Lúcia; Revisão técnica: MALUF, Mariana. **Como conhecemos o passado**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. ISSN 2176-2767, [S.l.], v. 17, set. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110/8154>>. Acesso em: Maio de 2017.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Maria Cristina Tavares A. Lisboa/Portugal: edição 70, 1982, 193p.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re) significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 9-28.

MACHADO, Lucy M. C. P. Paisagem Valorizada: A Serra do Mar como espaço e como lugar. In.: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Percepção ambiental**. A experiência brasileira. São Carlos (SP): Studio Nobel - EdUFSCAR, 1999, p.97-119.

MARANDOLA JR. Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Blucher, 2014, 248p.

_____. Eduardo. **Da existência e da experiência: Origens de um pensar e de um fazer.** Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 1º sem. 2005. Disponível em: http://www2.pucminas.br/documentos/geografia_24_art03.pdf. Acesso em: Março de 2017.

_____. Eduardo e HOGAN, Daniel J. **As dimensões da vulnerabilidade.** São Paulo em Perspectiva, v. 20, n. 1, p. 33-43, jan./mar. 2006. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01_03.pdf. Acesso em: Abril de 2017.

MASSEY, Doreen. **Lugar, identidad y geografías de la responsabilidad en un mundo en proceso de globalización.** Treballs de la SCG, 57, 2004, p. 77-84.

MATOS, Ralfo. **Percepção sociocultural de residentes de cidades brasileiras de tamanho intermediário.** Revista de Geografia e Ordenamento do Território, n.º 3 (Junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. 2013, p. 117 - 141.

MATOS, Olgária. **Cultura, capitalismo e humanismo: educação, antipólis e incivilidade.** Revista USP, São Paulo, n.74, junho/agosto 2007, p. 62-79.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o conceito de paisagem.** Raega - O Espaço Geográfico em Análise, [S.l.], v. 8. ISSN 2177-2738. 2004, p. 83-91. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/view/3391/2719>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

MELO, Vera Mayrinck. Paisagem e Simbolismo. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, imaginário e espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 29-48.

MEINIG, Donald W. **O olho que observa: Dez versões da mesma cena.** Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 16, p. 35-46, Jul/Dez. 2003. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7762/5610>. Acesso em: Maio de 2017.

MONTE-MÓR, Roberto L. **O que é o urbano, no mundo contemporâneo.** Revista Paranaense de Desenvolvimento, n. 111, p. 9-18, jul-dez 2006.

MOREIRA, Erika V. e HESPANHOL. **O lugar como uma construção social.** Revista Formação, n.º14, volume 2, p. 48-60, 2008. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf, Acesso em: Fevereiro de 2017.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico.** São Paulo: Contexto, 2007.

_____, Ruy. O racional e o simbólico na geografia. In: SOUZA, Maria Adélia de (org.). **O novo mapa do mundo: Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica.** 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1994, p. 46-55.

NOGUEIRA, Amélia R. B. Lugar como a representação da existências. In: HEIDRICH, Álvaro L., COSTA, Benhur P., PIRES, Claudia L. Z. (Orgs.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, p. 83-89.

NOGUEIRA, Paula. **Escola de Chicago**: A importância da Escola de Chicago para os Estudos em Ciências Humanas e Sociais. PAPER, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC – campus Santo André - Programa de pós-graduação em ciências humanas e sociais, 2014, 10p. Disponível em: http://www.academia.edu/9104592/A_Escola_de_Chicago. Acesso em: Junho de 2017.

OLIVEIRA, Livia de. Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia. In: MENDONÇA, Francisco e KOZEL, Salette (orgs). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. Reimpressão 2004, p. 189-196.

OLIVEIRA, Rosângela P. **A força da religiosidade dos Arturos**. Revista Nures nº 7 – Setembro / Dezembro 2007, p. 1-15. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – PUC-SP. Disponível em: http://www.pucsp.br/revistanures/revista7/nures7_rosangela.pdf. Acesso em: Janeiro de 2017.

PÁDUA, Leticia C. T. **A geografia de Yi-Fu Tuan**: Essências e persistências. São Paulo, 2013, 206f. Tese (Doutorado em Geografia física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PARK, Robert Erza. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar. 1967, p. 25 -66.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Com os olhos no passado**: a cidade como palimpsesto. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v. 11, n. 11. ISSN 2175-7976. 2004, p. 25-30. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334/9893>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

PERO, V. e MIHESSEN, V. **Mobilidade urbana e pobreza no Rio de Janeiro**. Série Working Paper BNDES/ANPEC, nº 46, Setembro, 2012, 29p.

PINHEIRO, Délio J. F. e SILVA, Maria Auxiliadora da (orgs.). **Visões imaginárias da cidade da Bahia**: dialogo entre geografia e literatura. Salvador: EDUFBA/Mestrado em Geografia, 2004, 184p.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em: Fevereiro de 2017.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Fotografia, história e vistas urbanas**. História, Franca, v. 27, n.2, 2008, p. 253-277. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010190742008000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 Mar. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONTAGEM. **Portal da informação:** geomorfologia. Disponível em: <http://www.contagem.mg.gov.br/>. Acesso em: Maio de 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONTAGEM. **Conheça Contagem:** história de Contagem. Disponível em: <http://www.contagem.mg.gov.br/>. Acesso em: Maio de 2015.

PRIGOGINE, Ilya. **Redécouvrir le temps**. Bruxelles: Digithèque - Université Libre de Bruxelles, 1988. 311p.

QUINTANA, Mario. **Para viver com poesia**/Mario Quintana: seleção e organização Márcio Varsalho. 3ª reimpressão. São Paulo: Globo, 2007.

RIBEIRO, Maria T. F., LOIOLA, Elisabeth. Gestão do Território e Desenvolvimento: um convite à reflexão e ao exercício do diálogo entre saberes. In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos R. S. (Orgs.), **Compreendendo a complexidade sócio-espacial contemporânea:** o território como categoria de diálogo interdisciplinar. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 186-225. Disponível no site: <http://books.scielo.org/id/37t/00>, acesso em 21/03/2015.

RELPH, Edward. **Place and a Placelessness**. London: Pion, 1976.

REVISTA HISTÓRICA – 99 anos no limiar do centenário. **O começo**. Edição 01 - Contagem-MG, 2010, p. 9 -19.

REVISTA HISTÓRICA DE CONTAGEM – 100 anos. **Uma cidade centenária de olho no futuro**. Edição dos 100 anos de emancipação política do município, Contagem-MG, 2010.

RONDON, Vinícius V., ANDRADE, Mônica V. **Custos da criminalidade em Belo Horizonte**. ECONOMIA, Niterói (RJ), v.4, n. 2, p.223-259, jul./dez. 2003. Disponível em: http://www.anpec.org.br/revista/vol4/v4n2p223_259.pdf. Acesso em: Maio de 2017.

SÁ, Teresa. **Lugares e não lugares em Marc Augé**. Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v. 26, n. 2, 2014, p. 209-229.

SANTOS, Franco P. e SOUZA, Lucas B. **Percepção da qualidade ambiental urbana no bairro Santa Cruz em Luís Eduardo Magalhães (BA)**. Ateliê Geográfico – Goiânia - GO, v. 8, n.2, p.168-197, ago/2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article>. Acesso em: Fevereiro de 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____, Milton. **Por uma geografia nova:** Da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

_____, Milton. **A urbanização brasileira**. 5ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio e SPOSITO, Eliseu Savério (orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1.ed. São Paulo: Expressão popular: UNESP. 2009, p. 17-36.

_____, Marcos Aurelio. Reflexões sobre o conceito de território e suas relações com os estudos de cultura e identidade. In.: HEIDRICH, Álvaro L., COSTA, Benhur P., PIRES, Claudia L. Z. (Orgs.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, p. 37-51.

SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante**. Crônicas.1996, 123p.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 12-74.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SENA, Lucia L. Homicídios e tráfico de drogas: contribuições da análise de segregação socioespacial. In.: ANDRADE, Luciana T., SOUZA, Dalva B., FREIRE, Flavio H. M. (Orgs.). **Homicídios nas regiões metropolitanas**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p. 343-355.

SILVA, Aurora M. C. **Rio Manso: A vivência do impacto de um grande projeto**. Belo Horizonte. 1997. 244f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

SILVA, Clarinda A. **O turismo no contexto da geografia humanística: Espaço e lugar**. Boletim Goiano de Geografia, v. 22, n. 2, p. 73-92, jul./dez. 2002.

SILVA, Eliza M. P. e ANDRADE, Daniela B. da S. F. **Cidade como metáfora de si: representação socioespacial de Cuiabá-MT segundo a criança**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 43, p. 759-779, set./dez. 2014.

SILVA, José A. **Ordenação constitucional da cultura**. São Paulo: Malheiros, 2001.

SILVA, Mônica C. A. de M. ÁVILA, Vicente F. e MACIEL, Josemar de C. **Religiosidade e sentimento de pertença: considerações acerca da festa em homenagem a São João Batista e da missa afro na comunidade remanescente de quilombo “São João Batista” – Campo Grande/MS**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 8, p. 45-64, Set. 2010. Disponível em: <http://ojs.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30347>. Acesso em: Abril de 2017.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903)**. Mana [online]. vol.11, n.2. ISSN 1678-4944. 2005, p. 577-591. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SIMÕES, Mariana E. **Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos: Imagens de uma celebração**. Rio de Janeiro. 2009. 180f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, linha de pesquisa em Imagem e Cultura da Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SMITH, Susan J. Geografia urbana num mundo em mutação. In: GREGORY, Derek, MARTIN, Ron e SMITH, Graham (orgs). **Geografia Humana: Sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996, p. 248-268.

SOARES, Rafael Santiago. **A reestruturação da economia e do espaço social de Contagem/MG e as novas formas de atuação do estado local: contradições e possibilidades de um processo em curso**. Belo Horizonte. 2011. 185f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SOLINÍS, Germán. O que é território ante o espaço? In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos R. S. (Orgs.), **Compreendendo a complexidade sócio-espacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 264-287. Disponível no site: <http://books.scielo.org/id/37t/00>. Acesso em: 21 de Março de 2015.

SOUSA, Eduardo G. **De la ciudad a la metrópoli**. Una interpretación teórica del fenómeno expansivo ligado a la vivienda, a la vulnerabilidad y a la pobreza: El caso del área metropolitana de Monterrey, Nuevo León, México. Revista INVI, Santiago, v.25, n. 69, p. 19-101, agosto 2010. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071883582010000200002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 09 Mar. 2016.

SOUZA, Robson S. R. Um jogo de empurra: a questão federativa e a indefinição da política pública de segurança. In.: ANDRADE, Luciana T., SOUZA, Dalva B., FREIRE, Flavio H. M. (Orgs.). **Homicídios nas regiões metropolitanas**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p. 385-408.

TELLES, Mário F. de P. **O registro como forma de proteção do patrimônio cultural imaterial**. Revista CPC, São Paulo, n.4, p.40-71, maio/out. 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro (RJ): Difel, 1983, 250p.

_____, Yi-FU. **Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1980, 288p.

_____, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris: UNESCO, 2003.

VASCONCELOS, Pedro de A. **O debate sobre a questão racial no Brasil urbano: passado e presente**. Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol.XII, nº 729, 15 de junho de 2007. [ISSN 1138-9796]. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-729.htm>. Acesso em: Março de 2017.

VAZ, Ana M., BARROS, Cristina F. e FERNANDES, João. **A percepção da insegurança na cidade de Coimbra**. Cadernos de Geografia nº 30/31 - 2011/12 Coimbra, FLUC - p. 181-

192. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Cadernos_Geografia. Acesso em: Fevereiro de 2017.

VIEGAS, Maria Ivanice de Andrade. **O enigma do rosário:** os mistérios da (r)existência nas correntezas da urbanização. Belo Horizonte. 2014. 485f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

VIRILIO, Paul. **Entrevista:** Da política do pior ao melhor das utopias e à globalização do terror. Revista FAMECOS, nº 16, dezembro – quadrimestral. Porto Alegre, 2001, p. 7-18.

WEBER, Max. **Conceito e categorias da cidade.** Tradução de Antônio Carlos Pinto Peixoto. In: VELHO, O. G. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar. 1967, p. 67 -88.

WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida.** Tradução de Marina Corrêa Treuherz. In: VELHO, O. G. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar. 1967, p. 89 -112.

Outras fontes iconográficas:

Caderno de cartões postais “Contagem Tantas Histórias” do acervo da Casa da Cultura “Nair Mendes” – Museu histórico de Contagem.

Fotos de Contagem – Disponível no site: www.contagem.mg.gov.br

APÊNDICES

APÊNDICE A – Apresentação aos entrevistados**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS****Programa de Pós-Graduação em Geografia**

Prezado (a) entrevistado (a),

O presente questionário faz parte da construção de uma dissertação desenvolvida pela discente Kelly Aparecida de Souza Carneiro, no curso de pós-graduação em Geografia no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais - IGC/UFMG -, sob a orientação do professor Dr. Ralfo Matos.

A proposta central da dissertação é: Compreender qual a percepção dos moradores da comunidade dos Arturos sobre a paisagem urbana e o seu lugar, bem como os fatores de topofilia e topofobia que repercutem atualmente em seus cotidianos na vida urbana. Assim sendo, a importância de tal pesquisa está em identificar como é importante preservar o laço com lugar para uma boa qualidade de vida e manutenção da cultural local, regional e nacional. Além dar destaque para a importância dos laços familiares que se estabelecem no interior da comunidade e suas práticas.

A sua colaboração respondendo a todas as questões e a veracidade na emissão das respostas é imprescindível para um eficiente resultado. Não é preciso a identificação.

Desde já agradecemos a atenção depositada.

MUITO OBRIGADA!

Tenha um bom dia.

APÊNDICE B – Roteiro base das entrevistas orais**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS****Programa de Pós-Graduação em Geografia****ROTEIRO BASE DAS ENTREVISTAS ORAIS**

- 1 - Informe, por favor, nome (apelido).
- 2 – Há quantos anos você mora na comunidade?
- 3 – O que a Comunidade dos Arturos representa para você?
- 4 - O que desapareceu do lugar ao longo do tempo? O que mais se identifica com o lugar onde vive?
- 5 – Quais os problemas mais relevantes do lugar no passado e hoje?
- 6 – Qual a importância da vivência em comunidade?
- 7 – Como são passados os saberes culturais entre os membros da comunidade?
- 8 – Todas as gerações são envolvidas nas festividades e rituais?
- 9 – Você se sente protegido dentro da comunidade?
- 10 – Quando tem que sair da comunidade por algum motivo, você se sente seguro “fora dos muros” da comunidade? Por quê?
- 11 – O que falta no modo de vida dos contagenses e que os Arturos têm?
- 12 – O que falta investir na comunidade e que facilitaria a vida?
- 13 – Quanto aos membros dos Arturos que não vivem mais dentro da comunidade, como ficam os laços com o lugar e suas crenças?
- 14 – Você acha importante o termo Patrimônio Cultural Imaterial que a comunidade ganhou?
- 15 – O que é ser Arturo?
- 16 – Qual a importância da religiosidade para a comunidade e para você?
- 17 – Mais alguma informação?

MUITO OBRIGADA!**Tenha um bom dia.**

APÊNDICE C – Questionário

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós Graduação em Geografia
Formulário de questionário individual (moradores da Comunidade dos Arturos)

| | | |
|------|----------------------|-------------------|
| 2017 | Contagem – MG | Formulário |
|------|----------------------|-------------------|

| | | | |
|--|--|--|---|
| Escolaridade (0 a 5) | | Sexo (0-1) | |
| 0) não escolarizado 1) ensino fundamental incompleto 2) ensino fundamental completo 3) ensino médio incompleto 4) ensino médio completo 5) ensino superior ou curso técnico | | 0) Feminino 1) Masculino | 0) até 14 anos 1) 15 a 29 anos 2) 30 a 59 anos 3) 60 ou mais |
| Nome (primeiro e ultimo) | | Ocupação | |
| Reside na comunidade? (0-1) | | Bairro em que reside | |
| Sim 1 – Não 0 | | Somente se a resposta anterior foi (0) | |
| Natural da cidade? (0-1) | | Nascido em: | |
| Sim 1 – Não 0 | | Somente se a resposta anterior foi (0) | |
| Já morou fora da comunidade? (0-1) | | Tempo que reside na comunidade (0 a 4) | |
| Sim 1 – Não 0 | | Somente se a resposta anterior foi (1) | |
| Família mora em casa própria? (0-1) | | Renda familiar (0 a 6) | |
| Sim 1 – Não 0 | | 0) até um salário mínimo 1) acima de 1 até 2 salários mínimo 2) acima de 2 até 3 salários mínimo 3) acima de 4 até 5 salários mínimo 4) acima de 6 salários mínimo | |

CONTAGEM - MG

| | |
|---|--|
| Quantas vezes na semana você vai até outros bairros da cidade de Contagem? (0 a 4) | Com qual finalidade? (0 a 4) |
| 0) Nenhuma 1) 1 a 2 vezes por semana 2) 3 vezes por semana 3) 4 a 5 vezes por semana 4) Todos os dias | 0) Trabalhar 1) Estudar 2) Compras 3) Lazer 4) Outros _____ |
| Meio de transporte (0 a 5) | Tempo gasto no deslocamento? (0 a 3) |
| 0) A pé 1) Ônibus e coletivos 2) Automóvel particular 3) Motocicleta 4) Bicicleta 5) Outros | 0) menos de 30 minutos 1) de 30 a 60 minutos 2) de 1 a 2 horas 3) mais de 2 horas |

REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

| | |
|---|---|
| Quantas vezes na semana você vai até BH? (0 a 4) | Com qual finalidade? (0 a 4) |
| 0) Nenhuma 1) 1 a 2 vezes por semana 2) 3 vezes por semana 3) 4 a 5 vezes por semana 4) Todos os dias | 0) Trabalhar 1) Estudar 2) Compras 3) Lazer 4) Outros _____ |

| Meio de transporte (0 a 5) | Tempo gasto no deslocamento? (0 a 3) |
|--|--|
| 0) A pé 1) Ônibus e coletivos 2) Automóvel particular 3) Motocicleta 4) Bicicleta 5) Outros | 0) menos de 30 minutos 1) de 30 a 60 minutos 2) de 1 a 2 horas 3) mais de 2 horas |

| Percepção individual sobre a vida na cidade | | | |
|--|--------------------------------|----------|----------------|
| Questões | Especificações (Justificativa) | | |
| Você sente que pertence à cidade de Contagem? () Sim () Não | Por quê? | | |
| | | | |
| | | | |
| Ao olhar para as paisagens da cidade, como os casarões, praças, dentre outros, estes te trazem lembranças? () Sim () Não | () Boas | | |
| | | | |
| | () Ruins | | |
| Considerando as suas idas aos demais bairros de Contagem e a Belo horizonte. Você se sente afetivamente acolhido? () Sim () Não | Por quê? | | |
| | | | |
| | | | |
| Quais são as áreas e situações que te causam aversão ou medo na cidade? Cite 3. | Área | Situação | Especificações |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

| Percepção individual sobre a vida dentro da comunidade | | | |
|--|--------------------------------|-------------|------------------------------|
| Questões | Especificações (Justificativa) | | |
| Para você o qual a importância de fazer parte da Comunidade dos Arturos? | | | |
| | | | |
| | | | |
| Dentro da comunidade, existe algum lugar que te provoque sentimentos: Cite quais. | Ruim ou triste | De respeito | De muito bem estar e alegria |
| | | | |
| | | | |
| Você se sente protegido (acolhido) dentro da comunidade? () Sim () Não | Por quê? | | |
| | | | |
| | | | |

| | |
|---|---|
| Existe alguma área na comunidade que te cause medo ou aversão? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não | |
| Percepção das paisagens dentro da Comunidade dos Arturos | O que sente ao olhar para as paisagens no interior da comunidade? Escolha um local e diga sua percepção sobre ele. |
| Percepção das paisagens fora da Comunidade dos Arturos | O que sente ao transitar por: Contagem: Belo Horizonte: |
| Observações | |

MUITO OBRIGADA!

Tenha um bom dia.